

Demografia dos povos indígenas do alto rio Negro/AM:
um estudo de caso de nupcialidade e reprodução

Marta Maria do Amaral Azevedo

Tese de Doutorado apresentada ao Programa
de Pós Graduação em Demografia do Instituto
de Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade Estadual de Campinas sob a
orientação da Profa. Dra. Maria Coleta Ferreira
Albino de Oliveira

Este exemplar corresponde
à redação final da Tese
defendida e aprovada pela
Comissão Julgadora em
22/04/2003.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Maria Coleta Ferreira Albino de Oliveira

Maria Coleta F. A. de Oliveira

Prof^a. Dra. Dominique Buchillet

D. Buchillet

Prof^a. Dra. Heloísa Pagliaro

Heloísa Pagliaro

Prof^a. Dra. Suzana Marta Cavenaghi

Suzana Marta Cavenaghi

Prof. Dr. José Marcos Pinto da Cunha

José Marcos Pinto da Cunha

Abril / 2003

DADE	180
CHAMADA	MUNICAMP
1325 d	
EX	
IBO BC/	60854
C.	16-11-04
C	☐
D	☒
CO	11.00
TA	18-11-04
CPD	

01bid 331632

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP**

Azevedo, Marta Maria
Az 25 d **Demografia dos povos indígenas do alto rio Negro/AM: um
estudo de caso de nupcialidade e reprodução / Marta Maria
Azevedo. - - Campinas, SP : [s. n.], 2003.**

Orientador: Maria Coleta Ferreira Albino de Oliveira.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Demografia. 2. Antropologia. 3. Índios. 4. Índios da
America do Sul – Amazônia. 5. Fecundidade. 6.
Reprodução. 7. Casamento. 8. Mulheres. I. Oliveira,
Maria Coleta Ferreira Albino de. II. Universidade
Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas. III. Título.

Resumo

Esta pesquisa se insere nas áreas temáticas da demografia antropológica de etnias, focalizando especificamente a nupcialidade e reprodução, tendo assim uma necessária interface com os estudos etnológicos sobre os povos indígenas em geral e do noroeste amazônico em particular. Pretende-se contribuir com essa interface disciplinar através da incorporação das teorias antropológicas sobre os povos indígenas da região do Alto Rio Negro, noroeste amazônico, testando as hipóteses antropológicas sobre o casamento através de análises demográficas e incorporando nessas análises as idéias e teorias já formuladas.

A hipótese que norteia este trabalho é de que as concepções indígenas sobre casamento e reprodução (na antropologia formulada enquanto teorias de aliança e descendência) têm estreitas relações com os padrões de nupcialidade e fecundidade encontrados. Esta discussão que se insere nos estudos demográficos sobre povos indígenas, fecundidade, transição demográfica, e demografia da família.

Abstract

This research is part of the thematic areas of anthropologic ethnic demography, focusing particularly on nuptiality and reproduction, and so it has a necessary interface with the ethnological studies on the Indians peoples in general, and those of the Northwest Amazon area in particular. The intention is to contribute to this interface between disciplines through the incorporation of the anthropological theories about the Indian peoples of the High Rio Negro region, Northwest Amazon area, testing the anthropologic hypothesis about marriage through demographic analyses and incorporating in these analyses the ideas and theories already formulated.

The hypothesis that orients this study is that the Indian conceptions on marriage and reproduction (formulated in anthropology as theories of alliance and decent) have close relationships with the patterns of nuptiality and fertility that have been found. This discussion is part of the demographic studies on Indian Peoples, fertility, demographic transition and family demography.

Agradecimentos

Quero agradecer em primeiro lugar à diretoria de 1992 da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN), nas pessoas de Braz de Oliveira França, Gersen Luciano dos Santos, Bonifácio José e Maximiliano Menezes, e aos recenseadores, professores e lideranças indígenas que viajaram por todas as calhas dos rios da região do Alto Rio Negro, pelo esforço em empreender essa primeira experiência de um levantamento populacional autônomo no Brasil, e pela confiança que depositaram em mim para analisar o banco de dados resultante deste censo. Aos diretores atuais e anteriores da FOIRN, a todos os povos indígenas do Alto Rio Negro, agradeço pelos diálogos, companheirismo e ajudas logísticas. Às mulheres de Iauareté, pela paciência com que me ensinaram e pela alegria compartilhada no campo. A todos os professores e lideranças de Iauareté, agradeço o carinho com que me receberam e acompanharam os trabalhos. Às minhas assistentes de pesquisa de campo, Lúcia Alberta e Rosilene Fonseca, e Alice Vilella, que aplicaram o questionário qualitativo e ajudaram nos encontros sobre saúde da mulher.

A toda a equipe de professores do programa de doutorado em Demografia do IFCH / NEPO da UNICAMP, pela dedicação que tiveram ao (tentar) ensinar demografia para uma antropóloga/indigenista, que nunca tinha tido contato com os números ou as teorias de população. Em especial aos professores José Marcos e Aída, que se ocuparam das disciplinas quantitativas, e às professoras Elza e Coleta, que me ensinaram a importância da demografia no contexto científico e das políticas públicas. À professora Maira pelo enorme incentivo em todos os momentos deste trabalho. Ao professor John Monteiro que acompanhou as primeiras fases desta pesquisa.

A toda equipe da JCA, Cláudio e Ana Cláudia em particular, pela organização do banco de dados e pelo trabalho de criar um programa específico para as primeiras pesquisas e resultados. Ao amigos Aloísio Cabalzar e Márcio Meira, antropólogos que viajaram a campo para supervisionar e participar da etapa do levantamento das informações.

Agradeço às Dras. Coleta e Suzana, as primeiras demógrafas que acolheram a idéia do Censo Autônomo da FOIRN antes mesmo de ele se realizar; nos incentivaram e orientaram com uma bibliografia sobre o tema. Ao Dr. Márcio Silva, que assessorou junto comigo o censo autônomo do rio Negro e a estruturação do primeiro banco de dados resultante, e acompanhou o início de meus estudos em demografia, discutindo algumas idéias que estão nesta tese.

À minha orientadora, Dra. Coleta, que apoiou a pesquisa desde o seu início, sempre respaldando minhas iniciativas e escolhas, abrindo caminhos na academia para o tema da demografia indígena.

Aos colegas da equipe do Programa Rio Negro do Instituto Socioambiental, Beto Ricardo, Geraldo Andrello, Aloísio Cabalzar, Flora Cabalzar, Carlão de Souza, Sucy L. dos Santos, Pieter van der Veld, Mauro Lopes, Laise Diniz, Flávia Marques de Azevedo, Francis Miti Nishiyama e Natalie Unterstell, e a toda a equipe do ISA, pelo apoio, diálogo e amizade. A Flora Cabalzar pelas leituras e correções e Alicia Rolla pela elaboração dos mapas. Aos amigos Cristiane Lasmar, Eugenio Marer, Alain Giami, Heloísa Lessa e Hélio Barbin, pelas longas conversas tidas, no campo ou não: muitas idéias desta tese são resultado desta troca. À Dra. Heloísa Pagliaro pelas ajudas técnicas e pelo companheirismo durante este último ano.

À Dra. Dominique Buchillet, especialista em etnologia do rio Negro, pelo incentivo em todas as fases da pesquisa, dialogando e sugerindo temas e soluções, e pelo exemplo de perseverança e ética na relação com os povos indígenas rio-negrinos.

Ao apoio financeiro das seguintes instituições: CAPES, durante os anos do doutorado, Population Council dos EUA, para uma viagem a campo em 1997 e Fundação MacArthur, que me concedeu uma bolsa para a realização do trabalho com as mulheres de Iauareté, durante os anos de 1997 a 1999.

À equipe da SSL (Saúde Sem Limites), ong parceira no trabalho com as mulheres, em especial a Simone Argentino e Marina Machado, pelo companheirismo no campo e pelo aprendizado sobre saúde da mulher.

Aos colegas de doutorado, Tirza, Fátima, Sandra, Isabella, Rejane, Márcia, Stella, Tania e René e muitos outros, que me apoiaram nos anos de estudo e sempre estiveram disponíveis para conversas sobre demografia indígena.. Ao Wilson, pela ajuda com as tabelas do capítulo 3. À equipe da Mameluco Produções Artísticas, pela ajuda com a formatação das tabelas e gráficos. À Alba Morandini, pelo carinho especial, e pela ajuda com os fichamentos. À Judite pela amizade e solidariedade. Ao amigo Gustavo, que agüentou as conversas de uma doutoranda em fase final de redação de tese.

Finalmente a toda a minha família, Eurico, Lília, Lúcia e Jorge (pelas leituras e correções), Carlos (pela edição dos desenhos das mulheres) e Cláudia, Cristina e Neto, e sobrinhos, especialmente Irene (pela ajuda no campo), pelo apoio que ofereceram desde o princípio; sem sua ajuda afetiva e logística este trabalho teria sido impossível. Ao velho Afrânio e à D. Non, pelo exemplo de vida.

E aos meus filhos, Laura, Francisco e João, e namorados de filhos, Gabriel e Loli, que sempre souberam entender minha opção de vida, ficando por longos períodos 'sem' mãe, e mesmo assim apoiaram esta pesquisa; a eles eu dedico esta tese.

Siglas utilizadas

- FOIRN – Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro
- CIARN – Censo Indígena Autônomo do Rio Negro
- AMIDI – Associação das Mulheres Indígenas do Distrito de Iauareté
- ISA – Instituto Socioambiental
- FUNAI – Fundação Nacional do Índio
- FUNASA – Fundação Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde
- DSEI – Distrito Sanitário Especial Indígena
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- SSL – Associação Saúde Sem Limites

Índice geral

Introdução	1
Capítulo 1: Demografia e Antropologia	7
1.1. Como a cultura pode estar relacionada com os estudos demográficos	8
1.2. Nupcialidade, fecundidade, cultura e organização social: hipóteses atuais	12
1.3. Demografia dos povos indígenas	16
Capítulo 2: A região do Alto Rio Negro	21
2.1. Informações históricas e geográficas	22
2.2. Teorias antropológicas	28
2.3. Informações populacionais	33
2.3.1. Dados dos censos demográficos do IBGE	33
2.3.2. Evolução da população das comunidades indígenas nos últimos 10 anos	42
Capítulo 3: A realização do Censo Indígena Autônomo do Rio Negro em 1992	65
3.1. O projeto da FOIRN com o CIARN	66
3.2. A cobertura do censo e as cinco sub-regiões estudadas	71
3.3. Variáveis utilizadas nesta pesquisa	74
3.4. Resultados totais e por etnia	75
3.4.1. Perfil etário por etnia	79
3.5. Perfil etário e razão de sexo das cinco sub-regiões	84
3.5.1. Perfil etário, por etnia, das cinco sub-regiões	84
3.5.2. Razão de sexo das cinco sub-regiões	101
Capítulo 4: Tipos de casamento nas diferentes sub-regiões: padrões de	105

nupcialidade	
4.1. As teorias antropológicas sobre o casamento	106
4.2. Análises dos tipos de casamento	113
4.2.1. Estrutura etária dos casais	116
4.2.2. Diferença de idade entre os cônjuges	119
4.2.3. Casamentos exogâmicos e endogâmicos	120
4.2.4. Casamentos intra e inter-regionais	132
Capítulo 5: Comportamento reprodutivo	155
5.1. As concepções êmicas sobre reprodução	157
5.1.1. Os resultados do questionário qualitativo	157
5.1.2. As concepções das mulheres de Iauareté	161
5.2. Fecundidade das mulheres baré, baniwa, <i>tukano</i> e <i>makú</i> (dados do CIARN)	177
5.2.1. Fecundidade	179
5.2.2. Determinantes próximos da fecundidade	185
5.2.3. Estrutura etária e fecundidade	188
Considerações finais	195
Referências bibliográficas	201
Lista das tabelas, gráficos e figuras	209
Apêndice 1: Códigos das etnias	219
Apêndice 2: Lista das comunidades recenseadas pelo CIARN, por sub-região	221
Apêndice 3: Tabelas e gráficos complementares do capítulo 4 - 254	231
Apêndice 4: Organizações indígenas e recenseadores participantes do CIARN	247
Apêndice 5: Questionários utilizados no CIARN	249
Apêndice 6: Questionário qualitativo aplicado em 1998	261
Apêndice 7: Mapas	265
Apêndice 8: Sub-regiões estudadas com seus trechos de rios	281
Apêndice 9: Lista das mulheres participantes dos encontros sobre saúde da mulher em Iauareté	283

Introdução

Essa pesquisa teve origem em fevereiro de 1992, durante minha primeira viagem para a região do Alto Rio Negro. A Federação das Organizações Indígenas (FOIRN), havia me solicitado uma assessoria para um curso de Administração Geral para todas as lideranças das associações indígenas filiadas. Este curso teve lugar na cidade de São Gabriel da Cachoeira, e durante uma semana, juntamente com Rosa Helena Dias da Silva, trabalhamos sobre as questões que essas lideranças achavam importantes para sua região. No final do curso surgiu entre eles a inquietação sobre o censo demográfico de 1991. Achavam que os resultados desse recenseamento não iriam ser consistentes com o número real de comunidades e população indígena, e esperavam que esse censo fosse ajudar na demarcação das terras indígenas. Surgiu então a idéia de fazerem um projeto para apoiar um recenseamento próprio, em que eles mesmos pudessem recolher as informações, viajando para cada comunidade.

Desde o início o projeto do censo foi pensado para que os professores indígenas e lideranças fossem os recenseadores. O projeto para realização do Censo Indígena Autônomo do Rio Negro (CIARN) foi então elaborado e encaminhado para várias instituições que já apoiavam alguns trabalhos da FOIRN. Em maio deste mesmo ano o projeto foi aprovado, e a FOIRN solicitou a mim uma assessoria para este trabalho. Nesta época não existia nenhuma experiência desse tipo no Brasil, e eu também não conhecia nada de demografia. Procurando o colega Márcio Silva, que trabalhava comigo na assessoria ao movimento de professores indígenas do Amazonas, Roraima e Acre, fomos conversar com a equipe do NEPO / UNICAMP, onde obtivemos uma ajuda bibliográfica sobre o tema e sugestões importantes para o questionário, que já estava em fase final de formulação.

Em julho de 1992 foi realizada uma grande reunião em São Gabriel da Cachoeira, aproveitando um encontro sobre educação indígena realizado pela FOIRN, onde discutimos e finalizamos os dois questionários a serem aplicados, um para cada comunidade, com informações gerais, e outro para cada domicílio, ou casa, das comunidades. Algumas informações sugeridas por nós não foram

acolhidas pela ampla maioria das lideranças presentes nesta reunião, como por exemplo, as relativas aos sibs do chefe do domicílio e sua esposa, e informações lingüísticas, que achávamos necessárias pois a maioria dos povos indígenas do Alto Rio Negro é multi-língüe; os homens e mulheres adultos falam sempre mais de uma língua. Os questionários foram então xerocados e enviados para São Gabriel da Cachoeira.

Em agosto de 1992 os recenseadores escolhidos por cada associação indígena participante do projeto começaram a viajar a campo, e a coleta de informações aconteceu até novembro. Algumas informações sobre as famílias indígenas moradoras da cidade de São Gabriel foram coletadas em dezembro.

Durante os anos de 1993 até meados de 1994, os questionários foram digitados e um banco de dados foi estruturado para que a FOIRN pudesse utilizar, sem dificuldades, as informações obtidas. O lançamento dos resultados do CIARN foi feito em julho de 1994, na cidade de São Gabriel, ao mesmo tempo em que a FOIRN adquiria seu primeiro computador. Algumas pesquisas foram impressas, com os números mais importantes para as lideranças da região, como população total por etnia, população por faixa etária, lista das comunidades, etc.

Concomitantemente à realização do CIARN, o Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI), em parceria com a antropóloga Dominique Buchillet, realizava um trabalho de documentação de todas as comunidades desta região do Alto Rio Negro, para compor um laudo que serviria de base para a luta pela demarcação das Terras Indígenas. Este laudo antropológico (Buchillet, 1992) registrou a existência de 371 comunidades indígenas, habitadas por 13.812 pessoas. Este banco de dados estruturado pela equipe do CEDI¹, foi posteriormente atualizado com as informações do CIARN e de outras fontes.

Na época em que estávamos estruturando o banco de dados do CIARN, a diretoria da FOIRN solicitou a mim uma assessoria para análise dos mesmos. Foi então que decidi estudar demografia, e um termo de compromisso foi elaborado, ficando estabelecido que as informações resultantes desse levantamento eram de

¹ A equipe que trabalhava no programa de povos indígena do CEDI, em 1994 fundou, juntamente com pessoas de outras ongs, o Instituto Socioambiental, que deu sequência à implantação do Programa Rio Negro, do qual faço parte atualmente.

propriedade dos povos indígenas, e, portanto, nenhuma informação deveria ser divulgada sem antes obter a anuência de suas lideranças, através da diretoria da FOIRN.

Nos anos posteriores, quando estava já analisando os resultados do CIARN, percebi que as mulheres eram em número menor do que os homens, e que viviam menos, ou então migravam para outras regiões. Conversando com muitas lideranças e professores indígenas, com os quais eu continuava a trabalhar, assessorando os encontros sobre educação indígena, eles informaram que realmente era mais comum encontrar viúvos do que viúvas, e que muitas mulheres morriam de parto, ou logo após. Em 1996, durante um curso sobre currículos escolares, promovido pela FOIRN e realizado em Taracuá, no médio rio Uaupés, resolvi fazer uma reunião com o grupo de professoras mulheres de Iauareté.

Estas professoras haviam tido problemas recentemente com gravidez indesejada de alunas adolescentes, o que eu havia ficado sabendo através de um professor deste mesmo povoado. Nesta conversa ficou claro para mim que as mulheres não conseguiam ser atendidas pelos poucos serviços de saúde oferecidos na época. Mesmo que conseguissem chegar a um hospital, não eram compreendidas por não haver qualquer conhecimento por parte dos profissionais de saúde não índios sobre as concepções destas mulheres a respeito de sua saúde. De posse dessas informações, elaborei um pequeno projeto de pesquisa/ação para a Fundação MacArthur, através do qual pude realizar a pesquisa qualitativa sobre saúde reprodutiva das mulheres de Iauareté.

A região (apêndice 7 mapa1)

A região do alto rio Negro é habitada atualmente por 19 povos indígenas² falantes de línguas das famílias Tukano, Aruak e Maku. Faz fronteira com a Colômbia e Venezuela, e, em 1998, foram homologadas as 5 terras indígenas

² Estamos tratando aqui do que Ribeiro (1995) chama de "área cultural do rio Negro"; excluimos, portanto, os Yanomami, que embora também estejam presentes nesta região, estão em outra terra indígena, e não fazem parte desta área cultural. Outros povos indígenas, falantes de línguas pertencentes às mesmas famílias, foram excluídos desta pesquisa por estarem em comunidades localizadas nos países fronteiriços, Colômbia e Venezuela.

demarcadas: Alto Rio Negro, Médio Rio Negro I, Médio Rio Negro II, Apapóris e Tea. Esta região compreende os municípios de São Gabriel da Cachoeira e um trecho do município de Santa Isabel, ambas as cidades localizadas na margem esquerda do rio Negro. Embora com muitos anos de contato com a população não índia, cerca de dois séculos, os habitantes desta região são majoritariamente indígenas, e permanecem identificando-se como tais.

Estes povos tradicionais habitantes desta região desenvolveram durante séculos formas de adaptação ao meio ambiente aí encontrado, pobre em peixes, e conhecido na Amazônia como possuindo terras de baixa fertilidade. Os povos que falam línguas das famílias *tukano* e *aruaq* são horticultores, tendo desenvolvido uma alta capacidade de diversificar as variedades agrícolas alimentares cultivadas. Praticam também a pesca, caça e coleta, que varia de acordo com as estações. Suas comunidades estão localizadas nas margens dos rios Negro, Uaupés, Içana e afluentes. Os povos falantes de línguas *makú*, são basicamente caçadores e coletores, e ao contrário dos primeiros, habitam principalmente as regiões dos intercursos dos rios ou estabelecem comunidades próximas dos igarapés.

O CIARN procurou levantar as informações populacionais das comunidades habitadas por estes povos. A cidade de São Gabriel da Cachoeira foi incluída neste levantamento por contar, já na época do censo, com vários bairros indígenas. Em meados do século XIX esta cidade era um forte militar português, com algumas casas em torno, e no início do século XX foi fundada uma missão salesiana, quando então a cidade começou a crescer.

Notas sobre as grafias dos etnônimos³:

Os nomes dos povos estão grafados de acordo com as opções feitas pelo mapa-livro "Povos Indígenas do alto e médio rio Negro" (FOIRN/ISA, 2000), de acordo com as propostas já feitas anteriormente pelos estudos etnológicos na região. Apenas o etnônimo Coripaco está grafado conforme a opção feita por este povo e pelos Baniwa quando do estudo lingüístico feito em função do projeto de

³ Etnônimo é a denominação geralmente usada para identificar os povos indígenas.

educação indígena no alto rio Negro. Conforme a convenção usada pelos etnólogos, os etnônimos, quando usados como substantivo, vêm grafados com letra maiúscula, e quando usados com adjetivo estão grafados com letra minúscula. Nesta tese uso os termos *Tukano*, *Aruak* e *Maku* em 'itálico', para significar todos os povos falantes de línguas destas famílias lingüísticas.

A pesquisa

Esta pesquisa se insere nas áreas temáticas da demografia antropológica de etnias, focalizando especificamente a nupcialidade e fecundidade, tendo assim uma necessária interface com os estudos etnológicos sobre os povos indígenas em geral e do noroeste amazônico em particular. Pretende-se contribuir com essa interface disciplinar através da incorporação das teorias antropológicas sobre os povos rio-negrinos⁴. Procurarei testar algumas hipóteses sobre o casamento elaboradas por Christine e Stephen Hugh-Jones, Jean Jackson, Janet Chernela, Irving Goldman, Aloísio Cabalzar, Jorge Pozzobon e outros etnólogos, através de análises demográficas, incorporando nestas análises, as idéias e teorias formuladas por estes autores. Na seqüência sobre reprodução e fecundidade procurou-se demonstrar que as concepções das mulheres rio-negrinas sobre seu corpo e sobre a reprodução têm relações com os níveis e padrões da fecundidade, discussão essa que se insere nos estudos demográficos sobre fecundidade, transição demográfica, e demografia da família. A hipótese que norteia este trabalho é de que as concepções indígenas sobre casamento e reprodução (na antropologia formuladas enquanto teorias de aliança e descendência) têm estreitas relações com os padrões de nupcialidade e com os padrões e níveis de fecundidade encontrados.

Os capítulos

O Capítulo 1 discute a interface das disciplinas demografia e antropologia, situando as questões e hipóteses principais da presente pesquisa. Na terceira

⁴ Entende-se aqui por rio-negrinos aqueles habitantes das Terras Indígenas demarcadas e homologadas na região dos municípios de Santa Isabel e São Gabriel da Cachoeira, ambos situados no noroeste do estado do Amazonas, excluía a TI Yanomami.

parte deste capítulo procurou-se resumir como os trabalhos sobre demografia indígena vêm dialogando com a antropologia.

O capítulo 2 trata da região do Alto Rio Negro, oferecendo um resumo das informações existentes sobre os povos indígenas rio-negrinos. A última parte deste capítulo enfoca os municípios de São Gabriel da Cachoeira e Santa Isabel e as comunidades indígenas. Através de algumas análises feitas a partir dos dados dos censos demográficos do IBGE e, utilizando outras fontes de dados, procura-se fazer uma análise da evolução populacional das cerca de 400 comunidades indígenas recenseadas em 1992, até 2001.

O capítulo 3 trata do Censo Indígena Autônomo do Rio Negro (CIARN), o projeto inicial elaborado pela Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN) e associações filiadas, sua realização em 1992 e os resultados alcançados.

O capítulo 4 trata das análises dos tipos de casamentos existentes, tendo como fonte de dados o CIARN. Para isso a região enfocada foi subdividida em 5 sub-regiões, tendo como critérios a ocupação da área pelos diferentes povos indígenas e sua delimitação geográfica. Na primeira parte do capítulo são resumidas as formulações teóricas, elaboradas por diferentes antropólogos, sobre os tipos de casamento rio-negrino, e nas outras partes são extensamente analisados os dados confrontando-os com estas teorias.

O capítulo 5 analisa os resultados sobre os padrões de parturição e padrão e nível da fecundidade das mulheres. Optou-se, neste capítulo, por uma análise comparativa entre os povos *tukano* e os baniwa e coripaco, e não por análises por sub-região, como no capítulo 4. Esta escolha foi feita porque a pesquisa qualitativa foi desenvolvida somente com as mulheres *tukano* de Iauareté, sendo que o questionário qualitativo aplicado, também partiu da identificação de todas as mulheres falantes de línguas *tukano*, comparando-as com as outras mulheres. Outra razão para tal opção foi que, olhando os dados da parturição por sub-região, constatei que os resultados eram homogêneos, diferenciando-se somente entre estes grandes grupos lingüísticos. Procurou-se relacionar as concepções das mulheres *tukano* sobre reprodução com estas análises.

Capítulo 1: Demografia e Antropologia

- 1.1. Como a cultura pode estar relacionada com estudos demográficos
- 1.2. Nupcialidade, fecundidade, cultura e organização social: hipóteses atuais
- 1.3. Demografia dos povos indígenas

Capítulo 1: Demografia e Antropologia

1.1. Como a cultura pode estar relacionada com estudos demográficos

Tanto a Demografia quanto a Antropologia trabalham com o mesmo objeto de estudo: população, povo, sociedades, nações, etnias, isto é, constructos teóricos que demarcam um determinado número de pessoas, convivendo em um determinado território¹, e que compartilham características culturais e demográficas. Tanto os antropólogos têm que estudar algumas características demográficas das populações que estão pesquisando (tamanho da população, estrutura etária, proporção dos sexos, mortalidade, natalidade, migração), como os demógrafos têm que estudar características culturais das populações para entender a dinâmica demográfica ou mesmo melhor para estruturar suas pesquisas. Ambas as disciplinas tiveram suas teorias elaboradas a partir de muitas pesquisas de campo, e descrições de dados populacionais e etnográficos e têm métodos e teorias que foram mutuamente enriquecidos ao longo dos anos.

Os conceitos como população, povo, sociedade, etnia, nacionalidade, são discutidos por ambas disciplinas, quando analisadas suas características e delimitações. O caso do Rio Negro ou da área cultural do Rio Negro, como define Ribeiro (1995) é interessante para pesquisar as fronteiras destes conceitos (população e cultura), já que são diferentes etnias convivendo em uma região, estabelecendo trocas matrimoniais (Chernela, 1994). Não se sabe, porém, se as etnias compartilham das mesmas características demográficas, sendo este um dos objetivos desta pesquisa.

Muitos demógrafos estão interessados nos determinantes e conseqüências demográficas de processos culturais, e muitos antropólogos se interessam pelos determinantes e conseqüências culturais de processos demográficos. Ambas disciplinas são por excelência comparativas e procuram construir teorias explicativas que abarquem um grande número de sociedades ou povos. A demografia para os antropólogos pode ser um campo de teste de teorias para

¹ Salvo em casos específicos como o povo Judeu, que não compartilha de um só território, mas que se encontra em um sem número de países diferentes; ou outros povos que possuem a mesma cultura e língua mas que se encontram em territórios ou países diferentes devido à guerras ou conflitos históricos, como os Curdos.

possibilitar comparações ou generalizações, e a antropologia para os demógrafos pode ser explicativa e também fonte de generalizações e comparações de diferentes dinâmicas demográficas (Zubrow, 1976 e Kertzer, 1997).

A discussão teórica mais geral sobre as condições culturais que afetam a fecundidade em diferentes sociedades não industriais no contexto de suas organizações sociais e valores culturais, especialmente com respeito à organização da família e relações de parentesco é bastante extensa e antiga. Em 1951 a International Union for the Scientific Study of Population (IUSSP) estabelece um comitê para estudos sobre problemas de população em países em processos de industrialização. Em conjunto com a UNESCO, este comitê promove um estudo internacional e interdisciplinar que pudesse contribuir com explicações sobre a dinâmica demográfica destes países. Os resultados desta pesquisa foram publicados no livro "Culture and Human Fertility" organizado por F. Lorimer. Nesta publicação encontram-se, além do trabalho mais teórico de Lorimer, vários artigos analíticos sobre situações específicas enfocando o tema das relações entre níveis e padrões de fecundidade e aspectos culturais. Lorimer (1958) faz um balanço das hipóteses levantadas por esta pesquisa sobre as relações entre cultura, com enfoque na organização social, e fecundidade. Chama atenção para as teorias antropológicas formuladas sobre os povos africanos, abordando o problema fundamental, existente nestas teorias, o de que as informações sobre práticas reprodutivas destas sociedades em geral são tratadas separadamente das análises sobre sua organização social.

Estas práticas são relacionadas com problemas econômicos ou demográficos ou com explicações psicológicas, mas não são geralmente relacionadas com aspectos da própria organização social, seja casamento ou parentesco. O autor sugere outra abordagem, enfocando os valores e práticas reprodutivos como estruturais, relacionadas com os sistemas de organização social de cada povo ou sociedade. Neste trabalho, Lorimer faz um resumo dos tipos de organização social existentes relacionando cada um destes tipos com níveis e padrões de fecundidade encontrados. Para ele sociedades com grupos corporados, seja clãs, linhagens ou castas, teriam tendência a gerar níveis de

fecundidades mais altos; aquelas sociedades com ênfase na família extensa e na produção agrária, têm seus grupos locais mais apartados geograficamente, e, portanto, não sofreriam tanta pressão social para níveis tão altos de fecundidade. Ainda que gerar filhos nesse tipo de sociedade seria um ganho de capital, já que os filhos são a mão de obra necessária para a produção agrícola. E por último aquelas sociedades onde a ênfase é dada na família nuclear, tenderiam a ter níveis mais baixos de fecundidade, apesar de ainda valorizarem a geração de filhos. Analisando os diferentes tipos de sistemas de parentesco este autor chega à conclusão que sistemas sociais com unificação, isto é, organizações sociais baseadas na transmissão de descendência através de um único genitor, são aqueles onde a fecundidade é mais alta, os sistemas sociais onde a descendência é transmitida pela via de ambos os genitores têm a tendência a produzir famílias nucleares, e os níveis de fecundidade seriam mais baixos. Os tipos de famílias produzidos por ambos os sistemas podem variar muito, de acordo com as condições culturais, econômicas ou políticas de cada sociedade. Este autor chega ainda à conclusão que os níveis altos de fecundidade requerem uma combinação entre o suporte familiar, motivações culturais e recursos econômicos.

Num dos primeiros trabalhos sobre antropologia demográfica Zubrow (1976) organiza algumas questões fundamentais para os estudos da interface entre estas duas disciplinas. O seminário que deu origem a este livro enfocou principalmente pesquisas sobre estrutura social e processos demográficos diversos no espaço e no tempo, através de análises quantitativas, ou potencialmente mensuráveis. Os papers enfocaram os processos demográficos relacionando-os com questões ecológicas, sociais, biológicas e com sistemas econômicos e políticos. Este autor faz um levantamento extensivo das variáveis demográficas relacionadas com as variáveis culturais e seleciona algumas variáveis culturais como o tamanho médio de populações de comunidades locais com o tipo de economia existentes. Na verdade o que este autor está chamando genericamente de grupos locais pode ser uma gama enorme de variações, cidades, vilas etc... incomparáveis entre si, o que portanto não rendeu muitas explicações. Aponta para as limitações destes dados, principalmente aqueles das

sociedades antropológicas, onde na maior parte dos casos os dados são somente de um determinado período de tempo, o período da pesquisa de campo do antropólogo. Este autor chega a algumas conclusões problemáticas: se a relação entre o tamanho da população e os recursos é estável, então há estabilidade cultural; se existe uma variação entre população e recursos então existiria uma instabilidade cultural; se a população é maior do que os recursos existentes então as restrições por uso de territórios e por casamentos cresceriam; e se os recursos são maiores do que a população a importância das restrições cairia. Muitos outros autores que trabalharam com o tema da população e meio ambiente já chamaram atenção para os problemas deste tipo de equação determinista, e apontaram muitos casos onde estas equações não funcionam.

Sobre a questão da fecundidade o autor enfatiza algumas conclusões, como a que o desenvolvimento econômico não necessariamente diminui os níveis de fecundidade. Ainda produz algumas máximas: a) a fecundidade é função direta da demanda por trabalho e da demanda da família por capital; b) a fecundidade é diretamente relacionada com o casamento, isto é, à frequência dos casamentos, idade ao casar, frequência dos intercursos sexuais e concepção.

As pesquisas sobre a relação entre cultura e reprodução tomam impulso com a teoria da transição demográfica, nas décadas de 1970 até final dos anos 80. Antes da revolução industrial as populações cresciam lentamente ou não cresciam, as altas taxas de mortalidade eram equilibradas pelas altas taxas de fecundidade, a paridade entre os nascimentos e mortes é restabelecida depois da transição epidemiológica. A fecundidade cai com a expectativa de altos índices de consumo gerados pela modernização e urbanização. A mortalidade cai com os novos recursos da medicina moderna e cai a fecundidade. Mas os dados etnográficos e demográficos demonstram que existe uma ampla variedade de padrões dessa queda de fecundidade, e este fenômeno pode estar relacionado a diferentes fatores, que variam no tempo e no espaço. Em estudos realizados nos países do oeste da África verificou-se que as mudanças econômicas e políticas trouxeram uma modernização e urbanização em toda esta região (Caldwell, 1975). Mas a modernização aliada à urbanização tiveram um impacto nas práticas

tradicionais do controle reprodutivo. Os povos africanos controlam a fecundidade basicamente com o espaçamento entre os filhos, praticado através da proibição de relações sexuais durante um longo período pós parto - 2 a 3 anos - (Caldwell, 1977). No livro sobre a relação entre a modernização o crescimento populacional no oeste africano (Caldwell, 1975) os artigos enfocam principalmente questões sobre a relação entre as idéias e os valores culturais pró natalistas e o declínio da fecundidade; e sobre os níveis de mortalidade e a impossibilidade de fazer frente a estes níveis com uma fecundidade mais baixa. Outra questão discutida diz respeito ao tipo de família extensa destas sociedades, que reduziria os ganhos individuais com o declínio da fecundidade. O controle reprodutivo é uma idéia tradicional. Estas sociedades controlam sua fecundidade através do espaçamento entre as crianças, mas este controle não é específico com relação ao número de filhos tidos no final da vida reprodutiva de uma mulher. De qualquer maneira estas sociedades tradicionais postulavam a necessidade de grandes famílias, conforme o próprio Lorimer e outros antropólogos já haviam demonstrado, a importância das grandes linhagens faz com que seja necessário um grande número de filhos. Isso traz prestígio e poder. As grandes contribuições dos estudos africanos foram esclarecer que as sociedades tradicionais mantinham formas de controle de sua reprodução, principalmente através do espaçamento entre os nascimentos e chamar atenção para o fato de que a modernização poderia trazer, em muitos casos, desorganizações sociais e culturais que poderiam acarretar perda destas formas tradicionais de controle reprodutivo. Os trabalhos de Caldwell não só contribuíram para estes aspectos apontados acima, mas inovaram com o uso de técnicas e conhecimentos antropológicos para conseguir informações que as pesquisas estritamente demográficas não tinham.

1.2. Nupcialidade, fecundidade, cultura e organização social: hipóteses atuais

As sociedades geram arranjos através dos quais o processo reprodutivo é regulado Lesthaeghe (1980). São arranjos básicos institucionais que fazem parte do funcionamento da sociedade como um todo. Lesthaeghe especifica e tipifica esses

arranjos e procura estabelecer uma teoria que pudesse dar conta de todos os processos da dinâmica populacional. O autor enfatiza ainda a necessidade de se conhecer razão de ser destes arranjos de cada sociedade, documentando os caminhos nos quais a natureza da transição da fecundidade está relacionada com as mudanças dos códigos normativos e do sistema de controle social. Para isso compara as sociedades da África sub-saariana e Europa ocidental pré transicional.

Antropólogos já demonstraram que em muitas sociedades primitivas com numerosas instituições, crenças, códigos simbólicos, tabus, formam uma máquina bem integrada onde cada elemento tem várias funções no controle da reprodução humana. Historiadores e demógrafos historiadores demonstraram que na Europa pré-revolução industrial muitos mecanismos operavam nas sociedades durante vários séculos com regularidade controlando os parâmetros demográficos de acordo com seus recursos e tecnologias. Os regimes homeostáticos, ou auto-reguladores, geram combinações peculiares de parâmetros como a mortalidade, fecundidade, nupcialidade e migração (Lesthaeghe, 1980).

As populações africanas se basearam em diferentes limitações preventivas, principalmente o tabu pós-parto, não só limita os níveis da fecundidade mas assegura um certo nível de mortalidade infantil, já que a criança pode ser amamentada por mais tempo. Esta limitação da fecundidade e a pressão por filhos é produto da necessidade da manutenção das grandes linhagens patrilineares.

Na Europa a individualização da decisão de ter filhos, segue ou é seguida pelo o término dos modos de produção agrária e familiar, existindo um período de fragmentação dos códigos culturais tradicionais, substituídos paulatinamente pela educação institucionalizada. O sistema de controle que ocorria mais nos níveis das famílias ou comunidades passa para os estados nacionais. O caso da África sub-saariana nos ensina que a modernização pode ter como consequência a erosão dos controles tradicionais; a emergência de métodos modernos de controle da natalidade teriam que ser disponibilizados ao mesmo tempo em que esses processos de modernização ocorrem. As diferentes mudanças nos dois maiores componentes da fecundidade total, a nupcialidade e fecundidade marital,

representam os pontos de controle velhos e que estavam emergindo com as políticas estatais de controle da natalidade.

Outro autor que chama atenção para a importância das instituições sociais no controle da reprodução humana é McNicoll (1980), que concebe o controle da fecundidade como sendo diretamente relacionado com o que ele chama de 'estrutura de tomada de decisões'. Esta estrutura estaria formada pelas diferentes instituições sociais, as quais imporiam constrangimentos para tomar ou possibilitar decisões diversas. As variações ocorrem nos diferentes cenários institucionais nos quais as decisões são tomadas. A variação dos níveis e padrões dos diferentes componentes demográficos ocorre na articulação entre as mudanças destas instituições e suas relações com as mudanças nos comportamentos individuais. A fecundidade é produzida por um sistema social e cultural, as explicações sobre as mudanças no nível da fecundidade têm, portanto, que ser estruturais.

Os estudos sobre a relação entre nupcialidade e fecundidade na Europa pré 1850 mostram como o casamento tardio mantém uma porção da capacidade reprodutiva da sociedade não usada. Esta relação entre casamento e reprodução foi retomada por demógrafos brasileiros, Oliveira (1982) demonstra o papel do casamento enquanto uma instituição social, ou seja, está inserido em uma organização social, política e econômica específica. Ou seja, a reprodução humana deve ser estudada como um processo social, ela se manifesta "...através de formas socialmente criadas que a regulam, embora em um primeiro momento podemos pensá-la como um fenômeno biológico." (Oliveira, 1982:503). Mburano (1997) parte deste enfoque institucional sobre a família para demonstrar que na República dos Camarões, país do oeste africano, as mudanças decorridas do processo de modernização e ocidentalização têm um forte impacto na composição das famílias, e estas por sua vez, estão relacionadas com os padrões e níveis da fecundidade.

Outros autores ainda procuram analisar as mudanças da fecundidade como estando diretamente relacionadas com a mudança do papel social da mulher, ou os sistemas de relações de gênero nas diferentes sociedades. Esta linha de pensamento foi desenvolvida por muitos autores que postulam que nas

sociedades onde a mulher tem uma relação mais igualitária com o homem a fecundidade seria mais baixa. Ao contrário as sociedades agrárias e também aquelas chamadas 'primitivas', nas quais as mulheres desempenham papéis secundários, a fecundidade seria mais alta. Estas questões foram intensamente discutidas e problematizadas, e atualmente muito se tem publicado sobre a relação entre as diferentes concepções sobre família, relações de gênero e fecundidade, demonstrando que a fecundidade depende não só do papel da mulher na sociedade, mas de muitas outras variáveis importantes, mesmo nas sociedades modernas.

Na antropologia o tratamento de questões como o mínimo populacional necessário para que um determinado tipo de estrutura social possa se manter ou sobre o mercado matrimonial de mulheres pertencentes a um determinado povo com regras prescritivas de casamento, utilizam-se de técnicas e teorias demográficas (Hammel, 1976). Técnicas demográficas como cálculos de taxas de endogamia e exogamia, ou mesmo taxas de mortalidade e fecundidade passam a ser usadas pelos antropólogos para testar hipóteses sobre a tipologia do parentesco e sobre o contato interétnico. Programas de computador para simulação de diferentes cenários populacionais são criados para incorporar diferentes tipos de estrutura social com vistas a conhecer as dinâmicas das trocas matrimoniais e do crescimento em sociedades ditas 'simples' (Das Gupta, 1997 e Pozzobon, 1996).

Existe, como foi demonstrado, uma convergência nos interesses de ambas as disciplinas, demografia e antropologia, pois compartilham problemas e questões semelhantes. Apesar de ser crescente a ênfase no reconhecimento da importância do papel da cultura e instituições sociais para estudar a dinâmica populacional, ainda são poucos os demógrafos ou antropólogos trabalham com esta interface disciplinar. Muitos trabalhos demográficos sobre povos autóctones contribuem com este campo interdisciplinar, não se limitando à possibilidade de generalizações mas trazendo à tona cada vez mais uma variedade maior de tipos de sociedades para o entendimento dos processos populacionais.

1.3. Demografia dos povos indígenas no Brasil

As pesquisas demográficas sobre as populações indígenas nas terras baixas da América do Sul e, especialmente, as localizadas no Brasil estão apenas começando a serem feitas. A ausência de dados demográficos confiáveis antes e após o contato com as frentes de expansão da sociedade envolvente é um dos motivos centrais para explicar essa escassez. Contudo, os estudiosos dos povos indígenas, em sua grande maioria antropólogos sem formação específica em demografia, têm se preocupado basicamente com três questões demográficas gerais: o tamanho original das populações autóctones no século XVI, o seu declínio nos séculos seguintes e o tamanho atual dessas populações (Monteiro, 1994:17).

Por razões que parecem estar relacionadas mais às teorias antropológicas professadas por estes pesquisadores, do que propriamente a modelos científicos da demografia, os especialistas normalmente acreditam que, depois de uma primeira fase de depopulação pós-contato com o europeu, motivada por guerras, epidemias ou escravização, em muitos casos ocorre uma recuperação demográfica natural (Carneiro da Cunha, 1987 e Pagliaro, 2002). Recentemente, ambientalistas que pesquisam sociedades amazônicas têm entendido esta recuperação demográfica como um fator de desequilíbrio na relação entre tais populações e o meio ambiente (Price e Adams, 1994).

Estudar as sociedades indígenas do ponto de vista demográfico envolve dificuldades de duas origens distintas: de um lado a falta de dados confiáveis. Na maioria dos casos é possível encontrar uma cifra de população total para uma determinada área geográfica, sem especificação de sexo, idade, número de mortes por idade e número de filhos nascidos vivos por idade da mãe, para citar as principais características demográficas. Por outro lado, a metodologia da análise demográfica disponível é adequada a populações de grande porte, o que não é o caso da maior parte dos povos indígenas residentes no Brasil de hoje. A questão gerada pelo segundo tipo de dificuldade pode ser contornada com um acúmulo de dados históricos ou com processos de correção e adequação estatística.

A inexistência de fontes de dados confiáveis para as populações indígenas não é um problema isolado do Brasil. Na publicação "Estudios Sociodemograficos de Pueblos Indígenas" (CELADE, 1994), com as conclusões de seminário realizado no Chile em 1993, algumas constatações foram feitas, comparando-se estudos sobre as populações autóctones de diferentes países latino-americanos. A principal delas é que existe pouca ou nenhuma possibilidade de comparação entre os diferentes censos demográficos nacionais na região, devido à disparidade de critérios de definição da categoria "índio". Apesar disso, alguns avanços metodológicos nos censos especificamente indígenas, como é o caso do censo da Colômbia de 1993, e dos censos de 1980, 1992 e 2002 do Paraguai, e algumas análises que usam como referência os censos demográficos e outros tipos de registros, tais como estimativas de fecundidade baseados no método do filho tido no ano anterior ao censo, são instrumentos úteis para a produção de informações específicas sobre populações indígenas.

Nos últimos anos, a população indígena no Brasil parece ter apresentado um razoável crescimento. É verdade que esta constatação não apenas toma por base a noção antropológica problemática de "índio-genérico"² como também não está apoiada em um censo, mas unicamente em estimativas e levantamentos parciais, mais ou menos cuidadosos. Assim, a população indígena brasileira era de 185.485 indivíduos, segundo a pesquisa efetuada pelo Conselho Indigenista Missionário (Porantim, 1982). Doze anos depois, em 1994, esta mesma população foi estimada em aproximadamente 250.000 indivíduos (ISA, 1996) enquanto em 2000 as estimativas já giravam em torno de 350.000 pessoas (ISA, 2001).

A categoria "índio" só foi levada em conta nos censos demográficos do IBGE a partir 1991, que contabilizou um total de 306.245 índios brasileiros e ainda

² No Brasil, assim como em outros países, costumou-se denominar os povos nativos que aqui habitavam e continuam habitando de índios, incluindo assim povos estruturalmente diferentes, totalidades sociológicas, em uma categoria que somente os diferencia com relação ao colonizador, e hoje em dia somente os diferencia com relação aos outros não índios, incluindo os negros por exemplo. Essa categoria não é construída teoricamente pela antropologia e não dá conta de explicar nada, atrapalhando ainda as políticas públicas do Estado para essas populações, como os levantamentos censitários, que estando pautadas apenas por essa parca definição, massifica povos completamente diferentes tomando-os como iguais entre si.

assim de modo bastante discutível, uma vez que só foram recenseadas as populações que residem em postos indígenas da Fundação Nacional do Índio - FUNAI - ou em missões religiosas. Qualquer antropólogo sabe que há, no Brasil, um contingente populacional indígena significativo que não se enquadra nessas condições. Uma das razões que motivou a realização de um censo indígena autônomo no Rio Negro foi exatamente o descontentamento em relação aos critérios estabelecidos pelo IBGE. Essa população contabilizada pelo IBGE em 1991 incluiu todas as pessoas que se auto-classificaram como indígenas no quesito cor da pele, do questionário da amostra. Isso incluiu inúmeras pessoas que, mesmo vivendo nas cidades como Niterói, Rio Preto, se consideram descendentes de indígenas, genericamente, sem definição de etnia. Esse contingente de pessoas que já era expressivo em 1991 aumentou muito em 2000, para estados como Rio de Janeiro, os resultados para a população indígena ficam em 33.389 (IBGE/SIDRA, 1992), muito além dos 400 Guarani que vivem nas duas Terras Indígenas desta UF. Por todas essas razões muitas adequações e correções deverão ser feitas para que se possa ter resultados para esses povos a partir dos censos.

Em estimativas mais recentes feitas por diversos estudiosos, antropólogos, demógrafos ou profissionais de saúde (Early and Peters, 1990 e Baruzzi et al, 1994; Pagliaro, 2002; Coimbra et al, 2002), constata-se que a maioria dos povos indígenas tem crescido muito mais do que a média estimada para a população brasileira em geral. Muitos povos estariam em uma fase de recuperação demográfica (Pagliaro, 2002; Coimbra et al, 2002), sendo que esses estudos apontam que esses povos já contam com um atendimento à saúde que evita as mortes por epidemias e as mortes infantis, mantendo-se a fecundidade a níveis altos, o que faz com que a população cresça em ritmo acelerado.

A questão que se coloca hoje em dia para os estudos demográficos dos povos indígenas no Brasil é se esses povos estão em fase de crescimento acelerado devido à queda da mortalidade provocada pela melhoria ao atendimento da saúde, mantendo os níveis de fecundidade muito superiores aos da população não indígena, ou se esse crescimento é produto realmente de uma recuperação

demográfica consciente. Ou seja, trata-se de mudanças explicáveis demograficamente ou uma consequência da percepção social de que perderam população em um período de sua história recente e estariam agora recuperando essa população ou ainda uma percepção de que para a sociedade expandir-se geograficamente necessita crescer demograficamente.

Por todas estas razões, um estudo demográfico adequado às populações indígenas deve, antes de mais nada, analisar cada povo como uma população total, com características estruturais específicas e únicas, que produzem uma dinâmica demográfica também específica. Assim sendo, seria interessante que esses estudos não se pautassem pela da categoria "índio-genérico", que não pode operar nenhuma explicação mais ampla sobre dinâmica demográfica desses povos. Em outras palavras, o que esta tese procura demonstrar é que pesquisas demográficas sobre os povos indígenas devem ser sensíveis não apenas ao contexto ambiental e histórico, mas também às características sociais e culturais destas populações. É imprescindível a consideração de aspectos culturais básicos (estruturas sociais, sistemas políticos, sistemas rituais, cosmologias, etc.) juntamente com aspectos históricos e ambientais para um conhecimento mais profundo da dinâmica demográfica destas populações.

Capítulo 2: A região do Alto Rio Negro

2.1. Informações históricas e geográficas

2.2. Teorias antropológicas

2.3. Informações populacionais

2.3.1. Dados dos censos demográficos do IBGE

2.3.2. Evolução da população das comunidades indígenas nos últimos 10 anos

2. Capítulo 2: A região do Alto Rio Negro

2. 1. Informações históricas e geográficas

A região focalizada pela presente pesquisa é o Alto Rio Negro, localizada no extremo noroeste do estado do Amazonas. Essa região se limita a leste pelo município de Santa Isabel do Rio Negro, ao sul pelo rio Japurá, a oeste e a norte pela fronteira do Brasil com a Colômbia e a Venezuela. A região compreende o município de São Gabriel da Cachoeira¹, cuja população é formada predominantemente por diferentes etnias indígenas, mas também por missionários salesianos e protestantes, militares do exército (lotados em quartéis de fronteiras e batalhões de construção de estradas) e, mais recentemente, por migrantes nordestinos ou do próprio estado do Amazonas, residentes na sede do município de São Gabriel da Cachoeira (ver mapa no Apêndice 7).

Essa região é composta por uma extensa planície, apenas interrompida por massas graníticas isoladas e esparsas; é cortada por uma rede hidrográfica de regime de chuvas equatorial (3.000 a 4.000 mm de chuvas), com expressiva variação de volume d'água. Muitos rios da região apresentam trechos com corredeiras e cachoeiras que dificultam muito sua navegabilidade, sobretudo durante a "seca". O pico de cheia do ciclo hidrológico ocorre normalmente em agosto e o de vazante em fevereiro. A região se caracteriza ainda por apresentar uma cobertura vegetal de floresta de terra firme, com áreas de caatinga (mata mais baixa e mais pobre que a floresta). Estudos sobre a diversidade botânica e zoológica na região indicam altos níveis de diversidade aliados a baixos níveis de produtividade pesqueira em sistemas fluviais de água preta, como o do rio Negro (Moran, 1990).

Os padrões de assentamento das populações nativas que lá vivem mostram que as maiores concentrações demográficas ocorrem em regiões onde os solos são mais produtivos. Portanto, nas regiões de caatinga, a densidade populacional parece ser mais baixa que na região de floresta. Fatores sócio-históricos, como guerras inter-tribais, apresamento de escravos, movimentos

¹ Apenas 11 comunidades indígenas recenseadas e estudadas aqui situam-se no município vizinho de Santa Isabel. Para efeito das análises, estas comunidades estão localizadas na sub-região do rio Negro Abaixo.

milenaristas, epidemias e a presença dos missionários salesianos vêm modificando igualmente os padrões de assentamento. Hoje em dia, grande parte da população da região se distribui em comunidades (também chamadas regionalmente de povoados) localizadas ao longo dos rios e igarapés, com exceção dos grupos *Maku*, que preferencialmente se situam nas regiões dos intercursos dos rios e nas cabeceiras dos igarapés.

Os povos que habitam a região do rio Negro do lado brasileiro pertencem a três grandes famílias lingüísticas: *Tukano*, *Aruak* e *Maku*². Os povos de línguas *tukano* (todos do grupo tukano oriental) são os seguintes: Barasana, Yurutí, Kubeo, Arapaso, Wanana, Desana, Karapanã, Pira-tapuia, Tukano, Miriti-tapuia, Bara, Karapanã e Tuyuka. Os de línguas *maku* são: Bará (existem duas denominações Bará, uma *maku* e outra *tukano*), Hupdë, Dow (Kamã), Nadeb, Yuhup e Nukak (Guariba). Os de línguas *aruak* são: Baniwa, Baré Werekena e Tariana.

Os povos *aruak*, segundo Wright (1992), ocupam a região do vale do rio Negro há pelo menos 2.500 a 3.000 anos, sendo que os de língua *tukano* no passado encontravam-se a sudoeste, ocupando os vales dos rios Uaupés e seus afluentes, Tiquié, Papuri, Querari e Cuduiari. Os *Maku* são povos tradicionalmente nômades, caçadores e coletores, habitantes de uma extensa região, que vai desde o rio Uaupés até o rio Japurá.

Vários trabalhos foram publicados sobre a história do contato (ou dos processos de contato) entre esses povos e a sociedade ocidental, representada por diversos segmentos sociais. Segundo Wright (1992:264), essa história pode ser periodizada em 5 fases, as duas primeiras durante a época colonial, a terceira durante as primeiras décadas do Império, a quarta durante as últimas décadas do Império até a I Guerra Mundial e a quinta, de 1914 até nossos dias. Incluímos ainda um último período histórico, de 1970 a 1998, referente aos anos de lutas pela demarcação das terras indígenas.

² Nesta tese os nomes das famílias lingüísticas vêm grafadas em *itálico*.

1) Período das primeiras explorações e comércio de escravos indígenas, de 1730 a 1760:

Este primeiro período foi marcado por guerras e pela captura de índios para o trabalho escravo. Através de documentos oficiais ou produzidos por missionários jesuítas, pode-se inferir a magnitude da escravidão e suas conseqüências para as populações nativas dessa região. Apenas para se ter uma idéia das proporções desse tráfico de escravos, convém assinalar o seguinte:

A primeira entrada portuguesa no Rio Negro teria acontecido em 1657. Tratava-se de uma tropa comandada pelo oficial Vidal Maciel Parente, acompanhada pelos missionários Francisco Veloso e Manuel Pires. Já neste primeiro contato, foram capturados e escravizados cerca de 600 índios. Cem anos depois, o número de índios aprisionados em todo Rio Negro já passava de 20.000. Este número corresponde aproximadamente a toda a população indígena atual da região. Foi a época de maior impacto demográfico para a região, ficando trechos de rios inteiramente despovoados.

Uma das coleções depositadas no Arquivo Público do Pará (Meira, 1994) registra com bastante precisão os números de escravos capturados nessa região e os nomes das etnias a que pertenciam. É possível que apenas tenham sido conservados os registros do tráfico Real de escravos, promovido pela Coroa. Supõe-se que o tráfico privado tenha sido muito mais amplo que o primeiro.

2) Período dos primeiros estabelecimentos coloniais, de 1761 até o final do século XVIII:

Datam dessa época os primeiros mapas que incluem dados sobre a população da região. Foram realizadas várias expedições exploratórias por militares e naturalistas. Nesse período, os carmelitas mantiveram missões no rio Negro. Relatos de dois vigários sobre o final do século VIII são importantes para se ter um quadro geral desses povos.

3) Período do comércio mercantil e de programas governamentais de civilização e catequese, entre 1830 e 1860:

O terceiro período possui estudos principalmente para os povos Baniwa (*Aruak*). Trata-se de um período marcado pela eclosão de movimentos milenaristas dos quais se tem relatos orais e documentação em arquivos. Segundo Wright (1992), esses fenômenos provocaram deslocamentos populacionais entre os Baniwa, causando transformações demográficas importantes.

4) Período do primeiro ciclo da borracha, entre 1860 e 1920:

O ciclo da borracha na região tem sido pouco estudado, embora se disponham de algumas fontes primárias de informações sobre essa época (relatos de viajantes, missionários, comerciantes, militares e etnógrafos). A exploração da borracha é especialmente marcada pela violência dos seringalistas e militares contra os povos indígenas, o que inclui mais uma vez o aprisionamento de índios para o trabalho escravo (Wright, 1992:266).

5) Período das missões, entre 1914 até 1970:

O último período é marcado pela chegada dos missionários salesianos, com uma política de catequese caracterizada pela educação escolar dos índios em internatos e pelos aldeamentos (reunião de vários grupos locais em "povoados" ou mais modernamente "comunidades"). Desde o início do século, a presença destes missionários marca as relações dos povos de línguas *tukano* com a sociedade não índia. Os Baniwa se viram, por outro lado, obrigados a conviver com os missionários evangélicos a partir da década de 50.

6) Período da luta pela demarcação das terras indígenas:

Os primeiros anos de 1970 marcam o início da implantação do Plano de Integração Nacional, que foi criado pelo governo federal com o objetivo de integrar as regiões mais remotas do país, através da estruturação de uma série de obras de infra-estrutura e da presença dos militares nas regiões de fronteira.

Em São Gabriel da Cachoeira dá-se início à implantação dos postos indígenas da FUNAI, e à construção da rodovia que liga esta cidade à Cucuí, na fronteira com a Venezuela. Nesta mesma época chegam os primeiros batalhões do exército que começam a se instalar na cidade e em pontos estratégicos do município (FOIRN – ISA, 2000). Nesta década a população do município tem um crescimento considerável (ver item 2.3.1. deste capítulo)

No início dos anos 70 algumas lideranças indígenas dos rios Tiquié e Uaupés, reivindicam a demarcação de suas terras junto à FUNAI. Em 1975 o antropólogo Peter Silverwood-Cope propõe a demarcação de um território federal indígena, considerando o tamanho da região e o número de povos aí existentes. Porém, como esta proposta não foi aceita, em 1979 a FUNAI declara três áreas contíguas como de ocupação permanente: Pari Cachoeira, Iauareté e Içana/Aiari. Essa delimitação foi baseada na divisão das paróquias feita pelos salesianos. Nesta mesma época ainda, as lideranças do rio Tiquié propõem à FUNAI a demarcação de uma terra única, reivindicação esta que contou com o apoio técnico da antropóloga D. Buchillet.

No final dos anos 70 e década de 80 dois acontecimentos vão marcar profundamente a vida das comunidades indígenas desta região. O primeiro diz respeito ao processo de fechamento dos internatos salesianos; entre os anos de 1984 a 1987 foram fechados os internatos de Pari Cachoeira, no Tiquié, de Iauareté e Taracuá no rio Uaupés e de Assunção no rio Içana. Com isso, as famílias indígenas se viram obrigadas a mudar-se para as missões para possibilitar aos seus filhos o acesso às escolas, e os centros missionários começam a ter um grande crescimento populacional, processo este que continua até hoje em dia (FOIRN – ISA, 2000).

O outro fato importante é a descoberta do ouro na região da Serra do Traíra, ao sul do rio Tiquié, em 1983. A descoberta deu início a uma “febre do ouro” que se prolongou até início dos anos 90. Conflitos entre garimpeiros e índios começam a surgir, até que em 1985 ocorrem três mortes de garimpeiros no Traíra, e o conflito assume dimensões nacionais. As grandes mineradoras começam a protocolar pedidos de autorização para pesquisa e lavra de minerais junto ao

Departamento Nacional de Pesquisa Mineral (DNPM) em Brasília, e realizam gestões políticas contrárias à demarcação das terras indígenas. É por volta desta época que começam os trabalhos da Assembléia Constituinte.

Em 1985, um grupo de trabalho da FUNAI encaminhou uma proposta de delimitação de uma área única como reserva indígena, esta proposta foi ratificada por um outro grupo de trabalho da FUNAI em 1986. Esta proposta teve nos militares e nos donos das mineradoras, seus maiores opositores. No final do ano de 1987, durante a II Assembléia dos Povos Indígenas do Rio Negro, em São Gabriel da Cachoeira, as diferentes organizações e lideranças indígenas fundam a Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN), que a partir de então, começa a articular a luta pela demarcação das terras indígenas. Os principais assuntos discutidos nesta assembléia foram a implantação do projeto Calha Norte, pelos militares, as atividades das mineradoras na região e a regularização fundiária das terras indígenas.

Em 1988 com a nova Constituição aprovada, foram reconhecidos os direitos indígenas aos seus territórios tradicionalmente ocupados, mas em 1989 e início de 1990, são assinados os decretos demarcando áreas descontínuas, resultando numa redução de 68% da extensão das terras tradicionalmente ocupadas pelos povos indígenas da região. Esta demarcação deixava de fora, por exemplo, a Serra do Traíra, principal foco de interesse das empresas mineradoras.

No início dos anos 90, com os protestos das organizações indígenas da região, e apoiado no laudo antropológico elaborado pela antropóloga Dominique Buchillet e nos novos direitos indígenas aprovados pela Constituição, o Ministério Público Federal propõe uma Ação Declaratória contra o governo federal, com o objetivo de reconhecer como de ocupação tradicional uma só área contínua para todos os povos da região. Ao mesmo tempo o então presidente da FUNAI assina uma resolução aprovando um novo parecer técnico elaborado por antropólogos desta instituição, unificando outra vez as 'ilhas' já demarcadas. Em junho de 1992 o presidente da FOIRN, Braz de Oliveira França, entrega para o procurador da república uma carta a ser encaminhada ao presidente da república, solicitando a demarcação de uma área única. Esta carta, assinada por todas as lideranças

indígenas, solicita a extinção das florestas nacionais (FLONAS, que se localizavam entre as 'ilhas' das terras indígenas delimitadas), e pede a imediata demarcação da Terra Indígena do Alto Rio Negro. É importante lembrar aqui que o projeto da FOIRN com o Censo Indígena Autônomo do Rio Negro – CIARN – foi elaborado e aprovado justamente entre os meses de fevereiro a maio deste mesmo ano (ver capítulo 3).

Os anos seguintes, até final de 1995, são marcados por intensas negociações entre as autoridades federais, FUNAI, Ministério Público Federal, Ministério da Justiça e militares, e a FOIRN, no sentido de reconhecer a as terras indígenas dessa região como área única. Finalmente entre dezembro de 1995 e maio de 1996, o ministro da Justiça assina os decretos de reconhecimento e delimitação das cinco terras indígenas desta região: Terra Indígena Alto Rio Negro, Terra Indígena Médio Rio Negro I, Terra Indígena Médio Rio Negro II, Terra Indígena Rio Apaporis e Terra Indígena Rio Téa (ver Apêndice 7, mapa 1), situadas nos municípios de São Gabriel da Cachoeira, Santa Isabel e Japurá (ao sul de São Gabriel e Santa Isabel).

Durante o ano de 1997, até abril de 1998, essas cinco Terras Indígenas são demarcadas, e, em abril de 1998, durante a VI Assembléia Geral da FOIRN, o ministro da Justiça entregou aos índios os decretos de homologações dessas áreas.

2.2. Teorias antropológicas

Procurarei descrever os aspectos centrais da organização social do Rio Negro, com base nas pesquisas etnológicas realizadas na região; tenho como referências bibliográficas principais as pesquisas de Stephen e Christine Hugh-Jones sobre os Barasana, Irving Goldman sobre os Kubeo, Jean Jackson sobre os Bará, Janet Chernela sobre os Wanana, Peter Siverwood-Cope e Jorge Pozzobon sobre os Maku, Aloisio Cabalzar sobre os Tuyuka, Nicolas Journet sobre os Coripaco e Robin Wright sobre os Baniwa.

A região etnográfica do Rio Negro apresenta alguns traços de estrutura social também verificados em outras regiões da Amazônia, entre os quais convém

ressaltar:

a) ausência de profundidade genealógica (embora o parentesco tenha um papel crucial na estrutura social desses povos, o cálculo genealógico dos indivíduos não parece ser capaz de recuar por muitas gerações);

b) terminologias de parentesco de tipo *dravídiano*: são sistemas que equacionam, do ponto de vista de um homem ou uma mulher, tipos de parentes tais como "irmão da mãe" e "irmã do pai" a "sogro" e "sogra" respectivamente; e por isso, os "filhos do irmão da mãe" e os "filhos da irmã do pai" são considerados cônjuges em potencial, e, portanto, afins e não consangüíneos, ao contrário dos "filhos da irmã da mãe" e do "irmão do pai" que são considerados consangüíneos e, portanto, impedidos de se tornarem cônjuges.

Além destes traços, os povos do Rio Negro são marcados por algumas características peculiares tais como:

c) a incorporação de um princípio de descendência *agnática* (transmissão da qualidade de membro de um grupo definido por uma regra de patrilinearidade), associado a uma regra de residência *virilocal* (a mulher depois de casar deve ir morar na comunidade do marido). Em resumo, são do grupo de descendência de um indivíduo apenas os membros do grupo de seu pai (e não os de sua mãe), assim como idealmente são co-residentes de um indivíduo todos os homens solteiros e casados de seu grupo de descendência, junto com suas esposas, e apenas as mulheres solteiras (irmãs e filhas) de seu grupo de descendência (potencialmente esposas de seus afins, com quem passarão a residir depois do casamento);

Tanto os povos falantes de línguas *tukano* quanto os povos *aruak* desenvolveram fórmulas de sociabilidade hierarquizadas, que acabaram por englobar os povos de línguas *maku*, tornados "servos" ou "criados" (Goldman, 1963).

Em linhas gerais, o que distingue a fórmula *tukano* da fórmula *aruak* parece estar associado às formas de reprodução dos grupos sociais e, conseqüentemente, à troca matrimonial: enquanto os povos *aruak* se casam "entre si", tendo como unidades exogâmicas as fratrias e não o grupo lingüístico, os

povos *tukano* desenvolveram um princípio de "exogamia lingüística" (em resumo, o cônjuge é idealmente alguém que fala uma língua diferente, conceitualizado em termos nativos como um indivíduo etnicamente distinto).

Um grupo lingüístico *tukano* se define em relação aos demais grupos lingüísticos ora como *agnata* (parente consangüíneo pela linha masculina, transmitido pela patrilinearidade), ora como *afim*. Assim, por exemplo, as populações de língua bará e tukano se definem como *agnatas* entre si e como *afins* da população de língua tuyuka (Jackson, 1984). Esta relação de agnação postulada, como por exemplo, entre os Bará e Tukano, gera agregados demográficos exogâmicos, geograficamente dispersos e lingüisticamente heterogêneos, que são denominados "*fratrias*", ou unidades exogâmicas compostas, pelos especialistas na região. Em resumo, as *fratrias* são conjuntos de grupos lingüísticos definidos por uma regra de exogamia.

O grupo lingüístico é interpretado em termos nativos como um conjunto de parentes agnáticos descendentes de um grupo de irmãos-ancestrais míticos. O primogênito ancestral é tomado como o ascendente focal de todo o grupo lingüístico. Além disso, os irmãos-ancestrais são ordenados segundo a ordem de nascimento, do mais velho ao mais novo, fornecendo a fundamentação ideológica para o estabelecimento de relações de hierarquia no interior do grupo lingüístico. O mito da Anaconda (cobra-grande, animal mítico que, em algumas versões, é semelhante a uma canoa) conta que a cobra foi descendo (ou, em algumas versões, subindo) o rio Uaupés, e depois o Negro, e em cada parada da cobra, esta "paria" o primeiro homem de uma "tribo" e seu cunhado, gerando assim a seqüência de ancestrais hierarquicamente organizados e já delineando a fórmula da exogamia lingüística (uma vez que cunhados eram "paridos" juntos) (S. Hugh-Jones, 1979).

Esta estrutura hierárquica acaba por definir sub-grupos, que são conhecidos na literatura da região como "*sibs*". O *sib* pode ser definido como um conjunto de indivíduos, detentores de uma série de tradições comuns, que se consideram descendentes em linha direta de um dos irmãos-ancestrais-míticos fundadores do grupo lingüístico. São, segundo os habitantes da região, "os netos

de um só homem" (Chernela, 1981). O status de cada um dos sibs é função direta da posição relativa do ancestral em relação a seus irmãos. Desta forma, o sib descendente do ancestral primogênito é o sib hierarquicamente mais alto, o sib descendente do segundo irmão mítico é o segundo hierarquicamente mais alto, e assim sucessivamente.

C. Hugh-Jones (1979) propõe um modelo onde os grupos de descendência geram (até) cinco unidades sociológicas hierarquizadas e funcionalmente interdependentes: *chefes*, *dançarinos-cantores*, *guerreiros*, *xamãs* e *servos*, os primeiros e os últimos relacionados à esfera político-econômica, os segundos e quartos ligados à esfera metafísica e os terceiros associados à esfera das relações com a exterioridade das unidades locais.

O número de sibs de um grupo lingüístico pode variar na região, dentro de certos limites que ainda estão por ser definidos de modo mais preciso. Assim, por exemplo, os Tukano parecem se dividir em vinte seis sibs, os Kubeo em dezoito, etc. Vale ressaltar aqui que os povos *aruak*, notadamente os Baniwa, apresentam uma configuração interna bastante semelhante aos grupos lingüísticos *tukano*, com a diferença fundamental de que os *aruak* podem se casar entre si. Convém ainda assinalar que é precisamente a formulação hierárquica definida acima o que permite incluir os povos de línguas *maku* na estrutura social da região: os *Maku* são conceituados como descendentes diretos de indivíduos que foram *criados/servos* dos irmãos-ancestrais e, por isso mesmo, são *criados* dos povos atuais, o que os torna os últimos (os mais inferiores) no quadro da estrutura hierárquica.

Segundo Chernela (1981), os sibs de todos os povos *tukano* se articulam, para fins matrimoniais, em três "*classes de geração*", entendidas como "*grupos*", superior, médio e inferior, respectivamente classificados pelos nativos como "*netos*", "*tios*" e "*avós*". Neste caso a diferença geracional ("*netos*", "*tios*" e "*avós*") identifica o status do sib de maneira inversa à diferença etária (mais velhos e mais novos). Em outras palavras, os sibs superiores são os "*netos*" (e não os "*avós*") e os inferiores seriam os avós e assim por diante.

Os indivíduos de uma determinada classe de geração de um mesmo grupo

lingüístico (identificados na região como povo ou etnia) vão classificar os indivíduos de mesma classe de geração de um outro povo de "irmãos". Assim, por exemplo, os superiores do povo x vão classificar os superiores do povo y de "irmãos", etc. Entre superiores e médios, assim como entre médios e inferiores, os primeiros classificarão os segundos como "tios" (e serão por estes classificados como "sobrinhos"). Finalmente, entre superiores e inferiores, os primeiros serão classificados pelos segundos como "netos" (e serão por estes classificados como "avós").

Ainda segundo Chernela (1981), o casamento idealmente só pode ocorrer entre sibs da mesma classe de geração. Ora, este ponto remete a um aspecto muito interessante deste tipo de estrutura social. Se as relações sociais instituídas pelos laços de descendência (e da consangüinidade) são marcadas pelo paradigma da hierarquia e do englobamento, as relações sociais instituídas pelo casamento (e pela afinidade) parecem ser regidas pelo paradigma da simetria e da igualdade. Se no interior do grupo lingüístico, os sibs se relacionam de forma hierarquizada e são similares uns aos outros (uma vez que são todos eles descendentes de um mesmo grupo de irmãos ancestrais), entre grupos lingüísticos distintos, os sibs se relacionam de forma simétrica e são diferentes (por definição) e complementares uns em relação aos outros.

Existem outros aspectos associados às práticas de casamento no Rio Negro que podem ser tomados como evidências independentes que permitem corroborar este modelo de simetria e complementaridade. Em outras palavras, estes sistemas de parentesco são fundados em um regime de troca simétrica, que, na região, é interpretado como uma fórmula de intercâmbio de irmãs entre grupos lingüísticos diferentes para os *tukano*, ou de fratrias diferentes para os Baniwa. Desta maneira, o que se tem idealmente é um regime onde um grupo troca uma irmã por uma esposa.

Além da troca direta (ou troca dupla), um outro traço importante do casamento se manifesta no ideal de parentesco entre cônjuges: em resumo, casa-se com alguém com quem seja possível traçar relações genealógicas. Para um homem, por exemplo, o casamento ideal é com a prima cruzada bilateral (filha

da irmã do pai e/ou filha do irmão da mãe) ou próxima classificatória, ou seja, podem ser mulheres filhas de afins que são também classificadas como "primas" (Jackson, 1984).

2.3. Informações populacionais

2.3.1. Dados dos censos demográficos do IBGE

Neste item procuro traçar um breve panorama sobre a população da região do Rio Negro, incluindo os três municípios, a partir de Manaus: Barcelos, Santa Isabel e São Gabriel da Cachoeira. No censo demográfico do IBGE de 1980 (IBGE/SIDRA, 2002), a população total (indígena e não indígena) do município de São Gabriel da Cachoeira corresponde a 19.578 habitantes, sendo 9.983 homens e 9.595 mulheres. Este censo não diferenciou a população índia da não índia, tendo sido os índios classificados como "pardos". Neste levantamento, a população por 'cor' do município de São Gabriel é a seguinte:

branca: 606 pessoas, sendo 348 homens e 258 mulheres;

parda: (**onde foi incluída a população indígena**): **18.852** pessoas, sendo 9.552 homens e 9.300 mulheres.

As outras 'cores' (negros, etc) aparecem com números irrelevantes: 112 pessoas, sendo 81 homens e 31 mulheres. Ainda de acordo com o censo de 1980, dos 19.578 habitantes de São Gabriel da Cachoeira, 18.535 são nascidos no município e apenas 1.043 pessoas são provenientes de outros estados ou países.

O Anuário Estatístico de 1991 é o primeiro trabalho do IBGE que traz um capítulo especial sobre as áreas indígenas do Brasil. Nesta publicação, a população indígena estimada no município de São Gabriel é de aproximadamente **15.200** pessoas. Outro dado deste ano de 1991, publicado depois deste anuário estatístico, do próprio IBGE, relativo ao censo, é de que a população indígena do município de S.Gabriel era **17.154**. E a população indígena recenseada pelas associações/organizações indígenas/FOIRN no ano seguinte (1992) é de **16.588** pessoas.

Em 1980 o IBGE contou 18.852 pardos (ver acima), possivelmente a população indígena, no censo de 1991 a população indígena contada pelo censo

foi de 17.154 pessoas (ver tabela 1 abaixo) e em 1992 o CIARN contou 16.588 índios. Isto quer dizer que possivelmente a população contabilizada como parda em 1980 foi super-estimada, ou que incluía muitas outras pessoas além dos índios; ou também pode ser que tanto o censo do IBGE de 1991 quanto o CIARN sub-estimam a população, o que me parece mais provável, visto que, como será visto no capítulo 3, o CIARN teve uma cobertura parcial da região.

A seguir as tabelas com a população por município:

1. São Gabriel da Cachoeira:

Tabela 1: População residente no município de São Gabriel da Cachoeira, por situação do domicílio, e população indígena em 1991

ano	pop rural	pop urb	pop ind	pop total
1970	12.074	1.346	?	13.420
1980	15.681	3.897	?	19.578
1991	16.305	6.835	17.154	23.140
1996	17.429	9.563	?	26.992
2000	17.574	12.373	?	29.947

fonte: IBGE, Censos demográficos de 1970, 1980, 1991 e 2000 e contagem populacional de 1996

Gráfico 1: Evolução da população residente no município de São Gabriel da Cachoeira, por situação de domicílio e população total

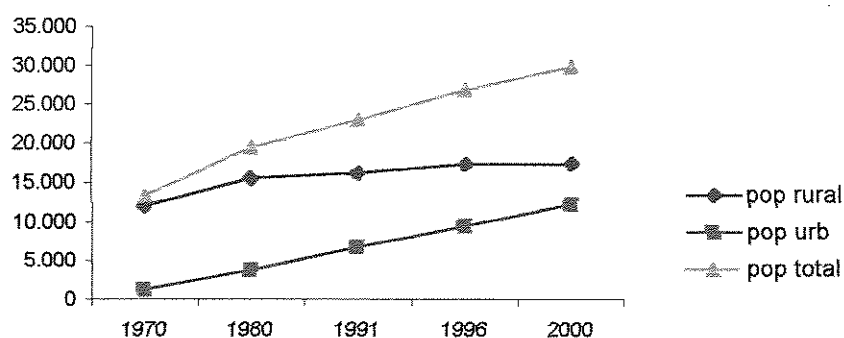


Tabela 2: Proporção (porcentagem) da população rural e urbana do município de São Gabriel da Cachoeira, e proporção da população indígena em 1991

ano	pop rur (%)	pop urb (%)	pop ind (%)	pop total
1970	89,97	10,03	?	100,00
1980	80,10	19,90	?	100,00
1991	70,46	29,54	74,13	100,00
1996	64,57	35,43	?	100,00
2000	58,68	41,32	?	100,00

fonte: IBGE, Censos demográficos de 1970, 1980, 1991 e 2000 e contagem populacional de 1996

Gráfico 2: Evolução da proporção da população rural e urbana do município de São Gabriel da Cachoeira

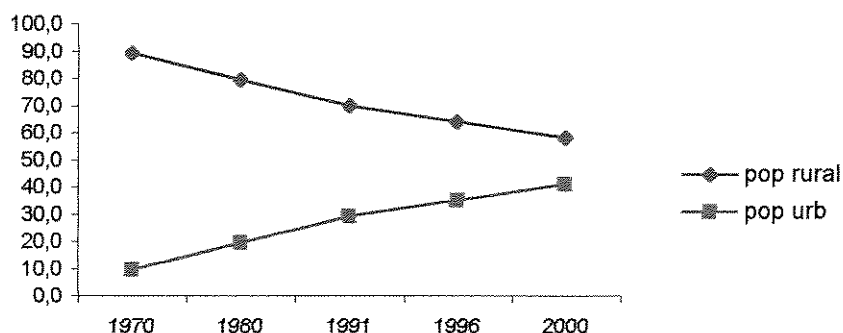


Tabela 3: Taxas anuais médias de crescimento populacional do município de São Gabriel da Cachoeira, para cada período de 10 anos

período	a)	b)	r (%)
1970-1980	616	16.499	3,73
1980-1991	324	21.359	1,52
1991-2000	756	26.544	2,85

fonte: IBGE, Censos demográficos de 1970, 1980, 1991 e 2000 e contagem populacional de 1996

a) incremento médio anual de população

b) média de população no período

r : taxa anual de crescimento no período

A população de São Gabriel da Cachoeira tem crescido nos últimos anos em um ritmo acelerado, provavelmente devido a migrações e também devido a um certo crescimento vegetativo. Proporcionalmente, a população urbana cresce muito mais do que a população rural, indicando migrações para a área urbana do

município, proveniente tanto das áreas rurais (indígenas) como de outros municípios ou estados. No período de 1970 a 1980 o crescimento populacional foi de 3,73% ao ano, e no período seguinte, de 1980 a 1991, foi de 1,5% ao ano. No período de 1980-91 o ritmo de crescimento do município desacelerou, o que deve ser analisado em conjunto com a evolução da população de Santa Isabel. Neste último município, justamente nesse período, ocorre um pico de crescimento onde as taxas atingem 9,3% ao ano. É possível supor que parte da população indígena tenha sido contabilizada no município vizinho ou que tenha ocorrido uma migração para Santa Isabel neste período, mas para chegarmos a conclusões ou levantarmos hipóteses mais detalhadas precisaríamos analisar as informações relativas à migração existentes nos censos, como procedência e naturalidade dos moradores, tempo de residência e outras.

2. Santa Isabel do Rio Negro

Tabela 4: População residente no município de Santa Isabel, por situação do domicílio, e população indígena em 1991

ano	pop rural	pop urb	pop ind	pop total
1970	3.137	509	?	3.646
1980	3.947	1.034	?	4.981
1991	13.317	2.104	6.618	15.421
1996	9.010	3.111	?	12.121
2000	6.341	4.220	?	10.561

fonte: IBGE, Censos demográficos de 1970, 1980, 1991 e 2000 e contagem populacional de 1996

Gráfico 3: Evolução da população residente no município de Santa Isabel, por situação do domicílio e população total

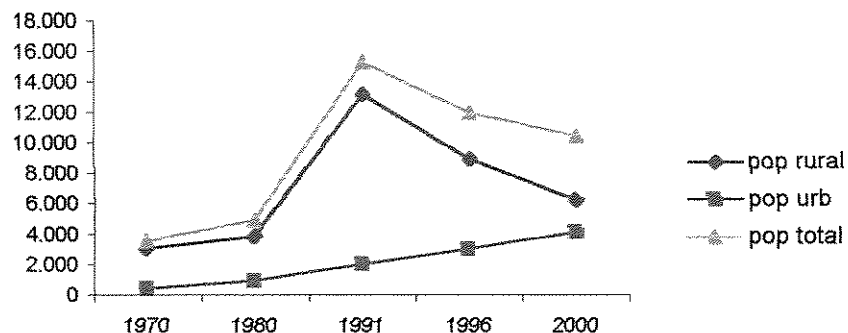


Tabela 5: Proporção (porcentagem) da população rural e urbana no município de Santa Isabel, e proporção da população indígena em 1991

ano	pop rur (%)	pop urb (%)	pop ind (%)	pop total
1970	86,04	13,96	?	100,00
1980	79,24	20,76	?	100,00
1991	86,36	13,64	42,92	100,00
1996	74,33	25,67	?	100,00
2000	60,04	39,96	?	100,00

fonte: IBGE, Censos demográficos de 1970, 1980, 1991 e 2000 e contagem populacional de 1996

Gráfico 4: Evolução da população rural e urbana do município de Santa Isabel

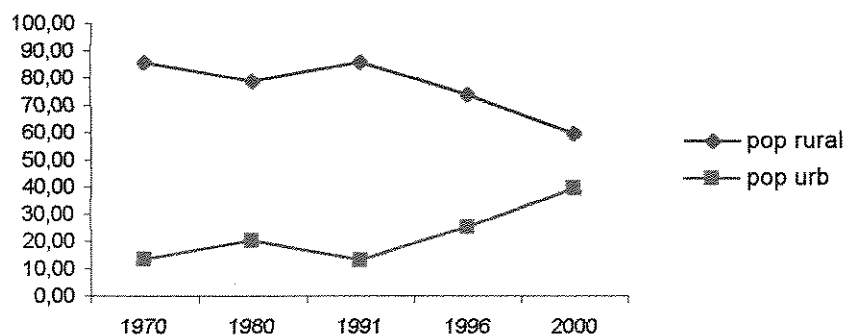


Tabela 6: Taxas anuais médias de crescimento populacional do município de Santa Isabel, para cada período de 10 anos

período	a)	b)	r (%)
1970-1980	134	4.314	3,11
1980-1991	949	10.201	9,30
1991-2000	-540	12.991	-4,16

fonte: IBGE, Censos demográficos de 1970, 1980, 1991 e 2000 e contagem populacional de 1996

a) *incremento médio anual de população*

b) *média de população no período*

r : *taxa anual de crescimento no período*

A população do município de Santa Isabel também vem crescendo em ritmo bastante acelerado até 1991, quando então sofre uma perda populacional anual média de 540 pessoas. O pico de população que encontramos no censo de 1991, especificamente de população rural, pode ser causado por superestimativas ocorridas nesse censo, ou erro de localização de algumas comunidades recenseadas, que poderiam pertencer a Barcelos ou São Gabriel da Cachoeira. Para se esclarecer esse crescimento espantoso da década de 80 a 91, será preciso cruzar esses dados com as informações das variáveis de migração, para termos uma idéia do porque desse fenômeno. Na última década Santa Isabel sofre um decréscimo populacional bastante grande, ficando a população residente em 2000 com 6.000 pessoas a menos do que em 1991. A proporção de população rural também cai nesses últimos anos, como nos outros municípios, excetuando-se a última década para o município de Barcelos.

3. Barcelos

Tabela 7: População residente no município de Barcelos, por situação do domicílio, e população indígena em 1991

ano	pop rural	pop urb	pop ind	pop total
1970	8.476	1.152	?	9.628
1980	7.076	2.012	?	9.088
1991	7.017	4.018	1.604	11.035
1996	7.576	8.489	?	16.065
2000	16.243	7.954	?	24.197

fonte: IBGE, Censos demográficos de 1970, 1980, 1991 e 2000 e contagem populacional de 1996

Gráfico 5: Evolução da população residente no município de Barcelos, por situação do domicílio e população total

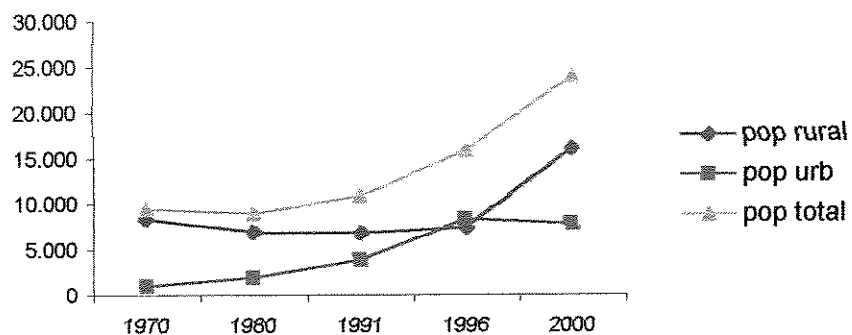


Tabela 8: Proporção (porcentagem) da população rural e urbana do município de Barcelos e proporção da população indígena de 1991

ano	pop rur (%)	pop urb (%)	pop ind (%)	pop total
1970	88,03	11,97	?	100,00
1980	77,86	22,14	?	100,00
1991	63,59	36,41	14,54	100,00
1996	47,16	52,84	?	100,00
2000	67,13	32,87	?	100,00

fonte: IBGE, Censos demográficos de 1970, 1980, 1991 e 2000 e contagem populacional de 1996

Gráfico 6: Evolução da proporção da população rural e urbana do município de Barcelos

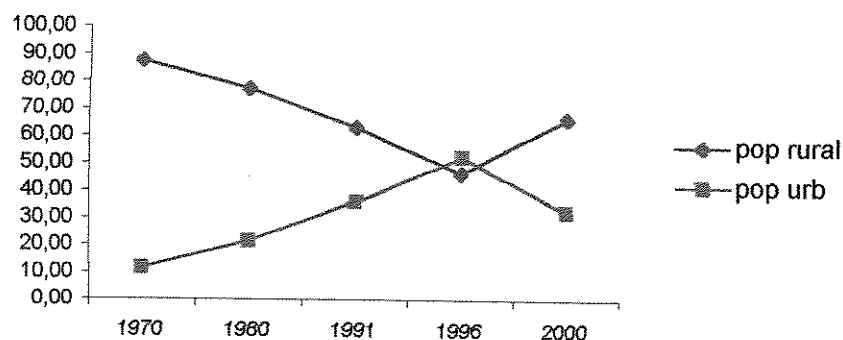


Tabela 9: Taxas anuais médias de crescimento populacional do município de Barcelos, para cada período de 10 anos

período	a)	b)	r (%)
1970-1980	-54	9.358	-0,58
1980-1991	177	10.062	1,76
1991-2000	1.462	17.616	8,30

fonte: IBGE, Censos demográficos de 1970, 1980, 1991 e 2000 e contagem populacional de 1996

a) incremento médio anual de população

b) média de população no período

r : taxa anual de crescimento no período

A população de Barcelos começa o período estudado com um crescimento negativo, ainda que pequeno, e na última década cresce em ritmo muito acelerado, justamente quando o município vizinho de Santa Isabel decresce em ritmo também rápido, sendo portanto possível levantar a hipótese de que houve uma migração grande de pessoas para as áreas rurais de Barcelos. A população urbana cresce em ritmo mais constante do que a rural, que recupera alguma população na última década. É bem provável também que tenha havido uma re-classificação de domicílios; comunidades 'caboclas' ou indígenas próximas da área urbana podem ter sido em 1991 contadas como urbanas e em 2000 classificadas como rurais. Esta hipótese se baseia no fato de que o processo de

urbanização deste município se acentuou nos últimos anos, principalmente devido ao crescimento do turismo ecológico nesta região, atraindo muitas pessoas de outros municípios para esta cidade.

As tabelas e gráficos a seguir procuram comparar os três municípios, o crescimento bruto da população como um todo, e o ritmo de crescimento, ou seja a evolução das taxas anuais de crescimento nos três períodos estudados.

Tabela 10: Evolução da população total dos três municípios do rio Negro

	SGC	Sta.Isab.	Barcelos	total
1970	13.420	3.646	9.628	26.694
1980	19.578	4.981	9.088	33.647
1991	23.140	15.421	11.035	49.596
1996	26.992	12.121	16.065	55.178
2000	29.947	10.561	24.197	64.705

fonte: IBGE, Censos demográficos de 1970, 1980, 1991 e 2000 e contagem populacional de 1996

Gráfico 7: Evolução da população total dos três municípios do rio Negro

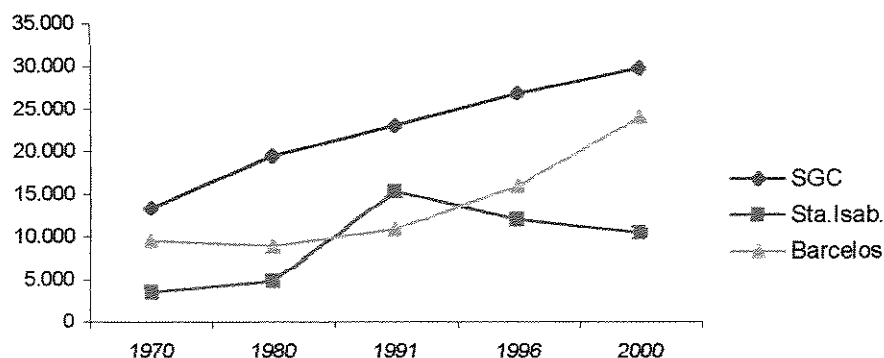


Tabela 11: Evolução das taxas anuais de crescimento da população dos três municípios do rio Negro

	SGC	Sta. Isab.	Barcelos
1970-1980	3,73	3,11	-0,58
1980-1991	1,52	9,30	1,76
1991-2000	2,85	-4,16	8,30

fonte: IBGE, Censos demográficos de 1970, 1980, 1991 e 2000 e contagem populacional de 1996

Gráfico 8: Evolução das taxas anuais de crescimento dos três municípios do rio Negro



Comparando-se os três municípios pode se observar que tanto São Gabriel da Cachoeira quanto Barcelos cresceram nestes últimos 30 anos, sendo que o ritmo de crescimento observado em Barcelos só tendeu a aumentar, e o ritmo de crescimento observado para São Gabriel da Cachoeira caiu no período de 1980 para 1991 e aumentou nos últimos 9 anos. Santa Isabel teve um crescimento muito acelerado no primeiro período observado, de 1970 a 1980, e teve uma perda de população de quase 2.000 pessoas no último período, ou seja, um crescimento negativo.

2.3.2. Evolução da população das comunidades indígenas nos últimos 10 anos

O objetivo deste item é fazer um balanço da população residente nas comunidades das terras indígenas demarcadas, incluindo aquelas localizadas no município de São Gabriel da Cachoeira e também as poucas comunidades, sobre as quais dispomos de dados, de Santa Isabel. Foram incluídas as informações sobre as comunidades do Alto Rio Negro, incluindo a população indígena de Cucuí, pequeno centro urbano que faz fronteira com a Venezuela, e da sua margem esquerda, apesar de não estarem com suas terras demarcadas. Não foram consideradas as informações disponíveis sobre as áreas urbanas dos

municípios, mas incluiu-se aqui as informações para os outros centros missionários localizados nas terras indígenas demarcadas. A única informação disponível a partir da qual seria possível traçar um panorama da evolução desta população foi o número total de pessoas por comunidade. Não nos foi possível encontrar outras variáveis, como etnia, sexo e idade, nas outras fontes de dados disponíveis para este período. O trabalho de atualização das informações populacionais foi feito através de um projeto executado pela FOIRN em parceria com o Instituto Socioambiental – ISA –, em 2002, “Macrozoneamento participativo das Terras Indígenas do Alto Rio Negro”, financiado pela Secretaria da Amazônia do Ministério do Meio Ambiente. Neste projeto, que coletou as informações recentes sobre estimativas de população total por comunidade, o trabalho foi feito de diferentes formas: a) através das informações de moradores indígenas dos rios que, em conversas com a equipe do projeto na cidade de São Gabriel, e olhando o mapa com as comunidades localizadas, informaram a estimativa da população atual de cada uma; b) através de viagens feitas pela equipe do projeto, nas quais os moradores iam informando a população atual de cada uma das comunidades; c) através da compilação dos dados de população de 2002 gerados pelas diferentes equipes do Distrito Sanitário Especial Indígena do Rio Negro da Fundação Nacional de Saúde – FUNASA – do Ministério da Saúde.

Esses dados de população foram coletados por trecho de rio e posteriormente incluídos numa planilha onde já constavam os dados de população das comunidades indígenas desta região gerados por dois diferentes bancos de dados do ISA. O primeiro foi elaborado durante os anos de 1992 a 1995, durante o processo de luta pela demarcação das terras indígenas, e considerou as informações do CIARN para algumas comunidades, gerando informações para as outras comunidades de todos os trechos de rios da região, através de viagens da equipe do ISA feitas com esse objetivo. As informações do CIARN utilizadas para efeito desta primeira integração entre estes dois bancos de dados foram a tabulação da população total por comunidade e os nomes, códigos e localização de cada uma das comunidades recenseadas; foram excluídas as informações sobre o centro urbano de São Gabriel da Cachoeira. Este banco de dados é o que

tem a maior cobertura, contendo cerca de 600 comunidades cadastradas e identificadas.

O outro banco de dados existente no ISA foi estruturado em 1997, na época da demarcação física das terras indígenas, através das viagens feitas por equipes técnicas para a coleta das informações para cada rio da região. Foi elaborado um questionário bastante complexo, com informações sobre a comunidade, seu perímetro de abrangência, tempo de existência, população total, produtividade e infra-estrutura de educação e saúde. Este último banco de dados identificou e coletou informações de cerca de 300 comunidades em todos os rios da região. Estes dois bancos de dados do ISA não possuem informações sobre população por sexo, idade e etnia para cada comunidade, apenas o número da população total de cada uma e outras informações sócio-econômicas sobre a própria comunidade, sítio ou povoado. Para efeito desta análise recuperamos as informações da população total de cada comunidade em 1992 do CIARN, do banco de dados do ISA de 1996 (com informações datadas de 1992 a 1995) do banco de dados do ISA de 1997 (com informações datadas deste ano) e da atualização feita em 2002 por este projeto de macrozoneamento.

A partir das 600 comunidades cadastradas e identificadas pelo banco de dados do ISA de 1996, que tem a maior cobertura, ou seja, que tem o registro mais completo com os nomes e a localização de cada uma das comunidades, foram feitas análises por sub-regiões, divididas de acordo com os bancos de dados do ISA. As informações utilizadas dos dois bancos de dados do ISA e dos resultados do projeto do macrozoneamento, foram os nomes e códigos das comunidades e suas localizações por rio, a população total estimada, tempo de existência das comunidades e situação atual, ou seja, se está abandonada ou se é nova. As informações datadas como 1996 nas tabelas abaixo têm como fontes primárias ou o CIARN, que é de 1992, ou viagens feitas em 1995 ou 1996. Do CIARN foram utilizadas as informações sobre os nomes das comunidades, suas localizações e população total. Todas as tabelas deste item têm sua fonte como os bancos de dados do ISA, pois todas as informações das demais fontes encontram-se atualmente lá cadastradas.

Das 600 comunidades do banco de dados do ISA, entre 1996 e 2002, 123 delas deixaram de existir; 211 comunidades perderam população, isto é, o número total de habitantes diminuiu; 209 comunidades ganharam população, ou seja, aumentou o número total de habitantes; e surgiram 57 novas comunidades, fundadas no período de 1997 (ano do penúltimo levantamento) a 2002. Tendo como critério que 600 comunidades seria o nosso universo, a proporção ficaria desta maneira: 34% das comunidades perderam população e 35% ganharam população, mas 21% das comunidades deixaram de existir e apenas 10% dessas 600 comunidades são novas. Em termos do volume total de população de todas as comunidades, houve um pequeno crescimento, mas muitos rios e trechos de rios tiveram uma queda na população total, indicando uma possível migração em direção aos centros missionários.

Tabelas 12 e 13: Evolução da população total das comunidades da região do Alto Rio Negro e evolução da situação populacional das comunidades cadastradas no banco de dados do ISA

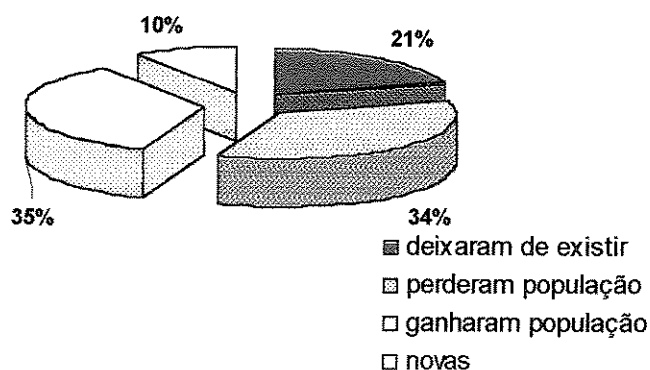
População total	
ano	população
1.996	18684
2.002	18966
saldo	282

fonte: bancos de dados do ISA

Total das comunidades	
deixaram de existir	123
perderam população	211
ganharam população	209
novas	57
total	600

fonte: bancos de dados do ISA

Gráfico 9: Evolução da situação populacional das comunidades cadastradas no banco de dados do ISA



A seguir foram feitas algumas análises por rio ou trecho de rio³, verificando-se em quais sub-regiões a população está crescendo, ou as comunidades estão mais estáveis, e onde a população está diminuindo e as comunidades deixando de existir.

1. Rio Xié (ver Apêndice 7, mapa 1): Esse rio é habitado tradicionalmente pelas comunidades dos povos werekena e baré. Das 35 comunidades que estão cadastradas e identificadas no banco de dados do ISA de 1996, 15 deixaram de existir, 4 são novas (surgidas nos últimos 4 anos), 10 tiveram um incremento populacional e 6 tiveram uma queda no volume total de sua população, no período que vai desde o CIARN em 1992 até o último levantamento, feito pela FUNASA, em 2002. Se considerarmos as novas comunidades, somadas àquelas que tiveram um aumento populacional, teremos 14 comunidades que estão ganhando população, enquanto 21 comunidades ou deixaram de existir ou estão perdendo população. Das comunidades que deixaram de existir nenhuma era antiga, ou seja, existente há mais de 20 anos. Dentre as comunidades antigas, a maioria ganhou população, apenas Yoco e Nazaré perderam população. Portanto, nesse rio a antiguidade das comunidades parece indicar uma certa estabilidade de ocupação. **A população total deste rio em 1996 era de 793 pessoas e em 2002, de acordo com os dados da FUNASA, era de 716 pessoas. O saldo é, portanto, negativo em 77 pessoas, com uma perda de 9,7%.** A população tem diminuído, possivelmente devido à migração para os centros urbanos como São Gabriel da Cachoeira.

³ A sub-divisão da área em trechos de rios neste capítulo segue a lógica dos bancos de dados do ISA, os trechos de rios são menores do que a sub-divisão feita por mim para as análises demográficas dos capítulos 3 e 4. Além disso, nas análises deste item as comunidades *maku* são analisadas separadamente, por se tratarem de um caso específico, visto não terem grandes aglomerados populacionais. A relação dessa sub-divisão com aquela feita por mim, está detalhada no capítulo 3.

Tabela 14: Balanço da situação das comunidades do rio Xié, 1996 – 2002

Comunidades do rio Xié	
deixaram de existir	15
perderam população	6
ganharam população	10
novas	4
total	35

fonte: ISA, bancos de dados de 1996, 1997 e 2002

Gráfico 10: Proporção das comunidades do Xié por situação atual

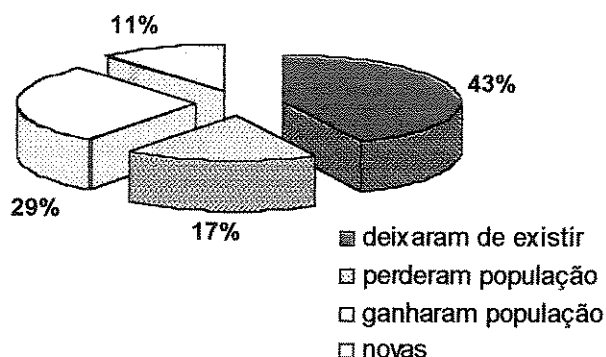


Tabela 15: População total em 1996 (inf. de 1992 a 1995) e 2002 do rio Xié

população total do rio Xié	
1996	793
2002	716
saldo	-77

fonte: ISA, bancos de dados de 1996, 1997 e 2002

2. Rio Negro Acima (ver Apêndice 7, mapa 1): São as comunidades situadas da boca do rio Içana até Cucuí, na fronteira com a Venezuela e Colômbia. Das 112 comunidades cadastradas e identificadas, 35 delas, com uma população total de 267 pessoas, deixaram de existir nesse último período de 1997 até 2002; 38 comunidades perderam população, caindo de 1.687 em 1996 para 1.021 pessoas em 2002; 32 comunidades ganharam população, passando de um total de 453 pessoas em 1996 para 777 pessoas em 2002; e surgiram 8 comunidades novas

com um total de 107 pessoas. A população total em 1996 era de 2.407 pessoas, e em 2002 a população total deste trecho de rio passa a ser de 1.905 pessoas. Portanto essa sub-região perdeu 502 pessoas no período de 1996 a 2002, uma perda de 20,9% de população. Da mesma maneira que nas outras sub-regiões, seria preciso fazermos uma análise mais detalhada para verificar que tipo de migração está ocorrendo, o que não é possível com os dados disponíveis.

Tabela 16: Balanço da situação das comunidades do rio Negro Acima, 1996 - 2002

Comunidades do rio Negro Acima	
deixaram de existir	35
perderam população	38
ganharam população	32
novas	8
total	113

fonte: ISA, bancos de dados de 1996, 1997 e 2002

Gráfico 11: Proporção das comunidades do Negro Acima por situação atual

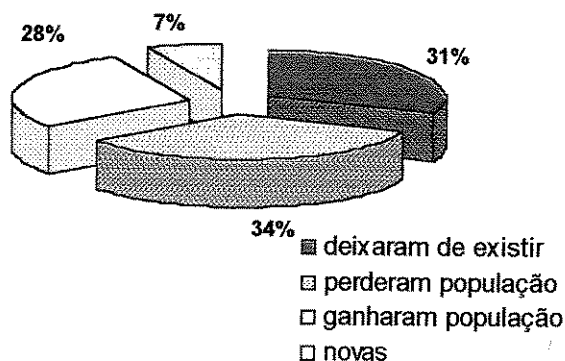


Tabela 17: População total em 1996 (inf. de 1992 a 1995) e 2002 do rio Negro Acima

população total do rio Negro Acima	
1996	2.407
2002	1.905
saldo	-502

fonte: ISA, bancos de dados de 1996, 1997 e 2002

3. Rio Negro Médio (ver Apêndice 7, mapa 1): São as comunidades existentes no trecho do rio Negro que vai desde a boca do Içana até a cidade de Santa Isabel. Das 172 comunidades cadastradas, 40 deixaram de existir e 59 perderam população; 44 ganharam população e 29 comunidades novas surgiram nesse período. **A população total em 1996 era de 2.855 e em 2002 de 2.473. Este trecho de rio perdeu nesse período o total de 382 pessoas, significando um decréscimo de 13,4%.** Nesse trecho de rio situa-se a cidade de São Gabriel da Cachoeira, para onde um número considerável de pessoas oriundas das comunidades das terras indígenas demarcadas pode ter migrado, o que possivelmente foi o caso desta região, visto sua proximidade em relação a este centro urbano.

Tabela 18: Balanço da situação das comunidades do rio Negro Médio, 1996 - 2002

Comunidades do rio Negro Médio	
deixaram de existir	40
perderam população	59
ganharam população	44
novas	29
total	172

fonte: ISA, bancos de dados de 1996, 1997 e 2002

Gráfico 12: Proporção das comunidades do Negro Médio por situação atual

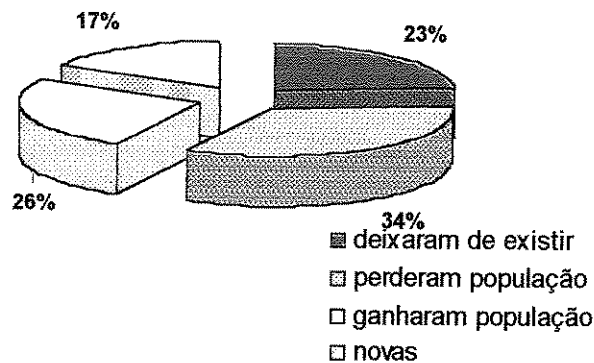


Tabela 19: População total em 1996 (inf. de 1992 a 1995) e 2002 do rio Negro Médio

população total do rio Negro Médio	
1996	2.855
2002	2.473
saldo	-382

fonte: ISA, bancos de dados de 1996, 1997 e 2002

4. Rio Uaupés Acima (ver Apêndice 7, mapa 1): São as comunidades habitantes do rio Uaupés, desde a boca do rio Papuri, excluindo-se o povoado de Iauareté Centro, até a comunidade de Querari, última comunidade existente no lado brasileiro ao norte de Iauareté, na fronteira com a Colômbia. Das 28 comunidades identificadas, 8 deixaram de existir e 18 perderam população nesse período de 1996 a 2002; 5 ganharam população e 3 novas comunidades foram criadas. **O total de população em 1996 era de 976 e em 2002 era de 787, indicando um saldo negativo de 189 pessoas. Proporcionalmente houve uma perda de 19,4%.** Provavelmente houve uma grande migração em direção a Iauareté Centro, que cresceu no período mais de 100% , como poderá ser visto adiante.

Tabela 20: Balanço da situação das comunidades do rio Uaupés Acima, 1996 – 2002

Comunidades do rio Uaupés Acima	
deixaram de existir	2
perderam população	18
ganharam população	5
novas	3
total	28

fonte: ISA, bancos de dados de 1996, 1997 e 2002

Gráfico 13: Proporção das comunidades do Uaupés Acima por situação atual

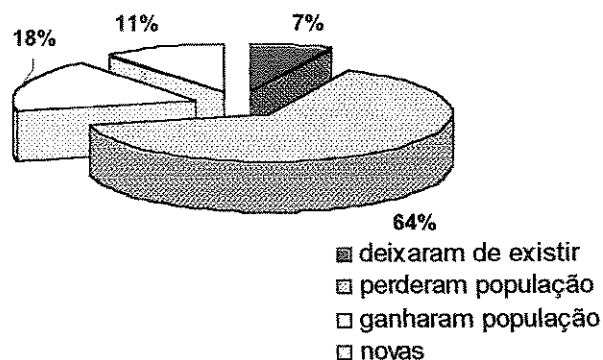


Tabela 21: População total em 1996 (inf. de 1992 a 1995) e 2002 do rio Uaupés Acima

população total do rio Uaupés Acima	
1996	976
2002	787
saldo	-189

fonte: ISA, bancos de dados de 1996, 1997 e 2002

5. Rio Uaupés Médio (ver Apêndice 7, mapa 1): São as comunidades do rio Uaupés localizadas desde Iauareté Centro (inclusive) até a comunidade de

Urubucuara (inclusive) onde se situa a grande cachoeira de Ipanoré. Das 23 comunidades identificadas nesse trecho de rio, nenhuma deixou de existir, 14 perderam população, 6 tiveram sua população aumentada (incluindo Iauareté Centro) e surgiram 3 comunidades novas neste período. **O total de população em 1996 era de 1.898 e em 2002 era de 2.992; houve um aumento de 1.094 pessoas neste trecho de rio, ou 57,6%.** Esse aumento significativo desse trecho de rio é o único grande aumento populacional de toda a região. Este incremento demográfico encontra-se concentrado em Iauareté Centro, um povoado originado de uma missão salesiana, fundada em 1929, sendo hoje em dia considerado por muitos como um centro urbano, composto de 12 bairros/comunidades diferentes. **Iauareté Centro passou de 1.167 pessoas em 1996 para 2.328 pessoas em 2002, tendo crescido mais de 100% no período.**

Tabela 22: Balanço da situação das comunidades do rio Uaupés Médio, 1996 - 2002

Comunidades do rio Uaupés Médio	
deixaram de existir	0
perderam população	14
ganharam população	6
novas	3
total	23

fonte: ISA, bancos de dados de 1996, 1997 e 2002

Gráfico 14: Proporção das comunidades do Uaupés Médio por situação atual

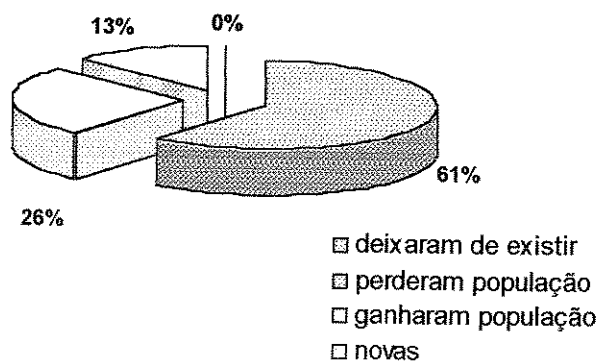


Tabela 23: População total em 1996 (inf. de 1992 a 1995) e 2002 do rio Uaupés Médio

população total do rio Uaupés Médio	
1996	1.898
2002	2.992
saldo	1.094

fonte: ISA, bancos de dados de 1996, 1997 e 2002

6. Rio Uaupés Baixo (ver Apêndice 7, mapa 1): São as comunidades existentes no rio Uaupés no trecho que vai desde a comunidade de Ipanoré, abaixo da cachoeira do mesmo nome, até a sua confluência com o rio Negro, na região logo antes da Ilha das Flores. Os povos que moram nessas comunidades são os de línguas *tukano*, ou são Baré. Nesse trecho de rio localiza-se um outro centro missionário denominado Taracuá, fundado em 1923 pelos salesianos, que teve sua população aumentada de 318 para 353 pessoas, no período. Do total de 28 comunidades identificadas e cadastradas neste trecho de rio, 12 deixaram de existir, 11 perderam população e 5 ganharam população, não tendo sido criada nenhuma comunidade nova neste período. Junto com o rio Xié, foi o trecho de rio que teve um número grande de comunidades que deixaram de existir, 43%, e nenhuma comunidade nova foi criada. **O total de população de 985 pessoas em 1996, passou para 838 pessoas em 2002, tendo um saldo negativo de 147 pessoas, significando uma perda de 14,9%.** A perda populacional não foi tão expressiva como no caso do rio Negro Acima, região bastante populosa, mas que perdeu mais de 20% de sua população neste período. Contudo, o número de comunidades que deixou de existir ou que perdeu população mostra que essa é uma região onde está ocorrendo uma migração possivelmente em direção a Iauareté ou à cidade de São Gabriel da Cachoeira.

Tabela 24: Balanço da situação das comunidades do rio Uaupés Baixo, 1996 - 2002

Comunidades do rio Uaupés Baixo	
deixaram de existir	12
perderam população	11
ganharam população	5
novas	0
total	28

fonte: ISA, bancos de dados de 1996, 1997 e 2002

Gráfico 15: Proporção das comunidades do Uaupés Baixo por situação atual

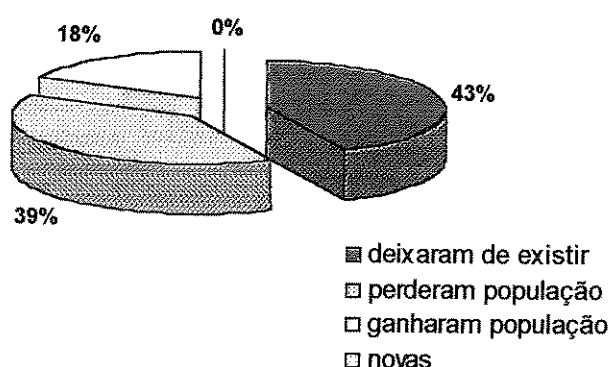


Tabela 25: População total em 1996 (inf. de 1992 a 1995) e 2002 do rio Uaupés Baixo

população total do rio Uaupés Baixo	
1996	985
2002	838
saldo	-147

fonte: ISA, bancos de dados de 1996, 1997 e 2002

7. Comunidades *Maku* (ver Apêndice 7, mapa 1): As comunidades dos povos falantes de línguas *maku* foram identificadas independentemente dos diferentes trechos de rios onde se situam, sejam no rio Tiquié, na região que fica entre esse rio e o Papuri, e entre esses dois rios e o trecho do Uaupés Baixo. São povos que

habitam as cabeceiras dos rios e os igarapés afluentes, caracterizando-se por serem caçadores e coletores, e por terem um regime de colaboração temporária com os povos falantes de línguas *tukano*⁴. Do total de 25 comunidades identificadas e cadastradas 4 deixaram de existir, 8 perderam população, 13 ganharam população e nenhuma comunidade nova surgiu nesse período. Mas seria preciso um outro tipo de análise específica para esse caso, pois esses povos vivem em acampamentos temporários, e não se caracterizam por estabelecer comunidades estáveis como os povos de línguas *tukano* (Pozzobon, 1991). **Portanto, esta análise que toma como critérios comunidades mais estáveis está somente parcialmente correta para os povos *makú*. Tem por finalidade fazer um breve balanço da população que pode ser identificada em 2002. O total de população contada em 1996, de 1.456 pessoas, passou para 1.427 pessoas em 2002, tendo um decréscimo de 29 pessoas, ou uma perda de 2%.** Muito provavelmente os índios *makú* não puderam ser contabilizados corretamente, face a seu constante deslocamento geográfico e a dificuldade de se encontrar informantes para localizá-los e informar o número de cada acampamento ou comunidade durante o ano de 2002.

Tabela 26: Balanço da situação das comunidades *Makú*, 1996 – 2002

Comunidades Makú	
deixaram de existir	4
perderam população	8
ganharam população	13
novas	0
total	25

fonte: ISA, bancos de dados de 1996, 1997 e 2002

⁴ As relações entre os povos *tukano* e os *Makú* dizem respeito a um regime de trocas de bens e serviços, sendo que os *tukano* consideram os *Makú* como empregados ou servos no sistema de hierarquias entre os grupos lingüísticos e sibs. Temporariamente os *makú* ficam acampados próximos de comunidades *tukano*, ou em suas roças, prestando alguns serviços em troca de bens alimentares ou não.

Gráfico 16: Proporção das comunidades *Maku* por situação atual

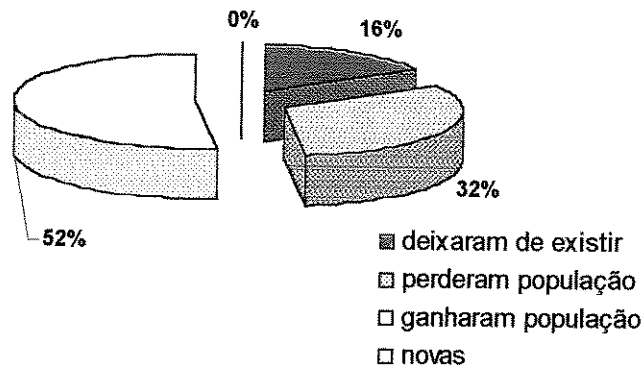


Tabela 27: População total em 1996 (inf. de 1992 a 1995) e 2002 das comunidades *maku*

população total Maku	
1996	1456
2002	1427
saldo	-29

fonte: ISA, bancos de dados de 1996, 1997 e 2002

8. Rio Tiquié (ver Apêndice 7, mapa 1): Comunidades localizadas nesse rio desde sua foz no Uaupés, na região do Uaupés Baixo, até a fronteira com a Colômbia. São comunidades habitadas pelos Tuyuka, Tukano, Desana, e outros povos falantes de línguas *tukano*. Do total de 59 comunidades identificadas e cadastradas, excluídas as comunidades *maku*, 5 deixaram de existir, 24 perderam população, 28 ganharam população e duas novas comunidades surgiram nesse período. Esse rio é um dos mais populosos da região, principalmente no seu médio e alto curso, próximo à fronteira, e é onde está localizado um outro centro missionário denominado Pari Cachoeira, fundado em 1940 também pelos salesianos. **O total de população em 1996 era de 2.355 pessoas, e em 2002 de 2.316 pessoas, tendo portanto perdido 39 pessoas, ou 1,6%.** Considerando o total da população e também o número de comunidades que deixaram de existir

ou perderam população, foi este rio e também os rios Içana e Aiari, habitados pelos povos baniwa e coripaco, (ver análises abaixo) que menos tiveram sua população deslocada para os centros urbanos.

Tabela 28: Balanço da situação das comunidades do rio Tiquié

Comunidades do rio Tiquié	
deixaram de existir	5
perderam população	24
ganharam população	28
novas	2
total	59

fonte: ISA, bancos de dados de 1996, 1997 e 2002

Gráfico 17: Proporção das comunidades do rio Tiquié por situação atual

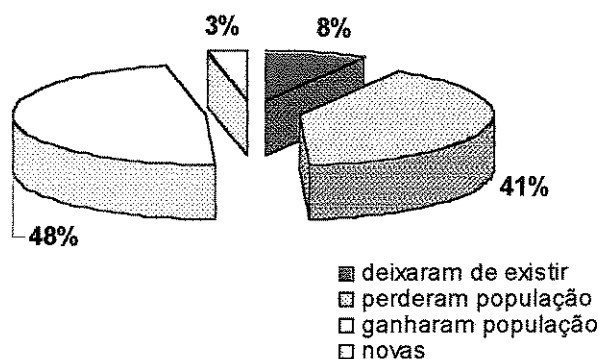


Tabela 29: População total em 1996 (inf. de 1992 a 1995) e 2002 das comunidades do rio Tiquié

população total do rio Tiquié	
1996	2.355
2002	2.316
saldo	-39

fonte: ISA, bancos de dados de 1996, 1997 e 2002

9. Rio Papuri (ver Apêndice 7, mapa 1): São as comunidades situadas nesse rio, desde sua foz no Uaupés, na região de Iauareté Centro, até a fronteira com a Colômbia. Esse rio é tradicionalmente habitado pelos povos desana, pira-tapuya, tukano e algumas comunidades tariana próximas à sua foz. Do total de 23

comunidades identificadas e cadastradas, 6 deixaram de existir, 10 perderam população, 6 ganharam população e uma nova comunidade surgiu nesse período. **O total de população em 1996 era de 819 pessoas e em 2002 era de 557 pessoas. Este rio perdeu 262 pessoas do lado brasileiro, o que significa 31%.** Essa população possivelmente migrou em direção a Iauareté Centro, ou para a cidade de S. Gabriel.

Tabela 30: Balanço da situação das comunidades do rio Papuri

Comunidades do rio Papuri	
deixaram de existir	6
perderam população	10
ganharam população	6
novas	1
total	23

fonte: ISA, bancos de dados de 1996, 1997 e 2002

Gráfico 18: Proporção das comunidades do rio Papuri por situação atual

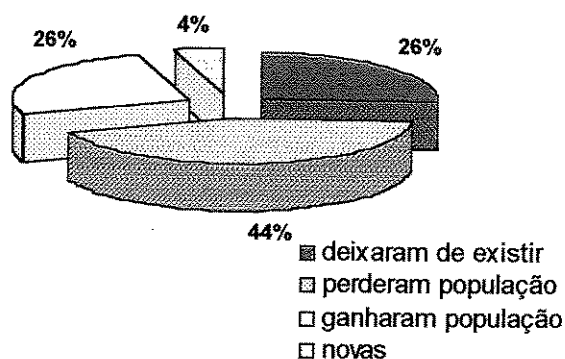


Tabela 31: População total em 1996 (inf. de 1992 a 1995) e 2002 das comunidades do rio Papuri

população total do rio Papuri	
1996	819
2002	557
saldo	-262

fonte: ISA, bancos de dados de 1996, 1997 e 2002

10. Rio Aiari (ver Apêndice 7, mapa 1): são as comunidades localizadas nesse rio, desde sua foz no Içana até suas cabeceiras. São habitadas pelos povos baniwa, com algumas pessoas de línguas *tukano* que eventualmente se casam com os Baniwa. Do total de 28 comunidades cadastradas e identificadas, 2 deixaram de existir, 8 perderam população e 18 ganharam população; nenhuma nova comunidade surgiu nesse período. **A população em 1996 era de 962 pessoas e em 2002 era de 1073 pessoas, tendo havido, portanto, um crescimento na população total de 111 pessoas, ou seja de 11,5%.** Junto com o rio Uaupés Médio, onde está localizado Iauareté, e com o rio Içana, é o rio que teve sua população aumentada, e de onde partiu, provavelmente, um menor número de pessoas em direção a qualquer centro urbano.

Tabela 32: Balanço da situação das comunidades do rio Aiari, 1996 – 2002

Comunidades do rio Aiari	
deixaram de existir	2
perderam população	8
ganharam população	18
novas	0
total	28

fonte: ISA, bancos de dados de 1996, 1997 e 2002

Gráfico 19: Proporção das comunidades do rio Aiari por situação atual

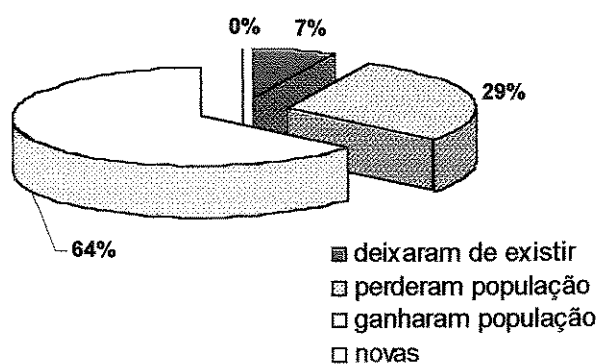


Tabela 33: População total em 1996 (inf. de 1992 a 1995) e 2002 das comunidades do rio Aiari

população total do rio Aiari	
1996	962
2002	1073
saldo	111

fonte: ISA, bancos de dados de 1996, 1997 e 2002

11. Rio Içana Baixo (ver Apêndice 7, mapa 1): São as comunidades localizadas no trecho do rio Içana que vai desde a comunidade de Juivitera até sua foz no rio Negro e no rio Cuiari, desde sua foz no Içana até a fronteira com a Colômbia. São comunidades habitadas pelos Baniwa, ocasionalmente pelos Baré e Coripaco. Do total de 40 comunidades identificadas e cadastradas, 2 deixaram de existir, 11 perderam população, 21 ganharam população e 6 novas comunidades surgiram nesse período. **A população em 1996 era de 1.889 pessoas e em 2002 era de 2.329 pessoas, com um acréscimo de 440 pessoas, ou 23,3%.** Todo o rio Içana, Aiari e o trecho do rio Uaupés Médio tiveram um aumento de população nesse período, possivelmente devido ao crescimento vegetativo. Se desconsiderarmos o Uaupés Médio – onde o centro urbano de Iauareté é responsável pelo crescimento populacional, o que é excepcional – o trecho do rio Içana Baixo foi o que mais cresceu em toda a região, nesse período.

Tabela 34: Balanço da situação das comunidades do rio Içana Baixo, 1996 – 2002

Comunidades do rio Içana Baixo	
deixaram de existir	2
perderam população	11
ganharam população	21
novas	6
total	40

fonte: ISA, bancos de dados de 1996, 1997 e 2002

Gráfico 20: Proporção das comunidades do rio Içana Baixo por situação atual

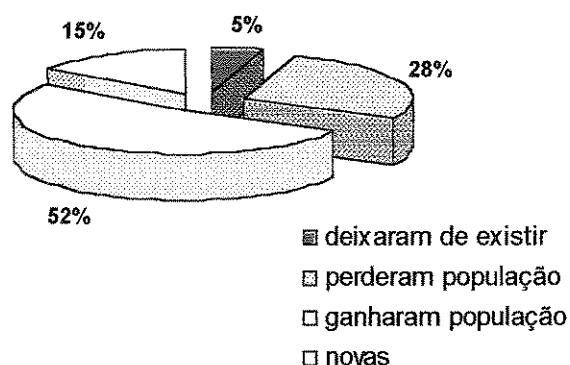


Tabela 35: População total em 1996 (inf. de 1992 a 1995) e 2002 das comunidades do rio Içana Baixo

população total do rio Içana Baixo	
1996	1.889
2002	2.329
saldo	440

fonte: ISA, bancos de dados de 1996, 1997 e 2002

12. Rio Içana Alto (ver Apêndice 7, mapa 1): São as comunidades localizadas desde Juivitera, subindo o rio, logo após a foz do Aiari, até a fronteira com a Colômbia, habitadas pelos Baniwa e pelos Coripaco. Do total de 26 comunidades identificadas e cadastradas, nenhuma deixou de existir, 4 perderam população, 21 ganharam população e surgiu uma nova comunidade nesse período. É o trecho de rio que teve uma maior proporção de comunidades que cresceram, e onde nenhuma deixou de existir e ainda assim uma nova comunidade foi criada. **O total de população em 1996 era de 1.289 pessoas crescendo em 2002 para 1.553 pessoas. Houve portanto um aumento de 264 pessoas, com um acréscimo de 20,4 %.** Junto com o Içana Baixo foi o trecho de rio que teve sua população aumentada numa proporção maior do que as outras sub-regiões e uma menor proporção de comunidades que deixaram de existir.

Tabela 36: Balanço da situação das comunidades do rio Içana Alto, 1996 – 2002

Comunidades do rio Içana Alto	
deixaram de existir	0
perderam população	4
ganharam população	21
novas	1
total	26

fonte: ISA, bancos de dados de 1996, 1997 e 2002

Gráfico 21: Proporção das comunidades do rio Içana Alto por situação atual

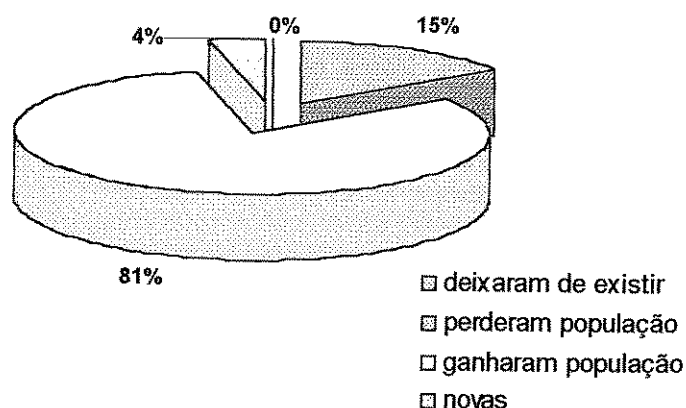


Tabela 37: População total em 1996 (inf. de 1992 a 1995) e 2002 das comunidades do rio Içana Alto

população total do rio Içana Alto	
1996	1.289
2002	1.553
saldo	264

fonte: ISA, bancos de dados de 1996, 1997 e 2002

As regiões dos rios Içana, Aiari e Cuiari foram as que mais tiveram sua população aumentada neste período de 1996 até 2002, de todas as 94 comunidades aí localizadas, 60 ganharam população e 7 novas comunidades surgiram; 23 comunidades perderam população e apenas 4 deixaram de existir. A

população total dessa área era de 4.130 pessoas entre 1992 e 1996, passando para 4.955 pessoas em 2002.

A região ocupada tradicionalmente pelos povos *tukano*, que nestas análises são os trechos do rio Uaupés (Acima, Médio e Baixo) e rios Tiquié e Papuri (trechos de número 4, 5, 6, 8 e 9 respectivamente), teve sua população aumentada de 7.033 pessoas entre os anos 1992 e 1996 para 7.490 pessoas em 2002. Mas, nessa região o único trecho de rio que teve realmente um aumento populacional foi o Uaupés Médio, onde está situado o centro missionário/urbano de Iauareté responsável pelo crescimento total de população nesta área toda. Os outros trechos de rios perderam população, sendo que o rio Tiquié é o que proporcionalmente menos perde população. Em termos gerais o rio Papuri e o trecho do Uaupés Acima são as regiões onde mais comunidades perderam população ou deixaram de existir. Das 164 comunidades cadastradas nestes dois trechos de rios, 77 perderam população e 25 deixaram de existir; 50 comunidades ganharam população e 9 novas comunidades foram criadas. No rio Tiquié a população caiu proporcionalmente menos do que nos outros trechos.

Os trechos do rio Negro e o rio Xié são ocupados tradicionalmente pelos Baré e Werekena, sendo que no rio Negro na altura da cidade de São Gabriel da Cachoeira e abaixo da mesma é uma região para onde se deslocam os povos *tukano*, e os Baniwa e Baré. Nas análises feitas acima, essa região se refere aos trechos do rio Negro (Acima e Médio) e ao rio Xié. De uma maneira geral essa região perdeu população, passando de 6.055 entre os anos de 1992/96 para 5.094 pessoas em 2002, tendo perdido uma população de 961 pessoas.

Nesta última década, portanto, a população das comunidades de toda a região teve apenas um leve crescimento, sendo que 55% das comunidades ou perderam população ou deixaram de existir. Este fato nos faz supor que essa população tem se deslocado para as áreas urbanas, o que pode-se confirmar com as análises do município de São Gabriel da Cachoeira. Para este mesmo período de 1991-2000, o município teve sua população urbana aumentada em 5.538 pessoas, passando de 6.835 para 12.373 (fonte: censos IBGE). A população rural, ao contrário, teve somente um aumento de 1.269 pessoas, passando de 16.305

para 17.574 (ver tabelas 1 e 2 deste capítulo). Proporcionalmente a população urbana tem aumentado em detrimento da população rural (ver gráfico 2).

Este fenômeno da urbanização tem ocorrido nas últimas décadas nos três municípios do rio Negro. Apesar de não dispormos aqui de informações sobre a população indígena residente na cidade de São Gabriel da Cachoeira em todo este período, estamos supondo que parte deste crescimento urbano se deve ao deslocamento da população indígena em direção à cidade. Seria necessário fazermos as análises sobre os níveis de mortalidade para termos certeza deste fenômeno. Esta suposição se baseia nas análises feitas acima, e no fato de que nestes últimos dez anos tenham surgido novos bairros indígenas nesta cidade.

Capítulo 3: O Censo Indígena Autônomo do Rio Negro

3.1. O projeto da FOIRN com o CIARN

3.2. A cobertura do censo e as cinco sub-regiões estudadas

3.3. Variáveis utilizadas nesta pesquisa

3.4. Resultados totais e por etnia

3.4.1. Perfil etário por etnia

3.5. Perfil etário e razão de sexo das cinco sub-regiões

3.5.1. Perfil etário, por etnia, das cinco sub-regiões

3.5.2. Razão de sexo das cinco sub-regiões

Capítulo 3: A realização do Censo Indígena Autônomo do Rio Negro em 1992

3.1. O projeto da FOIRN com o CIARN

Em 1992 a Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN) promoveu um curso sobre administração geral para todas as lideranças das associações indígenas de base filiadas, na cidade de São Gabriel da Cachoeira. Este curso foi por mim assessorado, juntamente com outra colega que também trabalhava com os professores indígenas da Amazônia. Durante as oficinas realizadas no curso, surgiu uma inquietação sobre o censo demográfico levado a efeito pelo IBGE em 1991. As lideranças presentes relataram que os recenseadores, com o apoio da FUNAI local, não tinham tido tempo de viajar para todas as comunidades desta região. Ponderavam que para fazer um levantamento demográfico detalhado teriam sido necessários mais tempo e mais recursos, pois para atingir algumas comunidades localizadas nos altos cursos dos rios da região, de voadeira (pequena canoa de alumínio, com motor de popa, capaz de ultrapassar as cachoeiras existentes em toda esta região) seriam necessários mais de 10 dias de viagem, somente para subir os rios. A preocupação maior era de que os resultados do levantamento oficial não chegariam a representar o universo da população indígena, e que essa informação era de fundamental importância para as políticas públicas e para o movimento indígena, uma vez que nesta época as estimativas eram muito contraditórias entre si¹. Como um dos principais objetivos deste curso era articular as diferentes associações indígenas, cada uma localizada em um rio, e com pouco contato entre elas, em torno dos trabalhos realizados pela FOIRN, surgiu a idéia de se fazer um projeto em conjunto, para a realização de um levantamento demográfico autônomo.

O projeto foi elaborado pelas lideranças e diretoria da FOIRN, e encaminhado para várias instituições que já apoiavam os trabalhos desta organização. Em maio desse mesmo ano este projeto foi aprovado, e uma reunião com as lideranças foi marcada para julho, para que fossem discutidas as questões relativas aos questionários a serem aplicados e escolhidos os recenseadores. A

¹ As estimativas (feitas por ongs, FUNAI ou FOIRN) variavam de 13.000 a 30.000 pessoas indígenas habitantes das comunidades do Alto Rio Negro.

assessoria ao censo foi feita por Márcio Silva e por mim, que nessa época trabalhávamos com os professores indígenas da Comissão dos Professores Indígenas do Amazonas, Roraima e Acre – COPIAR – da qual a FOIRN fazia parte. Durante o mês de junho fizemos algumas propostas de questionários, contendo informações que acreditávamos serem importantes. As propostas foram discutidas na reunião de julho desse mesmo ano, quando então as lideranças das associações, FOIRN e professores indígenas se reuniram para organizar o censo. Nesta reunião os objetivos do censo foram detalhados e ficaram assim sistematizados: a) possuir uma informação mais realista sobre o número da população total das comunidades indígenas da região; b) garantir políticas públicas adequadas ao número populacional da região, como construção de escolas, atendimento à saúde, etc; c) possibilitar o uso das informações pela FOIRN, e suas associações filiadas, no intuito de fiscalizar e ajudar a formulação de políticas para a região.

Após essa discussão sobre os objetivos do censo, os questionários foram detalhadamente analisados e discutidos pelas lideranças indígenas. A questão que dizia respeito aos sibs, ou clãs, de cada pessoa foi extraída do questionário. As lideranças presentes alegaram que essa informação não interessava ao movimento indígena como um todo, além de ser muito difícil de coletar. Além disso, havíamos sugerido perguntas sobre línguas faladas, pois sabíamos que numa região multilíngüe, e com processos escolares antigos² essa questão seria importante. Este tema foi também rejeitado, com o mesmo argumento de que seria muito difícil a coleta detalhada sobre as línguas faladas em todas as comunidades. Os questionários foram então finalizados, e foram feitos alguns testes durante esta reunião para que os recenseadores não tivessem dúvidas quanto ao seu preenchimento (ver cópia dos dois questionários aplicados no Apêndice 5). O primeiro questionário contém questões de caráter mais geral sobre cada uma das comunidades, como nome, localização, informações sobre as lideranças, (capitão, agente de saúde e professor) e sobre a infra-estrutura de educação e saúde. O

² As escolas salesianas já estavam presentes nesta região desde o início do século XX, e obrigavam os índios a escreverem e falarem somente o português.

outro questionário foi aplicado em cada uma das casas/domicílios das comunidades. Foram consideradas casas todas as construções que servem como residência, independentemente da composição do grupo doméstico. Este questionário contém questões sobre a família principal do domicílio, sobre outras pessoas que moram nessa residência e sua relação com essa família principal, e também sobre pessoas desse domicílio que saíram da comunidade.

Este último bloco de questões, sobre as pessoas que saíram do domicílio, tinha como objetivo mapear um pouco a migração em direção à cidade de São Gabriel da Cachoeira ou outros centros urbanos/missionários da região. Era uma preocupação da FOIRN saber a quantidade de pessoas que estavam se deslocando direção às cidades e entender a causa desse deslocamento, para pensar em políticas que pudessem ajudar a reverter essa situação. Esta foi uma das primeiras tabulações do CIARN que a FOIRN publicou na época de sua divulgação.

Todos os recenseadores foram então escolhidos e cada uma das associações indígenas presentes (ver lista das associações participantes do censo e dos recenseadores no Apêndice 4) ficou encarregada de cobrir uma região, ou um rio. A FOIRN ficou encarregada de fazer o levantamento nos bairros habitados por famílias indígenas da cidade de São Gabriel da Cachoeira, e de coordenar todos os trabalhos.

A etapa seguinte foi de coletar as informações; cada associação recebeu uma quantidade de gasolina, e em alguns casos uma voadeira com motor, para viajarem por sua área, parando em cada comunidade para preencher os questionários. Isto aconteceu no segundo semestre de 1992, entre os meses de setembro e dezembro. Esta etapa de campo foi supervisionada por dois antropólogos que já trabalhavam e conheciam a região, Aloísio Cabalzar, que trabalha entre os Tuyuka do rio Tiquié, e Márcio Meira, que trabalhava com os Werekena e Baré do rio Xié. Ambos conheciam bem a FOIRN, e se dispuseram a colaborar com este projeto.

No início de 1993 os questionários foram todos reunidos na sede da FOIRN, e foi contratada a JCA, empresa de Niterói/RJ, para digitação e

estruturação de um banco de dados com um programa de computador que fosse 'amigável', para que as lideranças indígenas pudessem manusear o programa e obter as informações desejadas do banco de dados. Este programa permitia o cruzamento de variáveis pré-determinadas. Cada uma dessas tabulações foi chamada de 'pesquisa'; foram preparadas pesquisas sobre os seguintes itens: **a) população**, com nove tipos de cruzamentos permitidos; **b) habitantes**, com 31 tipos de cruzamentos permitidos; **c) capitães**, com 6 tipos de cruzamentos permitidos; **d) eleitores**, com 12 tipos de cruzamentos permitidos; **e) chefes dos domicílios**, com 17 tipos de cruzamentos permitidos; **f) mulheres dos chefes**, com 17 tipos de cruzamentos permitidos; **g) mulheres grávidas**, com 10 tipos de cruzamentos permitidos; **h) filhos vivos**, com 17 tipos de cruzamentos permitidos; **i) filhos mortos**, com 25 tipos de cruzamentos permitidos; **j) outras pessoas que residem no domicílio**, com 76 tipos de cruzamentos permitidos; **k) recenseadores**, com 4 tipos de cruzamentos permitidos; **l) pessoas que saíram do domicílio**, com 12 tipos de cruzamentos permitidos; **m) povos**, com 4 tipos de cruzamentos permitidos; **n) comunidades**, com 4 tipos de cruzamentos permitidos; **o) casas**, com 5 tipos de cruzamentos permitidos; **p) educação escolar**, com 46 tipos de cruzamentos permitidos e **q) saúde**, com 38 tipos de cruzamentos permitidos. Durante o ano de 1993 os questionários foram digitados, e o programa de computador elaborado e licenciado em nome da FOIRN.

Ainda em 1993, no mês de maio, o então vice-presidente da FOIRN, Gersen dos Santos Luciano, esteve em Niterói para uma reunião com os responsáveis pela digitação e os assessores do CIARN. Nesta reunião foi feita uma padronização nos nomes dos rios, etnias, revisão de todas as comunidades recenseadas e suas localizações, bem como foram decididas as principais pesquisas ou tabulações a serem feitas a partir do programa de computador estruturado.

Em março de 1994, aproveitando uma reunião do Conselho Administrativo da FOIRN onde estariam presentes representantes de todas as associações indígenas, foi realizado o lançamento do censo, com a divulgação dos primeiros resultados (FOIRN, 1994). Nessa ocasião, foi feita uma demonstração do

funcionamento do programa do censo, e foi dado um pequeno treinamento em informática para que algumas pessoas da diretoria da FOIRN pudessem utilizar o computador, o primeiro comprado por esta organização indígena.

Ainda durante o lançamento do CIARN algumas prioridades em termos de uma demografia do Rio Negro foram definidas, além da soma total da população e da população por etnia; diziam respeito à publicação das pesquisas sobre as pessoas que saíram das comunidades. Estava muito presente a preocupação de entender o "êxodo populacional rural", que se manifestava no esvaziamento visível das comunidades e no processo de urbanização conseqüente. As sedes dos chamados distritos³ de Taracuá, Iauareté, Pari-Cachoeira, Assunção do Içana, Cucuí, assim como a sede do município, estavam crescendo em ritmo acelerado. O fechamento dos internatos acarretou o deslocamento populacional em direção a esses centros, pois as diretoras das escolas das missões, as irmãs salesianas, solicitavam às famílias indígenas que quisessem colocar seus filhos nas escolas que fossem viver nas missões, para que os filhos pudessem estudar. Com isso muitas famílias se viram obrigadas a morar nas sedes das missões ou na cidade de São Gabriel da Cachoeira. A tabulação dos resultados deste bloco de questões foi a primeira pesquisa impressa e publicada já durante o lançamento do censo, juntamente com os totais da população recenseada.

Após o lançamento do CIARN e a discussão sobre os primeiros resultados ficou claro para a diretoria da FOIRN e para algumas lideranças que deveriam investir esforços na criação e abertura de escolas nas comunidades, por ser esse um dos motivos do deslocamento das famílias indígenas em direção aos centros urbanos. Além disso, nessa ocasião foram discutidas questões relativas aos outros motivos mais freqüentes de mudanças em direção às cidades, que eram a busca por trabalho e o acesso a bens industrializados. Esse processo de urbanização pode ou não estar acontecendo com o esvaziamento das comunidades: com a possibilidade de análise dos dados do CIARN e a compatibilização dos mesmos com outras fontes foi possível estabelecer em quais

³ O município de São Gabriel da Cachoeira foi subdividido em distritos, sendo que as sedes destes foram escolhidas tendo-se como critérios a infra-estrutura existente, o que fez com que as missões salesianas se transformassem em sedes distritais, além do centro urbano de Cucuí.

rios ou sub-regiões essa migração acontece de forma mais acentuada. As lideranças da FOIRN têm tido por objetivo no médio prazo organizar projetos de alternativas econômicas, bem como redefinir os programas de educação escolar, que permitam reverter esse quadro.

Foram recenseados 362 comunidades ou povoados, sendo que os sítios com poucas famílias foram incorporados às comunidades maiores próximas, por decisão da diretoria da FOIRN na época. Todas as informações estão digitadas em duas versões: uma no antigo programa estruturado e outra em access e excel.

3.2. A cobertura do censo e as cinco sub-regiões estudadas

A avaliação sobre a cobertura do CIARN foi feita pelas associações indígenas e FOIRN quando a primeira listagem com os nomes das comunidades e suas localizações por rio foi impressa e distribuída, já no ano de 1994. Sua conclusão foi de que as calhas dos rios Uaupés, Papuri, Tiquié e Içana haviam tido uma cobertura maior do que as regiões do rio Negro, principalmente acima da foz do Içana. Muitas comunidades pequenas, de todos os rios, haviam deixado de ser pesquisadas, pois quando os recenseadores chegavam algumas famílias estavam nas roças ou em expedições de caça ou pesca, não havendo ninguém para responder aos questionários. Outro problema relatado foi a dificuldade de chegarem às regiões das cabeceiras dos rios e nos igarapés, onde a navegação se torna extremamente difícil. Por esta última razão as comunidades e acampamentos dos povos *maku* não foram totalmente recenseados. Apenas as comunidades mais estáveis, com maior tempo de contato com as missões religiosas, localizadas nos igarapés maiores, foram visitadas pelos recenseadores e puderam ser pesquisadas (ver lista das comunidades recenseadas por sub-região no Apêndice 2).

Com relação à cidade de São Gabriel da Cachoeira foram relatados problemas para explicar para as famílias indígenas a importância do CIARN, uma vez que nessa época a FOIRN tinha pouca inserção na cidade e as justificativas principais do censo diziam respeito à demarcação das terras indígenas. Calculamos que a cobertura do censo neste centro urbano foi de 30% dos

domicílios; mas na checagem feita por mim dos dados da cidade, concluí que, embora a cobertura tenha sido baixa, foi bastante representativa de todos os bairros indígenas, por isso utilizo estes dados nas análises desta tese.

A cobertura do CIARN pôde ainda ser checada a partir de uma análise minuciosa deste banco de dados relacionando-o com o material coletado pelo Instituto Socioambiental (ISA) durante os anos de 1995 e 1996. Este trabalho foi primeiramente feito pelo antropólogo Jorge Grunberg, então coordenador do Programa Rio Negro desta instituição. Durante estes anos, Jorge, juntamente com sua equipe, viajou pelos rios da região coletando informações sobre cada comunidade, sua localização e a população total, além de outras informações sobre a infra-estrutura, tempo de permanência no local, roças etc. Após este trabalho, eu realizei em 1999 uma nova checagem entre este primeiro banco de dados do ISA (de 1996), os resultados do CIARN e um segundo banco de dados que o ISA havia estruturado a partir das viagens feitas durante a demarcação física das terras indígenas, em 1997.

Com esta última etapa de trabalho pudemos obter um balanço das comunidades sobre as quais dispúnhamos de informações mais detalhadas. O primeiro banco de dados do ISA de 1996 é o que possui a maior cobertura no que diz respeito ao número de comunidades e sítios visitados, (ver capítulo 2), mas não contém informações sobre população por sexo, idade e etnia de cada pessoa, o que nos impede de fazer análises demográficas comparativas. Calculamos que para o ano de 1992 o CIARN teve uma cobertura de cerca de 80% da população indígena total, considerando as comunidades localizadas no município de São Gabriel da Cachoeira e algumas comunidades do município vizinho de Santa Isabel.

Para efeito desta tese, a região do Alto Rio Negro foi dividida em cinco diferentes sub-regiões (ver Apêndice 7 com os mapas de cada sub-região). Estas foram delimitadas segundo critérios geográficos e sociológicos. Por um lado normalmente os índios consideram os limites geográficos das diferentes bacias hidrográficas, e sua ocupação por diferentes etnias ou famílias lingüísticas, para identificar as regiões por eles articuladas através do movimento indígena e da

FOIRN; por outro existe uma identificação por eles também usada, que são os distritos municipais. Esta última subdivisão regional tem por base a delimitação das paróquias, feita pela diocese em função da localização das missões salesianas.

Para delimitar as sub-regiões considereí vários critérios, que descrevo a seguir. No caso de **lauareté** considereí a divisão geográfica da cachoeira de Ipanoré, que é um limite natural e também sociológico, usado pelo movimento indígena e pelo município, para identificar a região dos rios Papuri e Uaupés, este último no seu trecho acima da cachoeira até lauareté, e de lá até a comunidade de Querari, trecho que faz fronteira com a Colômbia. Essa região coincide com o chamado Distrito de lauareté, divisão administrativa do município. Atualmente existe uma organização indígena que coordena os trabalhos das associações locais dessa sub-região, a Coordenação das Organizações Indígenas do Distrito de lauareté – COIDI (ver no Apêndice 8 as sub-regiões e seus limites geográficos).

No caso do rio Tiquié, um dos mais populosos da região, considereí todo o trecho deste rio no território brasileiro, e mais o trecho do Uaupés, que vai desde a comunidade de Ipanoré, logo abaixo da cachoeira do mesmo nome, até sua foz, no rio Negro. O rio Tiquié normalmente é identificado como uma região que articula o movimento indígena, e este trecho do rio Uaupés poderia ser considerado uma outra região, onde está localizado o povoado/missão de Taracuá. Mas, para efeito das análises demográficas, este trecho do Uaupés tem uma população muito pequena, distribuída por cerca de 15 comunidades, para justificar uma sub-região independente. Como as etnias que estão aí localizadas são as mesmas das comunidades do rio Tiquié, com algumas exceções, optei por incluir este trecho do Uaupés na sub-região que denominei de **Tiquié/Uaupes**.

No caso da bacia do Içana, a divisão natural e a sociológica coincidem, pois os Baniwa e Coripaco se localizam principalmente no rio Içana e seus afluentes Aiari, Cuiari e Cubate⁴. No baixo rio Içana existem ainda comunidades

⁴ Algumas comunidades baniwa também se localizam no rio Negro, nos trechos que vão desde a foz do Içana até o município de Barcelos.

pertencentes ao povo baré. Esta sub-região está denominada nesta tese de **Içana**.

O rio Negro está dividido nesta tese em duas sub-regiões. O **Negro Acima**, região de ocupação tradicional dos Baré, desde Cucuí, um povoado localizado na fronteira com a Venezuela, até a região da Ilha das Flores, próximo à foz do rio Uaupés. Nesta sub-região está incluído o rio Xié, onde vivem os Werekena, outro povo da mesma família lingüística que os Baré, Baniwa e Coripaco (ver Apêndice 1 com a lista dos povos por família lingüística). O trecho do rio Negro que vai desde a foz do Uaupés até a última comunidade recenseada, já no município de Santa Isabel, ficou aqui denominado **Negro Abaixo**. É onde está situada a cidade de São Gabriel da Cachoeira, região também tradicionalmente habitada pelos Baré, mas para onde migraram muitas outras etnias, sendo hoje em dia a área com maior diversidade étnica e lingüística de toda esta região do Alto Rio Negro. Nesta sub-região estão incluídas as comunidades situadas no rio Curicuriari, um afluente deste rio cuja foz se localiza logo abaixo da cidade de S.Gabriel, e também as comunidades das ilhas até Santa Isabel.

Para efeito das análises dos tipos de casamentos, onde procurei testar as hipóteses antropológicas sobre a exogamia lingüística e a proximidade geográfica, estas cinco sub-regiões foram ainda sub-divididas por trecho de rio (ver capítulo 4).

3.3. Variáveis utilizadas nesta pesquisada

O CIARN utilizou dois questionários (ver Apêndice 5) para a coleta das informações. Para as análises feitas sobre a evolução da população das comunidades indígenas (item 2.3.2. do capítulo 2) foram utilizados os dados do questionário por comunidade, para localização e checagem das comunidades pesquisadas com relação aos outros bancos de dados do ISA. O questionário aplicado em cada domicílio possui diferentes questões sobre todo o grupo doméstico residente e sobre as pessoas relacionadas com este grupo que saíram da comunidade. Utilizei para esta pesquisa algumas variáveis deste questionário, abaixo relacionadas:

1. povoado/comunidade (código)

2. idade do chefe da casa
3. sexo do chefe da casa
4. tribo/etnia do chefe da casa
5. povoado/comunidade de nascimento do chefe (também aqui denominada 'de origem')
6. igarapé do chefe (para localização da comunidade de origem)
7. rio do chefe (para localização da comunidade de origem)
8. distrito do chefe (para localização da comunidade de origem)
9. idade da mulher
10. tribo da mulher
11. povoado/comunidade de origem da mulher
12. igarapé da mulher
13. rio da mulher
14. distrito da mulher
15. idade do filho
16. sexo do filho
17. sexo do filho que morreu
18. quando filho morreu
19. idade em que morreu
20. outras pessoas que moram na casa
21. idade outras pessoas
22. sexo outras pessoas
23. tribo outras pessoas

Em cada um dos capítulos desta tese são indicadas as variáveis utilizadas para as análises feitas.

3.4. Resultados totais e por etnia

A população total recenseada foi de **16.897 pessoas, sendo 8.799 homens e 8.098 mulheres**. Estão incluídas nesse total, 245 não índios, residentes nas sub-regiões, e assim distribuídos (ver tabelas 2 a 6 abaixo): 43 em Iauareté, 14 no Tiquié/Uaupés, 9 no Içana, 76 no Negro Acima e 103 no Negro

Abaixo. A maior parte destes não índios é formada por homens casados com mulheres indígenas, e seus filhos. Na sub-região de Iauareté a maior parte destes era residente do centro urbano do mesmo nome, aí localizado; no Negro Acima eles estão distribuídos por algumas comunidades localizadas ao norte da foz do Içana; e na região do Negro Abaixo estão localizados na cidade de São Gabriel. Esta população não índia foi incluída nas análises dos diferentes tipos de casamento (capítulo 4), por estarem casados com mulheres de algumas etnias, e nas análises do perfil etário por sub-região. Foi excluída das análises sobre estrutura etária por etnia, por não fazer sentido analisar o perfil etário somente dos não índios pesquisados pelo CIARN; e foi ainda excluída das análises de fecundidade, também por não fazer sentido analisarmos a fecundidade das poucas mulheres não índias recenseadas.

De todas as pessoas recenseadas ficaram ainda 64 pessoas cujo pertencimento étnico não pôde ser definido por serem filhos de mulheres viúvas ou por não terem este campo do questionário preenchido. Como não possuímos as informações sobre esses maridos falecidos e suas etnias, e como o pertencimento étnico é dado pela via do pai (ver capítulo 2, item 2.2.), os filhos dessas viúvas não puderam ser identificados. Todas essas pessoas estão localizadas na sub-região do Içana, no trecho de rio do Baixo Içana, abaixo do centro missionário de Assunção. Não pudemos verificar se são filhos de homens Baré, que na época do CIARN ainda poderiam ser considerados 'caboclos', ou não índios, ou se seriam filhos de índios de outras etnias. Este trecho do rio Içana é habitado por comunidades de Baniwa, Coripaco e outras etnias. Nas outras sub-regiões os recenseadores identificaram o pertencimento étnico dos filhos das viúvas.

Na tabela 1, abaixo, pode-se ver a população total por etnia, excluindo-se os 245 não índios e 64 pessoas de etnias desconhecidas.

Tabela 1: População total do Alto Rio Negro por sexo e etnia

etnia	masc.	fem.	total
AR	160	160	320
BA	20	7	27
BN	1653	1579	3232
BR	1428	1271	2699
BS	2	11	13
CA	21	27	48
CO	173	210	383
DE	783	666	1449
JU	4	8	12
KO	101	98	199
MA	650	553	1203
MI	60	60	120
MK	19	14	33
PI	448	453	901
TA	846	782	1628
TU	1516	1360	2876
TY	236	250	486
UA	272	233	505
U E	228	226	454
total	8620	7968	16588

CIARN/1992

A maior etnia da região contabilizada pelo CIARN é a Baniwa, com 3.232 pessoas, seguida pelos Tukano, com 2.876 pessoas e Baré com 2.699 pessoas. As outras etnias com mais de 1.000 pessoas são os Tariana com 1.628, os Desana com 1.449 e os *Maku* com 1.203 pessoas (estes últimos são todas as pessoas pertencentes às diferentes etnias falantes de línguas da família *maku*). Os povos tuyuka, wanana, werekena, pira-tapuya, coripaco e arapaso possuem uma população bastante considerável, sendo possível analisar seu perfil etário desconsiderando a população pertencente a estes povos residente nos outros países vizinhos. Os outros povos presentes na tabela 1, Bará, Barasana, Karapanã, Yurutí, Miriti-tapuya e Makuna, possuem uma população pequena, menos de 100 pessoas, estando representados muitas vezes somente por mulheres casadas com homens de outras etnias (ver gráficos 1 a 19 abaixo).

Para se ter uma idéia do volume total de população de cada um destes povos indígenas foi elaborada uma tabela com a população estimada de cada um deles, residentes nos três países onde estas etnias estão localizadas. Este trabalho foi feito tomando-se por base a publicação “Povos Indígenas do Alto e Médio Rio Negro” da FOIRN e ISA (FOIRN, 2000) que considerou os censos indígenas especiais feitos pela Colômbia, em 1988 e pela Venezuela, em 1982; para a população do lado brasileiro foram consideradas as informações disponíveis nos bancos de dados do ISA de 1996 e 1997, estruturado com base nos dados do CIARN, FOIRN, equipes do ISA e de saúde existentes nesta ocasião.

Tabela 2: Distribuição dos povos indígenas, no Brasil, Colômbia e Venezuela

povos indígenas	Brasil	Colômbia	Venezuela	total
Arapaso	320	0	0	320
Bará	54	296	0	350
Baniwa e Coripaco*	5000	6790	3236	15026
Baré	2790	0	1210	4000
Barasana	61	939	0	1000
Karapanã	48	412	0	460
Desana	1464	2036	0	3500
Yurutí	12	610	0	622
Kubeo	262	4238	0	4500
Maku	1214	786	0	2000
Makuna	42	528	0	570
Miriti-tapuya	120	0	0	120
Pira-tapuya	901	400	0	1301
Tariana	1628	205	0	1833
Tukano	3670	6330	0	10000
Tuyuka	530	570	0	1100
Wanana	505	1113	0	1618
Werekena	491	0	409	900

fontes: censos Colômbia (1988) e Venezuela (1982), e banco de dados ISA

* Os Baniwa no Brasil estão presentes também no município de Barcelos

Os povos indígenas estão assim distribuídos por esses três países; os Tukano, etnia majoritária entre os povos da família *tukano*, têm ainda uma população maior na Colômbia, assim como os Desana, Wanana, Makuna, Kubeo, Yurutí, Karapanã, Barasana e Bará. Outros estão localizados ainda outros povos desta mesma família lingüística, os Tatuyo, Siriano e Taiwano, estão localizados somente na Colômbia.

Os Baniwa e Coripaco (nesta tabela constando como um único povo) também possuem uma população maior do lado colombiano, e na Venezuela o contingente é Coripaco.

3.4.1. Perfil etário por etnia

A seguir foram feitos gráficos da população total por etnia e faixa etária (as tabelas relativas a estes gráficos constam do Apêndice 3). O objetivo deste trabalho foi o de verificar diferenças e semelhanças no perfil das etnias das famílias lingüísticas *tukano*, *aruak* ou *maku*.

O perfil etário de uma população nos mostra sua composição por sexo e idade, resultado do processo de sua reprodução através do tempo. A estrutura de uma determinada população pode ser mais jovem ou mais velha, e pode estar com as coortes⁵ incompletas, demonstrando possíveis deslocamentos populacionais ou mortalidade em determinados períodos de tempo.

Os gráficos (pirâmides etárias) foram elaborados tomando-se a proporção da população masculina e feminina em cada faixa etária sobre a população total, por etnia, e foram agrupados por família lingüística.

Os primeiros 8 gráficos mostram a população das etnias *tukano*, com um número maior de população, e com as coortes mais completas. Os povos tariana, wanana e arapaso têm uma proporção menor de crianças de 0 a 4 anos, e os Tuyuka são aqueles que tem uma proporção maior de crianças nesta faixa etária. De uma maneira geral, todos os povos têm uma estrutura etária com uma base larga, na forma de pirâmide, significando uma população com altas taxas de natalidade e de mortalidade. Com exceção dos Kubeo, que têm suas coortes bastante incompletas, pois a maior parte desta população encontra-se na Colômbia, todos os povos têm uma proporção maior de homens nas últimas faixas etárias, o que deve significar uma mortalidade feminina maior, já que os deslocamentos populacionais que ocorrem nesta região ou são familiares, ou são

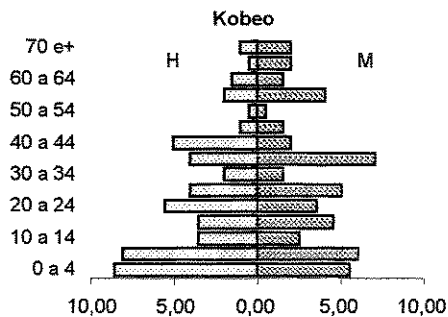
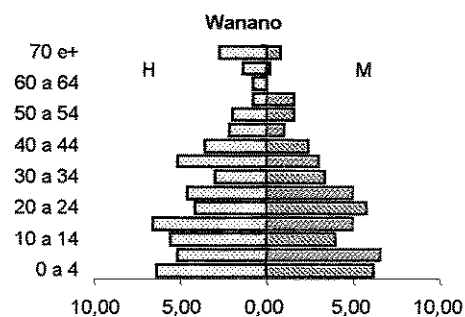
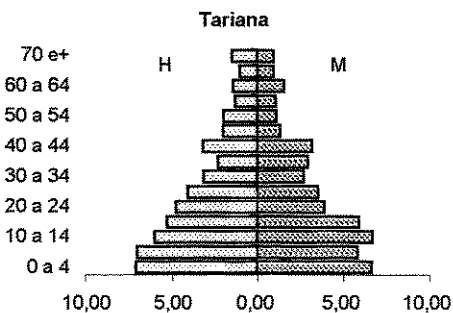
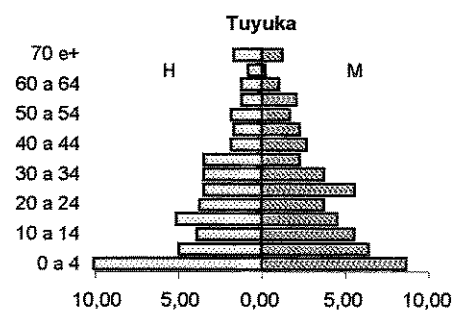
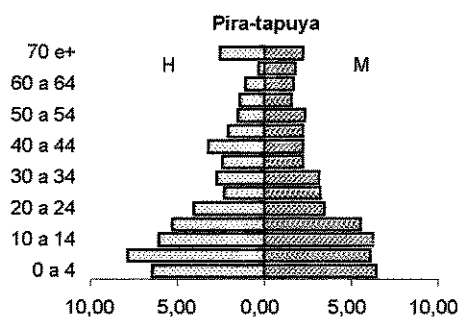
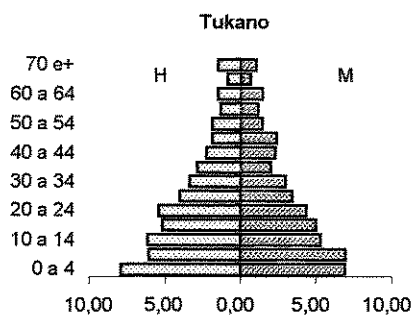
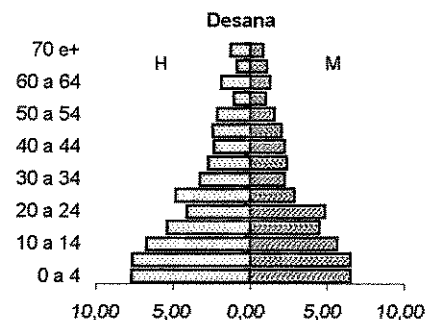
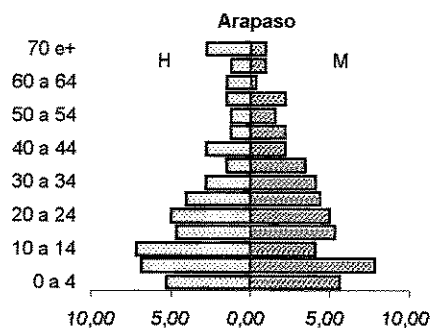
⁵ O conceito de coorte em demografia significa um grupo de pessoas nascidas em um mesmo período de tempo (geração), ou que estiveram submetidas a um mesmo evento.

dos jovens solteiros em busca de educação ou trabalho. Os Wanana têm as coortes mais incompletas, pois a maior parte deles está na Colômbia.

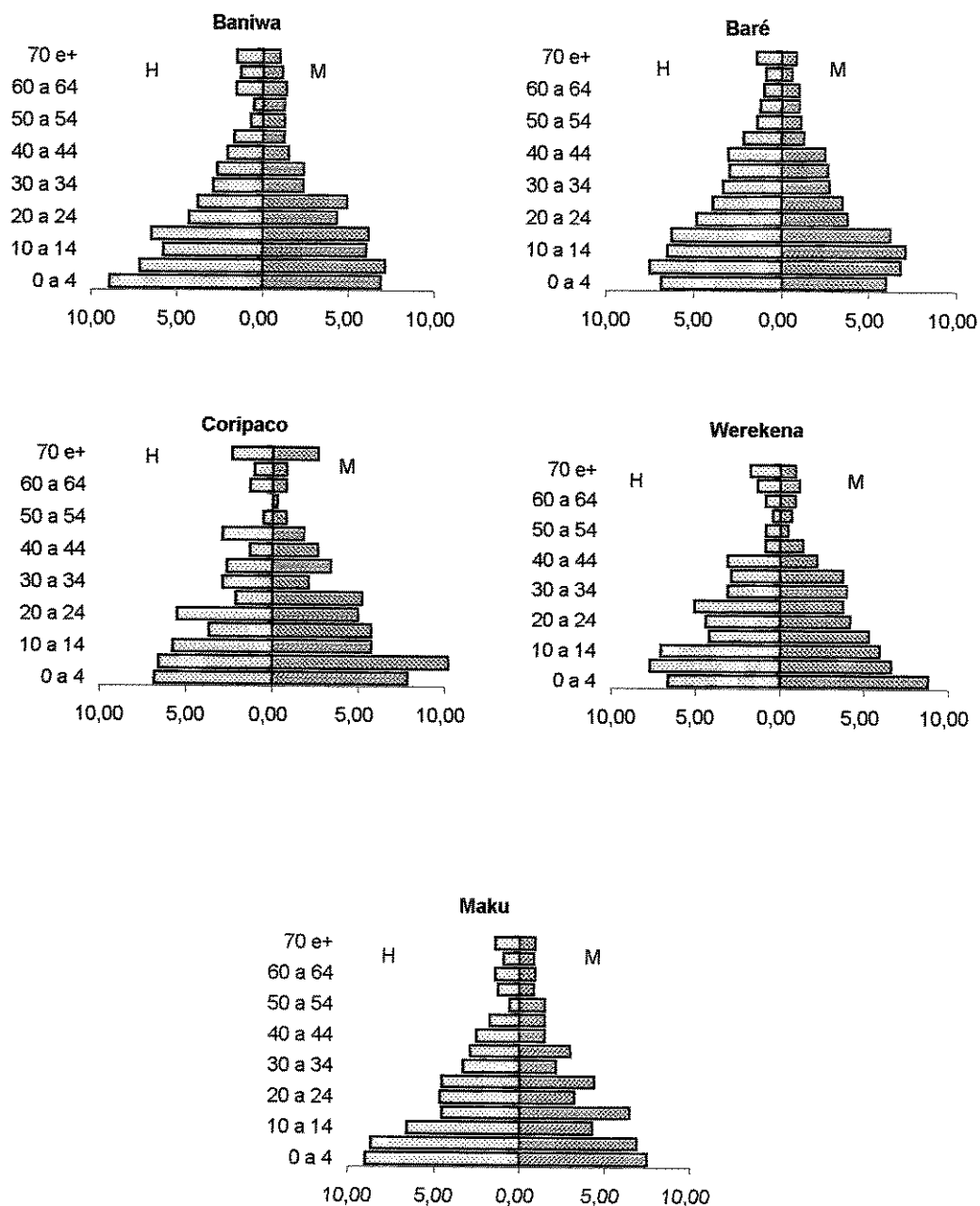
Os povos makuna, yurutí, barasana, karapanã e bará têm uma população pequena do lado brasileiro, com as coortes muito incompletas, e os Miriti-tapuya são os únicos que não têm comunidades localizadas na Colômbia nem na Venezuela (ver tabela 2), sua população está localizada somente no Brasil, em algumas comunidades da sub-região do Tiquié/Uaupés. Estes povos não têm sua população representada em gráficos, devido justamente ao número pequeno de pessoas por coorte.

Os povos *aruak* e *makú*, representados nos gráficos 9 a 13, também apresentam uma pirâmide etária com bases largas e uma proporção maior de homens velhos na última faixa etária. Os povos baniwa e coripaco têm suas coortes de 45 a 54 anos diminuídas, indicando uma possível mortalidade ou migração em anos anteriores. O mesmo ocorre entre os Werekena, habitantes do rio Xié, próximo à Venezuela. A pirâmide etária dos Baré é a única com uma proporção menor de crianças de ambos os sexos da primeira faixa etária. Isto pode estar indicando uma pequena diminuição das taxas de fecundidade, o que será comentado nas análises do perfil etário por sub-região. Os povos *makú* e *baniwa* são os que possuem uma proporção maior de crianças da primeira faixa etária, sendo que os meninos estão em maior proporção.

Gráficos 1 a 8: Perfil etário por etnia dos povos pertencentes à família lingüística *tukano* (ver as tabelas relativas a estes gráficos no Apêndice 3):



Gráficos 9 a 13: Perfil etário por etnia dos povos pertencentes à família lingüística *aruak* e *maku* (ver as tabelas relativas a estes gráficos no Apêndice 3):



3.5. Perfil etário e razão de sexo das cinco sub-regiões

3.5.1. Perfil etário, por etnia, das cinco sub-regiões

Todos estes povos estão localizados em regiões multiétnicas, ou seja, convivem e se casam entre si. As duas sub-regiões mais homogêneas, com uma proporção menor de população por etnias, são o Içana e o Negro Acima. A primeira é habitada principalmente pelos Baniwa e Coripaco e a segunda pelos Baré e Werekena. Como a dinâmica populacional é influenciada por muitos outros fatores como situação econômica, relação com o meio ambiente, situação do domicílio (rural ou urbano), além daqueles que dizem respeito às práticas e valores culturais, a estrutura etária da população será analisada a seguir por sub-região. As pessoas de etnias desconhecidas e os não índios foram incluídos nestas análises. A análise da população por idade revelou que muitas vezes existe a preferência pelas idades 'redondas' ou seja, existem mais homens e mulheres que relataram ter 20 ou 30 anos do que 21 ou 31, por exemplo. Este fenômeno ocorre em todas as populações com baixa escolaridade ou com outros critérios para estimar o tempo vivido das pessoas. Os povos indígenas possuem outras maneiras tradicionais de estimar idade, ou a fase de idade, de cada indivíduo. Em geral são nomeadas as faixas etárias de acordo com o ciclo vital de cada indivíduo. A população do Içana, que tinha menos acesso às escolas, foi a que teve maior dificuldade em estimar suas idades em anos, apesar dos recenseadores falarem suas línguas.

Os gráficos do perfil etário estão agrupados abaixo, após as análises e tabelas relativas a cada uma das sub-regiões, para permitir uma melhor comparação entre os mesmos.

a) sub-região de Iauareté:

A população total desta sub-região em 1992 era de 4.036 pessoas. A maior etnia desta sub-região é a Tariana, com 1.076 pessoas, seguida pelos Tukano com 854 pessoas, e pelos Pira-tapuya, Wanana e *Maku*, com 497, 435 e 436 pessoas respectivamente (ver tabelas 3a, 3b e 3c). Os Arapaso, Kubeo e Desana que têm a sua população com as coortes mais completas, são 156, 155 e 260 pessoas respectivamente. Outros povos de línguas *tukano* presentes nesta sub-

região apenas com algumas mulheres e poucos homens são os Barasana só com 3 mulheres, mas nenhuma criança (pois estão casadas com homens de outros povos), Karapanã com 5 homens e 5 mulheres, Yurutí com 5 mulheres e nenhuma criança, e Miriti-tapuya somente com uma mulher.

Dos povos de línguas *aruak*, residentes nesta sub-região, são 5 homens e 12 mulheres baniwa 5 homens e 8 mulheres baré e 6 mulheres coripaco. A maior parte destas mulheres *aruak* está casada com homens *tukano*. As comunidades *makú* recenseadas nesta sub-região são aquelas localizadas no trecho do Uaupés, entre Iauareté e Ipanoré, nos igarapés Japu, Traíra e Sarabatana; e a comunidade de Fátima, localizada em Iauareté Centro, próxima ao bairro de Santa Maria. Pertencem em sua maioria ao povo hupdê; são 436 pessoas. As comparações entre as estruturas etárias das 5 sub-regiões serão feitas ao final deste item, abaixo dos gráficos de 14 a 18.

Tabela 3a: Perfil etário, por etnia, da população da sub-região de Iauareté

faixa etária	Etnia														sub-total	
	AR		BN		BS		BR		CA		CO					
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M		
0 a 4	10	8	-	2	-	-	1	1	1	-	-	-	12	11		
5 a 9	12	10	1	1	-	-	-	-	2	-	-	-	15	11		
10 a 14	15	5	-	-	-	-	2	-	-	1	-	-	17	6		
15 a 19	9	11	-	1	-	-	-	1	-	-	-	-	9	13		
20 a 24	9	6	-	-	-	-	-	1	-	-	-	2	9	9		
25 a 29	7	6	-	2	-	1	-	-	-	3	-	1	7	13		
30 a 34	6	5	1	-	-	-	1	2	-	-	-	-	8	7		
35 a 39	3	4	-	1	-	-	1	-	1	-	-	-	5	5		
40 a 44	3	2	-	-	-	-	-	1	-	1	-	2	3	6		
45 a 49	3	2	2	1	-	1	-	2	-	-	-	1	5	7		
50 a 54	2	3	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	2	4		
55 a 59	4	2	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-	4	4		
60 a 64	2	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	-		
65 a 69	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1		
70 e+	6	-	-	1	-	-	-	-	1	-	-	-	7	1		
total	92	64	5	12	-	3	5	8	5	5	-	6	107	98		
TOTAL	156		17		3		13		10		6		205			

CIARN/1992

Tabela 3b: Perfil etário, por etnia, da população da sub-região de Iauareté

faixa etária	Etnia												sub-total	
	DE		JU		KO		MA		MI		N			
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
0 a 4	23	17	-	-	15	7	48	33	-	-	4	6	90	63
5 a 9	23	14	-	-	11	9	36	29	-	-	6	5	76	57
10 a 14	14	16	-	-	6	5	25	18	-	-	3	3	48	42
15 a 19	8	10	-	-	7	7	24	37	-	-	1	1	40	55
20 a 24	8	12	-	-	11	6	21	14	-	-	2	1	42	33
25 a 29	8	6	-	1	7	7	25	18	-	-	2	1	42	33
30 a 34	7	5	-	1	2	2	10	10	-	-	1	-	20	18
35 a 39	10	8	-	-	7	10	12	8	-	-	1	1	30	27
40 a 44	6	7	-	-	10	3	6	4	-	-	2	-	26	14
45 a 49	3	6	-	1	2	3	6	6	-	-	1	-	12	16
50 a 54	4	6	-	-	-	1	1	4	-	1	-	1	5	13
55 a 59	4	5	-	2	4	4	4	4	-	-	-	-	12	15
60 a 64	2	6	-	-	1	2	9	4	-	-	-	-	12	12
65 a 69	2	7	-	-	1	2	2	7	-	-	1	-	6	16
70 e+	5	6	-	-	1	2	8	3	-	-	-	-	14	11
total	129	131	-	5	85	70	237	199	-	1	24	19	475	425
TOTAL	260		5		155		436		1		43		900	

CIARN/1992

Tabela 3c: Perfil etário, por etnia, da população da sub-região de Iauareté

faixa etária	Etnia										TOTAL	
	PI		TA		TU		TY		UA			
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
0 a 4	28	36	90	79	68	57	7	7	25	26	320	279
5 a 9	44	37	79	67	49	54	2	4	21	29	286	259
10 a 14	34	31	69	83	54	41	-	3	25	18	247	224
15 a 19	25	24	54	68	45	42	1	2	32	19	206	223
20 a 24	16	21	44	29	53	24	2	4	17	26	183	146
25 a 29	9	12	33	33	36	30	3	6	20	22	150	149
30 a 34	10	13	30	27	18	31	6	4	13	15	105	115
35 a 39	15	10	29	27	28	24	1	1	25	13	133	107
40 a 44	16	10	43	33	16	25	-	2	18	8	122	98
45 a 49	11	10	22	13	15	23	-	2	9	5	74	76
50 a 54	6	8	23	11	11	12	2	2	8	4	57	54
55 a 59	8	10	16	12	12	10	-	2	4	6	56	59
60 a 64	5	8	14	10	16	17	-	1	3	-	53	48
65 a 69	2	7	7	6	5	7	2	-	7	1	30	38
70 e+	15	16	16	9	14	17	2	1	14	2	82	57
total	244	253	569	507	440	414	28	41	241	194	2104	1932
TOTAL	497		1076		854		69		435		4036	

CIARN/1992

b) sub-região do Tiquié/Uaupés:

O total da população recenseada em 1992 é de 3.496 pessoas. Os Tukano estão em maior número, com 1.222 pessoas, seguidos pelos *Maku*, *Desana* e *Tuyuka* com 696, 667 e 365 respectivamente. Os *Miriti-tapuya*, *Pira-tapuya* e *Tarina* possuem respectivamente 114, 145 e 161 pessoas (ver tabelas 4a, 4b e 4c). Os Tukano e *Desana* estão também localizados no rio Papuri, na sub-região de Iauareté, e na sub-região do Negro Abaixo, têm uma população maior do lado da Colômbia. Os *Tuyuka* têm uma população equivalente do lado colombiano, próximo do rio Tiquié. Os *Miriti-tapuya* estão localizados somente no rio Tiquié, e não possuem comunidades do lado colombiano, sendo o povo identificado menos numeroso de toda a região. Os outros povos *tukano* aí localizados, mas que tradicionalmente habitam a sub-região de Iauareté, são os *Arapaso*, *Kubeo* e *Wanana*, aqui representados majoritariamente por mulheres. Os *Pira-tapuya* estão localizados em algumas comunidades do Uaupés, estando ainda em Taracua Centro, no trecho deste rio abaixo de Ipanoré; nesta região são 145 pessoas. Os *Bará*, *Karapanã*, *Makuna* e *Barasana*, cujas comunidades estão localizadas majoritariamente na Colômbia, estão presentes nesta sub-região com 21, 10, 33 e 12 pessoas respectivamente.

Os povos *aruak* residentes nesta sub-região em 1992, são os *Baré*, com 8 homens e 4 mulheres, os *Baniwa* com 3 mulheres e os *Coripaco* com 1 mulher. Foram ainda recenseadas 14 pessoas não índias, sendo 7 homens e 7 mulheres, todos residentes dos centros missionários de Pari Cachoeira e Taracua.

Tabela 4a: Perfil etário, por etnia, da população da sub-região do Tiquié/Uaupés

faixa etária	Etnia												sub-total	
	AR		BA		BN		BR		BS		CA			
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
0 a 4	-	2	3	1	-	-	2	1	-	1	2	1	7	6
5 a 9	-	3	4	2	-	-	1	2	-	-	1	1	6	8
10 a 14	-	-	1	2	-	-	1	-	-	1	1	-	3	3
15 a 19	1	-	2	1	-	-	1	-	1	1	-	-	5	2
20 a 24	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	1
25 a 29	-	1	-	-	-	2	-	-	1	1	-	1	1	5
30 a 34	1	1	1	-	-	-	1	-	-	-	2	-	5	1
35 a 39	1	1	1	-	-	1	1	-	-	-	-	-	3	2
40 a 44	1	1	-	1	-	-	1	-	-	2	-	-	2	4
45 a 49	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-
50 a 54	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
55 a 59	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	2
60 a 64	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
65 a 69	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
70 e+	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
total	5	12	14	7	-	3	8	4	2	8	6	4	35	38
TOTAL	17		21		3		12		10		10		73	

CIARN/1992

Tabela 4b: Perfil etário, por etnia, da população da sub-região do Tiquié/Uaupés

faixa etária	Etnia												sub-total	
	CO		N		DE		KO		MA		MK			
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
0 a 4	-	-	1	2	53	47	-	-	56	51	1	2	111	102
5 a 9	-	-	-	1	48	54	-	-	62	52	3	2	113	109
10 a 14	-	-	2	1	45	38	-	-	47	32	4	2	98	73
15 a 19	-	-	-	2	34	32	-	-	28	40	2	1	64	75
20 a 24	-	-	-	-	26	33	-	-	32	23	1	2	59	58
25 a 29	-	-	-	-	30	23	-	-	27	33	4	-	61	56
30 a 34	-	-	2	-	24	16	-	-	27	13	-	1	53	30
35 a 39	-	-	-	-	15	13	-	1	19	22	3	1	37	37
40 a 44	-	1	-	-	16	14	-	-	21	14	-	-	37	29
45 a 49	-	-	-	1	18	12	-	-	15	10	1	-	34	23
50 a 54	-	-	-	-	15	8	-	-	6	9	-	1	21	18
55 a 59	-	-	-	-	8	7	-	-	10	5	-	2	18	14
60 a 64	-	-	-	-	10	5	-	-	8	7	-	-	18	12
65 a 69	-	-	2	-	4	8	-	-	9	3	-	-	15	11
70 e+	-	-	-	-	7	4	-	-	8	7	-	-	15	11
total	-	1	7	7	353	314	-	1	375	321	19	14	754	658
TOTAL	1		14		667		1		696		33		1412	

CIARN/1992

Tabela 4c: Perfil etário, por etnia, da população da sub-região do Tiquié/Uaupés

faixa etária	Etnia														TOTAL	
	MI		PI		TA		TY		TU		UA					
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M		
0 a 4	12	5	13	10	10	10	37	31	112	90	-	-	302	254		
5 a 9	4	7	10	10	13	13	19	24	84	100	-	-	249	271		
10 a 14	5	7	6	6	4	9	18	18	76	71	-	-	210	187		
15 a 19	9	8	11	5	8	7	21	18	56	65	-	-	174	180		
20 a 24	4	7	9	3	12	7	11	13	60	54	-	-	156	143		
25 a 29	5	6	3	6	9	6	13	21	46	32	-	1	138	133		
30 a 34	6	-	9	6	5	3	8	10	53	23	-	1	139	74		
35 a 39	4	-	4	3	3	1	14	9	30	22	-	-	95	74		
40 a 44	3	4	4	3	4	8	8	10	33	20	-	-	91	78		
45 a 49	2	2	2	5	3	2	6	8	25	25	-	-	73	65		
50 a 54	2	3	1	4	3	3	7	6	29	18	-	1	63	54		
55 a 59	1	1	3	-	3	3	6	8	16	15	-	-	47	43		
60 a 64	1	2	2	1	-	4	6	4	16	11	-	-	43	35		
65 a 69	-	-	-	3	2	3	2	1	9	6	-	-	28	25		
70 e+	2	2	2	1	2	1	5	3	16	9	-	1	43	29		
total	60	54	79	66	81	80	181	184	661	561	-	4	1851	1645		
TOTAL	114		145		161		365		1222		4		3496			

CIARN/1992

c) sub-região do Içana:

Essa sub-região compreende as comunidades localizadas nos rios Içana, Aiari e Cuiari. São comunidades habitadas na sua maioria pelos povos baniwa e coripaco. Na região do Aiari encontram-se algumas pessoas da etnia kubo e wanano, tradicionais habitantes do rio Uaupés Acima, que se comunica com o Aiari através de um igarapé na época das cheias. Devido a esta proximidade existem alguns casamentos entre esses povos: homens baniwa casando com mulheres kubo ou wanana e vice-versa. Nesta sub-região os Baniwa são majoritários, com 2.666 pessoas, seguidos pelos Coripaco, com 342 pessoas. Os Coripaco estão distribuídos por algumas comunidades do alto rio Içana, mas se localizam majoritariamente na Colômbia e também na Venezuela.

Os outros povos *aruak* também presentes nesta sub-região são os Baré e Werekena, com 101 e 118 pessoas. Os *Tukano* residentes nesta sub-região são os Arapaso, uma mulher, Bará, 6 homens, Karapanã, 2 homens e 4 mulheres, Desana, 19 e 12, Kubeo, 13 e 24, Miriti-tapuya, 3 mulheres, Pira-tapuya, 8 e 7, Tukano, 16 e 11, Tuyuka, 2 e 1 e Wanana, 13 e 16. Os Kubeo e Wanana são

aqueles habitantes do Uaupés Acima, em Iauareté, que mantêm relações de casamento com os Baniwa, principalmente do Aiari e do Alto Içana. Os Tariana estão localizados nas comunidades do Baixo Içana, e são 68 pessoas. Foram recenseadas ainda 64 pessoas de etnias desconhecidas e 9 não índios.

Tabela 5a: Perfil etário, por etnia, da população da sub-região do Içana

faixa etária	Etnia												sub-total	
	AR		BA		BN		BR		CA		CO			
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
0 a 4	-	-	1	-	235	199	15	10	-	2	24	26	275	237
5 a 9	-	-	1	-	204	204	7	8	-	2	25	34	237	248
10 a 14	-	-	2	-	156	166	7	7	1	-	20	21	186	194
15 a 19	-	-	-	-	169	167	5	10	-	-	12	21	186	198
20 a 24	-	1	-	-	105	111	1	4	-	-	19	12	125	128
25 a 29	-	-	1	-	92	119	3	2	-	-	6	18	102	139
30 a 34	-	-	-	-	84	63	3	2	1	-	11	8	99	73
35 a 39	-	-	-	-	76	61	4	5	-	-	10	11	90	77
40 a 44	-	-	1	-	51	33	1	-	-	-	4	6	57	39
45 a 49	-	-	-	-	41	32	2	1	-	-	10	6	53	39
50 a 54	-	-	-	-	18	31	-	-	-	-	2	3	20	34
55 a 59	-	-	-	-	14	28	3	-	-	-	-	1	17	29
60 a 64	-	-	-	-	41	33	1	-	-	-	4	2	46	35
65 a 69	-	-	-	-	37	26	-	-	-	-	4	3	41	29
70 e+	-	-	-	-	41	29	-	-	-	-	9	10	50	39
total	-	1	6	-	1364	1302	52	49	2	4	160	182	1584	1538
TOTAL	1		6		2666		101		6		342		3122	

CIARN/1992

Tabela 5b: Perfil etário, por etnia, da população da sub-região do Içana

faixa etária	Etnia												sub-total	
	d		DE		KO		MI		N		PI			
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
0 a 4	-	1	2	2	2	4	-	-	2	1	1	-	7	8
5 a 9	2	4	3		5	3	-	-	1	1	2	1	13	9
10 a 14	10	4	2	4	1	-	-	1	-	1	1	1	14	11
15 a 19	11	6	4	2	-	2	-	-	-	-	-	2	15	12
20 a 24	13	4	1	1	-	1	-	-	-	-	-	1	14	7
25 a 29	2	1	1	3	1	3	-	2	1	-	2	1	7	10
30 a 34	2	1	-	-	1	1	-	-	-	-	1	-	4	2
35 a 39	-	-	-	-	1	2	-	-	1	-	-	-	2	2
40 a 44	-	-	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1	1
45 a 49	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2
50 a 54	-	1	4	-	1	-	-	-	-	-	1	-	6	1
55 a 59	-	-	-	-	-	3	-	-	-	1	-	-	-	4
60 a 64	-	-	1	-	1	1	-	-	-	-	-	1	2	2
65 a 69	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
70 e+	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	2
total	40	24	19	12	13	24	-	3	5	4	8	7	85	74
TOTAL	64		31		37		3		9		15		159	

CIARN/1992

Tabela 5c: Perfil etário, por etnia, da população da sub-região do Içana

faixa etária	Etnia											
	TA		TU		TY		UA		UE		TOTAL	
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
0 a 4	3	1	4	2	-	1	3	1	7	13	299	263
5 a 9	4	1	1	3	-	-	3	1	9	8	267	270
10 a 14	6	4	-	-	-	-	1	1	7	6	214	216
15 a 19	1	7	-	-	-	-	-	1	4	8	206	226
20 a 24	6	2	1	3	-	-	-	1	4	4	150	145
25 a 29	2	3	2	1	1	-	2	2	5	6	121	161
30 a 34	6	2	3	-	-	-	1	-	5	3	118	80
35 a 39	-	3	3	-	1	-	-	2	-	5	96	89
40 a 44	2	-	1	-	-	-	-	4	4	4	65	48
45 a 49	-	-	-	1	-	-	1	-	1	1	55	43
50 a 54	-	1	-	1	-	-	1	2	1	-	28	39
55 a 59	1	-	-	-	-	-	-	1	1	1	19	35
60 a 64	3	4	-	-	-	-	1	-	1	2	53	43
65 a 69	1	3	-	-	-	-	-	-	3	4	45	37
70 e+	1	1	1	-	-	-	-	-	1	-	53	42
total	36	32	16	11	2	1	13	16	53	65	1789	1737
TOTAL	68		27		3		29		118		3526	

CIARN/1992

d) sub-região do Negro Acima:

É a região que compreende os rios Xié e Negro, em seu trecho acima da foz do rio Uaupés (ver Apêndice 7, mapas 1 e 6); possui a menor população de todas as cinco sub-regiões estudadas; habitada majoritariamente pelos Baré, foram recenseadas 1.492 pessoas deste povo. Os Werekena, localizados no rio Xié, são 335 pessoas. No baixo trecho deste rio, após a foz do Içana, localizam-se os Baniwa, 231 pessoas; os Coripaco nesta sub-região estão localizados no alto rio Negro, próximo à Venezuela, região tradicional deste povo, com 30 pessoas contadas no censo de 1992.

Os povos *tukano* residentes nesta sub-região são os Tukano com 83 pessoas, Arapaso, com 67 pessoas, Desana com 28 pessoas, Pira-tapuya com 14 pessoas, Tariana com 43 pessoas, Tuyuka com 6 pessoas e Wanana com 2 mulheres. Os não índios contados pelo CIARN nesta sub-região são 76 pessoas.

Tabela 6a: Perfil etário, por etnia, da população da sub-região do Negro Acima

faixa etária	Etnia												sub-total	
	AR		BN		BR		CO		DE		N			
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
0 a 4	3	5	20	10	102	93	2	4	3	4	5	7	135	123
5 a 9	6	7	9	7	130	108	-	5	2	1	7	9	154	137
10 a 14	3	4	13	13	92	108	2	1	2	1	12	5	124	132
15 a 19	-	5	22	15	87	89	2	1	-	-	9	2	120	112
20 a 24	5	3	13	13	72	55	2	4	2	1	4	1	98	77
25 a 29	3	2	13	16	49	58	2	-	1	-	2	-	70	76
30 a 34	1	4	1	4	45	45	-	-	2	-	1	-	50	53
35 a 39	1	-	6	3	45	41	-	1	1	1	2	-	55	46
40 a 44	2	-	6	9	37	39	1	-	-	2	2	-	48	50
45 a 49	1	1	4	1	32	16	1	-	-	-	4	-	42	18
50 a 54	1	-	3	3	20	16	-	-	-	-	-	-	24	19
55 a 59	-	1	-	6	14	12	-	-	-	-	-	-	14	19
60 a 64	2	1	6	4	15	16	1	1	-	3	-	-	24	25
65 a 69	3	2	2	4	13	9	-	-	1	-	1	1	20	16
70 e+	-	1	4	1	20	14	-	-	1	-	1	1	26	17
total	31	36	122	109	773	719	13	17	15	13	50	26	1004	920
TOTAL	67		231		1492		30		28		76		1924	

CIARN/1992

Tabela 6b: Perfil etário, por etnia, da população da sub-região do Negro Acima

faixa etária	Etnia														TOTAL	
	PI		TA		TU		TY		UA		UE					
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M		
0 a 4	2	1	1	5	6	5	1	1	-	-	23	27	168	162		
5 a 9	1	-	3	4	9	6	2	-	-	-	26	22	195	169		
10 a 14	-	-	1	3	6	3	-	-	-	-	25	21	156	159		
15 a 19	-	-	-	-	1	2	-	-	-	1	15	16	136	131		
20 a 24	1	-	3	2	1	4	-	-	-	1	16	15	119	99		
25 a 29	1	-	2	2	3	4	-	-	-	-	18	11	94	93		
30 a 34	-	2	2	1	2	5	1	1	-	-	9	15	64	77		
35 a 39	-	1	2	2	1	1	-	-	-	-	13	12	71	62		
40 a 44	2	-	1	1	5	3	-	-	-	-	10	6	66	60		
45 a 49	-	-	2	1	1	1	-	-	-	-	3	4	48	24		
50 a 54	-	-	-	-	2	3	-	-	-	-	3	2	29	24		
55 a 59	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	2	16	21		
60 a 64	1	-	-	1	2	2	-	-	-	-	3	2	30	30		
65 a 69	-	2	2	-	-	1	-	-	-	-	3	1	25	20		
70 e+	-	-	2	-	1	2	-	-	-	-	7	4	36	23		
total	8	6	21	22	41	42	4	2	-	2	175	160	1253	1154		
TOTAL	14		43		83		6		2		335		2407			

CIARN/1992

e) sub-região do Negro Abaixo:

Região onde está localizada a cidade de São Gabriel da Cachoeira, é uma área para onde migram muitas famílias de diferentes povos, sendo de ocupação tradicional dos Baré, povo majoritário, com 1.081 pessoas. Os outros povos *aruak*, também presentes nesta sub-região, são os Baniwa com 315 pessoas, os Coripaco com 4 mulheres e os Werekena com uma mulher.

Os povos *tukano* nesta sub-região estão assim distribuídos: Tukano com 690 pessoas, Desana com 463 pessoas, Tariana, 280 pessoas, Pira-tapuya, 230 pessoas, Arapaso, 79 pessoas, Tuyuka, 43 pessoas, Wanana, 35 pessoas, Karapanã, 22 pessoas, Yurutí, 7 pessoas, Kubeo, 6 pessoas, Miriti-tapuya, 2 mulheres. Os não índios residentes nesta sub-região recenseados em 1992 são 103 pessoas.

Tabela 7a: Perfil etário, por etnia, da população da sub-região do Negro Abaixo

faixa etária	Etnia														sub-total	
	AR		BN		BR		CA		CO		DE					
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M		
0 a 4	4	3	33	12	64	57	-	-	-	-	30	25	131	97		
5 a 9	4	5	17	19	64	66	-	-	-	-	34	26	119	116		
10 a 14	5	4	17	17	73	77	-	-	-	-	34	23	129	121		
15 a 19	5	1	18	17	75	68	1	2	-	-	32	21	131	109		
20 a 24	2	6	21	16	57	42	-	1	-	1	22	24	102	90		
25 a 29	3	5	17	20	53	35	1	-	-	1	30	10	104	71		
30 a 34	1	3	7	9	39	25	-	1	-	-	14	12	61	50		
35 a 39	-	6	3	11	28	26	1	-	-	1	13	13	45	57		
40 a 44	3	4	9	6	42	28	-	-	-	1	9	10	63	49		
45 a 49	-	4	6	6	23	15	-	-	-	-	14	12	43	37		
50 a 54	1	1	2	5	17	13	-	-	-	-	8	9	28	28		
55 a 59	1	3	3	5	15	15	-	1	-	-	3	3	22	27		
60 a 64	1	-	2	6	11	11	1	2	-	-	14	5	29	24		
65 a 69	-	1	3	4	11	5	-	-	-	-	5	1	19	11		
70 e+	2	1	4	-	18	8	4	7	-	-	5	2	33	18		
total	32	47	162	153	590	491	8	14	0	4	267	196	1059	905		
TOTAL	79		315		1081		22		4		463		1964			

CIARN/1992

Tabela 7b: Perfil etário, por etnia, da população da sub-região do Negro Abaixo

faixa etária	Etnia										sub-total	
	JU		KO		MA		MI		N		PI	
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
0 a 4	-	-	-	-	4	6	-	-	7	5	14	11
5 a 9	-	1	-	-	6	2	-	-	6	5	14	7
10 a 14	-	1	-	-	7	2	-	-	7	4	14	18
15 a 19	2	-	-	-	3	1	-	-	5	7	12	19
20 a 24	1	1	-	-	3	2	-	-	4	4	11	6
25 a 29	-	-	-	-	3	2	-	-	5	5	6	10
30 a 34	-	-	1	-	3	3	-	-	1	5	5	7
35 a 39	-	-	-	1	4	6	-	1	3	3	3	6
40 a 44	-	-	-	-	3	-	-	-	6	6	7	7
45 a 49	-	-	-	-	-	2	-	1	2	-	6	5
50 a 54	-	-	-	-	-	5	-	-	4	1	6	9
55 a 59	1	-	-	1	1	1	-	-	-	-	2	4
60 a 64	-	-	1	-	-	-	-	-	1	4	2	5
65 a 69	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	1	4
70 e+	-	-	1	-	1	1	-	-	2	-	6	3
total	4	3	3	3	38	33	-	2	53	50	109	121
TOTAL	7		6		71		2		103		230	

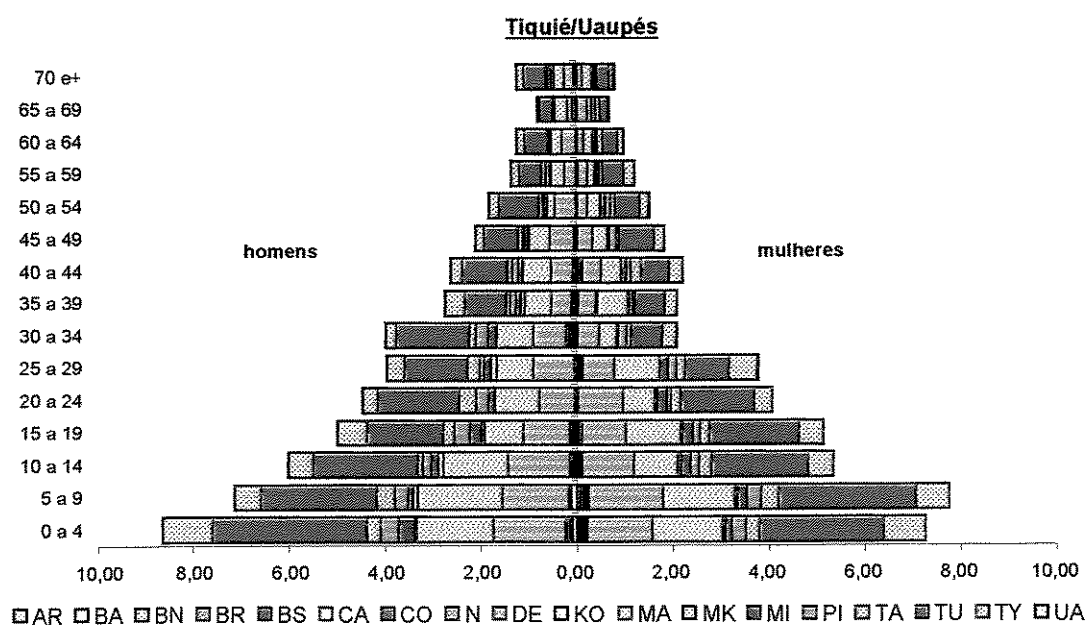
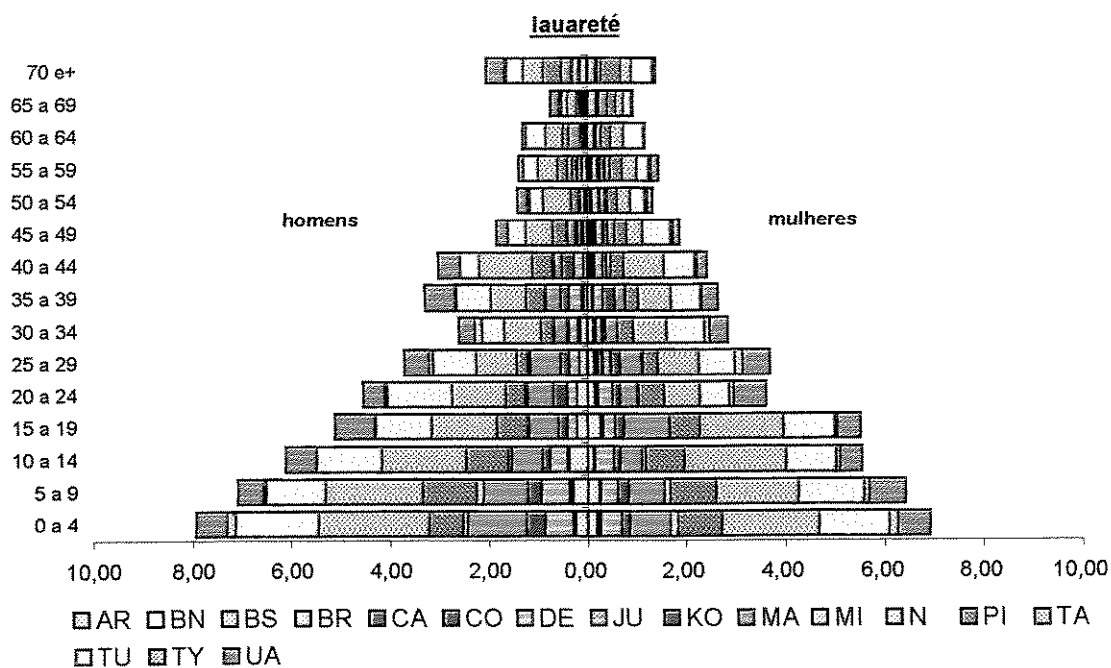
CIARN/1992

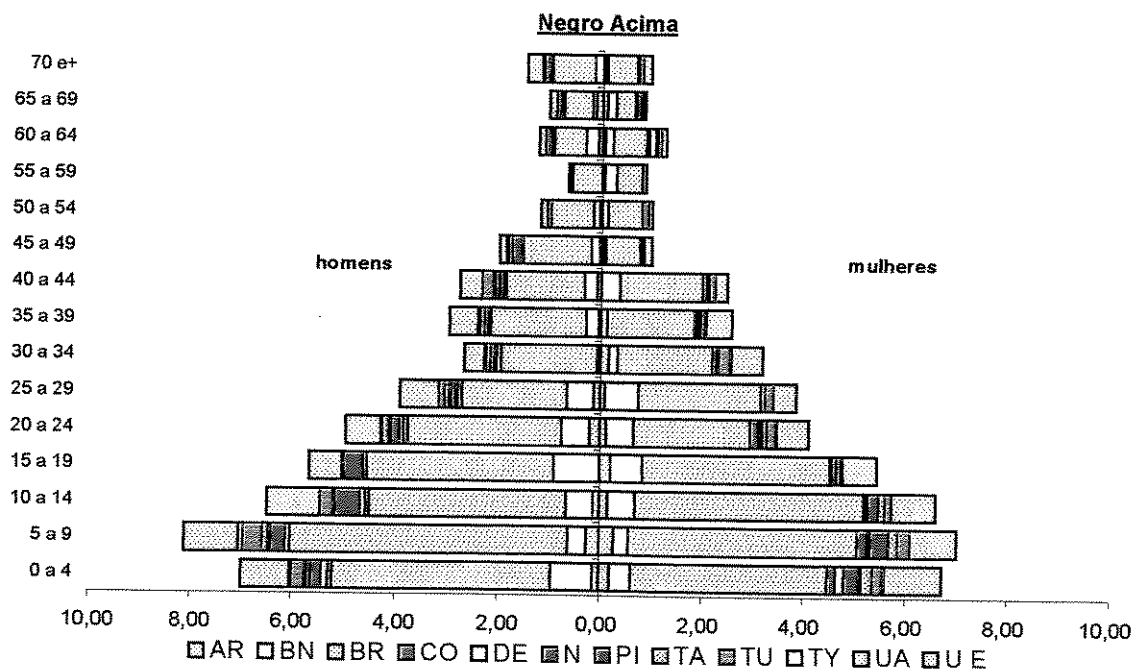
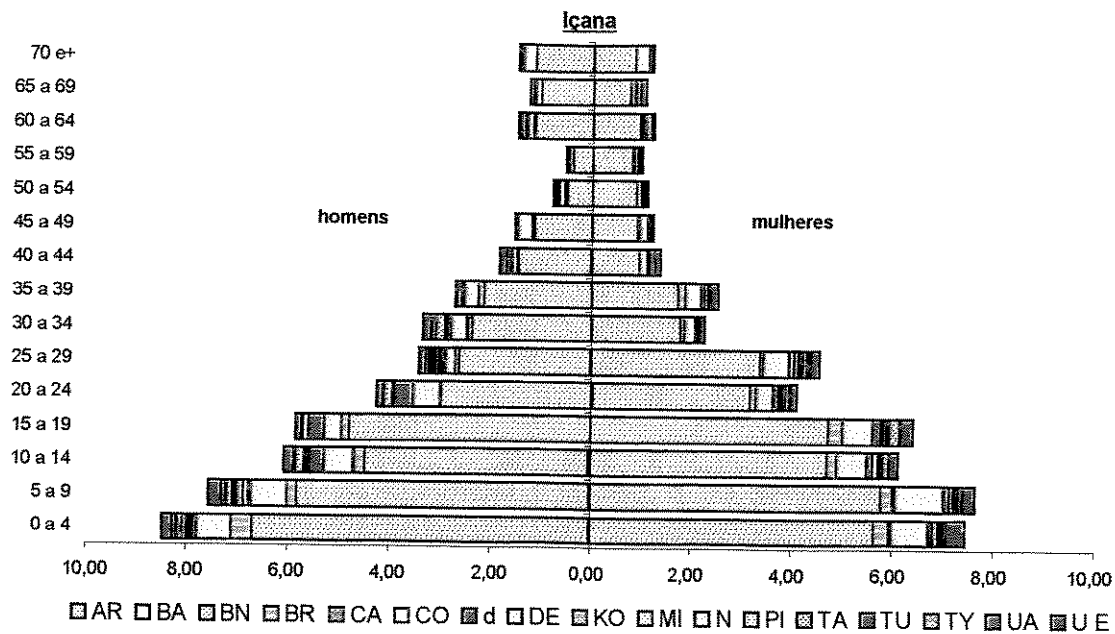
Tabela 7c: Perfil etário, por etnia, da população da sub-região do Negro Abaixo

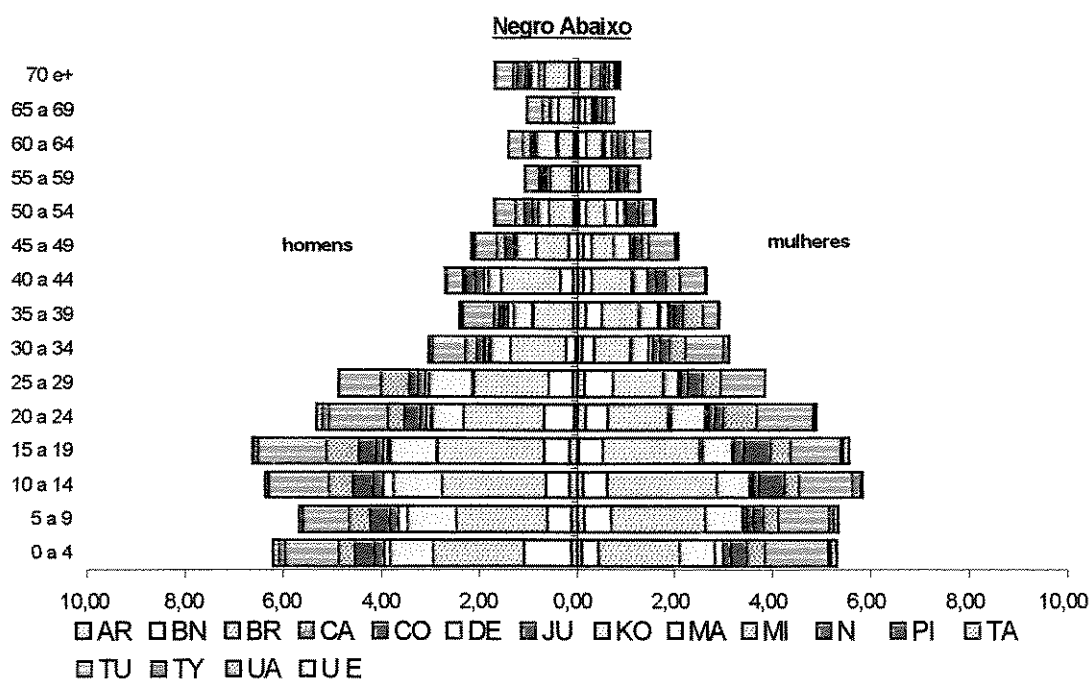
faixa etária	Etnia										TOTAL	
	TA		TU		TY		UA		UE			
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
0 a 4	11	13	38	44	4	2	4	4	-	-	213	182
5 a 9	15	10	32	36	1	3	2	3	-	-	195	183
10 a 14	17	10	42	37	1	6	2	1	-	-	219	200
15 a 19	23	14	48	35	3	2	1	4	-	-	228	191
20 a 24	12	23	41	40	5	1	4	1	-	-	183	168
25 a 29	20	13	29	31	-	-	1	-	-	-	168	132
30 a 34	8	11	23	27	2	3	1	1	-	-	105	107
35 a 39	4	14	22	11	1	1	1	-	-	-	83	100
40 a 44	2	10	11	18	1	1	-	-	-	-	93	91
45 a 49	6	5	15	19	2	1	1	-	-	1	75	71
50 a 54	6	3	14	8	-	-	1	1	-	-	59	55
55 a 59	1	2	10	8	-	-	-	1	-	-	37	44
60 a 64	6	6	10	12	-	-	-	-	-	-	49	51
65 a 69	5	3	11	5	-	-	-	-	-	-	36	25
70 e+	3	4	12	1	1	2	-	1	-	-	59	30
total	139	141	358	332	21	22	18	17	-	1	1802	1630
TOTAL	280		690		43		35		1		3432	

CIARN/1992

Gráficos 14 a 18: Perfil etário das 5 sub-regiões estudadas







Iauareté é a sub-região com a maior população recenseada em 1992, 4.036 pessoas. O Negro Acima teve a menor população total, de 2.407 pessoas, e as outras três sub-regiões têm população mais ou menos equivalente, Tiquié/Uaupés com 3.496 pessoas, Içana com 3.526 e Negro Abaixo com 3.432. As estruturas etárias das 4 primeiras sub-regiões são semelhantes; todas têm uma base larga, com uma proporção de pessoas na primeira faixa etária de 6 a 9%, sendo que a população masculina desta faixa etária tem, em todos os casos, uma proporção maior. Em todas as cinco sub-regiões os homens sobrevivem às mulheres nas últimas faixas etárias.

A sub-região do Negro Abaixo é a única que tem uma estrutura etária que possivelmente indica uma queda da fecundidade. As duas primeiras faixas etárias têm uma proporção menor do que as faixas etárias de 10 a 19 anos. Nesta sub-região está localizada a cidade de São Gabriel da Cachoeira, que tem cerca de 30% da população recenseada na sub-região como um todo. Para verificarmos esta hipótese da queda de fecundidade seria preciso analisar os níveis da mortalidade infantil. No entanto, não nos foi possível verificar a possibilidade de

um impacto da mortalidade infanto-juvenil nas sub-regiões estudadas, pois não existem dados disponíveis sobre a mortalidade dos povos indígenas desta região. Estima-se no entanto que, nas comunidades, as taxas de mortalidade eram maiores do que aquelas verificadas na cidade, principalmente neste período anterior a 1999, quando foi implantado o atendimento à saúde indígena através do Distrito Sanitário Especial Indígena, FUNASA. Esta informação foi confirmada pelos profissionais de saúde que trabalham na região. A cidade de São Gabriel já contava nesta época com o Hospital da Guarnição, que já atendia pelo SUS, e também com um posto de saúde da diocese. A taxa de mortalidade infantil dos índios do rio Tiquié (única informação disponível) em 2000 era de 69/1000 e em 2001 de 83,3/1000; os Hupdë – *maku* – habitantes deste rio, tiveram uma taxa de 363,6/1000 em 2001 (Saúde Sem Limites, 2002). Na cidade de São Gabriel da Cachoeira a taxa de mortalidade infantil em 2002 da população toda, incluídos os não índios, foi de 41/1000. Portanto, os níveis de fecundidade da população da sub-região do Negro Abaixo, incluindo a área urbana e nas comunidades próximas, são realmente mais baixos (sobre os níveis e padrões da fecundidade desta população ver capítulo 5). Algumas hipóteses para explicar este fato poderiam ser levantadas, como acesso a métodos modernos de contracepção, custo com a educação dos filhos na área urbana, maior escolaridade das mulheres e acesso a serviços remunerados. Todos estes fatores já foram extensamente descritos na literatura como estando relacionados com a queda da fecundidade, mas será preciso fazer uma análise do período atual para compararmos com a população em 1992, e verificarmos se realmente esta hipótese é confirmada.

Pagliaro (2002) analisando a estrutura etária do povo indígena kaiabi do Parque Indígena do Xingu (Mato Grosso), considerou que esta população está em situação de “excepcionalidade” (Howell, 1986, apud Pagliaro, 2002: 122), isto é, em uma situação de recuperação demográfica após longos períodos de mortalidade causados tanto pelo contato com as frentes de expansão colonizadoras, quanto pelas migrações sofridas no período de 1970 a 1999. Assim, a população kaiabi tem a primeira faixa etária com mais de 10% de

meninos e meninas, os primeiros, até 1989, sempre com uma proporção levemente maior. A mesma situação foi encontrada entre os *Karib* do rio Baramita, que em 1971 possuíam uma estrutura etária com 15,5% de meninos e 12% de meninas na primeira faixa etária (Adams, 1994:8). Entre os povos enawenê-nawê e waiãpi também encontrou-se o mesmo fenômeno de recuperação demográfica, com pirâmides etárias com uma base de mais de 10% na primeira faixa etária, tanto para meninos quanto para meninas, num trabalho feito para o período de 1980 a 1995 (Carneiro et al, 1996). Sendo que a estrutura etária dos Waiãpi em 1995 já mostrava uma queda da natalidade, com a diminuição da proporção de crianças de ambos os sexos da primeira faixa etária. Em todos estes trabalhos foi encontrada uma proporção maior de crianças do sexo masculino nas primeiras faixas etárias, sendo que entre os Kaiabi esta proporção mudou a partir de 1989.

A hipótese que poderia ser levantada aqui é a de que a população indígena do rio Negro já não se encontra nesta fase de recuperação demográfica, visto terem uma proporção menor de crianças de ambos os sexos na primeira faixa etária. As perdas populacionais mais graves sofridas pelos povos do rio Negro provavelmente ocorreram nos períodos de escravidão, séculos XVIII e XIX, e no início do século XX, com os conflitos ocorridos entre índios e comerciantes. Esta hipótese pode ser reforçada com as análises por grandes faixas etárias, encontradas nos trabalhos de Pagliaro (2002: 125) e Early and Peters, (1990: 91). A primeira autora demonstra a evolução da proporção de crianças e adolescentes no período de 1970 a 1999. A proporção da população de 0 a 14 anos passou de 45,6% para 56,2% do total da população; a proporção da população de 15 a 49 anos passa de 48,5% para 36,3%, e a de 50 anos e mais passa de 5,9% para 7,5%. Já os autores Early e Peters, analisando os Yanomami de Mucajaí, Roraima, demonstram que na época do contato, na segunda metade dos anos 50, a população de 0 a 14 anos correspondia a 30,6% do total, e após o contato e o trabalho de atendimento à saúde feito pelos missionários, essa proporção passou para 49%. A população indígena recenseada pelo CIARN está assim distribuída: população de 0 a 14 anos 40,25% , de 15 a 49 anos 47,60% e de 50 anos e mais 12,4%. Portanto, o peso relativo da população de crianças e adolescentes é

menor do que no caso dos Kaiabi, e o peso da população adulta e dos velhos é maior.

3.5.2. Razão de sexo das 5 sub-regiões estudadas

A razão de sexo indica a relação entre a proporção de homens e mulheres nas diferentes faixas etárias. O cálculo é feito dividindo-se a população feminina pela masculina. A seguir as tabelas e gráficos com a população por faixa etária de cada sub-região, incluídos os não índios e pessoas de etnias desconhecidas.

Tabela 8 e gráfico 19: População por sexo e faixa etária, e razão de sexo da sub-região de Iauareté:

faixa etária	H	M	RS
0 a 4	320	279	1,15
5 a 9	286	259	1,10
10 a 14	247	224	1,10
15 a 19	206	223	0,92
20 a 24	183	146	1,25
25 a 29	150	149	1,01
30 a 34	105	115	0,91
35 a 39	133	107	1,24
40 a 44	122	98	1,24
45 a 49	74	76	0,97
50 a 54	57	54	1,06
55 a 59	56	59	0,95
60 a 64	53	48	1,10
65 a 69	30	38	0,79
70 e+	82	57	1,44
total	2104	1932	1,09

CIARN/1992

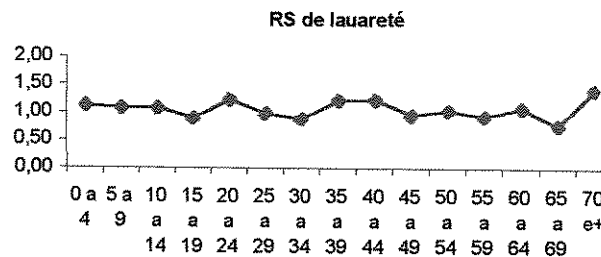


Tabela 9 e gráfico 20: População por sexo e faixa etária, e razão de sexo da sub-região do Tiquié/Uaupés:

faixa etária	H	M	RS
0 a 4	302	254	1,19
5 a 9	249	271	0,92
10 a 14	210	187	1,12
15 a 19	174	180	0,97
20 a 24	156	143	1,09
25 a 29	138	133	1,04
30 a 34	139	74	1,88
35 a 39	95	74	1,28
40 a 44	91	78	1,17
45 a 49	73	65	1,12
50 a 54	63	54	1,17
55 a 59	47	43	1,09
60 a 64	43	35	1,23
65 a 69	28	25	1,12
70 e+	43	29	1,48
total	1851	1645	1,13

CIARN/1992

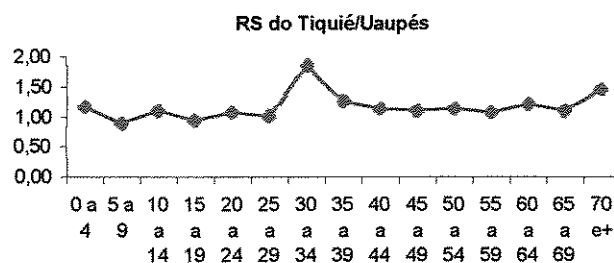


Tabela 10 e gráfico 21: População por sexo e faixa etária, e razão de sexo da sub-região do Içana:

faixa etária	H	M	RS
0 a 4	299	263	1,14
5 a 9	267	270	0,99
10 a 14	214	216	0,99
15 a 19	206	226	0,91
20 a 24	150	145	1,03
25 a 29	121	161	0,75
30 a 34	118	80	1,48
35 a 39	96	89	1,08
40 a 44	65	48	1,35
45 a 49	55	43	1,28
50 a 54	28	39	0,72
55 a 59	19	35	0,54
60 a 64	53	43	1,23
65 a 69	45	37	1,22
70 e+	53	42	1,26
total	1789	1737	1,03

CIARN/1992

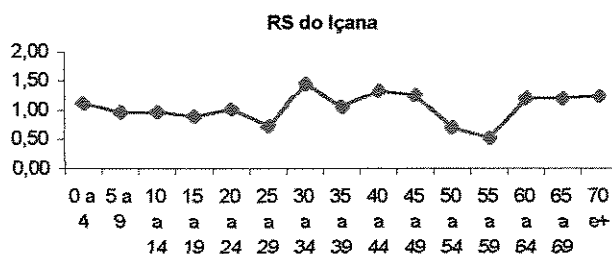


Tabela 11 e gráfico 22: População por sexo e faixa etária, e razão de sexo da sub-região do Negro Acima:

faixa etária	H	M	RS
0 a 4	168	162	1,04
5 a 9	195	169	1,15
10 a 14	156	159	0,98
15 a 19	136	131	1,04
20 a 24	119	99	1,20
25 a 29	94	93	1,01
30 a 34	64	77	0,83
35 a 39	71	62	1,15
40 a 44	66	60	1,10
45 a 49	48	24	2,00
50 a 54	29	24	1,21
55 a 59	16	21	0,76
60 a 64	30	30	1,00
65 a 69	25	20	1,25
70 e+	36	23	1,57
total	1253	1154	1,09

CIARN/1992

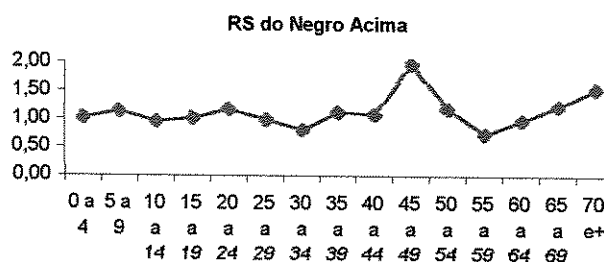
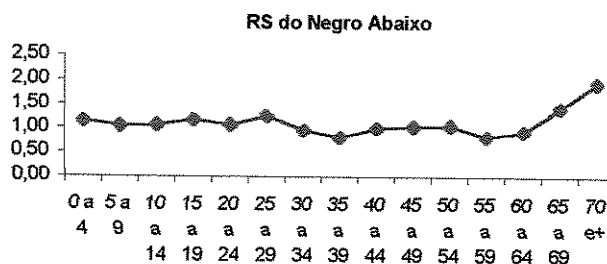


Tabela 12 e gráfico 23: População por sexo e faixa etária, e razão de sexo da sub-região do Negro Abaixo:

faixa etária	H	M	RS
0 a 4	213	182	1,17
5 a 9	195	183	1,07
10 a 14	219	200	1,10
15 a 19	228	191	1,19
20 a 24	183	168	1,09
25 a 29	168	132	1,27
30 a 34	105	107	0,98
35 a 39	83	100	0,83
40 a 44	93	91	1,02
45 a 49	75	71	1,06
50 a 54	59	55	1,07
55 a 59	37	44	0,84
60 a 64	49	51	0,96
65 a 69	36	25	1,44
70 e+	59	30	1,97
total	1802	1630	1,11

CIARN/1992



Em todas as sub-regiões a razão de sexo total é superior a 1, isto é, existe uma proporção maior de homens (ver tabelas 8 a 12 e gráficos 19 a 23, acima). Os gráficos indicam que a proporção de homens e mulheres tem a mesma estrutura em todas as sub-regiões estudadas. Os 'picos' na faixa etária de 30 a 24 anos nas sub-regiões do Tiquié/Uaupés e Içana indicam um possível erro na declaração de idade. Na última faixa etária estudada, de 70 anos e mais, em todas as regiões a razão de sexo sobe, o que indica uma maior sobrevivência dos homens ou menor sobrevivência de mulheres em idade reprodutiva. A sub-região do Içana é a que possui uma menor proporção de homens, em relação às outras sub-regiões estudadas. Esta maior proporção de homens pode indicar uma preferência por filhos homens, e uma maior mortalidade feminina. Pagliaro (2000) e Early e Peters (1990) indicaram a mudança na proporção da população feminina durante os anos após o contato e o atendimento à saúde. Em ambos os casos a população feminina aumentou com relação à masculina. No rio Negro, apesar de não dispormos de informações sobre a população por sexo e idade, estimamos que esta proporção da população masculina continua maior do que a feminina. Esta hipótese é baseada nos dados dos censos demográficos do IBGE, que para a população do município de São Gabriel da Cachoeira em 1991 e 2000 indicam uma proporção maior de homens (em 1991 eram homens e mulheres; em 2000 a população masculina era de 15.455 e a feminina era de 14.492), sendo que a proporção da população indígena com relação à população total do município era de 74% em 1991 (ver tabela 2 do capítulo 2), e em 2000, embora os dados do IBGE para população indígena por município ainda não estejam disponíveis neste momento, estimamos que essa proporção continuou a mesma. Além disso, os dados da FUNASA de 2001 revelam que a população total feminina era de 13.184 e a masculina era de 14.188.

Capítulo 4: Tipos de casamento nas diferentes sub-regiões: padrões de nupcialidade

4.1. As teorias antropológicas sobre o casamento

4.2. Análises dos tipos de casamento

4.2.1. Estrutura etária dos casais

4.2.2. Diferença de idade entre os cônjuges

4.2.3. Casamentos exogâmicos e endogâmicos

4.2.4. Casamentos intra e inter-regionais

4.1. As teorias antropológicas sobre o casamento

Os trabalhos antropológicos sobre casamento enfocam as trocas matrimoniais, definidas enquanto sistemas operados por categorias sociais definidas no interior de cada sociedade. As escolhas matrimoniais dos cônjuges são feitas a partir de um sistema de parentesco, onde a própria terminologia já determina os círculos de parentes consanguíneos e afins. Como o CIARN não pesquisou o parentesco mais amplo entre os diferentes grupos domésticos e entre os habitantes de diferentes comunidades¹, não foi possível estabelecer um estudo acurado de trocas matrimoniais. Fiz apenas uma descrição dos tipos de casamentos contabilizados e, desta maneira, procurei dialogar com algumas hipóteses formuladas pelas teorias antropológicas sobre a região do alto rio Negro, especificamente relacionadas com alguns princípios da estrutura social e da proximidade geográfica, e analisei como ocorrem as relações entre estes dois princípios, em cada uma das 5 sub-regiões estudadas.

Os trabalhos sobre demografia dos povos indígenas no Brasil relacionam a estrutura social com alguns componentes demográficos, Pagliaro (2002), em sua tese sobre os Kaiabi do Xingu, relaciona os tipos de casamento existentes com a organização social tradicional e com os processos migratórios deste grupo para o Xingu, demonstrando que muitas vezes estrangimentos demográficos podem causar rearranjos nos sistemas tradicionais de escolhas matrimoniais: "...nos primeiros anos após a chegada da tribo no PIX (Parque Indígena do Xingu), quando foram registrados diversos casamentos de Kaiabi com os Juruna, Suiá, Trumai e Txicão. Estas uniões foram absorvidas pelo grupo, para que a reposição populacional não fosse ameaçada, mostrando como um problema demográfico pode modificar temporariamente arranjos familiares e culturais." (Pagliaro, 2002:153). Ainda sobre rearranjos matrimoniais Laraia (1963) observa que os Suruí após um longo período de de-população, causado por epidemias, uma mesma mulher poderia estar casada ao mesmo tempo com mais de um homem, o que não era um comportamento tradicional para este grupo. O autor observa que na época em que ele trabalhou com este grupo, muitas mulheres mantinham relações sexuais freqüentes com outros homens na ausência de seus maridos. A questão deste tipo de rearranjo numa sociedade patrilinear, como é o caso dos Suruí, é a

¹ Não existe informação, por exemplo, sobre a relação entre irmãos chefes de domicílios numa mesma comunidade, o que seria fundamental para uma análise das trocas matrimoniais.

paternidade das crianças geradas por estes rearranjos, o grupo parece variar com relação à definição da paternidade, mas o pertencimento aos clãs segue sendo pela via do marido da esposa, não dos seus eventuais parceiros sexuais.

Trabalhos como os de Pozzobon (1994) sobre o mínimo populacional necessário para que uma determinada estrutura social possa se reproduzir; ou como o de Adams (1994), já relacionavam os padrões demográficos de nupcialidade com os tipos de organização social. O trabalho de Pozzobon discorre sobre como uma população teórica, com uma estrutura social fundada em metades exogâmicas e com uma determinada terminologia de parentesco, pode se reproduzir, e qual o número mínimo de pessoas necessário para esta reprodução, utilizando para este estudo um programa de computador de simulação populacional. Adams em seu trabalho sobre os Caribe do rio Baráma, da Guiana Inglesa, discorre sobre rearranjos matrimoniais decorrentes de pressões demográficas causadas por questões econômicas e deslocamentos populacionais. Outros trabalhos, como o de Coimbra Jr. et al (2002) sobre a dinâmica demográfica dos Xavante, relacionam as consequências de uma crise demográfica, causada pelo contato com os não índios, com fatores relacionados à organização social deste povo.

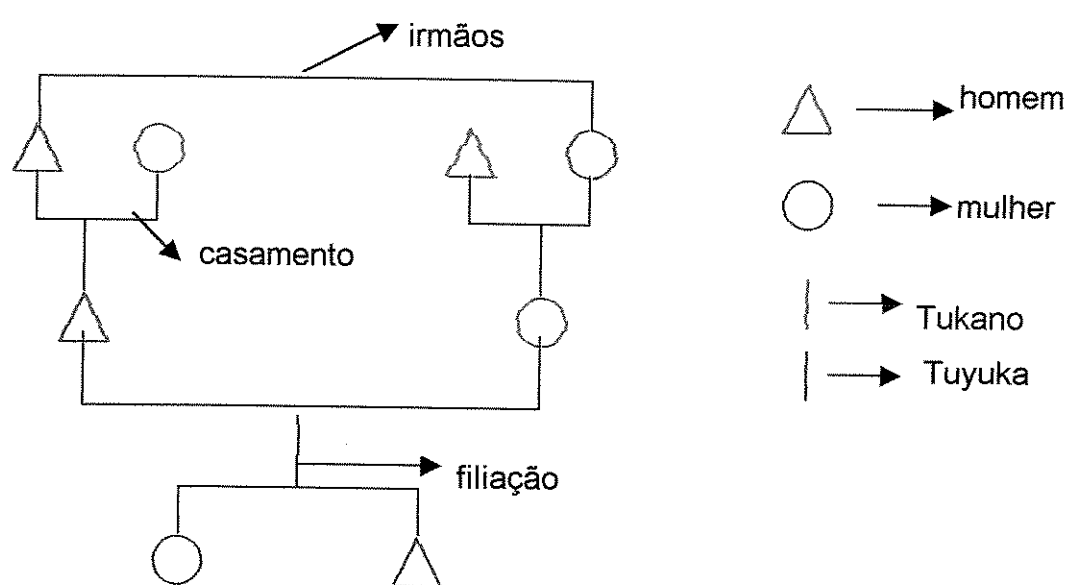
Na região do Alto Rio Negro, como já mencionado anteriormente no item 2.2.2. acima, o grupo lingüístico é interpretado em termos nativos como um conjunto de parentes agnáticos descendentes de um grupo de irmãos ancestrais míticos, e é este grupo lingüístico que na região é interpretado como povo ou tribo². O primogênito ancestral é tomado como ascendente focal de todo o grupo lingüístico. Para efeito desta pesquisa estamos denominando *etnia* a cada um desses grupos, que regionalmente são também chamados de *tribo*. Além disso, os irmãos ancestrais são ordenados segundo a ordem de nascimento, do mais velho ao mais novo, fornecendo a fundamentação ideológica para o estabelecimento de relações de hierarquia no interior da *etnia*.

Para todos as *etnias* dessa região do Alto Rio Negro o casamento, do ponto de vista do homem, deve ocorrer com sua prima cruzada bilateral³ (filha da irmã do seu pai, ou filha do irmão de sua mãe), caracterizando-se assim por possuírem uma terminologia de

² Nesta pesquisa estou utilizando os termos grupo lingüístico, *etnia*, povo e tribo como sinônimos.

³ Os primos paralelos se distinguem dos primos cruzados por serem filhos de irmãos do mesmo sexo do seus genitores, isto é, a prima paralela de um homem é aquela filha da irmã de sua mãe, ou filha do irmão de seu pai.

parentesco do tipo dravidiano. A regra de descendência é patrilinear, ou seja, o pertencimento ao grupo lingüístico ou etnia, e conseqüentemente ao sib e fratria, ocorre através do pai, como já mencionado anteriormente no capítulo 2 desta tese. O casamento deve ocorrer ainda entre unidades sociológicas exogâmicas, ou seja, existe na região uma ideologia que prescreve o casamento fora de seu grupo de origem. O entendimento deste tipo de casamento pode ser facilitado pelo esquema feito abaixo:



As unidades sociais exogâmicas variam de acordo com as famílias lingüísticas. Também para todos os povos dessa região, a mulher depois que se casa deve ir residir na comunidade do marido, obedecendo a uma regra de virilocalidade. Apenas entre os povos falantes de línguas *maku* (Hupde, Yupde, Dow, Bará, Nukak e Nadeb) o casamento deve ocorrer a partir de uma ideologia endogâmica, neste caso, dentro de um mesmo grupo lingüístico. Isto é, preferencialmente um homem hupdê deve casar com uma mulher hupdê, ou quando não houver mulheres casáveis no seu grupo deve procurar por uma que seja de outra etnia *maku*. Voltarei a tratar da especificidade do sistema matrimonial *maku* mais adiante.

O casamento para os *tukano*⁴ se dá preferencialmente com sua prima cruzada bilateral e que preferencialmente resida em comunidades próximas. Muitos autores que estudaram os povos dessa região chamaram atenção para as alianças matrimoniais que incluem, além das regras de parentesco e exogamia, princípios geográficos. Árhém (1989) que trabalhou com os Makuna (grupo *tukano*) enfatiza o casamento como estruturador de relações sociais e políticas importantes, demonstrando que este grupo de casa com afins próximos e estabelecem com eles relações de aliança política, econômica e ritual. Goldman (1963) que estudou os Kubeo (grupo *tukano*), enfatiza ainda o ambiente social multilíngüe dessa região, definido pela regra de exogamia lingüística e pelo mito de origem dos grupos *tukano*, que permite a inclusão de diferentes povos falantes de línguas distintas, o que constituiria, segundo esse autor, um ambiente 'aberto'. Outro antropólogo que trabalha nessa região com os Tuyuka (grupo *tukano*), Cabalzar (1995, 2000) chama atenção para o fato de que o casamento deve também ocorrer entre comunidades próximas. Este autor tece considerações sobre o conceito de nexos regionais, que seriam micro-regiões formadas por diversos grupos locais (que geralmente coincidem com as comunidades) conectados por relações políticas, rituais e econômicas (Cabalzar, 2000). Analisando o espaço social das comunidades tuyuka este autor dialoga com os trabalhos de Árhém (1989), que formula a idéia de 'grupos de aliança local' e Goldman (1963) que postula a fratria como um ambiente mais amplo, onde se difundem os mecanismos de exogamia. Goldman (1963), descreve o casamento kubeo como sendo o único caso, entre todos os grupos *tukano*, de endogamia lingüística, mas onde a prescrição de exogamia segue existindo. A exogamia para este povo ocorre entre fratrias, que seriam, cada uma delas, um grupo de sibs originários de irmãos ancestrais. O caso kubeo coincide, portanto, com o caso dos Baniwa. Este autor chama atenção para o fato de que a regra geográfica define uma certa proibição de casar-se dentro de uma mesma comunidade, mesmo no caso de haverem mulheres casáveis. Porém, o casamento deve sempre ocorrer entre comunidades localizadas em um mesmo trecho de rio. Para este autor a geografia pode definir a identidade da fratria, ou seja, quando um grupo pertencente a uma determinada fratria se muda de região, pode não mais ser identificado como pertencente a esta fratria original.

⁴ Como já mencionado, a palavra *tukano*, quando grafada em itálico, indica todas as etnias falantes de línguas pertencentes ao Tukano Oriental.

Sobre a relação entre o princípio da proximidade geográfica entre comunidades de afins, Chernela (1982) chama atenção para os limitantes ecológicos como definidores de regiões onde poderiam se estabelecer e permanecer diversas comunidades, o que faria, segundo ela, com que as regras de casamento também estivessem condicionadas a esses fatores ecológicos. Outra autora que enfatiza o princípio geográfico da proximidade do casamento é C. Hugh-Jones (1979) que trabalhou com os Barasana. Esta autora diz que como todas as comunidades *tukano* são ribeirinhas, os trechos de rio formariam nexos sociológicos de comunidades de afins. Pondera ainda que possivelmente os grupos periféricos, ou seja, aqueles cujas comunidades se localizam em regiões mais distantes do rio Uaupés, são mais instáveis, podendo não coincidir a unidade local ou o grupo lingüístico com as unidades exogâmicas. Neste caso, as unidades exogâmicas poderiam ser mais inclusivas, pois numa mesma região geográfica existiria uma diversidade maior de povos e sibs. Jackson (1983) discorre sobre seu modelo que inclui diferentes grupos lingüísticos ou etnias em uma mesma fratria. Essa autora, que fez sua pesquisa junto aos Bará, diz que um Bará não deve se casar com um Tukano, apesar de serem etnias diferentes, porque pertenceriam a uma mesma fratria. Seria, como diz C. Hugh-Jones, uma unidade exogâmica composta. Outra autora que faz referência ao princípio da proximidade geográfica é Buchillet (1983) que observou a tendência entre os Desana do rio Papuri de estabelecerem laços matrimoniais com comunidades vizinhas.

Entre os Baniwa e Coripaco, povos de línguas *aruak*, o casamento deve ser exogâmico, isto é, além de um homem casar com sua prima cruzada bilateral, ele deve casar fora de seu grupo social. A unidade exogâmica, porém, não é, como no caso dos *tukano*, o grupo lingüístico, mas a fratria. Baniwa é uma denominação que define um grupo lingüístico, considerado povo ou tribo na região e englobando os Coripaco, falantes de um dialeto semelhante, em um nível sócio-político mais amplo, porém, não define uma unidade exogâmica. Essas fratrias baniwa (denominadas Hohodene, Dzawinai, Waliperi Dakenai etc) identificam grupos descendentes de irmãos ancestrais comuns e são compostas por 3 a 4 sibs patrilineares. Esses sibs são ordenados hierarquicamente dentro de uma mesma fratria de acordo com a ordem de nascimento de seus irmãos ancestrais, da mesma maneira que para os *tukano*. O nome da fratria coincide com o nome do sib de mais alto grau na hierarquia, ou seja o grupo de indivíduos que descendem do irmão mais velho ancestral

Buchillet, 1995).

As fratrias baniwa reconhecem um território comum, um trecho de rio onde as comunidades se localizam, e uma origem geográfica mítica comum; por exemplo, os Hohodene identificam a região da cachoeira do Uapuí, no alto Aiari, como sendo seu lugar de origem. Esses trechos de rio são também compartilhados com as outras fratrias afins, ou seja, comunidades de “cunhados”, pois para os Baniwa o princípio da proximidade geográfica também regula os casamentos.

Para os grupos falantes de línguas da família *maku*, cada grupo lingüístico divide-se em dois grupos patrilineares exogâmicos, não nomeados e ligados entre si por laços de afinidade. E cada um desses grupos por sua vez subdividem-se em clãs patrilineares. Esses clãs encontram-se geograficamente dispersos em vários grupos locais, que são formados não por um grupo de irmãos como nas outras etnias, mas por grupos afins (Silverwood-Cope, 1990). Esses grupos locais são semi-nômades, uma vez que os povos *maku*, como já mencionado no capítulo 2, são basicamente caçadores e coletores e habitam as cabeceiras e os intercursos dos rios e igarapés. Um grupo local pode ser constituído por um casal, cujo homem mais velho é a referência política do grupo, seus filhos solteiros e filhas casadas com seus esposos. O homem depois de casado, contrariamente aos outros grupos da região, deve residir temporariamente com seu sogro, obedecendo a uma regra de uxorilocalidade. Esses grupos locais são formados por vários grupos de fogos⁵, unidos entre si por laços de afinidade, e sua composição não é estável, pode mudar por fusão com outro grupo local ou por fissão. Esses processos variam de acordo com escolhas individuais pautadas por processos políticos, problemas econômicos, casamentos ou questões de ordem religiosa (Silverwood-Cope, 1990). Os grupos locais são instáveis e geograficamente dispersos, embora, hoje em dia, existam comunidades *maku* mais estáveis, o que ocorre devido a um processo de sedentarização provocado pela atuação missionária ou enfraquecimento das relações que esses grupos mantinham com os *tukano*. Os povos *maku* são tradicionalmente endógamos, ou seja, casam-se dentro de um mesmo grupo lingüístico ou com uma pessoa pertencente a uma outra etnia falante de língua *maku*, embora obedeçam também ao casamento preferencial com a prima cruzada bilateral.

⁵ Grupos de fogos aqui são entendidos como a unidade social mínima, geralmente compostos por famílias nucleares.

De uma maneira geral cada comunidade dessa região, localizadas sempre nas margens dos rios⁶, é formada por famílias conjugais (nucleares) chefiadas por membros do grupo local de descendência, geralmente pertencente a um mesmo sib de uma etnia. Portanto, a comunidade é formada basicamente por homens irmãos casados, seus filhos e filhas solteiras. As mulheres vivem primeiramente com seus agnatas e depois do casamento vão morar com seus afins.

O casamento nesta região não tem um ritual específico, ocorre por combinação das famílias do futuro marido e da futura esposa, de preferência em concordância com eles, e se consolida quando nasce o primeiro filho.

O papel da família conjugal é ser a unidade reprodutiva e econômica, além de desempenhar um papel ritual. É uma unidade reprodutiva autônoma, cada uma com suas roças abertas e limpas pelos homens e cultivadas e colhidas pelas mulheres e suas filhas. O irmão mais velho, ao se aproximar a idade de casar, pode eventualmente fazer uma nova roça com a colaboração de uma irmã. Essa nova roça provê suplementos alimentares para a família de seus pais, e é a única outra unidade de produção possível, sendo intermediária entre a infância e a vida adulta. Algumas mulheres que se tornam viúvas, quando seus filhos já estão casados, vão residir na sua comunidade de nascimento, partilhando assim das roças de seus irmãos.

As comunidades geralmente trocam mulheres com outras, identificadas localmente por “cunhados”⁷. Preferencialmente o casamento de um filho homem é acompanhado pelo casamento de uma filha mulher, ou seja, a comunidade da família que casa um filho homem recebe uma mulher (sua esposa), e ao mesmo tempo, entrega uma filha mulher para aquela comunidade de “cunhados” que entregou uma esposa para seu filho. Sendo assim, o casamento de um filho é acompanhado pela perda de uma filha. Assim o casamento se dá preferencialmente em “par”. Este tipo de casamento, chamado de ‘troca dupla’ na literatura antropológica, foi descrito por Árhem (1989), Jackson (1984) entre outros, mas não poderá ser verificado nas análises deste capítulo, já que não possuímos as informações sobre o parentesco mais amplo, conforme já mencionado.

⁶ A exceção para essa regra é o caso dos povos *maku*, como já mencionado neste capítulo.

⁷ Outra vez aqui se faz referência ao mito de origem das diferentes etnias da região, quando a cobra grande, ou anaconda, em cada parada que fazia ao subir ou descer os rios “paria” o primeiro homem do grupo lingüístico, sua mulher e seu cunhado.

O casamento é o momento em que a família tem um primeiro choque econômico, o que dá início a um processo de separação gradual dos interesses econômicos do grupo de irmãos. Representa assim tanto um processo de fissão da família conjugal original quanto um processo de estabelecimento de alianças com outras comunidades. Cabalzar (1995:45) relata que no mito de origem tuyuka, “a transformação da “Cobra de Pedra” em seres humanos, tornam-se freqüentes as referências às separações entre os diferentes povos que vieram do “Lago do Leite”, ao surgimento de línguas diferentes, e o que é mais importante, ao aparecimento da relação entre cunhados.” O casamento, portanto, representa uma força que pode desagregar o grupo de irmãos e agregar grupos de aliados afins políticos e rituais.

Para efeito das análises feitas nesta tese, serão testadas as hipóteses da exogamia lingüística, para os *tukano*⁸, e da proximidade geográfica por trecho de rio e sub-região. O CIARN não pesquisou o sib de cada pessoa, nem a fratria, apenas a origem (nascimento) de cada cônjuge e o seu pertencimento a uma determinada etnia. No caso dos povos baniwa e coripaco, uma vez que só foi pesquisada a etnia, não poderá ser testada a hipótese de exogamia entre as diferentes fratrias, sendo apenas descritos os casamentos que ocorrem entre estes e outros povos ou internamente nestas mesmas etnias. Serão feitas análises por origem (nascimento) dos cônjuges, e sua residência no ano do CIARN (1992). Para os povos de línguas *maku* não será feita distinção de etnia, pois estão identificados no CIARN apenas como *Maku*, que é a maneira pela qual os *Tukano* identificam todas estas etnias⁹. No caso dos Baré e Werekena, as duas outras etnias *aruak*, os casamentos também devem preferencialmente ocorrer dentro de seu próprio povo, e será feita uma análise dos tipos de casamento por etnia e origem geográfica dos cônjuges.

4.2. Análises dos tipos de casamento

Como mencionado no capítulo anterior, para efeito desta pesquisa foram separados os dados das cinco sub-regiões (ver mapas com os as 5 sub-regiões no Apêndice 7): a) **sub-região de lauareté**, que compreende as comunidades do lado brasileiro do rio Uaupés,

⁸ Incluem-se aqui os Tariana, uma vez que, apesar de serem falantes de uma língua *aruak*, estão inseridos há muito tempo no sistema de trocas matrimoniais dos *tukano*.

⁹ É importante lembrar que o censo foi levado a efeito pela FOIRN e suas organizações filiadas em 1992, e não existe, até o presente momento, nenhuma organização indígena *maku*.

desde a comunidade de Urubucuará¹⁰ até Querari, e do rio Papuri; b) **sub-região do Içana**, que compreende as comunidades do rio Içana, Aiari e Cuiari do lado brasileiro; c) **sub-região do Tiquié/Uaupés**, que compreende as comunidades do rio Tiquié no Brasil, e as comunidades do Uaupés desde Ipanoré (abaixo da cachoeira do mesmo nome) até sua confluência com o rio Negro; d) **sub-região do Negro Acima**, que compreende as comunidades do rio Negro desde a Ilha das Flores (exclusive) até Cucuí, na fronteira com a Venezuela e Colômbia, e todo o rio Xié e e) **sub-região do Negro Abaixo**, que compreende as comunidades do rio Negro, desde a Ilha das Flores (inclusive) até a comunidade de Uabada, já no município vizinho de Santa Isabel do Rio Negro.

Cada uma destas sub-regiões articula as comunidades ribeirinhas numa rede mais ampla de trocas econômicas e matrimoniais, incluindo comunidades das mesmas etnias situadas na Colômbia e Venezuela.

Para efeito das análises foram utilizados os seguintes códigos das etnias, que constam também no Apêndice 1:

Códigos das etnias:

Povos de línguas *tukano*:

AR – Arapaso
BA – Bará
BS – Barasana
CA – Karapanã
DE – Desana
JU – Yurutí
KO – Kubeo
MK – Makuna
MI – Miriti-tapuya
PI – Pira-tapuya
TA – Tariana¹¹
TU – Tukano
TY – Tuyuka
UA – Wanana

Povos de línguas *aruak*:

BN – Baniwa
BR – Baré

¹⁰ O rio Uaupés é dividido por uma grande cachoeira na região dessa comunidade de Urubucuará, definindo o que regionalmente se denomina de Distrito de Iauareté.

¹¹ Os Tariana falam uma língua *aruak*, porém hoje em dia a maioria fala somente o tukano, convivem e se casam com povos de língua *tukano*, por isso estão assim classificados.

CO – Coripaco
UE – Werekena

Povos de línguas *maku*:

MA – Maku¹²

Outros:

d – desconhecida

N – Não índio

Os casais estudados neste capítulo estão assim distribuídos: 673 casais na sub-região de Iauareté; 565 casais na sub-região do Tiquié/Uaupés; 587 casais na sub-região do Içana; 375 casais na sub-região do Negro Acima e 542 casais na sub-região do Negro Abaixo. Os itens do questionário do CIARN, aplicado em cada um dos domicílios, utilizados nesse capítulo são: código da residência da família, que define a comunidade de residência e sua localização geográfica; local de nascimento do chefe do domicílio; sexo do chefe do domicílio; idade do chefe; povo ou tribo do chefe do domicílio; local de nascimento da esposa do chefe; idade da esposa; povo ou tribo da esposa. Conhecendo-se as comunidades de residência e nascimento (aqui denominadas de origem) dos cônjuges, essas foram classificadas conforme os trechos de rios e sub-regiões definidas nessa pesquisa.

Foram excluídos desta análise os viúvos/as e os solteiros mesmo sendo chefes de domicílios, por não termos as informações sobre seus cônjuges. Em cada uma das sub-regiões estudadas encontramos os seguintes números de viúvos ou viúvas, residindo em suas comunidades de origem ou não:

- a) Iauareté: nos 3 trechos de rios (Papuri, Uaupés Acima e Uaupés) foram contados 23 viúvos e 19 viúvas, e em Iauareté Centro somente 1 viúvo e 24 viúvas.
- b) Tiquié/Uaupés: nos 3 trechos de rios (Alto Tiquié, Baixo Tiquié e Uaupés) foram contados 34 viúvos e 5 viúvas, e em Taracua Centro e Pari Cachoeira Centro 3 viúvos e 3 viúvas.
- c) Içana: nos 3 trechos de rios (Alto Içana, Baixo Içana e Aiari) foram contados 24 viúvos e 24 viúvas, e em Assunção Centro 7 viúvos e 3 viúvas.
- d) Negro Acima: nos 2 trechos de rios (Negro e Xié) foram contados 24 viúvos e 15

¹² Os *Maku* foram todos identificados pela família lingüística, pois assim os classificaram os recenseadores na maioria dos casos.

viúvas e no centro urbano de Cucuí 5 viúvos e 14 viúvas.

- e) Negro Abaixo: no trecho do rio Negro foram contados 24 viúvos e 27 viúvas e na cidade de São Gabriel 10 viúvos e 59 viúvas.

O número expressivamente maior de viúvos residentes nas comunidades das diferentes sub-regiões, em contraste com o número maior de viúvas residentes nos centros urbanos (Cucuí, São Gabriel e os centros missionários) ocorre provavelmente devido ao fato de que nos centros urbanos é mais fácil para uma mulher sozinha conseguir sobreviver, já que ela pode contar com a aposentadoria por idade fornecida pela previdência social oficial (antiga aposentadoria rural que também é recebida pelos índios). Nas comunidades uma viúva depende da ajuda de seus parentes afins, se ela continua residindo com a família de seu falecido esposo, ou de seus parentes consangüíneos se ela volta para sua comunidade de origem. Na sub-região do Negro Abaixo as comunidades têm uma proximidade maior com a cidade de São Gabriel, o que facilitaria para ela conseguir sua aposentadoria e maneiras alternativas de sobrevivência nas cidades.

4.2.1. Estrutura etária dos casais

Com o objetivo de obter um panorama da composição dos casais no Alto Rio Negro, estudamos a estrutura etária de homens e mulheres casados bem como a composição dos casais por idade. Foram consideradas as etnias a que pertencem e as sub-regiões identificadas para efeito deste trabalho. O conjunto de tabelas e gráficos que fundamentam as observações feitas em seguida foram colocadas no Apêndice 3, para facilitar a leitura do texto.

De uma maneira geral o que podemos observar é que as mulheres se casam mais cedo do que os homens, e são mais jovens do que seus maridos em sua maioria. Por outro lado os homens casados da faixa etária de 70 anos e mais estão em todas as sub-regiões em maior proporção do que as mulheres.

Na **sub-região de Iauareté** encontram-se 673 casais (tabela 1 e gráfico 1 do Apêndice 3). Entre as mulheres casadas a faixa etária modal é de 30 a 34 anos e, entre os homens, a maior proporção concentra-se entre as idades de 40 e 44 anos. As mulheres casam-se mais cedo do que os homens, encontrados em pequeno número na primeira faixa etária em que se encontram pessoas casadas (15 a 19 anos). Como já comentamos

anteriormente, os homens sobrevivem às mulheres, em todas as etnias e na região como um todo, já que existe uma maior proporção de homens na faixa etária de 70 anos e mais. Os viúvos e viúvas nesta sub-região estão diferentemente distribuídos nos trechos de rio, sendo que quase todas as viúvas, 21, residiam em 1992 em Iauareté Centro.

O trecho do rio Uaupés onde está localizado o povoado de Iauareté Centro é tradicionalmente ocupado pelos Tariana, etnia majoritária com 341 homens e mulheres, e seguida pelos Tukano, com 295 pessoas contabilizadas neste estudo. Outras etnias que tradicionalmente habitam essa sub-região são os Desana e Pira-tapuya no Papuri, os Wanana e Kubeo no Uaupés Acima.

Os Baniwa e Coripaco estão presentes nesta sub-região de Iauareté em pequeno número, 13 pessoas, sendo que 11 são mulheres e apenas 2 homens. Estes dois povos são falantes de língua da família *aruak* e tradicionais habitantes dos rios Içana e Aiari, uma região contígua à de Iauareté, e que se comunica com o Uaupés Acima, na região da comunidade de Caruru Cachoeira, através de um igarapé. O que se pode ver é que as comunidades no trecho do rio Uaupés acima de Iauareté trocam também mulheres com as comunidades próximas falantes de outras línguas que não as *tukano*, apesar de não ser esse o casamento preferencial para nenhum desses dois grandes grupos de famílias lingüísticas.

Algumas etnias, como os Barasana, estão representadas somente por mulheres, por ser esse um grupo habitante tradicional das comunidades do lado colombiano, mas que mantém relações com as comunidades do Papuri brasileiro. Os Karapanã e Yurutí também estão representados por mulheres em sua maioria, por não serem tradicionais habitantes dessa região. Os Wanana estão mais presentes através dos homens, pois suas mulheres (filhas e irmãs) são trocadas com comunidades da Colômbia, indo morar nessa região.

No caso dos *Maku*, as mulheres da faixa etária de 15 a 19 anos são em maior número do que entre outros grupos, indicando assim que possivelmente elas se casam mais cedo do que as mulheres das outras etnias. Esse dado vai se confirmar pela análise da idade ao ter o primeiro filho, feita no capítulo 5 desta tese. Nessa faixa etária de 15 a 19 anos só existem 6 homens *maku* e 2 *tukano*.

Dos não índios presentes nessa sub-região, todos são residentes em Iauareté Centro, que, por ser um centro urbano como já mencionado, recebeu antes da demarcação das terras indígenas um pequeno número de famílias de migrantes oriundos de São Gabriel da

Cachoeira em sua maioria, tendo alguns de seus integrantes casados com índios desta região.

Na **sub-região do Tiquié/Uaupés**, os 565 casais contados possuem uma estrutura etária mais jovem do que na sub-região de Iauareté (ver tabelas 2a e 2 b, e gráfico 2 do Apêndice 3), são poucos os homens casados que pertencem à faixa etária de 15 a 19 anos, sendo os *Maku* um maior número entre esses, seguidos pelos Tukano e Desana. A faixa etária de 25 a 29 anos das mulheres e 30 a 34 anos dos homens é a maior proporcionalmente, o que difere da sub-região de Iauareté, onde a faixa etária masculina maior proporcionalmente é a de 40 a 44 anos e a feminina é a de 30 a 34 anos.

Os tradicionais habitantes dessa sub-região são os Tukano, etnia majoritária com 367 pessoas, seguida pelos Desana, *Maku* e Tuyuka com 210, 235 e 134 pessoas respectivamente. No caso dos Barasana, Wanana e Kubeo, os primeiros estão presentes em maior número na Colômbia, e os Wanana e Kubeo no trecho de rio do Uaupés Acima, da sub-região de Iauareté, do lado brasileiro e também na Colômbia. Estão representados nesta sub-região do Tiquié/Uaupés apenas por mulheres, assim como os Baniwa e Coripaco pois foram para esses rios casadas com homens de outras etnias. Os não índios residentes nessa sub-região na época do CIARN também moram no centro missionário de Pari Cachoeira, como no caso de Iauareté.

Os 587 casais encontrados na **sub-região do Içana** são formados, em sua grande maioria, pelos Baniwa, povo tradicional habitante desse rio e do Aiari, com 900 pessoas pertencentes a este povo. Outro grupo tradicional habitante dessa região são os Coripaco, que se consideram como povo distinto dos Baniwa, embora fale uma língua muito próxima, também pertencente à família lingüística *aruak*. Este grupo se encontra majoritariamente na Colômbia, e no lado brasileiro estão situados nas comunidades do alto curso de rio Içana (Journet, 1988). Os Baré e Werekena estão também presentes nesta sub-região, no trecho do Baixo Içana, próximo de sua região tradicional que é a calha do rio Negro para os primeiros e o rio Xié para os segundos; são ao todo 35 homens e mulheres Baré e 40 homens e mulheres Werekena. Os Kubeo e Wanana presentes nesta sub-região estão representados em sua maioria por mulheres, casadas com homens baniwa ou coripaco, o que coincide com os dados da sub-região de Iauareté, onde vivem algumas mulheres baniwa casadas com homens destes povos. Como já dito anteriormente, o rio Aiari se comunica com

a sub-região de Iauareté no trecho do rio Uaupés acima de Iauareté, e as relações entre essas comunidades baniwa com as comunidades kúbeo e wanana são freqüentes nessa pequena região.

A estrutura etária dos casais desta sub-região também é mais jovem. A faixa etária de 25 a 29 anos entre as mulheres e 30 a 34 anos entre os homens é maior proporcionalmente do que as outras, o que coincide com a sub-região do Tiquié/Uaupés e difere de Iauareté.

Na **sub-região do rio Negro Acima** os 375 casais estudados pertencem em sua maioria ao povo baré e werekena, tradicionais habitantes desse rio e do rio Xié, respectivamente. Outro grupo presente nesta sub-região é o Baniwa que, como mencionado acima, que tem suas comunidades localizadas no rio Içana, afluente do rio Negro e próximo desta sub-região. A estrutura etária dos casais nesta sub-região é um pouco mais velha, apresentando maior proporção de homens na faixa etária de 40 a 44 anos; enquanto as mulheres estão em maior proporção na faixa etária de 25 a 29 anos. Pode-se verificar pelo gráfico 4 (Apêndice 3) que faltam mulheres e homens nas coortes mais jovens, o que provavelmente indica a existência de migração em direção à cidade de São Gabriel da Cachoeira (ver as análises do capítulo 2 sobre as hipóteses de migração indígena em direção à cidades).

A **sub-região do Negro Abaixo**, onde está localizada a cidade de São Gabriel da Cachoeira, vem recebendo migrantes indígenas das diferentes comunidades e a estrutura etária dos casais é semelhante à de Iauareté. Indica possivelmente uma idade ao casar superior à dos casais das outras sub-regiões. Estão presentes nessa região quase todas as etnias estudadas, embora seja de tradicional ocupação dos Baré, grupo majoritário, representado aqui por 305 pessoas. Algumas etnias como os Coripaco, Yurutí, Miriti e Kúbeo estão representadas apenas por pessoas mais velhas, enquanto as outras etnias estão distribuídos por todas as faixas etárias.

4.2.2. Diferença de idade entre os cônjuges

Para a análise da diferença de idade entre os cônjuges foram utilizadas as informações sobre idade em 1992. Foram feitas tabelas com a distribuição dos casais onde o homem é mais velho ou tem a mesma idade do que sua mulher, e onde a mulher é mais velha do que seu marido, por sub-região e diferentes trechos de rio (ver tabelas de 6 a 10 no

Apêndice 3). Os gráficos de 6 a 10 representam a distribuição proporcional desses casais (Apêndice 3).

Os casais em geral são formados por homens mais velhos ou com a mesma idade do que suas mulheres, embora em todas as quatro sub-regiões e em todos os trechos de rio, exista uma porcentagem de mulheres mais velhas do que seus maridos, cerca de 20% (ver tabelas e gráficos 6 a 10 do Apêndice 3 desta tese).

A diferença média de idade entre os maridos e suas esposas em todas as sub-regiões é de 6,01 anos quando o marido é mais velho ou tem a mesma idade do que a mulher, e de 3,44 anos quando a mulher é mais velha. Em todas as sub-regiões a diferença é menor quando a mulher é mais velha do que o marido. A diferença de idade mais freqüente é de 3 anos quando a mulher é mais velha e 6 anos quando o marido é o mais velho ou tem a mesma idade do que sua esposa. Na sub-região do Tiquié/Uaupés a diferença de idade entre os cônjuges quando o homem é mais velho, é menor, situando-se a moda em 4 anos.

4.2.3. Casamentos exogâmicos e endogâmicos

A seguir passaremos a analisar os casamentos por etnia, procurando descrever a freqüência com que ocorrem uniões entre cônjuges de diferentes povos. Para as sub-regiões de Iauareté e do Tiquié/Uaupés, analisaremos a ocorrência de exogamia lingüística, que é prescrita para os povos *tukano*, tradicionais ocupantes dessas áreas. Para a região do Içana, de ocupação baniwa, analisaremos os casamentos que ocorrem entre cônjuges desta etnia, e entre cônjuges baniwa com outros povos. Nas duas últimas sub-regiões, Negro Acima e Negro Abaixo, de ocupação baré e werekena no primeiro caso e de ocupação baré e região de destino de muitos outros povos no segundo caso, serão analisados os casos de casamentos internamente entre esses dois povos *aruak* e entre eles e os *tukano* ou entre os *tukano* mesmos. Para facilitar a visualização e entendimento das tabelas, estão marcados com azul os casos de endogamia permitida, e com amarelo aqueles casos onde a endogamia é considerada por eles como um incesto ou casamento entre parentes. Na tabela 1, por exemplo, pode-se ver que o casamento de um homem baniwa com uma mulher da mesma etnia está marcado com azul, pois, como já foi mencionado, a exogamia neste povo ocorre no nível da fratria, informação que não dispomos para análise a partir do CIARN. O mesmo ocorre no caso dos homens baré, kobeo (que, apesar de serem um grupo *tukano*,

casam-se com mulheres deste mesmo grupo, porém de fratrias distintas), *maku* e dos não índios.

a) Sub-região de Iauareté:

Esta região é habitada tradicionalmente pelos Tariana¹³, desde o trecho mais alto do rio Uaupés, até o começo do Papuri, encontrando-se ainda comunidades deste povo no médio Uaupés, até a comunidade de Urubuquara. É a etnia majoritária desta sub-região. A tabela 1 mostra que os 196 homens tariana, identificados como chefes de domicílios na época do CIARN, estão casados em sua maioria com mulheres tukano. São 83 casamentos deste tipo. Em segundo lugar, os homens tariana se casam com mulheres pira-tapuya: com o total de 59 casamentos deste tipo. Os casamentos de homens tariana com mulheres de outros grupos *tukano*, que também obedecem à regra da exogamia lingüística, ocorrem em um número bem menor. Os únicos povos presentes nesta sub-região, com os quais os Tariana não estavam casados no momento do censo, eram os Coripaco e os *Maku*. Os primeiros são tradicionais habitantes da região do alto Içana, estando representados nesta região apenas por mulheres casadas com homens que são desta região. Chamamos atenção para o fato de que os povos majoritários nas duas sub-regiões habitadas pelos *tukano* (Iauareté e Tiquié/Uaupés), casam-se com mulheres pertencentes a um número maior de etnias. Porém, sempre ocorre uma preferência por duas ou três etnias, o que fica demonstrado no número de casamentos analisados. No caso dos Tariana, eles estão casados majoritariamente com mulheres tukano ou pira-tapuya.

Os homens tukano, segunda etnia em tamanho desta sub-região e uma das mais populosas da região do rio Negro como um todo, casam-se majoritariamente com os Tariana: de 140 homens tukano, 57 estão casados com mulheres tariana. Em segundo lugar com as mulheres desana: são 30 casamentos deste tipo.

Os Desana estão casados em sua maioria com mulheres tukano (23 casamentos deste tipo), seguidas por mulheres wanana, com 9 casamentos. Os primeiros 23 casamentos podem ser considerados casamentos com comunidades próximas, uma vez que os tukano também estão localizados no Papuri, rio de tradicional ocupação desana, o que vem

¹³ Os Tariana são falantes de uma língua *aruak*, mas estão há muitos anos em contato constante com os povos *tukano*; hoje em dia somente um pequeno grupo ainda fala sua língua tradicional. Estabeleceram com os *tukano* redes de trocas matrimoniais e sócio-políticas.

confirmar as observações de Buchillet (1992) quanto ao casamento desta etnia. Mas o casamento com as mulheres wanana seria um casamento com comunidades distantes, pois este povo está mais presente no trecho do rio Uaupés acima do povoado de Iauareté. Os Wanana estão casados em sua maioria com mulheres tariana, seguidas das mulheres desana, com 20 e 12 casamentos respectivamente.

Os *Maku* estão casados com mulheres *maku*, o que confirma a regra da preferência de casamento para estes povos. E os Kubeo também estão em sua maioria casados com mulheres pertencentes a esta etnia. Somente 5 homens kubeo estão casados com mulheres wanana, povo que vive em comunidades próximas, 3 estão casados com mulheres tariana e desana, sendo que estas últimas provavelmente habitam comunidades mais distantes geograficamente. A regra de casamento kubeo descrita por Goldman (1963) é observada nestes casos relatados.

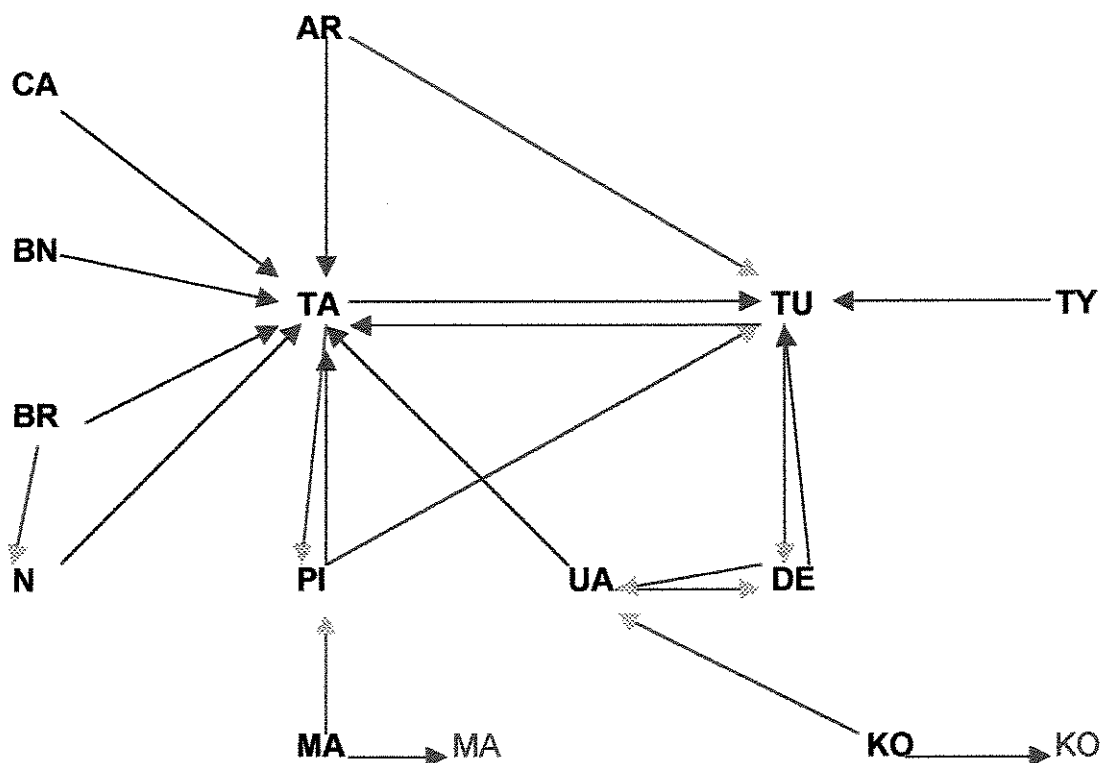
Os casamentos endogâmicos não prescritos, marcados com amarelo na tabela 1, são 5 casos de homens tariana casados com mulheres desta mesma etnia, 5 Tukano e 3 Wanana, que também se encontravam casados com mulheres consideradas suas parentes.

O esquema abaixo (Figura 1) procura descrever as trocas havidas entre etnias, sempre tomando-se como referência os homens. Deve-se ler da seguinte maneira: um homem tariana (TA) casa-se majoritariamente (flecha azul em direção aos TU) com mulheres tukano, e em segundo lugar casa-se com mulheres pira-tapuya (flecha laranja em direção aos PI). A direção da flecha neste esquema indica os homens indo se casar com as outras etnias. Nos casos de endogamia lingüística as etnias das mulheres estão grafadas pelo seu código em rosa, como os *Maku*, que casam-se majoritariamente com mulheres *maku* (flecha azul em direção a MA), e, em segundo lugar, com as mulheres pira-tapuya (flecha laranja em direção a PI). Pode-se notar que os Tariana são os que mais trocam mulheres, casando-se preferencialmente com os Tukano e Pira-tapuya, grafados no esquema por uma flecha azul e laranja, e 'doando' mulheres para muitos outros grupos diferentes. A tabela 1 mostra que os Tariana são o povo que se casa com um número maior de etnias, seguidos dos Tukano. No caso dos Tariana, eles possivelmente estabelecem as trocas duplas relatadas na literatura

antropológica¹⁴, pois tanto vêm mulheres dos povos tukano e pira-tapuya para eles, quanto seguem mulheres tariana para estes povos.

Na Figura 1, quando existem flechas nas duas direções entre dois povos, e as mesmas estão em azul, isto quer dizer que ambos majoritariamente estão casados com mulheres do outro povo. Nesta sub-região este é o caso dos Tariana casados com os Tukano e vice-versa.

Figura 1: Trocas matrimoniais entre etnias na sub-região de Iauareté



¹⁴ Como já foi mencionado acima, não é possível estabelecer um estudo dessas chamadas trocas duplas, que seriam trocas de irmãos entre comunidades próximas. Apenas nos foi possível estabelecer com quais etnias os Tariana, ou outro povo desta sub-região trocam cônjuges nas duas direções, recebendo e doando mulheres.

Poderíamos dizer que, entre os povos *tukano*, os casamentos das etnias que tradicionalmente habitam uma determinada região serão formados por alianças com um número maior de etnias, estabelecendo relações sociais, políticas, econômicas e rituais com um número maior de comunidades. Os casamentos desta sub-região são quase todos exogâmicos, entre etnias diferentes, com exceção dos *Maku* e *Kubeo*, mas a exogamia lingüística é relativizada pela preferência por uma determinada proximidade geográfica, o que se comprova com o casamento de homens do Uaupés Acima com mulheres da região do Aiari ou Içana (Baniwa ou Coripaco).

Tabela 1: Casamentos por etnia, dos residentes na sub-região de Iauareté

Homens	Mulheres																	total
	AR	BS	BN	BR	CA	CO	DE	JU	KO	MA	MI	N	PI	TA	TU	TY	UA	
AR	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	15	9	-	-	25
BN	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	2
BR	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-	2
CA	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
DE	1	-	-	1	-	-	-	1	-	-	-	-	6	2	23	-	9	43
KO	-	-	1	-	-	1	3	-	12	-	-	-	-	3	-	1	5	26
MA	-	-	-	-	-	-	-	-	-	78	-	-	3	-	-	-	-	81
N	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	5	-	-	1	8
PI	-	-	-	-	-	-	16	1	1	2	-	-	-	32	18	-	2	72
TA	10	1	2	4	2	-	5	1	5	-	1	1	59	5	83	3	14	196
TU	8	1	-	-	1	-	30	1	-	3	-	-	15	57	5	12	7	140
TY	-	1	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1	9	-	-	12
UA	1	-	6	1	1	1	12	-	9	-	-	-	-	20	8	3	3	65
total	20	3	9	6	4	2	68	4	27	83	1	3	84	144	155	19	41	673

CIARN/1992

b) Sub-região do Tiquié/Uaupés:

Esta sub-região é habitada majoritariamente pelos Tukano, Desana e Tuyuka. Os Tukano nesta região estavam casados em sua maioria, na época do CIARN, principalmente com mulheres desana, envolvendo 76 casamentos deste tipo. Segue o casamento dos homens tukano com mulheres tuyuka, principalmente no trecho de rio do Alto Tiquié. Os casamentos tuyuka também ocorrem em número maior com mulheres tukano: são 35 homens desta etnia casados com mulheres tukano. Essa grande frequência de casamentos tuyuka com tukano foi largamente analisada e discutida por Cabalzar (2000), conforme já mencionado acima, e os dados analisados na tabela 2 vêm confirmar que os Tukano são os cunhados preferenciais dos Tuyuka, pelo menos do lado brasileiro. O esquema abaixo

(Figura 2) das trocas de mulheres entre os diferentes povos desta sub-região mostra que as duas etnias que trocam majoritariamente mulheres entre si são Tukano e Desana, seguidas pelas trocas entre Tuyuka e Tukano.

Assim como na sub-região de Iauareté, os Desana casam-se majoritariamente com os Tukano (e vice-versa), o que ocorre também na sub-região do Negro Abaixo, onde estes dois povos também estão presentes. Os Tariana, presentes em número pequeno nesta sub-região, também se casam aqui com mulheres tukano e pira-tapuya, repetindo o tipo de casamento encontrado em Iauareté.

Os *Maku*, habitantes tradicionais dos intercursos dos rios e de comunidades situadas em igarapés afluentes do Tiquié, estão representados por 114 homens e 116 mulheres. Destes 114 homens, apenas um está casado com uma mulher tukano, e das mulheres apenas 3 estão casadas com homens desana. Também como na sub-região de Iauareté, confirma-se a regra de casamento preferencial dos *Maku*, que casam-se majoritariamente entre povos falantes desta família lingüística.

Os únicos casos de endogamia lingüística *tukano* são os 14 homens casados com mulheres tukano, 3 homens desana casados com mulheres desana e 1 homem miriti-tapuya casado com uma mulher da mesma etnia. Estes são os casos de endogamia não prescrita, ou seja, considerados incesto pela regra tradicional. O que se pode observar, portanto, é que é mantida a exogamia lingüística prescrita para os povos *tukano*.

No esquema abaixo (Figura 2) as possíveis trocas duplas se dão entre os Tukano e Desana, entre os Tuyuka e Tukano, e entre os Desana e Tukano. Existe também um pequeno número de trocas entre os Tuyuka e Desana. Estes casamentos podem ser considerados como casamentos geograficamente próximos, uma vez que estas etnias estão localizadas em comunidades do Tiquié principalmente.

Figura 2: Trocas matrimoniais entre etnias na sub-região do Tiquié/Uaupés

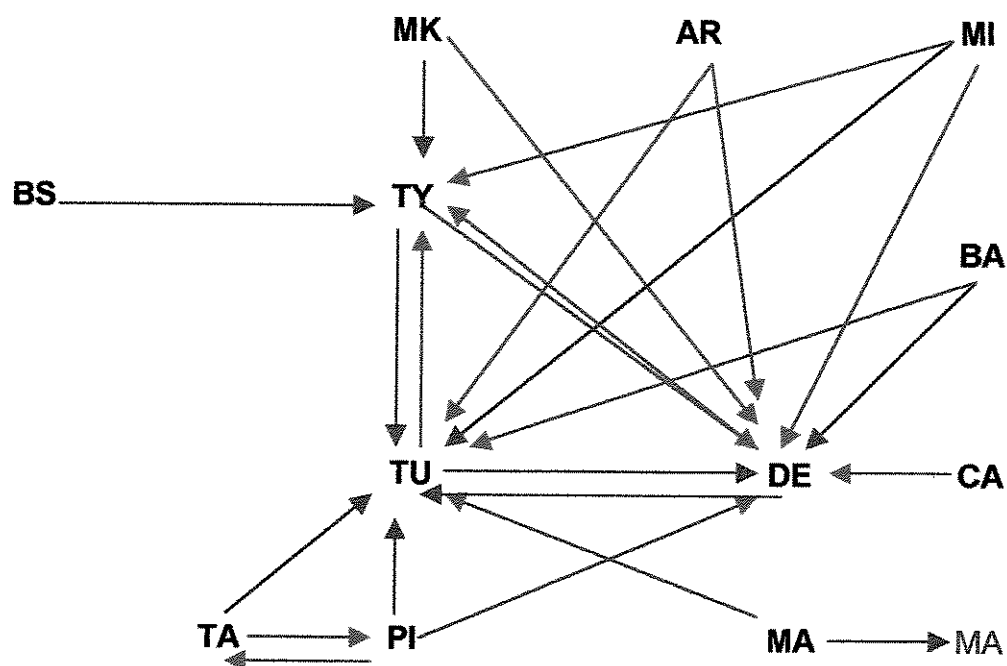


Tabela 2: Casamentos por etnia, dos residentes na sub-região do Tiquié/Uaupés

Homens	Mulheres																	total
	AR	BN	BR	BS	CA	CO	DE	KO	MA	MI	MK	N	PI	TA	TU	TY	UA	
AR	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	2
BA	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	3
BR	-	1	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	3
BS	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
CA	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2
DE	2	-	-	-	-	-	3	-	3	5	2	-	5	2	77	10	-	109
MA	-	-	-	-	-	-	-	-	113	-	-	-	-	-	1	-	-	114
MI	-	-	-	-	1	-	2	-	-	1	-	-	-	1	12	2	-	19
MK	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	4	-	5
N	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-	3
PI	-	1	-	-	-	-	5	-	-	-	-	-	-	5	13	-	-	24
TA	2	-	-	-	-	1	3	-	-	-	-	-	4	-	6	3	2	21
TU	3	1	1	-	-	-	76	1	2	8	-	1	15	21	14	59	2	204
TY	-	-	-	6	-	-	5	-	3	2	2	-	2	-	35	-	-	55
total	7	3	1	6	1	1	102	1	121	16	4	1	27	29	162	79	4	565

CIARN/1992

De uma maneira geral, nestas duas sub-regiões analisadas, onde tradicionalmente vivem os povos *tukano*, a exogamia lingüística é estritamente observada, ocorrendo apenas alguns poucos casos de endogamia não permitida pela regra tradicional. Observa-se ainda que cada povo tem um maior número de ocorrências de casamentos com alguns outros povos, o que se pode notar nos esquemas quando as flechas estão nas duas direções. Assim sendo, os Tariana casam-se preferencialmente com os Tukano e Pira-tapuya; os Tukano casam-se preferencialmente com os Tariana em Iauareté e com os Desana no Tiquié/Uaupés, e, em segundo lugar com os Desana em Iauareté e com os Tuyuka no Tiquié/Uaupés; os Desana casam-se preferencialmente com os Tukano em ambas as regiões. Podemos concluir ainda, que as etnias majoritárias em termos de tamanho de população, que obviamente habitam tradicionalmente cada uma destas duas sub-regiões, casam-se com um maior número de etnias: os Tariana de Iauareté estão casados com 14 etnias diferentes, e os Tukano do Tiquié estão casados com 12 etnias diferentes (excluindo-se, em ambos os casos, os não índios), ampliando assim seu leque de alianças políticas, econômicas e rituais.

É interessante notar que nessas duas sub-regiões, Iauareté e Tiquié/Uaupés, o casamento entre etnias que se consideram 'parentes' ou como pertencendo a uma grande fratria (Jackson, 1984) ou como unidades exogâmicas compostas (C. Hugh-Jones, 1979) não ocorre de maneira expressiva. Apenas um Tukano na região de Iauareté está casado com uma mulher yurutí, e um homem bará da região do Tiquié/Uaupés está casado com uma mulher tukano.

c) Sub-região do Içana:

Trata-se da região onde estão localizadas as comunidades baniwa, que se localizam em todo o rio Içana, Aiari, Cuiari e também estão na sub-região do Negro Abaixo, tendo migrado até Santa Isabel e Barcelos. O povo baniwa é o mais populoso desta região do Alto Rio Negro, estando presente também na Colômbia e Venezuela. Os Coripaco habitam as comunidades do alto rio Içana, e estão majoritariamente na Colômbia. Falam uma língua muito semelhante ao Baniwa, com apenas algumas variações dialetais. O casamento destes dois povos deve ocorrer no interior das etnias, sendo a exogamia prescrita no nível das

fratrias, conforme já foi explicado acima. Portanto, o esperado é que exista um maior número de casamentos de homens baniwa com mulheres desta mesma etnia; sendo o mesmo esperado para o casamento coripaco. Os Baniwa casam-se também com os Kubeo e Wanana, devido à proximidade geográfica de suas comunidades localizadas no trecho do rio Uaupés acima de Iauareté. Conforme já mencionado, esses casamentos, embora não esperados se considerarmos apenas a regra da exogamia, ocorrem pela preferência da proximidade geográfica entre comunidades de afins.

Dos 456 homens baniwa, 388 estão casados com mulheres da mesma etnia, conforme fica demonstrado na tabela 3, abaixo. Os outros estão casados com Coripaco (16 casos), Werekena (13 casos), Kubeo (10 casos) e Wanana (10 casos). Resta ainda um pequeno número de homens baniwa casados com os Tariana, Miriti-tapuya, Desana, Arapaso, Tukano e não índio. Os Coripaco, por sua vez, estão casados com mulheres desta mesma etnia em sua maioria. dos 60 homens encontrados, 43 casaram-se com mulheres coripaco. Existem ainda 16 homens coripaco casados com mulheres baniwa, o inverso também ocorre: são 16 homens baniwa casados com mulheres coripaco. Os 3 homens wanana e 3 kubo presentes nesta sub-região estão casados com mulheres baniwa, sendo que, provavelmente, estes são casamentos fazem parte deste sistema de trocas que seguem os princípios geográficos, conforme mencionado. Os outros homens das demais etnias presentes estão casados em sua maioria com mulheres baniwa, com exceção dos Baré, majoritariamente casados com mulheres de sua própria etnia. Os 20 homens Werekena nesta sub-região, que deveriam se casar com mulheres de sua própria etnia, estão casados em sua maioria com mulheres baniwa, possibilitando assim a criação de uma rede de relações de troca com a etnia majoritária desta sub-região.

Como nas duas sub-regiões anteriores, são os Baniwa que se casam com um maior número de etnias, 10 etnias distintas, excluindo-se eles próprios e os não índios. Os Coripaco, o outro povo tradicional desta sub-região, casam-se apenas entre eles ou com os Baniwa, e apenas um homem coripaco está casado com uma mulher kubo.

Tabela 3: Casamentos por etnia, dos residentes na sub-região do Içana

Homens	Mulheres												total
	AR	BN	BR	CO	DE	KO	MI	N	TA	TU	UA	UE	
BN	1	388	8	16	1	10	2	1	7	1	8	13	456
BR	-	6	7	1	-	-	-	-	1	-	-	3	18
CA	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
CO	-	16	-	43	-	1	-	-	-	-	-	-	60
DE	-	4	-	-	-	-	-	-	-	1	2	-	7
KO	-	3	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-	5
N	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	2
TA	-	3	1	-	-	-	-	-	-	-	-	3	7
TU	-	4	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	5
TY	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	2
UA	-	3	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	4
UE	-	15	1	-	-	1	-	-	2	-	-	1	20
total	1	444	17	62	2	13	2	1	10	4	11	20	587

CIARN/1992

d) Sub-região do Negro Acima:

As comunidades situadas nas margens do rio Negro, desde a fronteira com a Venezuela até a região da ilha das Flores, cerca da foz do Uaupés, são em sua maioria habitadas pelos Baré. Essa sub-região, conforme já mencionado no capítulo 3 desta tese, é a única dentre as estudadas que possui um trecho do rio Negro (que vai desde a comunidade de Vista Alegre, até a fronteira com a Venezuela), que está fora das terras indígenas demarcadas (margem esquerda do rio Negro - ver Apêndice 7 – mapa 1). A margem esquerda do trecho do rio Negro, abaixo de Vista Alegre até a região da comunidade de Tancredo Neves, depois da cidade de São Gabriel da Cachoeira, também ainda não está demarcada como terra indígena. É uma região habitada tradicionalmente pelo povo baré, que ocupa toda a calha do rio Negro e também o baixo Içana e baixo Xié. Os Baré tradicionalmente falavam uma língua *aruak*, que foi paulatinamente sendo substituída pelo *nheengatu*, língua geral introduzida pelos missionários e falada também pelos Werekena, embora estes últimos ainda mantenham sua língua original. Na Venezuela e Colômbia, os Baré são também conhecidos pela denominação *Nheengatu*. Esta sub-região vem perdendo

população nos últimos anos, o que está demonstrado no capítulo 2, e é a região com o menor número de pessoas das 5 estudadas.

São 375 casais, sendo os Baré casados majoritariamente com mulheres desta mesma etnia com 185 casamentos deste tipo (ver tabela 4 abaixo). Em segundo lugar os Baré estão casados com mulheres werekena, principalmente na região do baixo rio Xié, e com mulheres baniwa, na região do baixo Içana. Os 49 homens werekena desta sub-região estão casados majoritariamente com mulheres da mesma etnia, com 28 casos, e em seguida com Baré, 8 casos e com Baniwa, 8 casos. Nesta sub-região, portanto, também os casamentos ocorrem conforme a regra de prescrição: estes dois povos majoritários preferencialmente devem se casar com mulheres falantes da mesma língua. Os Baniwa residentes nesta sub-região seguem a mesma tendência de casamento observada na sua sub-região de ocupação tradicional, ou seja, casam-se majoritariamente com mulheres deste mesmo povo. De 41 homens casados, 12 estão casados com mulheres baniwa, 12 estão casados com mulheres baré, e 6 com werekena.

Vale notar que, como ocorre nas outras 3 sub-regiões, a etnia majoritária – no caso os Baré - são os que se casam com um maior número de povos distintos. Conforme pode ser visto na tabela 4, estão casados com indivíduos de 8 etnias diferentes.

Tabela 4: Casamentos por etnia, dos residentes na sub-região do Negro Acima

Homens	Mulheres											total
	AR	BN	BR	CO	DE	PI	TA	TU	TY	UA	U E	
AR	-	-	-	-	2	1	2	4	-	-	-	9
BN	-	18	12	1	-	-	2	2	-	-	6	41
BR	1	16	185	3	1	-	-	5	-	1	18	230
CO	-	2	1	-	-	-	-	1	-	-	-	4
DE	-	-	1	-	-	1	-	3	-	-	-	5
N	-	1	10	-	-	-	1	-	-	-	-	12
PI	-	-	2	-	1	-	-	1	-	-	-	4
TA	1	2	2	-	-	1	-	1	-	-	1	8
TU	2	1	-	-	-	1	2	2	1	-	3	12
TY	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
U E	1	8	8	1	-	-	1	2	-	-	28	49
total	5	49	221	5	4	4	8	21	1	1	56	375

CIARN/1992

e) Sub-região do Negro Abaixo:

Esta sub-região é onde se localiza a cidade de São Gabriel da Cachoeira, sede do município, e região de destino de migração de muitas famílias indígenas, sejam *tukano*, ou *aruak*. Assim como a sub-região do Negro Acima, é área de ocupação tradicional dos Baré, etnia ainda majoritária, embora exista um número expressivo de índios de outras etnias vivendo em comunidades desta sub-região, e na cidade de São Gabriel da Cachoeira.

Os Baré desta região estão casados na sua maioria com mulheres deste mesmo povo (ver tabela 5 abaixo). Mas, diferentemente do que ocorre na sub-região do Negro Acima, neste caso os homens baré se casam em segundo lugar com mulheres tukano (e não com Werekena). São 30 casos de casamentos com mulheres tukano e 17 com mulheres desana, estabelecendo alianças com mulheres oriundas das famílias destes povos que desceram para esta região. Os Tukano, representados aqui nesta sub-região por 113 homens, estão casados majoritariamente com mulheres desana, assim como já visto na sub-região do Tiquié/Uaupés. Esse casamento também é muito expressivo em Iauareté, apenas antecedido pelo casamento de homens tukano com mulheres tariana. Os Tariana também seguem o mesmo tipo de preferência de casamento de sua região tradicional, ou seja, com mulheres tukano ou pira-tapuya, além de ocorrerem casamentos com outros grupos, incluindo 6 casos de casamentos com Arapaso, o que também se observa em Iauareté. O que se pode concluir é que essa população *tukano* que não é originária desta sub-região, já vieram casados, ou continuam obedecendo às mesmas regras de preferência de casamento. A regra da exogamia lingüística parece permanecer operante, apesar de existir um número maior de homens tukano casados com mulheres desta mesma etnia (22 casos).

Da mesma forma que nas outras 4 sub-regiões estudadas, a etnia majoritária é aquela que se casa com um maior número de povos distintos. Neste caso são os Baré, que estão casados com 12 povos diferentes, excluindo-se os não índios. Em segundo lugar vem os Tukano, que estão casados com 11 povos diferentes, e que também estão presentes em número bastante expressivo.

Tabela 5: Casamentos por etnia, dos residentes na sub-região do Negro Abaixo

Homens	Mulheres																total
	AR	BN	BR	CA	CO	DE	KO	MA	MI	N	PI	TA	TU	TY	UA	UE	
AR	-	1	-	-	-	2	-	-	-	-	-	1	3	-	-	-	7
BN	2	37	5	-	1	4	1	-	-	-	-	1	2	1	-	-	54
BR	1	8	99	1	1	17	2	-	-	3	5	8	30	1	2	-	178
CA	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
DE	1	10	7	-	-	1	-	1	-	1	11	7	34	1	-	1	75
JU	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
KO	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
MA	-	-	-	-	-	-	-	15	-	-	-	-	-	-	-	-	15
N	2	2	3	-	-	-	-	-	-	2	-	-	2	1	-	-	12
PI	1	2	2	-	-	5	-	-	-	-	3	9	12	1	-	-	35
TA	6	2	4	-	-	3	-	-	-	1	6	3	11	1	-	-	37
TU	7	8	6	2	-	23	-	2	2	-	18	21	22	2	-	-	113
TY	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	4	-	-	-	6
UA	-	3	1	-	-	2	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	7
total	20	73	127	4	2	61	3	18	2	7	43	50	121	8	2	1	542

CIARN/1992

4.2.4. Casamentos intra e inter-regionais

A seguir faremos algumas análises testando as hipóteses formuladas por vários antropólogos, sobre o princípio da proximidade geográfica. Para tanto, foram utilizadas as informações sobre o código da residência pesquisada, que já informa a comunidade de residência, a comunidade de nascimento do chefe do domicílio e a comunidade de nascimento de sua esposa. Tomou-se como referência a comunidade de residência dos cônjuges, agrupadas de acordo com sua localização. Para testarmos as hipóteses da proximidade geográfica entre os cônjuges, de acordo com sua origem e residência em 1992, cada uma das 5 sub-regiões foi ainda subdividida em trechos de rios ou centros missionários.

- a) A **sub-região de lauareté** foi dividida em 3 trechos de rios e um centro urbano/missionário: **a) Papuri** - comunidades situadas na margem direita desse rio ou nos igarapés dessa margem direita; **b) Uaupés Acima** - comunidades situadas na margem esquerda do Uaupés acima do povoado de lauareté; **c) Uaupés** - comunidades situadas nas duas margens desse rio, abaixo do povoado de lauareté e até a comunidade de Urubuquara, logo acima da cachoeira de Ipanoré; e **d) lauareté Centro** - povoado originado de uma missão salesiana do início do século XX, que hoje em dia conta com 2.800 pessoas.

- b) A **sub-região do Tiquié/Uaupés** foi dividida em 3 trechos de rio e dois centros missionários: **a) Alto Tiquié** - comunidades situadas neste rio, desde a fronteira com a Colômbia até as comunidades de São Tomé e Taracuá; **b) Baixo Tiquié** - desde as comunidades de Cunuri e Tapira Ponta até a foz do Tiquié no Uaupés; **c) Uaupés** - comunidades desde Ipanoré, no médio curso desse rio, logo abaixo da cachoeira do mesmo nome, até a sua foz no rio Negro; **d) Taracuá Centro** - centro missionário salesiano, (como Iauareté, Assunção do Içana e Pari Cachoeira) formando um povoado em torno de um hospital e uma escola de ensino fundamental e **e) Pari Cachoeira Centro** - originário também de uma missão salesiana, hoje em dia um povoado que conta com uma escola de ensino fundamental completo; é o segundo maior povoado da região do Alto Rio Negro, depois de Iauareté Centro.
- c) A **sub-região do Içana** foi dividida em 3 trechos de rio e um centro missionário: **a) Alto Içana** - comunidades desde a fronteira com a Colômbia até Tunuí Cachoeira (inclusive); **b) Baixo Içana** - desde a comunidade de Tunuí Cachoeira (exclusive) até a foz deste rio no Negro, incluindo aí as comunidades do rio Cubate, que é afluente do Içana e tem sua foz no baixo curso deste rio; **c) Aiari** - afluente do Içana, onde estão as comunidades desde sua foz até as cabeceiras, região próxima do trecho de rio Uaupés Acima, localizado na sub-região de Iauareté e **d) Assunção Centro**, centro missionário que tem mais ou menos o mesmo tamanho de Taracuá, sendo menor do que Pari Cachoeira e Iauareté Centro.
- d) A **sub-região do Negro Acima** foi dividida em 2 trechos de rio e um povoado ou centro urbano: **a) Negro** - comunidades desde a fronteira com a Colômbia e Venezuela (exclusive o povoado de Cucuí) até a comunidade de Bauari (exclusive) na região da Ilha das Flores; **b) Xié** - incluindo todas as comunidades situadas nas margens desse rio, afluente do Negro e **c) Cucuí** - centro urbano que se situa na margem do rio Negro e faz fronteira com a Colômbia e Venezuela.
- e) A **sub-região do Negro Abaixo** foi dividida em um trecho de rio e um centro urbano: **a) Negro** - comunidades desde Bauari, limite da sub-região anterior, até a comunidade de Uábada, já no município vizinho de Santa Isabel e **b) São Gabriel da Cachoeira**, centro urbano sede do município, onde foram recenseadas as famílias indígenas.

Os trechos de rios das sub-regiões são contíguos, e, portanto, as micro-regiões onde estão localizadas as comunidades que trocam cônjuges muitas vezes estão situados nos limites entre os diferentes trechos de rios. Desta forma, nem todas as micro-regiões de troca¹⁵ foram delimitadas e demonstradas, pois para isso seria preciso fazer um estudo por comunidade e geo-referenciar essas informações. Estão também identificados os países vizinhos, Colômbia e Venezuela, como lugar de origem dos cônjuges nascidos em comunidades vizinhas, uma vez que se trata de uma região de fronteira, ocupando os povos indígenas também áreas localizadas nestes dois países. Para identificar os cônjuges que são nascidos em sub-regiões distintas daquela estudada, utilizo o termo genérico 'fora'. Somente no caso das análises por origem geográfica da sub-região do Negro Abaixo são identificadas cada uma das outras sub-regiões como de origem dos cônjuges, por ser esta uma região de destino de migrações.

a) Sub-região de Iauareté:

Os 673 casais estudados estão distribuídos por trecho de rio de nascimento, que estou chamando de origem geográfica na tabela 6. A maior parte dos homens que reside nesta sub-região, 611, é originária também dessa área. Este resultado é obtido excluindo-se os homens originários da Colômbia e de fora, em número de 62. As mulheres apresentam um número maior de nascidas na Colômbia (87) ou fora (87). Ainda assim a maioria, um total de 499 mulheres, é originária da sub-região de Iauareté. Ainda na tabela 6 é possível verificar que a maior parte dos homens originários dos trechos de rios desta sub-região está casada com mulheres também desses mesmos trechos de rio, estes casos que estão marcados com a cor laranja. A única exceção é Iauareté Centro, onde a maior parte dos homens originários deste centro urbano/missionário está casada com mulheres do Papuri, estes casos estão marcados com a cor verde.

¹⁵ Neste capítulo estou usando a idéia de nexos regionais formulado por Cabalzar (2000), para explorar algumas micro-regiões de trocas matrimoniais. Estas micro-regiões ou trechos de rios delimitados para efeito destas análises são maiores geograficamente do que o nexo regional formulado por Cabalzar.

Tabela 6: Sub-região de Iauareté - Casamentos de residentes por origem geográfica dos cônjuges

Homens	Mulheres						total
	Iauareté Centro	Uaupés	Uaupés Acima	Colômbia	Papuri	fora	
Iauareté Centro	8	15	15	7	16	6	67
Uaupés	14	80	14	12	35	21	176
Uaupés Acima	6	12	67	23	30	29	167
Colômbia	2	2	3	6	3	1	17
Papuri	14	29	20	36	86	16	201
fora	2	11	3	3	12	14	45
total	46	149	122	87	182	87	673

CIARN/1992

A seguir serão feitas as análises por trecho de rio, ou povoado de residência dos casais. As tabelas relativas a cada trecho de rio antecedem os comentários.

Tabela 7: Sub-região de Iauareté - Casamentos dos residentes no trecho de rio Uaupés por origem geográfica dos cônjuges

Homens	Mulheres						total
	Iauareté Centro	Uaupés	Uaupés Acima	Colômbia	Papuri	fora	
Iauareté Centro	-	2	-	-	1	-	3
Uaupés	8	71	7	8	25	13	132
Uaupés Acima	-	2	-	-	3	2	7
Colômbia	-	-	-	-	-	-	-
Papuri	-	9	1	-	4	2	16
fora	-	3	-	-	2	2	7
total	8	87	8	8	35	19	165

CIARN/1992

A tabela 7 mostra os casais residentes no trecho de rio Uaupés. As faixas que estão marcadas em laranja são os homens e as mulheres nascidos neste trecho de rio. São 132 homens e 87 mulheres, residentes e naturais deste trecho de rio. Comparando-se com a tabela 6, podemos observar que de todos os homens nascidos neste trecho de rio e residentes na sub-região como um todo (176), a maioria (132) reside no mesmo trecho de rio em que nascem. Da mesma forma das mulheres nascidas também neste trecho de rio (149), mais da metade (87) ainda está residindo neste local. Porém os homens permanecem em uma proporção maior que as mulheres: 75% dos homens e 58% das mulheres.

Voltando a atenção para a tabela 7, pode-se observar que a maior parte dos homens, naturais e residentes neste trecho de rio (71 dos 132) está casada com mulheres deste

mesmo trecho de rio. Observa-se ainda que um grande número deles (25) está casado com mulheres do Papuri. A região da foz deste rio no Uaupés possivelmente forma uma outra micro-região de trocas, que se sobrepõe ao trecho de rio Uaupés. A existência de casamentos fora das micro-regiões de troca indica justamente que elas se sobrepõem. Esta tendência vai ser observada em todos os trechos de rios das diferentes sub-regiões estudadas. O conceito de nexo regional formulado por Cabalzar (2000) inclui os casamentos fora de um mesmo nexo.

Tabela 8: Sub-região de Iauareté - Casamentos dos residentes no trecho de rio Uaupés Acima por origem geográfica dos cônjuges

	Mulheres						total
	Iauareté Centro	Uaupés	Uaupés Acima	Colômbia	Papuri	fora	
Iauareté Centro	-	-	1	-	-	-	1
Uaupés	-	-	2	-	1	-	3
Uaupés Acima	4	5	61	23	21	25	139
Colômbia	-	-	3	4	-	-	7
Papuri	-	-	6	1	-	-	7
fora	-	-	3	-	3	1	7
total	4	5	76	28	25	26	164

CIARN/1992

O trecho de rio do Uaupés Acima contava na época do censo com 164 casais, dos quais 139 homens e 76 mulheres originários deste trecho de rio. Comparando os dados da tabela 8 com aqueles da tabela 6, verificamos que ocorre no Uaupés Acima o mesmo que observamos no Uaupés. Ou seja, dos residentes na sub-região de Iauareté, homens e mulheres nascidos no Uaupés Acima tendem a permanecer residindo em sua micro região de origem. Tal como no Uaupés os homens tendem a permanecer mais (139 em 167 ou 83%) do que as mulheres (76 em 122 ou 62%).

Voltando à tabela 8 verificamos que dos 139 homens originários do Uaupés Acima, a maior parte está casada com mulheres desta mesma micro região, em um total de 61 casos de casamentos intra-regionais. Podemos ver ainda que 25 homens estão com mulheres de fora, o que provavelmente indica casamentos com as mulheres originárias dos rios Aiari ou Içana, que estão classificados nesta tese como pertencendo à região do Içana. O recorte feito para efeito destas análises não permite observar a micro região de trocas existente entre este trecho de rio do Uaupés Acima e o rio Aiari (localizado na sub-região do Içana).

Além disso, outros 23 homens estão casados com mulheres naturais da Colômbia, que poderiam ser considerados casamentos próximos, já que na outra margem do Uaupés Acima, já na Colômbia, estão localizadas muitas comunidades dos mesmos povos, provavelmente também comunidades de cunhados, formando aí outras sub-regiões de troca. Os casamentos dos homens do Uaupés Acima com 21 mulheres do Papuri, são os casamentos dos Tariana com os Tukano deste rio. Estes 21 homens provavelmente estão residindo em comunidades próximas da foz do rio Papuri; não poderíamos, portanto, concluir que se tratam de casamentos distantes.

Tabela 9: Sub-região de Iauareté - Casamentos dos residentes no trecho de rio Papuri por origem geográfica dos cônjuges

Homens	Mulheres						total
	Iauareté Centro	Uaupés	Uaupés Acima	Colômbia	Papuri	fora	
Iauareté Centro	-	-	-	-	-	1	1
Uaupés	-	-	-	-	-	1	1
Uaupés Acima	-	-	-	-	-	-	-
Colômbia	1	1	-	2	2	1	7
Papuri	4	10	9	32	56	10	121
fora	-	3	-	2	4	5	14
total	5	14	9	36	62	18	144

CIARN/1992

O rio Papuri é ocupado pelas comunidades desana, tukano, pira-tapuya e tariana (estes últimos em comunidades perto da foz desse rio). São 144 casais residentes neste rio na época do CIARN. Comparando-se a tabela 9 com a tabela 6, verificamos que de todos os homens e mulheres naturais do Papuri, respectivamente 201 e 182, assim como nos demais trechos de rio já descritos existe uma maior proporção de homens do que mulheres naturais e residentes deste trecho de rio (60% de homens em comparação com 34% das mulheres). Podemos concluir, portanto, que em todos os trechos de rios desta sub-região de Iauareté, os homens ficam mais em sua micro região de origem mais do que as mulheres, o que confirma todas as teorias antropológicas sobre o deslocamento das mulheres para as comunidades do marido, seja através de um casamento geograficamente próximo ou não.

Dos 121 homens residentes e naturais do Papuri (tabela 9), a maior parte deles (56), está casada com mulheres deste mesmo trecho de rio. Outros 32 homens estão casados com mulheres originárias da Colômbia, possivelmente de comunidades da outra margem do

Papuri, que faz fronteira com este país. Portanto a maioria dos homens está casada com mulheres que podemos considerar próximas geograficamente.

Tabela 10: Sub-região de Iauareté - Casamentos dos residentes em Iauareté Centro por origem geográfica cônjuges

Homens	Mulheres						total
	Iauareté Centro	Uaupes	Uaupes Acima	Colombia	Papuri	fora	
Iauareté Centro	8	13	14	7	15	5	62
Uaupes	6	9	5	4	9	7	40
Uaupes acima	2	5	6	-	6	2	21
Colombia	1	1	-	-	1	-	3
Papuri	10	10	4	3	26	4	57
fora	2	5	-	1	3	6	17
total	29	43	29	15	60	24	200

CIARN/1992

Iauareté é um povoado grande, originário de uma missão salesiana, contando hoje com um pelotão do exército aí localizado, um hospital que atende pelo SUS, e outros serviços, como correio, por exemplo. São 2.800 pessoas residindo neste povoado atualmente, situado dentro da terra indígena Alto Rio Negro, na fronteira com a Colômbia. Para este povoado migraram e continuam migrando muitas famílias do Uaupés Acima, Papuri e Uaupés¹⁶

De todos os homens e mulheres que nasceram neste povoado, 67 e 46 respectivamente (tabela 6), 62 homens e 29 mulheres continuam a residir no local (tabela 10). Observa-se assim a mesma tendência de maior proporção de homens do que mulheres residir no local em que nasceram (92% e 63% respectivamente). Destaca-se no entanto que no centro urbano de Iauareté a proporção de homens e mulheres residentes e naturais deste local é maior do que nos outros trechos de rio.

Dos 62 homens naturais e residentes em Iauareté Centro, a maior parte deles está casada com mulheres de outros trechos de rio: 15 estão casados com mulheres do Papuri, 14 com mulheres do Uaupés Acima e 13 com mulheres do Uaupés (tabela 10). Este caso contradiz a tendência observada nos demais trechos de rio onde os homens naturais e residentes destes locais se casam majoritariamente com mulheres de mesma origem. Somente 8 casais são ambos os cônjuges originários de Iauareté Centro mesmo. Situação

¹⁶ Ver análise da evolução da população das comunidades indígenas no capítulo 2 desta tese.

análoga foi observada por Jackson (1984) em seu trabalho sobre os Bará, indivíduos originários de centros missionários, por serem local de migração de famílias oriundas de distintas comunidades, não mantinham a preferência pela proximidade geográfica de casamento. Iauareté Centro é originário de uma missão salesiana, instalada em uma área de ocupação tradicional dos Tariana, onde duas aldeias grandes deste povo existiam, e ainda se mantêm como bairros deste povoado.

b) Sub-região do Tiquié/Uaupés:

São 565 casais residindo nesta sub-região, distribuídos por 3 trechos de rios e dois povoados. A maior parte dos homens (505) é nascida nesta mesma sub-região, e os restantes são 53 homens nascidos fora, ou seja, em outras sub-regiões, e 7 homens nascidos em comunidades vizinhas na Colômbia.

Na tabela 11 (abaixo) é possível verificar que os homens nascidos no Alto Tiquié e Pari Cachoeira Centro são casados majoritariamente com mulheres deste mesmo trecho de rio. Nos outros dois trechos de rio, Baixo Tiquié e Uaupés, os homens se casam com mulheres do Alto Tiquié e de fora, respectivamente. Na tabela 11 estão marcados com laranja os casamentos próximos e com verde os que podem ser considerados casamentos distantes.

Tabela 11: Sub-região do Tiquié/Uaupés - Casamentos de residentes por origem geográfica dos cônjuges

Homens	Mulheres							total
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	
Uaupés (1)	15	1	11	5	2	26	2	62
Baixo Tiquié (2)	2	13	21	1	1	3	2	43
Alto Tiquié (3)	8	17	244	27	2	25	15	338
Pari Cachoeira Centro (4)	2	-	27	6	-	5	1	41
Taracuá Centro (5)	4	4	3	1	1	6	2	21
fora (6)	9	4	16	2	3	18	1	53
Colômbia (7)	-	-	3	-	-	1	3	7
total	40	39	325	42	9	84	26	565

CIARN/1992

A seguir serão feitas análises por trecho de rio ou por povoado, as tabelas relativas a cada trecho de rio antecedendo os comentários.

Tabela 12: Sub-região do Tiquié/Uaupés - Casamentos dos residentes no trecho de rio Uaupés por origem geográfica dos cônjuges

Homens	Mulheres							total
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	
Uaupés (1)	14	-	8	5	1	21	2	51
Baixo Tiquié (2)	-	1	-	1	-	-	1	3
Alto Tiquié (3)	1	1	1	2	-	-	1	6
Pari Cachoeira Centro (4)	-	-	-	-	-	1	-	1
Taracua Centro (5)	2	-	-	-	-	1	-	3
fora (6)	3	-	2	-	1	4	-	10
Colômbia (7)	-	-	-	-	-	1	-	1
total	20	2	11	8	2	28	4	75

CIARN/1992

Este trecho do rio Uaupés vai desde a comunidade de Ipanoré, logo abaixo da cachoeira do mesmo nome, até sua foz, na região da Ilha das Flores. É um trecho de rio não muito povoado, com relativamente poucas comunidades. Nele está localizado o povoado de Taracua, uma das primeiras missões salesianas implantadas no rio Negro, hoje com cerca de 400 pessoas. Comparando-se as tabelas 11 e 12 verificamos que de todos os homens naturais deste trecho de rio (62) a grande maioria permanece residindo em seu trecho de rio de origem. Com relação às mulheres, das 40 nascidas no Uaupés, exatamente metade permanece residindo neste mesmo trecho de rio. Observa-se, portanto, que 82% dos homens e 50% das mulheres continuam residindo ou em sua comunidade de origem ou bem próximo. Esta tendência já foi observada em todos os outros trechos de rios da sub-região anterior, e é a esperada, já que são as mulheres que se deslocam geograficamente para casar e não os homens.

Dos 51 homens naturais e residentes do Uaupés, um maior número deles (21) está casado com mulheres de fora e 14 com mulheres do mesmo trecho de rio (tabela 12). O casamento com mulheres de fora compreende, neste caso, os casamentos dos homens da comunidade de Ipanoré, a mais populosa deste trecho de rio, localizada no limite norte desta sub-região, com mulheres das comunidades da sub-região contígua, a de Iauareté; e os casamentos de homens naturais das comunidades localizadas já perto da foz no rio Negro, com mulheres de comunidades da sub-região do Negro Abaixo. Este trecho de rio surpreende aparentemente por não confirmar a regra, já que a maioria dos homens não está casada com mulheres da mesma micro região. Voltando aos questionários do CIARN

verificamos que, apesar de não conseguirmos demonstrar claramente as micro regiões de trocas neste caso, elas acontecem com as sub-regiões vizinhas.

Tabela 13: Sub-região do Tiquié/Uaupés - Casamentos dos residentes por origem geográfica dos cônjuges

Homens	Mulheres							total
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	
Uaupés (1)	-	1	1	-	-	1	-	3
Baixo Tiquié (2)	2	11	16	-	1	3	-	33
Alto Tiquié (3)	-	5	14	1	-	1	1	22
Pari Cachoeira Centro (4)	-	-	-	-	-	-	-	-
Taracua Centro (5)	1	3	2	-	-	-	-	6
fora (6)	-	4	1	1	-	1	-	7
Colômbia (7)	-	-	-	-	-	-	-	-
total	3	24	34	2	1	6	1	71

CIARN/1992

O Baixo Tiquié é bem menos povoado do que o alto curso deste rio, residindo nessas comunidades apenas 71 casais. De todos os 43 homens naturais deste trecho de rio contabilizados na tabela 11, 76% deles continua a residir nesta mesma região. Dentre as 39 mulheres naturais deste trecho, 61% continuam a residir também no Baixo Tiquié. Permanece a mesma observação feita para os outros trechos de rios, pois os homens estão em maior proporção do que as mulheres morando na região de sua origem.

Voltando à tabela 13, dos 33 homens naturais do Baixo Tiquié, 11 estão casados com mulheres deste mesmo trecho de rio, e 16 com mulheres do Alto Tiquié, região adjacente. Os demais estão casados com mulheres de fora, do Uaupés e de Taracua Centro. Aqueles casamentos com mulheres do Alto Tiquié, Uaupés e Taracua, podem ser considerados como casamentos próximos; apenas os que estão casados com mulheres de fora é que podem ser casamentos mais distantes.

Tabela 14: Sub-região do Tiquié/Uaupés - Casamentos dos residentes por origem geográfica dos cônjuges

Homens	Mulheres							total
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	
Uaupés (1)	-	-	-	-	-	-	-	-
Baixo Tiquié (2)	-	1	2	-	-	-	1	4
Alto Tiquié (3)	7	11	225	15	1	23	11	293
Pari Cachoeira Centro (4)	-	-	1	1	-	-	-	2
Taracua Centro (5)	-	-	-	-	-	1	-	1
fora (6)	-	-	8	-	-	-	-	8
Colômbia (7)	-	-	3	-	-	-	3	6
total	7	12	239	16	1	24	15	314

CIARN/1992

Este é o trecho de rio mais povoado desta sub-região, com muitas comunidades tuyuka, tukano e desana. Neste trecho do Alto Tiquié está localizado o povoado de Pari Cachoeira (analisado separadamente a seguir), que se originou também de uma missão salesiana, como Taracua e outros de outras sub-regiões. De todos os 338 homens nascidos neste trecho de rio (tabela 11), 86% continuam residindo nesta mesma micro-região; das 325 mulheres ali nascidas, 73% continuam residindo nesse mesmo trecho de rio. Da mesma forma que nos outros trechos de rios analisados, encontramos uma maior proporção de homens nascidos e residindo na mesma micro-região de origem.

Dos 293 homens nascidos e residentes no Alto Tiquié, 225 estão casados com mulheres deste mesmo trecho de rio, 23 estão casados fora e 15 com mulheres de Pari Cachoeira (tabela 14). Isto significa que a maior parte dos casamentos dos homens desta micro região foi realizada entre cônjuges de comunidades vizinhas, ou próximas.

Tabela 15: Sub-região do Tiquié/Uaupés - Casamentos dos residentes por origem geográfica dos cônjuges

Homens	Mulheres							total
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	
Uaupés (1)	-	-	-	-	-	-	-	-
Baixo Tiquié (2)	-	-	-	-	-	-	-	-
Alto Tiquié (3)	-	-	3	9	-	-	1	13
Pari Cachoeira Centro (4)	2	-	26	5	-	4	1	38
Taracua Centro (5)	-	-	-	-	-	-	-	-
fora (6)	-	-	-	-	-	1	-	1
Colômbia (7)	-	-	-	-	-	-	-	-
total	2	-	29	14	-	5	2	52

CIARN/1992

Pari Cachoeira é um povoado relativamente grande, atualmente conta com cerca de 800 pessoas, existindo aí uma escola de ensino fundamental completo, um pelotão do exército e um posto de saúde. É originário de uma missão fundada também pelos salesianos, e é local de destino de migração de muitas famílias das comunidades deste rio. Dos 41 homens naturais de Pari Cachoeira (tabela 11), 92% continuam a residir neste povoado; das 42 mulheres naturais deste povoado, apenas 33% continuam a residir neste local. Este padrão da maior permanência dos homens em suas micro regiões de origem é o mesmo observado nos outros trechos de rios, tanto da sub-região de Iauareté como desta sub-região.

A maioria dos homens nascida neste povoado é casada com mulheres do Alto Tiquié, (26), a maioria das mulheres originárias deste povoado continuavam aí residindo, casadas também com homens do Alto Tiquié (tabela 15). Portanto é possível concluir que as pessoas naturais e residentes de Pari Cachoeira estabelecem relações matrimoniais majoritariamente com comunidades localizadas no Alto Tiquié.

Tabela 16: Sub-região do Tiquié/Uaupés - Casamentos dos residentes por origem geográfica dos cônjuges

Homens	Mulheres							total
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	
Uaupés (1)	1	-	2	-	1	4	-	8
Baixo Tiquié (2)	-	-	3	-	-	-	-	3
Alto Tiquié (3)	-	-	1	-	1	1	1	4
Pari Cachoeira Centro (4)	-	-	-	-	-	-	-	-
Taracua Centro (5)	1	1	1	1	1	4	2	11
fora (6)	6	-	5	1	2	12	1	27
Colômbia (7)	-	-	-	-	-	-	-	-
total	8	1	12	2	5	21	4	53

CIARN/1992

Taracua é um povoado localizado no trecho do rio Uaupés desta sub-região, conta com 53 homens e mulheres casados. Dos 21 homens nascidos neste povoado (tabela 11), apenas 52% continuam a residir neste mesmo local, e das 9 mulheres naturais de Taracua, 55% continuam aí residindo. É o único caso onde existe uma pequena proporção a mais de mulheres que continuam a residir no local ou micro-região de nascimento, ao contrário dos outros casos observados.

Dos 11 homens naturais e residentes em Taracua, 4 estão casados com mulheres de fora, 2 com mulheres da Colômbia, e os outros estão casados cada um com uma mulher de outro trecho de rio ou povoado (tabela 16). Neste caso temos diversos tipos de casamentos, sendo que o número é muito pequeno para ser possível verificar alguma tendência. O que é possível concluir é que, como nos outros centros missionários, os homens naturais destes locais se casam com mulheres de outras micro-regiões.

c) Sub-região do Içana:

Esta sub-região é tradicionalmente ocupada pelos povos baniwa e coripaco, sendo que no baixo rio Içana existem ainda algumas comunidades baré. São 587 casais aí residentes; a maior parte dos homens e mulheres aí nascidos continua a residir nesta mesma sub-região: 533 homens e 529 mulheres (tabela 17). Dos 54 homens que estão residindo nesta sub-região, mas não são naturais da mesma, 41 são originários de fora (ou seja, de outras sub-regiões), 12 são da Colômbia (país que faz fronteira com esta sub-região ao norte) e 1 é da Venezuela. Da mesma maneira que os homens, a maior parte das mulheres que não é natural desta sub-região vem de fora: 46 mulheres são naturais de outras sub-regiões, 11 são nascidas na Colômbia, e 1 na Venezuela.

Pode-se observar, na tabela 17, que os homens naturais dos 3 trechos de rios desta sub-região estão casados com mulheres naturais destas mesmas micro-regiões; somente o centro missionário de Assunção é que foge à regra.

Tabela 17: Sub-região do Içana - Casamentos dos residentes por origem geográfica dos cônjuges

Homens	Mulheres							total
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	
Assunção Centro (1)	1	2	1	-	1	-	-	5
Aiari (2)	6	90	9	37	14	4	-	160
Baixo Içana (3)	4	10	125	14	20	1	-	174
Alto Içana (4)	1	27	14	142	4	5	1	194
fora (5)	4	9	14	7	6	1	-	41
Colômbia (6)	-	1	3	7	1	-	-	12
Venezuela (7)	-	1	-	-	-	-	-	1
total	16	140	166	207	46	11	1	587

CIARN/1992

A seguir serão feitas análises por trecho de rio, ou por povoado. As tabelas relativas a cada trecho de rio antecedem os comentários.

Tabela 18: Sub-região do Içana - Casamentos dos residentes no trecho de rio Baixo Içana por origem geográfica dos cônjuges

Homens	Mulheres						total
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	
Assunção Centro (1)	-	-	-	-	-	-	-
Aiari (2)	-	1	5	-	1	-	7
Baixo Içana (3)	2	8	119	11	17	1	158
Alto Içana (4)	-	-	6	1	-	-	7
fora (5)	-	-	9	-	1	1	11
Colômbia (6)	-	-	2	-	-	-	2
total	2	9	141	12	19	2	185

CIARN/1992

O Baixo Içana é ocupado por comunidades baniwa e algumas baré. Neste trecho de rio localiza-se o povoado de Assunção, também originário de uma missão salesiana. Dos 174 homens e 166 mulheres naturais deste trecho de rio (tabela 17), 90% dos homens e 84% das mulheres continuam a residir nesta micro-região. Portanto, observa-se a mesma tendência observada nos outros trechos de rios das outras sub-regiões.

A maior parte dos 158 homens residentes e naturais do Baixo Içana (119) está casada com mulheres deste mesmo trecho de rio (tabela 18), observando-se o padrão definido nas outras sub-regiões. Estes homens casam-se também com mulheres de fora (17), do Alto Içana (11), e, em menor quantidade são observados casamentos com mulheres de todos os outros trechos de rios, povoados ou países vizinhos.

Tabela 19: Sub-região do Içana - Casamentos dos residentes no trecho de rio Alto Içana por origem geográfica dos cônjuges

Homens	Mulheres							total
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	
Assunção Centro (1)	-	-	-	-	-	-	-	-
Aiari (2)	-	3	-	12	1	-	-	16
Baixo Içana (3)	-	1	-	2	-	-	-	3
Alto Içana (4)	-	19	7	140	4	5	1	176
fora (5)	1	-	-	7	3	-	-	11
Colômbia (6)	-	-	-	7	-	-	-	7
Venezuela (7)	-	-	-	-	-	-	-	-
total	1	23	7	168	8	5	1	213

CIARN/1992

Este trecho de rio é habitado pelos Baniwa e Coripaco, estes últimos localizando-se em comunidades no alto curso deste rio, acima das cachoeiras e próximo da fronteira com a Colômbia. São ao todo 194 homens e 207 mulheres naturais deste trecho de rio (tabela 17). Destes, 90% dos homens e 81% das mulheres continuam a residir nesta mesma micro-região, mantendo-se, portanto, o mesmo padrão observado nos trechos de rios das sub-regiões anteriores.

Dos 176 homens residentes e naturais do Alto Içana, 140 estão casados com mulheres do mesmo trecho de rio, ou seja, também formam micro-regiões de trocas, como nos outros trechos de rio e sub-regiões. Destes homens residentes e naturais deste trecho de rio, 19 estão casados com mulheres do rio Aiari (que tem sua foz neste trecho do rio Içana), formando aí, provavelmente, uma outra micro região de trocas; 7 estão casados com mulheres do Baixo Içana e 5 com mulheres da Colômbia, regiões que fazem limites com este trecho de rio.

Tabela 20: Sub-região do Içana - Casamentos dos residentes no rio Aiari por origem

Homens	Mulheres						total
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	
Assunção Centro (1)	-	1	-	-	-	-	1
Aiari (2)	2	83	2	24	12	4	127
Baixo Içana (3)	-	1	-	-	-	-	1
Alto Içana (4)	-	8	1	1	-	-	10
fora (5)	-	4	-	-	-	-	4
Colômbia (6)	-	-	-	-	-	-	-
Venezuela (7)	-	1	-	-	-	-	1
total	2	98	3	25	12	4	144

CIARN/1992

geográfica dos cônjuges

O rio Aiari é afluente do Içana, sendo que sua foz está situada na altura da comunidade de Juivitera, no trecho de rio anteriormente analisado. Dos 160 homens naturais do Aiari (tabela 17), 79% deles continuam a morar neste rio. E das 140 mulheres naturais deste rio, 70% delas continuam nesta mesma micro-região. Este é o mesmo padrão já observado, porém a proporção de homens que reside em sua micro-região de origem é menor do que a observada nos outros trechos do rio Içana. Portanto, parece ser que os homens do Aiari se mudam mais, do que os homens do Içana, para outras comunidades; isto

se repete no caso das mulheres, cuja proporção aqui observada (70%) é menor do que aquela observada nos outros dois trechos de rio desta sub-região.

Dos 127 homens residentes e naturais deste rio, 83 estão casados com mulheres também naturais do Aiari; o outro trecho de rio com o qual eles se casam mais é o Alto Içana, o que foi observado nas análises da tabela 19, o que confirmaria a hipótese de que se forma aí uma outra micro região de trocas.

Tabela 21: Sub-região do Içana - Casamentos dos residentes em Assunção Centro por origem geográfica dos cônjuges

Homens	Mulheres						total
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	
Assunção Centro (1)	1	1	1	-	1	-	4
Aiari (2)	4	3	2	1	-	-	10
Baixo Içana (3)	2	-	6	1	3	-	12
Alto Içana (4)	1	-	-	-	-	-	1
fora (5)	3	5	5	-	2	-	15
Colômbia (6)		1	1	-	1	-	3
total	11	10	15	2	7	-	45

CIARN/1992

Assunção Centro é um povoado situado no médio rio Içana, e foi uma das últimas missões salesianas a serem instaladas, já na década de 1950. De todos os homens e mulheres (5 e 16 respectivamente) nascidos neste povoado, 80% das mulheres e 68% dos homens permanecem neste mesmo local (tabela 17). Apesar de serem poucos os casais aí residentes, permanece a tendência de uma maior proporção de homens morando em seu local de origem. Como o número de homens naturais e residentes em Assunção Centro é muito pequeno (tabela 21), não foi possível estabelecer tendências para esses casamentos. A maior parte dos homens residentes neste povoado é natural do Baixo Içana e do Aiari, e de fora (de outras sub-regiões).

d) Sub-região do Negro Acima:

Esta sub-região é tradicionalmente ocupada pelos Baré e Werekena, sendo que na região da foz do rio Içana, existem também comunidades baniwa. São 375 casais aí residentes; a maior parte dos homens e mulheres naturais desta sub-região continua a residir nesta mesma área: são 270 homens e 255 mulheres (tabela 22). Dos 105 homens que estão

residindo nesta sub-região, mas não são naturais da mesma, 95 são originários de fora (de outras sub-regiões) 7 são da Colômbia e 3 são da Venezuela.

Pode-se observar que os homens naturais dos 2 trechos de rios desta sub-região estão casados com mulheres naturais destas mesmas micro-regiões. Somente o centro urbano de Cucuí é que foge à regra.

Tabela 22: Sub-região do Negro Acima - Casamentos dos residentes por origem geográfica dos cônjuges

Homens	Mulheres						total
	Negro	Cucuí	Xié	fora	Colômbia	Venezuela	
Negro	118	1	5	31	2	1	158
Cucuí	16	13	-	6	1	-	36
Xié	3	-	57	15	1	-	76
fora	22	4	11	56	1	1	95
Colômbia	-	-	2	5	-	-	7
Venezuela	1	-	2	-	-	-	3
total	160	18	77	113	5	2	375

CIARN/1992

A seguir serão feitas análises por trecho de rio e centro urbano. As tabelas relativas a cada trecho de rio e centro urbano antecedem os comentários.

Tabela 23: Sub-região do Negro Acima - Casamentos dos residentes no Negro por origem geográfica dos cônjuges

Homens	Mulheres					total
	Negro	Cucuí	Xié	fora	Colômbia	
Negro	110	-	4	27	1	142
Cucuí	1	-	-	-	-	1
Xié	-	-	-	3	-	3
fora	14	-	1	50	1	66
Colômbia	-	-	-	3	-	3
total	125	-	5	83	2	215

CIARN/1992

Este trecho do rio Negro vai desde a fronteira com a Venezuela, até a região da foz do rio Uaupés, excluindo-se o centro urbano de Cucuí. De todos os homens naturais deste trecho de rio (tabela 22) 89% permanecem nesta mesma micro-região. Das 160 mulheres naturais do Negro, 78% permanecem neste trecho de rio. Verifica-se, portanto, a mesma tendência observada para os outros trechos de rios.

Dos 142 homens naturais e residentes no Negro, a maioria deles, está casada com mulheres deste mesmo trecho de rio. Os 17 homens naturais e residentes deste trecho de rio que estão casados com mulheres de fora são moradores de comunidades próximas já da sub-região do Negro Abaixo, formando aí uma outra micro região de trocas.

Tabela 24: Sub-região do Negro Acima - Casamentos dos residentes no rio Xié por origem geográfica dos cônjuges

Homens	Mulheres						total
	Negro	Cucuí	Xié	fora	Colômbia	Venezuela	
Negro	1	-	-	-	-	1	2
Cucuí	-	-	-	-	-	-	-
Xié	3	-	57	12	1	-	73
fora	-	-	10	-	-	-	10
Colômbia	-	-	2	1	-	-	3
Venezuela	-	-	2	-	-	-	2
total	4	-	71	13	1	1	90

CIARN/1992

Este é o rio onde se localizam as comunidades do povo werekena. Os Werekena são falantes de *nheengatu*, língua geral introduzida pelos missionários, apenas algumas comunidades ainda falam a língua original, da família lingüística *aruak*. São ao todo 76 homens e 77 mulheres naturais deste rio (tabela 22); dentre destes, 73 homens e 71 mulheres permanecem morando neste mesmo rio. Permanecendo o mesmo padrão observado nas outras sub-regiões.

Dos 73 homens naturais e residentes no Xié, 57 estão casados com mulheres deste rio, 12 com mulheres de fora e 3 com mulheres do Negro; apenas 1 homem está casado com uma mulher nascida na Colômbia. Este é o padrão recorrente nos outros trechos de rios das outras sub-regiões, o casamento dentro de uma mesma micro-região.

Tabela 25: Sub-região do Negro Acima - Casamentos dos residentes em Cucuí por origem geográfica dos cônjuges

Homens	Mulheres						total
	Negro	Cucuí	Xié	fora	Colômbia	Venezuela	
Negro	7	1	1	4	1	-	14
Cucuí	15	13	-	6	1	-	35
Xié	-	-	-	-	-	-	-
fora	8	4	-	6	-	1	19
Colômbia	-	-	-	1	-	-	1
Venezuela	1	-	-	-	-	-	1
total	31	18	1	17	2	1	70

CIARN/1992

Cucuí é um pequeno centro urbano localizado no trecho do rio Negro desta sub-região do Negro Acima. Faz fronteira com a Venezuela e Colômbia, e possui uma escola de ensino fundamental, e um pelotão de fronteira do exército. O povoado se originou de uma comunidade baré, população majoritária deste centro urbano ainda atualmente. De todos os homens e mulheres naturais deste centro urbano (36 e 18 respectivamente) todas as mulheres e 35 homens permanecem neste mesmo local. Este é o único caso onde não foi possível observar a tendência da maior permanência dos homens. Dos 35 homens naturais e residentes em Cucuí, 15 deles estão casados com mulheres do Negro, 13 com mulheres de Cucuí mesmo e 6 com mulheres de fora; apenas 1 homem está casado com uma mulher da Colômbia. Como já foi constatado nos outros centros urbanos/missionários, nestes locais não se pode observar a existência de micro-regiões de trocas.

e) Sub-região do Negro Abaixo:

Esta sub-região é tradicionalmente ocupada pelos Baré e é onde está localizada a cidade de São Gabriel da Cachoeira, sede do município. Esta sub-região vem recebendo há muitos anos famílias indígenas oriundas de outras sub-regiões, sendo que já em 1992, ano do CIARN, existiam vários bairros indígenas na cidade de São Gabriel da Cachoeira. No trecho do rio Negro que vai desde a cidade de São Gabriel até a cidade de Santa Isabel existem muitas comunidades ocupadas por famílias *tukano*. As análises feitas desta sub-região se diferenciam das outras: nos outros casos as pessoas nascidas em sub-regiões distintas daquelas estudadas estão classificadas como originárias de 'fora'. Nesta sub-região classifiquei cada pessoa por sub-região de origem, para dar uma idéia melhor da composição

dos adultos por origem geográfica, uma vez que esta é uma região de destino de migração. As pessoas classificadas como naturais de 'fora' na tabela 26 são procedentes de outros municípios, principalmente de Barcelos.

São 542 casais aí residentes; destes 292 são homens naturais desta sub-região e 250 são naturais de outras áreas, incluindo Colômbia, Venezuela e fora. Das outras 4 sub-regiões estudadas, Iauareté é a que tem um maior número de homens residindo aqui, seguida pelas sub-regiões do Tiquié/Uaupés, Negro Acima e Içana.

Pode-se observar na tabela 26 que os homens naturais do trecho do rio Negro desta sub-região estão casados com mulheres naturais desta mesma micro-região. Dentre os homens naturais da cidade de São Gabriel da Cachoeira, a maioria deles está casada com mulheres desta cidade mesmo, o que não é o padrão observado nos outros centros urbanos. Possivelmente isto se deve ao fato de que a cidade de São Gabriel é bastante grande para agregar em torno de si vários bairros/comunidades, que podem ser considerados pelos seus habitantes como unidades geográficas independentes para trocas matrimoniais.

Tabela 26: Sub-região do Negro Abaixo - Casamentos dos residentes por origem geográfica dos cônjuges

Homens	Mulheres							total
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	
São Gabriel (1)	16	8	6	-	4	2	-	36
Negro (2)	8	165	22	23	24	11	3	256
Iauareté (3)	2	19	38	3	21	4	3	90
Içana (4)	1	9	2	27	1	-	-	40
Tiquié/Uaupés (5)	2	12	14	1	32	2	-	63
Negro Acima (6)	7	4	2	5	5	22	-	45
Colômbia (7)	-	1	-	1	1	1	1	5
Venezuela (8)	-	1	-	-	-	-	-	1
fora (9)	-	4	1	-	1	-	-	6
total	36	223	85	60	89	42	7	542

CIARN/1992

A seguir serão feitas análises por trecho de rio e centro urbano. As tabelas relativas a cada trecho de rio e centro urbano antecedem os comentários.

Tabela 27: Sub-região do Negro Abaixo - Casamentos dos residentes no Negro por origem geográfica dos cônjuges

Homens	Mulheres						total
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	
Negro (1)	142	15	21	17	5	2	202
Iauareté (2)	18	16	-	7	1	2	44
Içana (3)	7	1	17	-	-	-	25
Tiquié/Uaupés (4)	7	4	-	11	1	-	23
Negro Acima (5)	1	-	-	-	-	-	1
Colômbia (6)	1	-	-	-	-	-	1
fora (7)	3	-	-	-	-	-	3
total	179	36	38	35	7	4	299

CIARN/1992

Dos todos os homens e mulheres naturais deste trecho do rio Negro (256 e 223 respectivamente), 76%; dos homens e 80% das mulheres continuam residindo nesta mesma micro região. Esta é uma tendência não observada nas outras sub-regiões, mas é a tendência do centro urbano de Cucuí. Dos 202 homens naturais e residentes neste trecho de rio, 142 estão casados com mulheres deste mesmo trecho. Os outros homens naturais desta micro-região estão casados com mulheres de todas as outras sub-regiões.

Tabela 28: Sub-região do Negro Abaixo - Casamentos dos residentes em São Gabriel da Cachoeira por origem geográfica dos cônjuges

Homens	Mulheres							total
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	
São Gabriel (1)	16	8	6	-	4	2	-	36
Negro (2)	8	23	7	2	7	6	1	54
Iauareté (3)	2	1	22	3	14	3	1	46
Içana (4)	1	2	1	10	1	-	-	15
Tiquié/Uaupés (5)	2	5	10	1	21	1	-	40
Negro Acima (6)	7	3	2	5	5	22	-	44
Colômbia (7)	-	-	-	1	1	1	1	4
Venezuela (8)	-	1	-	-	-	-	-	1
fora (9)	-	1	1	-	1	-	-	3
total	36	44	49	22	54	35	3	243

CIARN/1992

A cidade de São Gabriel da Cachoeira possuía, na época do CIARN, uma população urbana de cerca de 8.000 pessoas, sendo a grande maioria delas indígena. Dos 36 homens e mulheres naturais desta cidade, todos eles permanecem residindo neste centro urbano

(tabelas 26 e 28), confirmando a tendência observada em Cucuí. Já foi mencionado no capítulo 3 que existe um processo de urbanização dos três municípios do rio Negro, com um aumento proporcional da população urbana em relação à população rural (onde, em princípio, estariam classificados os domicílios indígenas).

É interessante notar na tabela 28 que dos homens naturais das outras sub-regiões estudadas, os de Iauareté estão casados com mulheres de lá mesmo ou do Tiquié/Uaupés; os do Içana e do Tiquié/Uaupés estão casados em sua maioria com mulheres das mesmas regiões; e entre os homens do Negro Acima metade deles está casada com mulheres de lá, e os outros 50% com mulheres das outras sub-regiões. Essas observações poderiam ser analisadas, se considerarmos a idade dos cônjuges, para levantarmos hipóteses sobre as migrações em direção ao Negro Abaixo.

As análises feitas por etnia mostram o que já havia sido relatado pelos diferentes antropólogos especialistas no noroeste amazônico, ou seja, existe de fato uma permanência da regra da exogamia lingüística para os povos *tukano*, e da endogamia de povo, para os povos *aruak* e *maku*. Pode-se observar ainda que o povo tukano tem um maior número de casamentos registrados com os povos tariana, desana e tuyuka; os Tariana têm um maior número de casamentos com os Tukano e Pira-tapuia. Notou-se ainda que os povos majoritários em suas sub-regiões de origem casam-se com um número maior de etnias diferentes, podendo assim, estabelecer alianças políticas, econômicas e rituais mais amplas.

Do ponto de vista das trocas por origem geográfica dos cônjuges, o que se confirma com estas análises é que as micro-regiões de origem se articulam através dos casamentos, sendo que nos centros urbanos/missionários não se observou a formação dessas unidades de troca matrimonial. Talvez este fato confirme a hipótese formulada por Goldman (1963) de que não o princípio da proximidade geográfica envolve também uma preferência por não casar dentro de sua própria comunidade, sendo imprescindível estabelecer alianças com outras unidades geográficas. Apenas na cidade de São Gabriel pudemos observar um grande número de casamentos ocorridos neste mesmo centro urbano. É interessante notar que as associações indígenas locais desta região, geralmente possuem uma referência geográfica, e não étnica. A maior parte delas representa um trecho de rio, e suas diretorias muitas vezes são compostas por um grupo de irmãos e cunhados.

Capítulo 5: Comportamento reprodutivo

5.1. As concepções êmicas sobre reprodução

5.1.1. Os resultados do questionário qualitativo

5.1.2. As concepções das mulheres de Iauareté

5.2. Fecundidade das mulheres baré, baniwa, *tukano* e *maku*

5.2.1. Fecundidade

5.2.2. Determinantes próximos da fecundidade

5.2.3. Estrutura etária e fecundidade

Capítulo 5: Comportamento reprodutivo

Analisando os primeiros dados resultantes do CIARN, observamos que não só as mulheres apareciam em menor proporção em muitas faixas etárias, como também sobreviviam menos nas idades mais avançadas. Isto nos fez levantar duas hipóteses: primeiro, a possibilidade de estar ocorrendo uma sobremortalidade feminina, possivelmente em razão de altos índices de mortalidade materna; segundo, a ocorrência de migrações femininas em direção aos centros urbanos.

Esta segunda hipótese merece várias observações. Os deslocamentos populacionais em direção a São Gabriel da Cachoeira ocorrem, mas, segundo informações colhidas pelo próprio movimento indígena, não são seletivos por sexo. Um Indicador deste dado é o fato de que a proporção da população masculina continua sendo maior na área urbana deste município. Uma outra explicação para as migrações femininas seriam as mudanças para Manaus. Desde o início de meus trabalhos na região do Alto Rio Negro, em 1992, ouvia muitos relatos sobre a existência de levadas migratórias de mulheres em direção à capital, desde a década de 1960, até final dos anos 80, apoiadas principalmente pelas missionárias salesianas. Em 1990, quando realizei uma viagem para Manaus, travei conhecimento com uma organização indígena desta cidade denominada Associação das Mulheres do Alto Rio Negro (AMARN). Conversando com algumas mulheres desta associação fui informada de que a mesma havia sido fundada em razão da existência de um grande número de mulheres indígenas desta região na cidade de Manaus, trabalhando como domésticas nas residências de pessoas conhecidas das freiras ou padres. A AMARN calcula que nas décadas de 60, 70 e 80, cerca de 300 mulheres jovens solteiras foram residir em Manaus com o apoio salesiano.

Em 1995, uma equipe do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), um órgão da igreja católica, deu início a um levantamento sobre as famílias indígenas residentes em Manaus. Este trabalho foi feito com a assessoria de vários profissionais da Universidade Federal do Amazonas, coordenados pelo geógrafo José Aldemir de Oliveira. Durante este trabalho foram entrevistadas 143 famílias,

uma amostra representativa de todos os bairros de Manaus onde existiam famílias indígenas residentes. Destas, 43% foram identificadas como sendo originárias da região do Alto Rio Negro. Dentre os povos rio-negrinos residentes em Manaus, 25,8% são Tukano, 33,9% são Baré, 4,8% são Baniwa, e o restante está distribuído entre os outros povos de línguas *tukano*. Neste levantamento não se identificou uma maioria feminina proveniente desta região. Pelo contrário, o dado que mais chamou a atenção na composição familiar dos grupos domésticos foi o de muitas mulheres ou homens estarem se casando com não-índios.

Assim, não há nenhum indício numérico que sustente a hipótese da migração feminina. Uma possibilidade de confirmar esta hipótese seria a de se tentar medir efetivamente esta migração feminina, empregando as variáveis de migração dos dados dos censos demográficos para os municípios do rio Negro, incluindo Manaus – um esforço que está além das dimensões deste trabalho.

A hipótese da sobremortalidade feminina não pode ser verificada por falta de informações. Não existem dados de mortalidade para nenhuma idade para esta população do Alto Rio Negro que possam ser estatisticamente utilizados para representarem a população como um todo. Os serviços de saúde apenas muito recentemente começaram a calcular as mortes infantis. Uma solução para a ausência de informações disponíveis foi justamente pesquisar o tema da saúde da mulher, para verificarmos como as mulheres concebem sua própria saúde e como estão sendo atendidas pelos serviços modernos ocidentais.

5.1. As concepções êmicas sobre reprodução

5.1.1. Os resultados do questionário qualitativo

Nas viagens a campo realizadas durante os anos de 1995 e 1996, pude conversar com algumas professoras, com as quais eu trabalhava nesta época, sobre a questão da possível sobremortalidade feminina. Realmente havia um grande descontentamento por parte destas professoras quanto ao atendimento à saúde reprodutiva¹ da mulher. A percepção delas indicava que muitas mulheres

¹ A Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento do Cairo, em 1994, definiu saúde reprodutiva como "o bem estar geral, tanto físico, mental e social, da pessoa humana, por

morriam de parto, hemorragia ou por 'inchamento do corpo' anterior ao parto. O acesso aos serviços de saúde era muito prejudicado pela dificuldade em se locomover sozinhas e pela vergonha em serem atendidas por profissionais de saúde não índios e, em geral, homens. Além disso, ouvi muitos relatos de mortes maternas ocorridas nos anos imediatamente anteriores, tanto por falta de atendimento médico moderno como por falta de cuidados tradicionais. Pelo que essas professoras relatavam, os cuidados tradicionais estavam se perdendo e muitas vezes sendo desvalorizados, principalmente entre as mais jovens. Ainda segundo as professoras, havia um conflito de gerações, onde as mais jovens não acreditavam mais nos cuidados tradicionais e as mais velhas já não se mostravam dispostas a ensinar as jovens.

Em função dessas conversas, durante o ano de 1997 elaborei um questionário qualitativo para aprofundar as questões relativas à saúde reprodutiva das mulheres. O questionário, tratou de questões sobre a história reprodutiva, e as concepções sobre reprodução e contracepção das mulheres entrevistadas (ver Apêndice 6).

O objetivo principal deste questionário foi fazer uma sondagem para que o resultado pudesse orientar o trabalho sobre saúde reprodutiva que começava a ser desenvolvido em Iauareté², além de contribuir para as futuras pesquisas sobre este tema. Portanto, as análises das respostas dos questionários não podem ser quantificadas; pois não representam estatisticamente todo o universo das mulheres da região do Alto Rio Negro. A função essencial do questionário era dar uma idéia sobre os valores e práticas das mulheres e as possíveis mudanças em seu comportamento.

Decidimos entrevistar mulheres com filhos, de diversas etnias em diferentes fases do período reprodutivo. Posteriormente às entrevistas os questionários foram subdivididos em dois grandes grupos: a) os respondidos por mulheres pertencentes a povos *aruak*: Baré e Baniwa (não foram entrevistadas mulheres

tudo que envolve o aparelho genital, suas funções e seu funcionamento, e não somente a ausência de doença ou de enfermidade".

² Este trabalho de pesquisa/ação sobre saúde reprodutiva das mulheres indígenas foi apoiado por uma bolsa do Programa de População da Fundação MacArthur.

werekena e coripaco); b) e respondidos por mulheres pertencentes a povos *tukano* (não foram entrevistadas mulheres bará, barasana, miriti-tapuya, makuna, karapanã e yurutí). Estes dois grupos de mulheres foram divididos em três coortes de idades: a) mulheres jovens, de 15 a 29 anos; b) mulheres maduras, de 30 a 49 anos, c) mulheres velhas, de 49 anos ou mais.

A maioria das mulheres *aruak* entrevistadas residiam, na época da entrevista, em comunidades próximas da cidade de São Gabriel da Cachoeira, portanto com maior facilidade de acesso a serviços de saúde e de educação, e mais influenciadas pelos meios de comunicação. Dentre as mulheres *tukano* entrevistada, a metade residia na cidade de São Gabriel da Cachoeira e portanto estavam sujeitas a influência dos meios de comunicação e dispunham de maior acesso ao serviço hospitalar, as demais viviam em comunidades localizadas nos rios Uaupés e Tiquié, distantes do centro urbano.

Com relação aos filhos tidos por estas mulheres, todas as jovens baré e baniwa os tiveram no hospital de São Gabriel da Cachoeira, ao passo que, dentre as jovens *tukano* entrevistadas, somente duas tiveram filhos no hospital, as demais tiveram seus partos assistidos por suas sogras ou mães. As mulheres maduras baré e baniwa tiveram os filhos em casa, somente duas acorreram ao hospital. A maioria das mulheres Tukano tiveram seus filhos em casa, com exceção de algumas, moradoras de Iauareté Centro, que recorreram ao hospital da missão. As velhas de todas as etnias tiveram os filhos nas comunidades. O hospital foi se impondo no tempo, mas seu alcance é limitado: somente aquelas mulheres que residem próximo ao hospital de São Gabriel da Cachoeira ou de Iauareté puderam ter acesso aos serviços hospitalares. Algumas poucas mulheres relataram ter parentes que morreram de parto, porém muitas disseram ser comum antigamente ocorrerem problemas com a mãe e a criança logo após o parto.

O pré-natal médico não é usual: apenas 4 mulheres relataram terem ido em algumas consultas antes do parto. Em compensação, a maior parte das mulheres *tukano*, sejam jovens, maduras ou velhas, relataram ter tido o pré-natal tradicional, o que significa terem sido acompanhadas durante a gravidez e o parto por um

*Kumu*³. Entre as mulheres baré e baniwa não houve relatos sobre benzimentos ou acompanhamento ao pré-natal por rezadores ou benzedeiros.

Com relação ao conhecimento sobre contracepção, as mulheres *tukano* velhas relataram apenas conhecerem os métodos tradicionais, isto é, os benzimentos do *Kumu* aliados ao uso de algumas plantas específicas para este fim. Todas as mulheres maduras já ouviram falar da existência de métodos modernos, mas apenas aquelas residentes na cidade de São Gabriel da Cachoeira já usaram algum destes métodos. A maior parte dessas mulheres *tukano* usa os métodos tradicionais de contracepção, incluindo abortos provocados. Apenas algumas jovens declararam não acreditar mais nestes métodos preferindo, quando têm acesso, lançar mão de contraceptivos hormonais. Por fim, os questionários revelavam algo sobre a gravidez de mulheres solteiras em suas comunidades de residência: a maior parte delas revelou conhecer casos de gravidez indesejada de outras mulheres.

As mulheres baré, que usam mais o hospital como serviço de saúde, revelaram possuir menos conhecimentos sobre métodos tradicionais de contracepção: somente as velhas ou maduras relataram terem ouvido falar destes métodos, que teriam sido usados no passado. As plantas abortivas, no entanto, são conhecidas por todas, e algumas relataram já terem recorrido a este método para provocar abortos, apesar da oposição da igreja.

A principal conclusão que se pode tirar desses questionários é que existe uma erosão nos conhecimentos tradicionais sobre saúde reprodutiva, sobre os cuidados com a gravidez e o parto, e métodos contraceptivos tradicionais. As mulheres mais velhas praticavam estes conhecimentos, as maduras e jovens conhecem menos e já não praticam tanto. Portanto, com a proximidade dos serviços modernos de saúde existe uma perda cultural dos conhecimentos tradicionais.

³ *Kumu* é o termo em *tukano* que designa um rezador, ou benzedor, capaz de fazer os tratamentos de doenças ou prevenções dos casos mais simples. O *Kumu* é responsável também pelos rituais de passagem da primeira menstruação, da menopausa, e outros.

5.1.2. As concepções das mulheres de Iauareté

O conhecimento do modo de entender a saúde reprodutiva dado pelos questionários orientou nosso segundo passo: o trabalho de pesquisa/ação levado a efeito no povoado de Iauareté, durante os anos de 1997 a 1999, que teve como objetivos iniciar uma pesquisa mais aprofundada sobre as concepções das mulheres *tukano* sobre a saúde reprodutiva e também o de realizar algumas ações demonstrativas para que os serviços de saúde modernos fossem mais respeitosos com relação aos conhecimentos e práticas tradicionais dessas mulheres.

A relação entre o atendimento médico ocidental e os conhecimentos tradicionais dos povos indígenas sobre saúde e doença é um problema teórico importante na antropologia. Buchillet (1991), analisando a relação entre os sistemas tradicionais de saúde e doença dos povos indígenas e o sistema médico ocidental, conclui que a maior parte dos povos indígenas brasileiros ainda têm nos seus sistemas tradicionais os recursos principais em termos de atendimento médico. Esta autora considera as recomendações feitas pela Organização Mundial de Saúde (OMS) desde 1978, no sentido de que as políticas de saúde deveriam privilegiar o aspecto da educação sanitária com a participação das comunidades locais. A OMS recomenda ainda que alguns recursos médicos tradicionais, como algumas plantas medicinais, poderiam ser usados após uma avaliação onde deveriam ser selecionados os recursos benéficos e descartados aqueles considerados nocivos à saúde.

Buchillet alerta para duas questões em relação a estas recomendações. A primeira diz respeito a quem selecionaria estes recursos médicos tradicionais e com que visão de medicina; a segunda questão diz respeito aos sistemas tradicionais de saúde e doença. Os recursos médicos tradicionais são parte de um sistema integrado e estruturado, e não podem ser desvinculados deste sistema como um todo. A antropologia da doença justamente procura demonstrar a coerência interna e racional do pensamento tradicional, através das interpretações e comportamentos dos indivíduos frente à doença. Neste caminho, as representações e práticas relacionadas aos processos curativos recobrem realidades diferentes em relação à ocidental; por isso, não se pode selecionar

apenas algumas práticas curativas a partir da lógica bio-médica. Na medicina ocidental a doença é similar de um indivíduo para outro, independentemente do contexto sócio-cultural onde ela se inscreve. Nas sociedades tradicionais, quando um indivíduo adoece, as causas deste evento estão relacionadas com as representações sobre o ser humano, com as atividades deste indivíduo na sociedade e com o meio ambiente onde ele está localizado. A doença não pode ser pensada sem o seu contexto sócio-cultural-ambiental.

Esta diferença é importante. Todos os eventos que ocorrem durante o período reprodutivo das mulheres são imediatamente inscritos na totalidade de seus contextos sócio-culturais-ambientais. Há sempre uma busca para as causas sócio-cosmológicas, infração de regras culturais de comportamento. A bio-medicina desconhece a dimensão processual da doença, fundamental para os povos indígenas.

O objetivo do trabalho sobre saúde reprodutiva foi construir um diálogo entre as concepções tradicionais das mulheres *tukano* em relação o ciclo de vida e sua saúde, e os conhecimentos ocidentais sobre o tema, nesta perspectiva apontada por Buchillet. Iauareté (ver Apêndice 7, mapa1) foi o povoado escolhido para o desenvolvimento deste trabalho, em primeiro lugar, devido à sugestão feita pelas professoras e professores deste local: eles indicaram, nas primeiras conversas que tivemos, que este povoado tinha muitos problemas de gravidez de jovens solteiras, em relações de namoro com militares instalados em um pelotão de fronteira do exército. Além disso, estes professores indicaram a presença de uma organização indígena de mulheres, que poderia eventualmente sediar os trabalhos.

Iauareté é um pequeno centro urbano em expansão construído em torno de uma missão salesiana, fundada em 1929. Cada bairro deste centro possui uma organização política semelhante a de uma comunidade tradicional: o capitão é a liderança responsável pelos trabalhos comunitários, pela resolução de problemas que ocorram com os moradores de seu bairro e por organizar reuniões, festas ou rituais. O vice-capitão, o catequista e o animador são as outras lideranças locais. O acesso até Iauareté é feito por rio, através de barcos ou voadeiras (pequena

canoa de alumínio com motor de popa). De barco, a viagem dura cerca de 5 dias a partir de São Gabriel da Cachoeira; de voadeira, cerca de 2 dias. Na época da pesquisa este povoado ainda não contava com comunicação por telefone, instalada em 2001. Existe um gerador que funciona com óleo diesel, e as casas possuem eletricidade durante grande parte do dia. O povoado conta ainda com um hospital construído e dirigido pelas irmãs salesianas, onde trabalham técnicos de enfermagem, todos índios desta região. No quartel do pelotão do exército, que fica ao lado da cidade, existe um ambulatório dirigido por um médico, que atende também aos índios. Havia, por fim, um terceiro equipamento: um hospital construído na época do programa Calha Norte pelos militares, todo equipado mas fechado (mais tarde foi aberto, atendendo através do SUS).

No primeiro semestre de 1998 fiz a primeira viagem para Iauareté, permanecendo por dois meses; voltei por um período igual no segundo semestre deste mesmo ano. O primeiro contato com a Associação das Mulheres Indígenas do Distrito de Iauareté⁴ (AMIDI) foi bastante bom. Sua diretoria me recebeu na sede, no bairro de São Miguel, e concordou com o plano de trabalho que havia formulado. Combinamos então uma parceria, que deveria durar os dois anos. Na primeira etapa do trabalho de campo, avancei na pesquisa de duas maneiras diferentes: em primeiro lugar, através de conversas informais com o grupo de mulheres das diferentes etnias *tukano* que freqüentavam a sede da AMIDI; em segundo, fazendo entrevistas em profundidade e conversando individualmente com 4 mulheres diferentes, coletando suas histórias de vida.

A partir destas informações preparei-me para encontros com grupos maiores. Como eu não tinha familiaridade com a língua *tukano*, falada por todos em Iauareté, utilizei o material publicado por H. Ramirez (1997) para elaborar um primeiro glossário de termos relacionados com saúde reprodutiva. Foram realizados dois grandes encontros com ampla participação das mulheres de

⁴A AMIDI foi fundada em 1994 com o objetivo de ajudar as mulheres economicamente. A associação funciona através de um sistema de trocas: a diretoria compra bens industrializados em São Gabriel da Cachoeira (roupas, alguns alimentos, anzol e outros) e troca por novelos de tucum, ou mesmo pelo artesanato feito pelas mulheres que freqüentam a sede desta associação. A associação possui uma sede, doada pela prefeitura antes da demarcação das terras indígenas, e uma canoa com um motor para transporte.

Iauareté e algumas comunidades próximas, sobre saúde da mulher (ver Apêndice 9). O primeiro no segundo semestre de 1998 e outro em 1999.

O objetivo destes encontros era uma troca. Ouvir das mulheres suas concepções tradicionais sobre o tema, e expor os conhecimentos ocidentais sobre ele. Estes encontros tiveram a duração de 4 dias cada um, e os homens foram chamados a participarem apenas dos seus encerramentos. Nestes encontros houve uma parceira com a Associação Saúde Sem Limites (SSL), através da presença de uma enfermeira, Simone Argentino, que colaborou com uma sistematização dos conhecimentos ocidentais sobre saúde da mulher que queríamos debater com as mulheres.

Durante os encontros sobre saúde da mulher foram discutidos vários temas, assim distribuídos: a) os cuidados com a primeira menstruação, o ritual associado a esta passagem, incluindo os benzimentos, dietas e atitudes da moça neste momento; b) início da vida sexual da moça, os contraceptivos tradicionais e modernos, métodos de prevenção das DST/AIDS; c) sobre a gravidez foi discutido o sistema do pré-natal tradicional, que envolve o acompanhamento do *Kumu*, benzimentos, dietas e atitudes para prevenir problemas durante a gravidez e o parto; d) foram ainda discutidos assuntos relacionados ao parto tradicional, às diferentes maneiras de se ter a criança, e os cuidados do período pós-parto, com os pais e recém-nascidos.

Tratando-se de um encontro entre culturas e línguas completamente distintas, um instrumento acabou se revelando especialmente útil: desde o primeiro momento, quando ainda montava os glossários, começamos a fazer desenhos. Estes desenhos foram levados para os encontros, onde receberam acréscimos – enquanto novos desenhos começaram a ser feitos pelas participantes. Ao final dos dois encontros havia uma série de 70 desenhos, que funcionaram como um importante instrumento para debater e conhecer as concepções sobre saúde da mulher, tanto ocidentais quanto as tradicionais. Os desenhos do corpo são um registro vivo da troca: resultado das próprias observações e experiências das mulheres sobre seus corpos, com os

ensinamentos dos *Kumu*, das sogras e mães, e ainda dos aprendizados escolares destas mulheres.

A grande conclusão destes encontros foi a de que os conhecimentos que as mulheres possuem sobre seu corpo e sobre os cuidados com a saúde reprodutiva são bastante amplos e profundamente relacionados com a cosmovisão destes povos. Além disso, o debate entre os profissionais de saúde não-índios e as mulheres mostrou-se muito produtivo, pois ficou explícita a necessidade de uma formação dos profissionais para o atendimento específico às mulheres, assim como a necessidade de se planejar um trabalho de educação para saúde, voltado para esta população, que seja realizado na língua própria de cada comunidade, e que parta do entendimento dos sistemas tradicionais de cuidado com a saúde das mulheres. Até chegar a estas conclusões, no entanto, um longo caminho havia sido percorrido, todo ele traçado nos desenhos.

Corpo

A língua falada pela população de Iauareté é a tukano, usada como língua franca de comunicação entre eles. Cada pessoa adulta fala geralmente três línguas: sua língua original (Desana, Tuyuka, Pira-tapuya etc.), o tukano, que é empregado como língua franca entre os grupos, e o português. Alguns falam, além disso, o espanhol. Como tive muita dificuldade em aprender rapidamente o tukano, apesar do glossário inicial elaborado, as conversas sobre o corpo da mulher e os órgãos reprodutivos tiveram início com a elaboração de grandes desenhos. Na sede da AMIDI, onde fiquei hospedada, ainda na primeira etapa do trabalho, quando fazia entrevistas, ficávamos conversando e tentando nos fazer entender debruçadas sobre estes desenhos. Cada mulher dava sua opinião sobre uma determinada parte do corpo, sua nomenclatura em tukano, a tradução do termo para o português e todas discorriam sobre as relações entre os órgãos reprodutivos e suas funções (Figura 1).

As mulheres da AMIDI relacionaram o nome da vagina - uma tradução literal do sentido da palavra em português seria 'porta do feto' - com o mito de sua criação. A concepção da 'abertura' da mulher está relacionada com o mito "O

A importância dos fluídos corporais

Como Silverwood-Cope (1990) demonstrou, para os Bará-maku, o criador Idu Kamni fez os seres a partir de uma mistura de sua saliva com a terra. Já Diemberger (1996) mostra que, para os Khumbo do Nepal, o corpo é parte do cosmo, repleto de sinais e valores; a mulher transmite o sangue para a criança e os homens os ossos. Os homens transmitem os ossos, que são a parte dura do corpo humano, e por isso os Khumbo acreditam que a transmissão do clã deve se fazer através do pai. Desta transmissão dos clãs deriva a transmissão do território masculino específico, reservado aos homens. Os Khumbo possuem uma identidade que é relacionada com o território sagrado de cada sub-grupo, e o corpo, portanto, estará relacionado a este território. O parentesco *khumbo* é concebido através das idéias de sangue e osso, onde os ossos são os laços consangüíneos herdados do pai e passados para os filhos, e o sangue define a afinidade. O esperma define a consangüinidade e o sangue feminino a afinidade. Um nenê *khumbo* é considerado como sendo formado pelo sangue da mulher que gera seu sangue e sua carne, e o esperma que forma os ossos e um tipo de alma ligado ao ciclo do renascimento e às montanhas sagradas para as quais todos os mortos voltam, sendo a moradia dos ancestrais.

No rio Negro ocorre algo semelhante: as mulheres transmitem, através de seu sangue, o sangue e a carne para os filhos, os homens os ossos (S. Hugh-Jones, 1979). As mulheres de Iauareté relataram que o feto é formado pela junção do *wahsó* feminino, traduzido como sendo o óvulo ou como sendo um fluído expelido pelas mulheres durante a relação sexual com o *wahsó* ou esperma masculino. Também ali o sangue das mulheres e o 'esperma feminino' definem a afinidade, enquanto que o esperma masculino define a consangüinidade.

Por isso, o sangue e os fluídos corporais são considerados extremamente importantes pelas mulheres do Rio Negro. Através deles fluem para a geração seguinte algumas das características fundamentais dos povos. E esta importância não se limita apenas ao grupo, mas a toda a região: a mulher porta a afinidade para as comunidades vizinhas ou distantes. Deste modo de entender a importância dos fluidos, deriva um comportamento fundamental: a mobilidade

feminina, já analisada no capítulo 4. Ela espalha a afinidade e articula as comunidades através das alianças políticas. As alianças de sangue aqui poderiam ser entendidas contrariamente às alianças de sangue ocidentais, que são em geral entendidas como alianças de consangüinidade.

Menstruação

O papel articulador dos fluidos se mostra com a puberdade. Na primeira menstruação a mulher se abre, seu corpo torna-se apto para receber o espermatozóide masculino. O corpo se abre para o sangue descer. Desde a primeira menstruação as mulheres ficam 'abertas' tanto têm mais poder quanto podem apresentar um certo perigo para outras pessoas. O poder vem da presença do sangue, que representa a fertilidade e ao mesmo tempo o contato com o mundo pré-humano. De maneira inversa elas também se tornam vulneráveis, e, portanto, devem proceder de determinadas formas para se proteger de doentes, para não piorar seu estado ou para não se contaminar. Por isso ela tem que manter um certo confinamento.

S. Hugh-Jones (1979), que trabalhou com o grupo *tukano* Barasana, dessa mesma grande região, estabeleceu a relação simbólica da cabaça cheia de cera de abelha usada nos rituais, com o sangue menstrual. Os Barasana acreditam que a cera de abelha é identificada com o fígado, e por sua vez, as mulheres de Iauareté relataram que este órgão seria o reservatório de sangue, o 'criador' de sangue. Os Barasana dizem ainda que quando a cera de abelha se queima se transforma numa substância escura e dura, cheirando a sangue menstrual. Assim, este autor relaciona a cabaça com cera de abelha ao sangue menstrual. Da mesma maneira, nesta concepção de menstruação, a mulher, por estar aberta, entra em contato com o mundo pré-humano, e a cabaça com cera de abelha queimando é usada também em rituais, pois se espera que ajude nesta relação com outra esfera. Assim a menstruação, por ser periódica, representa uma renovação do corpo da mulher: elas relataram que, com a menstruação, o corpo se 'limpa' e fica pronto para uma possível gravidez. Esta periodicidade da mulher faz com que ela possa sobreviver mais do que os homens, na ideologia dos

Barasana. No nível cosmológico a menstruação está relacionada com a alternância dos períodos de seca e chuva: a menstruação das mulheres traz a alternância, renova a possibilidade de se reproduzir.

Por isso o comportamento especial neste período de mudança. A moça fica confinada numa repartição dentro da casa, feita por uma espécie de biombo de tiras trançadas (Figura 2), fazendo tudo dentro deste compartimento. Após este período de confinamento ela pode ir tomar banho no rio, mas deve ir acompanhada do *Kumu*, que a benze queimando cera de abelha na cabaça e recitando encantamentos para protegê-la dos peixes pequenos do rio, que poderiam entrar em sua vagina aberta e do calor do dia⁷. Buchillet (1990) analisa o poder das palavras nas récitas dos *Kumu* ou *Yai* (pajés de mais alta hierarquia e com mais poder do que os *Kumu*) e a relação metafórica ou de semelhança existente entre as palavras e os veículos através dos quais as palavras adquirem poder.

Durante a primeira menstruação o *Kumu* deve benzer a moça, e este benzimento consiste em “abrir” a moça simbolicamente. É um momento muito importante. O trabalho deve ser feito de maneira competente, pois muitos males são oriundos de um erro. Uma transgressão alimentar ou uma atitude contrária às regras, como tomar banho no rio menstruada, pode ter conseqüências sérias. Durante todo tempo a moça deve ficar reclusa, sem ver nem falar com outras pessoas, exceto sua mãe e o *Kumu*. Só deve tomar banho ao final da menstruação, e depois de ter sido benzida, bem como o local do banho. Segundo as mulheres, uma mulher mais velha poderia também fazer este benzimento. Este benzimento do rio onde ela vai tomar banho consiste em colocar simbolicamente aquela espécie de biombo feito de tiras trançadas no rio, para que os peixinhos pequenos não penetrem em sua vagina, além de colocar simbolicamente uma espécie de balaio na cabeça da moça para que seus cabelos não fiquem queimados com a urina do sol; muitas outras etapas e récitas são feitas além

⁷ Todos os benzimentos são específicos de cada sib e de cada povo. Além disso, estão relacionados com mitos, que também variam de acordo com os povos e sibs da região. Não nos foi possível coletar os mitos relacionados, de cada povo ou sib, apenas descrevemos de maneira

Figura 2: Reclusão da moça tariana

170

Figura 3: Benzimento do banho



Concepção do feto

A concepção do feto ocorre através de inúmeras relações sexuais. O feto é formado aos poucos, pela reunião do *wahsó* (sêmen) masculino, com o *wahsó* feminino. Não nos foi possível checar com exatidão o que é este *wahsó* feminino: algumas mulheres identificaram os óvulos ou os ovários através dos desenhos, outras relataram que o *wahsó* feminino só ocorre com a relação sexual. Seria neste caso, uma substância gelatinosa produzida durante o orgasmo feminino. O sêmen do homem é responsável pela formação dos ossos do feto, e o sangue da mulher, transmitido durante os nove meses de gravidez pelo cordão umbilical, forma a carne e o sangue do feto.

A mulher grávida é chamada de *nihîpahkó*, ou seja, mãe de feto literalmente (*nihî*: feto, *pahkó*: mãe), o marido da mulher grávida é chamado de *nihîpahki*⁸, ou pai de feto. Todos os nomes dos elementos relacionados com o feto possuem esta palavra na sua composição, por exemplo, *nihîkoó*, água do feto, *nihîsuhpê*, porta do feto ou vagina, *nihîsutiró*, útero ou lugar de conter ou carregar o feto, *nihîkumunó*, banco do feto ou placenta. A placenta ou *nihîkumunó*, tem um valor simbólico muito importante, pois é o banco cerimonial do feto, que se desenvolve com ele. O menino ou a menina durante o ritual de iniciação vai ganhar um banco – *kumunó* – que o/a acompanhará para o resto de sua vida. Este banco tem relações com o mito de criação e transformação de cada povo, e é decorado com uma pintura relacionada com o sib e povo de cada pessoa. O feto, que ‘já vem com seu banco’ segundo as mulheres, possui, mesmo estando ainda na barriga da mãe, uma identidade social.

⁸ Estou usando o “i” com tremas para identificar o som da vogal geralmente grafada com “u” cortado ou com “i” cortado, pronunciada como um “a”, levantando-se a língua progressivamente.

GRAVIDEZ E PARTO NORMAL

Numis
añuro
ipitigó.
Wikimé
Sawigó.

Poratex
añuro.
pati añuro
añporoto.

Antigamente, a mulher dava à luz na roça, que é o espaço feminino. Com suas crenças ela não podia parir em casa, devido ao perigo do contágio pelo sangue do parto. Antes de ela voltar para a casa era necessário o *Kumu* queimar cera de abelha na cabaça e benzer todo o lugar, tanto para protegê-lo dos perigos do sangue como para proteger a mulher com a criança. Depois de voltar para casa com o filho, a mulher ficava isolada por um período de três dias, em média o que varia de acordo com a cicatrização do umbigo do recém-nascido, de dieta, quando a mãe e o pai devem ficar quietos em suas casas, é dado o primeiro banho do recém nascido. De novo, agora quando os pais retornam para sua casa, o *Kumu* deve outra vez benzer e indicar as comidas a serem ingeridas, bem como os

objetos do recém-nascido (Figura 5). Esta benção deve ser feita queimando-se cera de abelha e soprando a fumaça em cima dos elementos que estão sendo benzidos.

Na época em que as mulheres davam à luz na roça, o parto era acompanhado de longe por um *Kumu*. Com a mudança para locais reservados dentro da aldeia ele passou a ficar mais perto, mas ainda sem contato direto com a mulher. Sem ver diretamente a cena, o *Kumu* vai benzendo conforme as necessidades durante o trabalho de parto. Se um bebê está demorando muito a sair, por exemplo, o *Kumu* pode lançar mão de um benzimento que é feito com o caroço da uva amazônica (regionalmente denominada cucura), pois o mesmo é muito escorregadio, semelhante ao caroço da jabuticaba, e auxiliaria, simbolicamente, a passagem do bebê pela vagina. Ou também pode lançar mão das unhas do tatu, que tem a capacidade de escavar rapidamente por terrenos muito duros, o que facilitaria também a saída do bebê.

As posições mais comuns para o parto são a de ficar de cócoras, com as pernas flexionadas e segurando na rede, ou deitada na rede, com esta, previamente cortada para que o bebê caia em cima de um pano limpo. Quando o bebê desliza para o chão, a mulher que está ajudando no parto, em geral a sogra ou a mãe da parturiente, espera até que o cordão pare de pulsar para cortá-lo. Somente depois disso é que ‘nasce’ a placenta. A placenta pode ser usada para passar no rosto das mulheres que adquiriram manchas no período da gravidez, e é enterrada. O trabalho de parto dura em média 3 a 4 horas, mas as mulheres podem sentir contrações dias antes, e o que determina que elas fiquem em casa é a frequência das contrações.

Foram relatados alguns problemas de parto resolvidos pelas próprias mulheres: apresentação pélvica, o braço saindo primeiro, dificuldades para expelir a placenta e outros. Para os problemas relacionados à apresentação do bebê as mulheres relataram que, em geral, elas viram a mulher de cabeça para baixo (com ajuda de outras mulheres) e experimentam virar o bebê ainda dentro do útero. Quando o bebê já está saindo, no entanto, é necessário ter muita força com cuidado para fazer girar a criança, para que ela saia em segurança.

Figura 5: Pós parto



175

mulheres, é que o mesmo *Kumu* que fez o benzimento contraceptivo deve desfazê-lo. Nenhum outro *Kumu* pode desfazer, a não ser que saiba exatamente as fórmulas recitadas pelo outro *Kumu*. Estas rezas são récitas tradicionalmente secretas, passadas de pai para filho ou parente próximo, e têm sempre relações metafóricas ou de semelhança com os sintomas da doença ou eventos que se desejam tratar.

Estas fórmulas tradicionais são empregadas, mas há muitos relatos de queixa sobre elas. e as jovens dizem que este método contraceptivo tradicional não funciona com elas. Além disso, as moças relatam que as mães ficam muito bravas quando recebem a notícia de uma gravidez, não só porque as filhas estão grávidas e não são casadas, mas porque isto quer dizer que elas tiveram inúmeras relações sexuais (o feto para se formar necessita de muito esperma masculino, como vimos), enquanto elas relatam que só tiveram uma relação sexual, na maioria dos casos. O fato das moças terem relações esporádicas com parceiros antes do casamento pode ser aceito pelas mães, mas em seu imaginário a gravidez das filhas prova que elas não se limitaram ao esporádico, mas namoraram muito, e com um intervalo curto entre uma relação e outra.

A gravidez indesejada é a primeira questão mencionada pelas mulheres de Iauareté quando se fala em saúde reprodutiva. Existem muitos casos de mulheres maduras e jovens que foram mães de crianças geradas em relações com os militares, e todos eles trazem conflitos com relação às crenças tradicionais. As crianças são criadas pelos avós, pois o avô é quem transmite a elas o pertencimento étnico do seu grupo. Mas este arranjo não é aceito pacificamente. Existem conflitos com as mães solteiras e um certo mal estar com relação a estas crianças. Geralmente quando há uma separação entre casais, os filhos tendem a ficar com seus pais, e a mulher pode voltar para sua comunidade de origem, ficando disponível para se casar outra vez. Os filhos de não-índios não só não ficam com os pais, como ficam sem identidade étnica, a não ser aquela dada pelo avô.

5.2. Fecundidade das mulheres baré, baniwa, *tukano* e *maku* (dados do CIARN)

Após a pesquisa qualitativa, feita através do projeto sobre saúde reprodutiva, dei início às análises quantitativas dos dados gerados pelo CIARN. Em seguida procuro estabelecer algumas relações entre as concepções e práticas das mulheres *tukano* sobre sua saúde e os níveis e padrões de fecundidade encontrados.

Para as análises sobre fecundidade, das mulheres recenseadas pelo CIARN em 1992, usamos uma metodologia distinta da subdivisão regional. Já havíamos observado, através das análises do perfil etário por sub-região, que a proporção das crianças de 0 a 9 anos, isto é, pertencentes às duas primeiras faixas etárias, é menor na sub-região do Negro Abaixo (capítulo 3), onde estão localizadas mulheres de diferentes etnias, sendo as Baré e *Tukano* as majoritárias. Conforme já explicitado no capítulo 3, poderiam ser levantadas hipóteses para esta diminuição na proporção das duas primeiras faixas etárias, sendo uma a de que houve um aumento da mortalidade infanto-juvenil nessa sub-região, ou de que está ocorrendo uma queda da fecundidade. Sobre esta última hipótese, poderíamos pensar que a fecundidade é mais baixa nessa sub-região devido à proximidade com o centro urbano e às facilidades de acesso aos serviços de saúde e a métodos contraceptivos; ou que os níveis de fecundidade variam mais de acordo com as etnias, ou seja, de acordo com variáveis culturais (conhecimento e uso de métodos contraceptivos). Se a primeira hipótese fosse correta a fecundidade das mulheres *tukano* da sub-região do Negro Abaixo seria diferente daquela observada para as mulheres *tukano* das sub-regiões de Iauareté. Mas quando analisamos os níveis da fecundidade por sub-região vimos que o mesmo não varia de acordo com a área geográfica. A taxa de fecundidade total (TFT) das mulheres *tukano* da sub-região de Iauareté, em 1992, é 6,82; das mulheres *tukano* do Tiquié/Uaupés é 6,29 e do Negro Abaixo é 6,11. Para as mulheres baré a taxa de fecundidade total em 1992 das residentes no Negro Abaixo e Negro Acima fica em torno de 4,5. Portanto, possivelmente a fecundidade estaria mais influenciada por variáveis culturais. Assim, o objetivo das

análises a seguir é avaliar os padrões e os níveis de fecundidade por grandes etnias, verificando se existe um diferencial entre as mesmas, e analisando seus níveis e distribuição etária.

As mulheres pertencentes às etnias *tukano* foram agrupadas, independentemente da sub-região. As Tariana foram agrupadas junto com as *Tukano*, pois, apesar de serem um povo *aruak*, estão casadas há muitas décadas com os *tukano*, convivendo na mesma sub-região e possuindo concepções sobre saúde reprodutiva bastante semelhantes.

As mulheres *baré* e as *baniwa* foram analisadas separadamente; estas mulheres foram também agrupadas independentemente da sub-região de residência. As mulheres *coripaco* estão incluídas entre as *baniwa*, pois são culturalmente muito próximas e residem, em sua grande maioria, na mesma sub-região do *Içana*.

As mulheres *maku* foram também agrupadas independentemente da sub-região onde estavam residindo em 1992; porém as informações sobre esse grupo estão bastante incompletas. Foram desprezadas as informações sobre mulheres que não informaram a idade ou que não informaram idade dos filhos nascidos vivos, sobreviventes ou que morreram. Com isto, o universo das mulheres pertencentes às etnias *maku* que pudemos analisar ficou bastante reduzido em comparação com o número real de mulheres pertencentes a esta família lingüística.

As informações do questionário utilizadas para efeito destas análises foram as seguintes: a) etnia da mãe; b) idade da mãe (calculando o ano de nascimento); c) idade dos filhos vivos (calculando o ano de nascimento); d) idade dos filhos que morreram; e) ano de falecimento destes filhos mortos (calculando o ano de nascimento dos mesmos através da idade e ano de morte); f) sexo dos filhos tidos nascidos vivos. Foram excluídas das análises as informações sobre os filhos que nasceram mortos. As mulheres foram agrupadas por idade e somente foram analisadas as informações das mulheres em período reprodutivo⁹, ou com 15 a 49

⁹ Entende-se por período reprodutivo das mulheres aquele que vai desde a menarca até a idade da menopausa (Berquó, 1980).

anos. Somente 2 casos de mulheres que tiveram filhos depois dos 50 anos foram reportados, por isso as mulheres com 50 anos e mais foram descartadas nessas análises. No banco de dados do CIARN não havia mulheres com idades de 10 a 14 anos casadas ou com filhos. Porém, calculando a idade das mães ao ter o primeiro filho, pudemos observar que algumas mulheres tiveram filhos entre 10 a 14 anos, por isso esta faixa etária está aí incluída. Foram incluídas em todas as análises as mulheres viúvas em idade reprodutiva, por estarem expostas ao risco de terem filhos.

As mulheres de 15 a 49 anos solteiras foram incluídas em todas as análises, por estarem expostas ao risco de terem filhos, mesmo sem estarem casadas. Foram subtraídas ainda as mulheres sobre as quais as informações não estavam completas, faltando pelo menos uma das informações necessárias a estas análises.

Portanto, o universo de mulheres nas análises de fecundidade é o grupo de mulheres que em 1992 tinha de 15 a 49 anos, casadas, chefes de domicílios, solteiras ou viúvas. Todas as mulheres são pertencentes às etnias *tukano* (as Tariana incluídas) de todas as sub-regiões, *baniwa* (incluídas as *coripaco*) de todas as sub-regiões, *baré* e *maku* de todas as sub-regiões.

5.2.1. Fecundidade

A fecundidade é entendida como a relação entre nascimentos vivos e mulheres em idade reprodutiva, num determinado momento do tempo. As taxas específicas de fecundidade são obtidas pela divisão entre o número de filhos nascidos vivos de mulheres por faixa etária num determinado período de tempo, pelo número de mulheres dessas faixas etárias, neste mesmo período de tempo. A taxa de fecundidade total (TFT), que é o número médio de filhos por mulher num determinado período do tempo, é obtida multiplicando-se a somatória das taxas específicas pelo intervalo de anos das faixas etárias estudadas, que no nosso caso é de 5 anos. A TFT corresponde ao número médio de filhos que uma mulher teria ao terminar o período reprodutivo, é uma medida que não é influenciada pela distribuição etária das mulheres estudadas, pois é obtida a partir das taxas

específicas de fecundidade (TEF), que correspondem, portanto, ao número médio de nascimentos por mulher nas diferentes faixas etárias.

As taxas de fecundidade foram calculadas para os anos de 1990, 1991 e 1992, calculando-se para isso a idade das mulheres retroativamente e seus filhos tidos em cada um destes 3 anos. O objetivo destes cálculos foi, por um lado, verificar uma possível tendência no tempo dos níveis e padrão da fecundidade, e por outro lado avaliar a consistência das informações nestes anos. Não foram calculadas as TFT mais retroativamente, ou seja, para os anos anteriores a 1990, pois os dados das mulheres sobre os filhos tidos nascidos vivos vai ficando mais incompleto quanto maior a idade da mulher.

A variação das taxas de fecundidade nos três anos, dos 4 grupos (Baré, Baniwa, *Tukano* e *Maku*), foi grande, como pode-se observar nas tabelas 1, 2, 3 e 4 abaixo. As TFT das mulheres baré apresentaram uma variação de 5,78 em 1990, 5,75 em 1991 a 3,05 em 1992, isto é, a fecundidade total cai bastante em 1991; já as TFT das mulheres baniwa variaram de 6,35 em 1990, para 4,31 em 1991 e 4,75 em 1992, ou seja, tiveram sua fecundidade diminuída nos anos 1991 e 1992. As mulheres *tukano* e *maku* tiveram uma dinâmica semelhante, com as TFT em 1990 de 6,20 e 7,63 respectivamente em 1990, em 1991 este número cai para 4,87 e 4,89 respectivamente, e em 1992 a TFT calculada volta a subir para 6,01 e 6,30 para as *Tukano* e *Maku*.

Esta variação das TFT pode estar sendo influenciada pela chamada volatilidade dos indicadores demográficos de populações de pequeno porte, ou seja, a variação dessas medidas que se encontra em populações com contingentes populacionais pequenos, calculadas para o período de um ano. A variação das taxas de fecundidade dos anos 90, 91 e 92, pode também ser derivada de problemas nas informações sobre os filhos nascidos nos anos referidos, ou ao fato de que as taxas específicas de fecundidade deveriam estar calculadas através da razão entre o número de filhos tidos nascidos vivos no ano e a população de uma determinada faixa etária no meio do ano. Isto se deve ao fato de que as mulheres podem morrer no decorrer do período estudado, ou seja, uma mulher que teve filho no primeiro semestre do ano, pode vir a falecer no

segundo semestre, assim, a população feminina, denominador do cálculo, é estimada para o meio do ano, o que não pôde ser feito neste caso, já que não existem informações sobre mortalidade específica por idade para se obter essas projeções. Portanto, a população feminina tomada para se obterem todas as taxas de fecundidade está calculada como as mulheres vivas na data do censo, ou seja, as mulheres por faixa etária (quando nos anos anteriores foi calculada a idade a partir do ano de nascimento). Portanto, a fecundidade em 1992 pode estar subestimada, por conta de falta de informações sobre mortalidade das mulheres e falta de informações sobre filhos que nasceram depois que os recenseadores estiveram nas comunidades¹⁰. Por outro lado, as informações sobre os filhos nascidos vivos em 1992 pode estar incompleta, uma vez que o CIARN foi a campo entre os meses de setembro a dezembro deste mesmo ano.

Tabela 1: Baré – Taxas específicas de fecundidade por idade e taxa de fecundidade total, nos anos 1990, 1991 e 1992

idade	1990 f/x	1991 f/x	1992 f/x
15 a 19	0,05	0,01	0,04
20 a 24	0,28	0,29	0,07
25 a 29	0,30	0,27	0,15
30 a 34	0,18	0,26	0,12
35 a 39	0,17	0,20	0,10
40 a 44	0,10	0,11	0,09
45 a 49	0,08	0,00	0,04
TFT	5,78	5,75	3,05

CIARN/1992

¹⁰ o CIARN foi levado a campo entre setembro e dezembro de 1992

Tabela 2: Baniwa – Taxas específicas de fecundidade por idade e taxa de fecundidade total, nos anos 1990, 1991 e 1992

idade	1990 f/x	1991 f/x	1992 f/x
15 a 19	0,20	0,13	0,07
20 a 24	0,14	0,26	0,18
25 a 29	0,27	0,18	0,17
30 a 34	0,28	0,10	0,25
35 a 39	0,20	0,10	0,13
40 a 44	0,12	0,07	0,13
45 a 49	0,05	0,03	0,03
TFT	6,35	4,31	4,75

CIARN/1992

Tabela 3: *Tukano* – Taxas específicas de fecundidade por idade e taxa de fecundidade total, nos anos 1990, 1991 e 1992

idade	1990 f/x	1991 f/x	1992 f/x
15 a 19	0,07	0,07	0,04
20 a 24	0,24	0,21	0,19
25 a 29	0,32	0,22	0,25
30 a 34	0,27	0,19	0,33
35 a 39	0,23	0,14	0,26
40 a 44	0,07	0,11	0,11
45 a 49	0,04	0,03	0,04
TFT	6,20	4,87	6,01

CIARN/1992

Tabela 4: *Maku* – Taxas específicas de fecundidade por idade e taxa de fecundidade total, nos anos 1990, 1991 e 1992

idade	1990 f/x	1991 f/x	1992 f/x
15 a 19	0,18	0,17	0,17
20 a 24	0,38	0,16	0,20
25 a 29	0,31	0,26	0,22
30 a 34	0,38	0,27	0,30
35 a 39	0,10	0,05	0,06
40 a 44	0,19	0,07	0,24
45 a 49	0,00	0,00	0,07
TFT	7,63	4,89	6,30

CIARN/1992

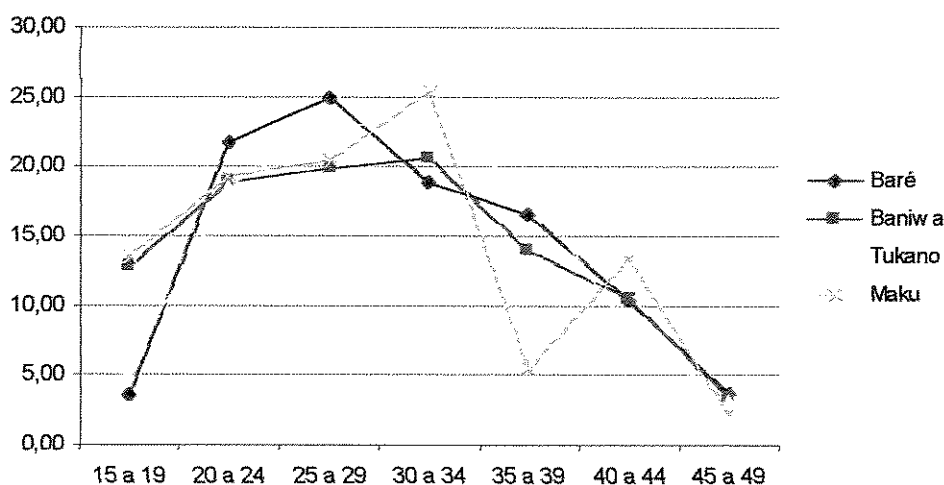
Para termos uma melhor estimativa dos níveis e padrões da fecundidade desses 4 grupos de mulheres optou-se pelo cálculo das TEF e TFT no período acumulado de 3 anos, ou seja, para o período de 1990 a 1992. Portanto as taxas calculadas para esse período poderiam ser consideradas uma média da fecundidade no período, sendo assim uma medida mais exata e menos influenciada pelas estruturas etárias dessas mulheres.

Tabela 5: Baré, Baniwa, *Tukano* e *Maku* – Taxas específicas de fecundidade por idade e taxa de fecundidade total, no período de 1990 a 1992

idade	Baré f/x	Baniwa f/x	<i>Tukano</i> f/x	<i>Maku</i> f/x
15 a 19	0,03	0,13	0,06	0,17
20 a 24	0,21	0,19	0,21	0,25
25 a 29	0,24	0,20	0,26	0,26
30 a 34	0,18	0,21	0,26	0,32
35 a 39	0,16	0,14	0,21	0,07
40 a 44	0,10	0,11	0,09	0,17
45 a 49	0,04	0,03	0,04	0,03
TFT	4,83	5,11	5,68	6,35

CIARN/1992

Gráfico 1: Baré, Baniwa, *Tukano* e *Maku*, distribuição relativa das taxas específicas de fecundidade no período de 1990 – 92



As TFT dos quatro grupos, Baré, Baniwa, *Tukano* e *Maku*, no período de 1990 – 92 indicam que os níveis da fecundidade das mulheres *maku* são os mais altos, a TFT do período é 6,35, e a taxa mais baixa estimada é aquela das mulheres baré, 4,83. As *Tukano* e Baniwa têm a TFT estimada em torno de 5, sendo que as últimas possuem um nível de fecundidade um pouco maior do que as *Tukano*. O gráfico 1 mostra a distribuição relativa das taxas específicas de fecundidade (a tabela referente a este gráfico encontra-se no Apêndice 3), sendo que no caso das mulheres baniwa e *maku* a curva começa num nível mais alto do que das outras mulheres, ou seja, as Baniwa e *Maku* estão tendo filhos mais cedo do que as *Tukano* e Baré. O ápice da fecundidade, ou a cúspide da curva, fica na faixa etária de 30 a 34 anos para as mulheres *tukano*, *maku* e baniwa, apenas as Baré têm sua fecundidade máxima alcançada na faixa etária logo anterior, de 25 a 29 anos.

As taxas totais de fecundidade por período, registradas por Early e Peters (1990), entre os Yanomami estão entre 8,7 e 7,5 sendo que os autores demonstram que em todos os períodos estudados o padrão da fecundidade não muda, e no início do período estudado, em 1958, as taxas específicas e totais foram mais altas pois a estrutura etária neste período era muito incomum, teriam ocorrido epidemias e migrações. Nancy Flowers (1994) calculou as taxas específicas e totais de fecundidade dos Xavante por períodos de anos. A taxa total de fecundidade no ultimo período calculado (1972 a 1977) foi de 9,4, sendo que ela demonstrou que os níveis de fecundidade dos Xavante estavam aumentando. Somente no período do contato, 1947-51, esta taxa foi de 11,17. De 1987 a 90 a TFT era de 8,42. Picchi (1994) no estudo sobre os Bakairi, um povo do cerrado matogrossense, encontrou uma TFT de 5,36 para o período de 1979 a 1981. Os kaiabi possuíam uma taxa de fecundidade total de 6 entre 1970 e 1979 e de 8,4 entre os anos de 1980 e 1989 (Pagliaro, 2002: 145).

Entre os Kaiabi do Xingu, Pagliaro (2002) demonstra que o final do período reprodutivo ocorre entre 40 a 44 anos; a maior proporção de nascimentos ocorre entre as idades de 25 a 29 anos para as mulheres das coortes 1 a 3, que já tinham seu período reprodutivo completo ou quase completo, e entre as idades de 20 a

24 anos para as mulheres de gerações mais jovens, das coortes 4 a 6, indicando um rejuvenecimento da fecundidade (Pagliaro, 2002: 151).

5.2.2. Determinantes próximos da fecundidade

A seguir serão apresentadas análises de determinantes próximas da fecundidade, também chamados de variáveis intermediárias, que são medidas que influenciam os padrões e níveis da fecundidade e proporcionam um melhor entendimento do comportamento reprodutivo das mulheres.

Idade média ao nascimento do primeiro filho

A idade média ao ter o primeiro filho mostra quando as mulheres pertencentes aos quatro grupos estudados estão começando a ter filhos. As mulheres foram sub-divididas em duas coortes, a coorte A, das mulheres nascidas entre os anos de 1963 a 1980, ou seja, que tinham, em 1992, entre 12 e 29 anos; a coorte B, formada por mulheres nascidas entre 1943 e 1962, ou seja, com 30 a 49 anos.

Tabela 6: Baré, Baniwa, *Tukano* e *Maku*, idade média ao ter o primeiro filho

	A	B	todas
Baré	17,69	21,94	19,82
Baniwa	17,84	20,96	19,36
<i>Tukano</i>	19,73	22,43	21,08
<i>Maku</i>	16,49	23,96	20,23

CIARN/1992

A - mulheres com idades entre 12 a 29 anos

B - mulheres com idades entre 30 a 49 anos

A idade média ao ter o primeiro filho é mais baixa para as mulheres baniwa, 19,36 anos, e maior para as *Tukano*, 21,08. Porém, para a coorte mais jovem, mulheres com 12 a 29 anos em 1992, as *Maku* têm a menor média de idade ao ter o primeiro filho, de 16,49 anos. Esta coorte mais jovem é a que tem menores probabilidades de ter esquecido de informar filhos nascidos vivos para os recenseadores, portanto, seria a coorte com informação de maior grau de confiabilidade. Se tomarmos somente esta coorte, as *Maku* são as que começam a ter filhos mais cedo e as *Tukano* as que têm filhos mais tarde.

Early e Peters (1990:43) apontaram que a média da idade das mulheres yanomami ao ter o primeiro filho é de 16,8 anos. Os autores ponderam ainda que existe um certo retardamento proposital para a primeira gravidez, pois os yanomami acreditam que o corpo da jovem que acaba de menstruar ainda não está com o desenvolvimento completo de seus órgãos. Por isso, quando a menina engravida logo após a primeira menstruação os pais podem ajudá-la a provocar aborto. Já entre os Kaiabi do Xingu, a média da idade ao ter o primeiro filho tende a declinar entre as 6 coortes de mulheres analisadas por Pagliaro: desde a coorte 1 (mulheres nascidas entre 1950 e 1954) até a coorte 6 (mulheres nascidas entre 1975 e 1979) a média da idade passa de 18,7 e atinge os 16 anos para a última coorte (2002: 150). Portanto, para estes povos a média de idade ao ter o primeiro filho é mais jovem do que entre os *Tukano* aqui estudados.

Intervalo intergenésico médio

O intervalo intergenésico é o período de tempo entre os nascimentos dos filhos de um determinado grupo de mulheres; é também uma medida interessante para analisarmos o comportamento reprodutivo das mulheres. O intervalo médio entre os nascimentos de todas as mulheres da região do alto rio Negro é de 2,8 anos, sendo que as mulheres *maku* e *baniwa* são as que possuíam um intervalo médio maior, 3,02 e 2,86 respectivamente.

Tabela 7: Baré, Baniwa, *Tukano* e *Maku*, intervalo intergenésico médio

	A	B	todas
Baré	2,46	2,78	2,62
Baniwa	2,59	3,14	2,86
<i>Tukano</i>	2,40	3,01	2,70
<i>Maku</i>	2,93	3,10	3,02

CIARN/1992

A maior proporção de intervalos intergenésicos encontrados entre os Yanomami está em 3,2 anos, portanto a moda fica entre 2 e 3 anos, sendo um pouco mais alto do que no caso das mulheres do rio Negro estudadas (Early e Peters, 1990). Price (1994) calculou o intervalo médio para os Nambiquara de 2,5

anos para o período estudado 1976 a 1986 e para os Kaiabi, os intervalos intergenésicos variam de 2,4 a 3,1 anos (Pagliaro, 2002:150).

Paridade média das mulheres em união

A seguir foram calculadas as paridades das mulheres, isto é, calculou-se a proporção de mulheres em união com filhos, por número de filhos tidos nascidos vivos. De todas as mulheres baré em idade reprodutiva que tiveram filhos nascidos vivos até 1992, 21,09% tinham 4 filhos e 15,63% tinham 3 filhos; das *Tukano*, 16,44% tinham 4 filhos e 15,65 tinham 5 filhos; já entre as Baniwa e *Maku* a proporção maior de mulheres com filhos tinha, na época do CIARN, 1 ou 3 filhos para as primeiras e 1 ou 2 filhos para as segundas. Esta medida está influenciada pela estrutura etária das mulheres estudadas, as mulheres baniwa e *maku* contabilizadas pelo CIARN são mais jovens do que as *Tukano* e Baré, como se verá em item específico abaixo.

Tabela 8: Proporção de mulheres por número de filhos tidos nascidos vivos

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	total
Baré	8,98	12,5	15,63	21,09	14,84	9,77	4,30	6,64	3,91	0,78	1,56	100,00
Baniwa	17,68	15,37	17,05	16,63	13,47	9,47	3,79	4,42	1,05	0,84	0,21	100,00
<i>Tukano</i>	13,39	13,98	12,80	16,44	15,65	10,83	8,86	4,33	2,56	0,89	0,30	100,00
<i>Maku</i>	22,73	22,73	18,18	10,61	7,58	10,61	6,06	1,52	0,00	0,00	0,00	100,00

CIARN/1992

Flowers (1994) estudou a paridade das mulheres xavante (povo indígena do Mato Grosso) com o período de reprodução completa, ou seja, após a idade de 45 anos, que ela calculou como sendo o término do período reprodutivo, como no caso dos yanomami. A paridade média para estas mulheres em todos os períodos estudados (1910 a 1929, 1930 a 39, 1940 a 49) foi de 7 filhos. Possivelmente a paridade das mulheres da região do rio Negro é mais alta do que a estimada e apontada pela tabela 8 acima. Como já foi mencionado, duas coisas devem estar acontecendo para que o resultado seja o demonstrado pela tabela: de um lado a estrutura etária mais jovem das mulheres *maku* e baniwa, e de outro lado as mulheres baré e *tukano* mais velhas tem maior probabilidade de terem esquecido

de informar os nascimentos de filhos que morreram ou que não se encontravam mais nas comunidades na época do CIARN.

Parturição das mulheres em união

Foi feito outro cálculo para se obter um perfil da parturição das mulheres estudadas, que é o quociente entre o número médio de filhos tidos em todos os anos, até 1992, pelo número das mulheres em união. Note-se que ambos os cálculos da parturição foram feitos somente tendo-se em conta as mulheres casadas no momento do censo.

Tabela 9: Baré, Baniwa, *Tukano* e *Maku*, número médio de filhos tidos nascidos vivos por faixa etária da mãe e número médio total de filhos por mulher

idade	Baré	Baniwa	<i>Tukano</i>	<i>Maku</i>
15 a 19	0,73	1,07	0,79	0,97
20 a 24	2,48	1,99	1,70	1,94
25 a 29	3,79	2,94	2,74	3,45
30 a 34	4,06	4,40	3,88	3,74
35 a 39	5,49	4,89	5,44	3,26
40 a 44	5,13	5,11	5,30	3,88
45 a 49	4,92	4,50	5,04	3,20
total	4,23	3,46	3,92	2,82

CIARN/1992

O número médio de filhos nascidos vivos por mulher para os Baré e *Tukano* é de cerca de 4. Já entre as Baniwa e *Maku*, cujas mulheres possuem uma distribuição etária semelhante (ver a tabela 11), este número fica mais próximo de 3 filhos por mulher. Isto está sendo influenciado pelo perfil etário das mulheres em idade reprodutiva estudadas. Do total das mulheres baré e *tukano* em idade reprodutiva, 20,10% e 23,20% estavam com 40 a 49 anos em 1992, e do total de mulheres *maku* e baniwa 14,95% e 13,59% tinham entre 40 e 49 anos; o que mostra uma população mais envelhecida das mulheres baré e *tukano* e mais jovem das *Maku* e Baniwa.

5.2.3. Estrutura etária e fecundidade

A seguir veremos a estrutura etária da população como um todo referente aos 4 grandes grupos estudados, ou seja, a população total da qual as mulheres estudadas fazem parte. Assim, a população *maku* e baniwa de todas as sub-

regiões estudadas possui uma estrutura etária mais jovem do que a população *tukano* e *baré*. Todos 4 grupos possuem cerca de 40% de crianças e jovens menores de 14 anos em sua população, o que indica uma população com altos níveis de natalidade.

Tabela 10: *Baré, Baniwa, Tukano e Maku*, distribuição relativa da população por grandes grupos etários

faixa etária	Baré	Baniwa	Tukano	Maku
0 a 14	40,72	41,96	39,29	42,89
15 a 49	48,98	46,58	47,74	46,55
50 e +	10,30	11,46	12,97	10,56
total	100,00	100,00	100,00	100,00

CIARN/1992

Flowers (1994), Pagliaro (2002) e Coimbra Jr et al. (2002), em análises baseadas em longos períodos de tempo, indicam o aumento do peso relativo da população de menores de 15 anos para os Xavante e os Kaiabi, que estariam em um processo de recuperação demográfica, caracterizado pela queda da mortalidade e altas taxas de natalidade. No caso da população do Alto Rio Negro não foi possível analisar os níveis da mortalidade por absoluta falta de informações, e as análises de tendência no tempo das taxas de fecundidade ainda está por se feita a partir dos dados que o DSEI/RN vem começando a produzir desde 2002. A conclusão que se pode chegar neste caso é de que se mantêm altas taxas de fecundidade, com variações entre os grandes grupos étnicos estudados.

A seguir veremos a distribuição etária da população das mulheres em idade reprodutiva estudadas. As mulheres *baniwa* e *maku* são as mais jovens, e as que menos proporção de mulheres nas duas últimas faixas etárias.

Tabela 11: Baré, Baniwa, Tukano e Maku, distribuição relativa da população das mulheres em idade reprodutiva por faixa etária

	Baré	Baniwa	Tukano	Maku
faixa etária	%	%	%	%
15 a 24	39,45	42,10	36,72	38,79
25 a 39	40,45	44,31	40,08	46,26
40 a 49	20,10	13,59	23,20	14,95
total	100,00	100,00	100,00	100,00

CIARN/1992

Para finalizarmos essas análises apresenta-se a seguir uma tabela resumo, contendo as medidas de fecundidade e os determinantes próximos, ou variáveis intermediárias (tabela 12, abaixo). Note-se que as medidas dos determinantes próximos são influenciadas pela estrutura etária da população, portanto, a paridade média e parturição das mulheres baniwa e *maku* é mais baixa do que das outras mulheres. É possível concluir que as mulheres baré são as que possuem níveis de fecundidade mais baixos, porém iniciando seu período reprodutivo um pouco mais cedo do que as *Tukano*. Estas últimas são as que iniciam seu período reprodutivo mais tarde, tendo a idade média ao ter o 1º filho com 21 anos (ver também gráfico 1, acima).

Tabela 12: Resumo das medidas de fecundidade das mulheres baré, baniwa, *tukano* e *maku*

	TFT 1990-92	idade média 1º filho	intervalo médio	paridade	parturição
Baré	4,83	19,82	2,62	4	4,23
Baniwa	5,11	19,36	2,86	1	3,46
Tukano	5,68	21,08	2,70	4	3,92
Maku	6,35	20,23	3,02	1 ou 2	2,82

CIARN/1992

As mulheres *maku* são as que possuem níveis mais altos de fecundidade; as outras informações sobre estas mulheres indicam uma população mais jovem o que pode ser decorrente de altos níveis de mortalidade feminina ou de problemas com as informações sobre as mesmas. Já vimos que existe um diferencial entre taxas de mortalidade infantil para estes grupos estudados, mas apesar de não termos dados para o período estudado, os dados disponíveis relativos aos anos mais recentes indicam que a mortalidade infantil é muito mais alta nas

comunidades, não existindo um diferencial notável entre as diferentes sub-regiões. As taxas de mortalidade infantil dos *Maku* são as mais altas de toda a região (capítulo 3).

Sobre o padrão da fecundidade no período 1990 - 92 (gráfico 1), as mulheres *tukano* possuem uma curva que decresce no seu final, indicando um possível controle na fecundidade a partir dos 40 anos até 49 ou encerramento do período reprodutivo, o que não ocorre entre as mulheres *baniwa* e *baré*, apesar de terem níveis distintos. A curva de fecundidade das mulheres *maku* apresenta picos altos e baixos que são decorrentes dos pequenos números de filhos e mulheres.

As taxas totais de fecundidade por período registradas entre os Yanomami estão entre 8,7 e 7,5 (Early e Peters, 1990), sendo que os autores demonstram que em todos os períodos estudados o padrão da fecundidade não muda, e no início do período estudado, em 1958, as taxas específicas e totais foram mais altas pois a estrutura etária neste período era muito incomum, teriam ocorrido epidemias e migrações. Nancy Flowers (1994) calculou as taxas específicas e totais de fecundidade dos Xavante por períodos de anos. A taxa total de fecundidade no último período calculado (1972 a 1977) foi de 9,4, sendo que ela demonstrou que os níveis de fecundidade dos Xavante estavam aumentando. Somente no período do contato, 1947-51, esta taxa foi de 11,17. De 1987 a 90 a TFT era de 8,42. Picchi (1994) no estudo sobre os Bakairi, um povo do cerrado matogrossense, encontrou uma TFT de 5,36 para o período de 1979 a 1981. Os kaiabi possuíam uma taxa de fecundidade total de 6 entre 1970 e 1979 e de 8,4 entre os anos de 1980 e 1989 (Pagliaro, 2002: 145).

Neste capítulo procuramos analisar as concepções tradicionais das mulheres relativas ao seu corpo e os eventos relacionados com a saúde reprodutiva. Para os *tukano* a humanidade anterior à existência dos homens atuais, vivia em um estado pré-humano, onde não havia afinidade, nascimentos, casamentos. Esta humanidade continuou existindo após a série de transformações e criações dos diferentes povos a partir da viagem da canoa/cobra, e as pessoas quando morrem vão se unir a estes ancestrais S. Hug-

Jones (1979). Os homens podem entrar em contato com essa pré-humanidade em diferentes momentos e espaços, tendo os xamãs como mediadores. Este contato ritual assegura a continuidade da existência destes povos, garantindo a continuidade da ordem social estabelecida e garantindo a saúde coletiva. As pessoas podem entrar em contato com este estado pré-humano quando sonham, quando estão doentes, ou quando as mulheres menstruam ou vão dar à luz, além dos rituais. As mulheres estão relacionadas a este mundo através de seu sangue, menstrual e do parto. Elas detêm o poder da reprodução biológica através do sangue, os homens detêm o poder da reprodução da ordem social. Desta maneira o estado menstrual ou na hora do parto das mulheres, quando elas estão em contato com o estado pré-humano, se assemelha aos xamãs, que entram em contato com esse mundo de maneira voluntária, para realizar curas ou realizar rituais. O poder do sangue da mulher é equivalente e complementar ao poder dos ossos (flautas sagradas) dos homens. O feto se forma através do sangue da mulher que dá origem ao sangue e à carne, e os espermatozoides do homem, que dá origem aos ossos.

O controle sobre a fecundidade das mulheres *tukano* se dá através dos benzimentos e plantas contraceptivas. Este controle é maior nas primeiras idades do período reprodutivo, o que se confirma com as análises da parturição e fecundidade, as mulheres jovens antes de se casar pedem a um *Kumu* que faça um benzimento para que elas não tenham filhos até o momento do casamento ou depois. Durante o casamento a fecundidade é controlada através do espaçamento entre os filhos, o período de 'dieta' das mulheres onde deve haver a ausência de relações sexuais, é de 2 anos, segundo o relato das mulheres de Iauareté. Esta informação também é confirmada pelas análises dos intervalos intergenésicos. O outro período onde a mulher vai lançar mão dos benzimentos contraceptivos é no final do seu período reprodutivo, elas pedem ao *Kumu* para benzê-las de uma forma que não engravidem mais, interrompendo definitivamente seu período reprodutivo. É o benzimento da menopausa, que pode ser provocada assim que a mulher sente os primeiros sintomas do climatério ou quando a mulher já teve sete filhos ou mais.

Comparando-se os níveis da fecundidade destas mulheres do rio Negro, com exceção das mulheres *maku*, com os encontrados entre outras populações indígenas, nota-se que estes são um pouco mais baixos do que aqueles encontrados para os Xavante, Kaiabi e Yanomami, exceção feita aos Bakairi.

Os povos rio-negrinos como já mencionamos são virilocais, ou seja, as mulheres vão morar nas comunidades de seus maridos. A hipótese aqui levantada é de que por causa disso as mulheres retardam mais sua fecundidade em relação a outros povos indígenas, e por isso mesmo também terminam mais tarde o período reprodutivo.

Considerações finais

Considerações finais

Os povos indígenas do rio Negro até o ano de 2001 contavam somente com esta fonte de dados disponível para análises demográficas. A partir deste ano os profissionais do Distrito Sanitário Especial Indígena do Rio Negro começaram a coletar dados populacionais destas comunidades. Porém ainda é muito cedo para fazermos uma avaliação da qualidade destas informações. Portanto, como só dispunha de informações para um ano de referência procurei explorar ao máximo estes dados para que pudéssemos ter uma primeira análise demográfica destes povos. Serão necessários muitos outros estudos sobre a demografia dos povos indígenas da região do Alto Rio Negro para que se possa realmente ter uma idéia da dinâmica populacional destas sociedades.

Analisando a estrutura etária destes povos encontramos um perfil etário que apresenta uma população submetida a altas taxas de fecundidade e de mortalidade, com poucas pessoas idosas. Vimos que os homens sobrevivem às mulheres, e que a sub-região do Negro Abaixo é a única onde a população já se encontra numa fase de transição, com os níveis de fecundidade mais baixos. Vimos ainda que estes baixos níveis de fecundidade são encontrados principalmente entre os Baré.

Procuramos relacionar as análises da fecundidade com informações qualitativas sobre as concepções próprias de algumas mulheres das etnias *tukano* de Iauareté. Apesar de não termos efetuado um estudo em profundidade de uma determinada etnia, procuramos demonstrar que estas informações estão relacionadas com as medidas encontradas. A importância das concepções das mulheres sobre a saúde reprodutiva, e a importância dos cuidados tradicionais com a saúde relacionam-se com o padrão da fecundidade encontrado, demonstrou-se que existe um retardamento da fecundidade e um controle da mesma através do espaçamento entre os nascimentos, o que indica ainda o cuidado com a saúde das crianças. As mulheres *tukano* possuem um conhecimento amplo e profundo sobre sua saúde, mas as jovens já estão perdendo estes valores e têm ocorrido diversos casos de gravidez indesejada em

lauareté. A valorização pelos filhos tidos indica as altas taxas de fecundidade ainda existentes.

Provavelmente existe um controle reprodutivo que está articulado com a ampla visão processual da saúde da mulher nos diferentes períodos do ciclo de vida, as relações sexuais que ocorrem antes do casamento indicam uma certa abertura para a sexualidade antes de se casar, ao mesmo tempo em que as mulheres já na menopausa sentem-se livres para as práticas sexuais. A prescrição da exogamia lingüística facilita o casamento ou namoro com homens não índios, isto aliado ao fato de que as jovens não mais acreditam nos métodos tradicionais faz com que hoje em dia exista uma forte demanda reprimida por contraceptivos modernos, apesar da presença da igreja.

Estudos recentes de demografia antropológica enfatizam a necessidade de se focar os fatores institucionais e tê-los como variáveis ou explicações demográficas (McNicoll, 1980 e Lesthaeghe, 1980) e ainda, principalmente no caso de populações autóctones, incluímos a organização social e sistemas de parentesco nas análises demográficas (Lesthaeghe, 1980). Os povos *tukano* praticam a exogamia lingüística, dando preferência para o casamento com cônjuges de comunidades próximas; as mulheres são aquelas que circulam mais, saindo por vezes de sua sub-região de origem para irem residir em outros locais. A regra de descendência é patrilinear, os filhos pertencem às etnias dos seus pais. O perfil etário das sub-regiões estudadas demonstra a multiplicidade de etnias residentes em cada uma delas, e as análises dos tipos de casamento demonstraram as trocas preferenciais entre algumas etnias, confirmando as teorias antropológicas sobre o casamento destes povos. Além disso, o controle da fecundidade através do retardamento da mesma e do espaçamento entre os nascimentos e a existência da possibilidade da interrupção do período reprodutivo nas idades mais avançadas, possivelmente indicam o que Lesthaeghe (1980) chama de regime auto-regulador, ou homeostase.

Sobre as relações entre a nupcialidade e a fecundidade, os trabalhos sobre demografia histórica da Europa mostram a importância da fecundidade marital no início da transição demográfica, e demonstram que a fecundidade fora do

casamento cresce um pouco (Kertzer, 1997). É preciso salientar que com o advento da pílula e dos novos métodos contraceptivos o controle da reprodução da população dos países desenvolvidos passa a incidir sobre o número final de filhos e não mais somente quanto ao espaçamento entre os filhos ou sobre a idade ao ter o filhos. Berquó (1992) e Oliveira (1982) já demonstraram que o casamento, as uniões consensuais, os padrões das famílias, tipos e idades ao casar estão relacionados com a estrutura social e política de uma população e com os padrões e níveis da fecundidade. No caso do rio negro, o casamento é mais tardio do que na maior parte dos outros povos indígenas, a idade ao ter filhos e ao ter o primeiro filho é mais alta, a mulher jovem tem procurado retardar o momento de casar, priorizando os estudos quando tem acesso a estes, e o trabalho fora. Para as mulheres de Iauareté o período anterior ao casamento, após a primeira menstruação, é concebido como um período de relativa liberdade, se ela tem acesso sexual a parceiros diferentes pode namorar lançando mão de contraceptivos tradicionais ou modernos, conforme suas possibilidades. O casamento se estabiliza com o nascimento do primeiro filho, e de uma maneira geral é estável, as separações se e quando ocorrem geralmente liberam a mulher do cuidado com os filhos, pois estes devem permanecer na comunidade do marido. Ela então tem possibilidade de se casar novamente. O tipo de casamento neste caso influencia a fecundidade retardando-a, e o sistema de controle reprodutivo tradicional, que inclui a esterelização permanente quando a mulher entra no climatério, está articulado com a cosmo-visão destes povos, que por sua vez opera no sentido de manter a ordem social.

Para os povos rio-negrinos o conceito de povo ou sociedade é extremamente complicado, Chernela (1994) já apontava para o fato de que para os povos tukano, que praticam a exogamia lingüística, seria problemático analisarmos os indicadores demográficos utilizando o conceito de grupo lingüístico como povo. O estudo de algumas variáveis demográficas nesta tese demonstrou que as grandes famílias lingüísticas possivelmente possuem indicadores demográficos diferentes entre si, mas os povos *tukano* compartilham destes indicadores. Não pudemos nos aprofundar nas explicações geográficas,

econômicas ou relacionadas com a urbanização, que provavelmente também estão relacionadas com a variação destes indicadores entre os diferentes povos ou sub-regiões.

O estudo demográfico de povos indígenas está apenas começando, a falta de informações populacionais tem dificultado o desenvolvimento deste tema pelos estudiosos. Esperamos que esta tese seja uma pequena contribuição no sentido de mostrar a importância destes estudos para a demografia, reforçando as idéias já debatidas de que estudos qualitativos sobre a cultura podem ser muito esclarecedores quando relacionados com os estudos sobre a dinâmica demográfica de uma determinada população. Da mesma forma que esperamos ter contribuído para demonstrar a importância da demografia para os estudos antropológicos relacionados às teorias da aliança e descendência, e estudos sobre saúde reprodutiva entre os povos indígenas. Será preciso desenvolvermos a área temática da demografia indígena para podermos realizar estudos comparativos entre povos diferentes em profundidade.

Referências bibliográficas

- Adams, K. and Price D. – 1994 – The Demography of Small-Scale societies: Cases studies from Lowland South America. South American Indian Studies, number 4, – Bennington College, Vermont, EUA.
- Adams, K. – 1994 – “*Demographic Change and Marriage Choices in One Carib Family*” in The Demography of Small-Scale societies: Cases studies from Lowland South America. South American Indian Studies, number 4 – Bennington College, Vermont, EUA.
- Arhem, K. – 1989 – “*The Makú, the Makuna and the Guiana System: Transformation of social structure in northern Lowland South America*” in Ethnos, v. 1 e 2.
- Azevedo, M. – “*Demografia dos Povos Indígenas do Alto Rio Negro*” in Revista Brasileira de Estudos de População, vol. 11, n. 2, ABEP.
- Azevedo, M. – “*Fontes de dados sobre as populações indígenas brasileiras da Amazônia*” in Cadernos de Estudos Sociais, n. 13, Fundação Joaquim Nabuco, Recife, PE.
- Baruzzi, R. et al – 1994 – “*Os índios Panará: a busca pela sobrevivência*” in Anais do IX Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, vol. 2.
- Berquó, Elza – 1980 – “*Fatores estáticos e dinâmicos (mortalidade e fecundidade)*” in Dinâmica da População. Teorias, métodos e técnicas de análise. Ed. T.A. Queiroz, São Paulo.
- Berquó, Elza e Oliveira, Maria Coleta F. A. – 1992 – “*Casamento em tempos de crise*” in Revista Brasileira de Estudos Populacionais, v. 9, ABEP, Campinas.
- Berquó, Elza. and Xenos, P. – 1992 – Family systems and cultural change. Clarendon Press, Oxford.
- Buchillet, Dominique – 1990 – “*Los poderes del hablar. Terapia y agresión chamánica entre los indios Desana del Vaupes brasileiro*” in Basso, E. y Sherzer, J. (eds.). Las culturas nativas latinoamericanas a traves de su discurso, coedición MLAL/Abya-Yala (Colección 500 años, n. 24).
- ———— – 1991a – “*Pari Cachoeira: o laboratório tukano do projeto Calha Norte*” in CEDI, Povos Indígenas no Brasil – 1987/88/89/90.

- ———— - 1991b – “*A questão da integração dos sistemas médicos: problemas e perspectivas – uma introdução*” in *Medicinas tradicionais e medicina ocidental*. Ed. CEJUP.
- ———— - 1992 (revisto em 1995) – Os índios da região do alto rio Negro. História, etnografia e situação das terras. Laudo elaborado para a demarcação das Terras Indígenas da região, posteriormente revisto para o anti-contraditório; mimeo.
- ———— - 1995 – “*Perles de verre, parures de blancs et “pots de paludisme”. Épidémiologie et représentations desana des maladies infectieuses (haut rio Negro, Brésil)*” in *Journal de la Société des Américanistes*, tomo 81.
- ———— - 2000 – Tuberculose, cultura e saúde pública. Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, Série Antropologia, n. 273.
- Cabalzar, A. – 1995 – Organização social Tuyuka. Dissertação de mestrado não publicada. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- ———— - 2000 – “*Descendência e aliança no espaço tuyuka. A noção de nexo regional no noroeste amazônico*” in *Revista de Antropologia*, vol. 43, n. 1.
- Caldwell, John (ed.) – 1975 – Population growth and socioeconomic change in west Africa. Columbia University Press, Population Council.
- Caldwell, J. and Caldwell, P. – 1977 – “*The role of marital sexual abstinence in determining fertility: a study of the Yoruba in Nigeria*” in *Population Studies*, vol. 31, n. 2.
- Caldwell, John et al – 1982 – Illustrative Analysis: Family Structure and fertility. WFS Scientific Reports, n. 13.
- Caldwell, J. and Caldwell, P. – 1992 – “*Family systems: their viability and vulnerability*” in Berquó, E. e Xenos, P. – Family Systems and cultural change. Clarendon Press, Oxford.
- Carneiro da Cunha, Manuela – 1987 – “*Os índios no direito brasileiro hoje*” in Carneiro da Cunha, M. (org.) Os direitos do índio. Editora Brasiliense.
- Carneiro, Isabella et al – 1996 – “*Dinâmica demográfica e ocupação territorial de duas populações indígenas da Amazônia: Enawenê-Nawê e Waiãpi*”. Trabalho apresentado na seção de posters do X Encontro Nacional de Estudos Populacionais da ABEP, mimeo.

- Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI) – 1991 – Povos Indígenas no Brasil – 1987 – 1990. Centro Ecumênico de Documentação e Informação.
- Centro Latinoamericano de Demografía (CELADE) – 1994 – Estudios Sociodemográficos de Pueblos Indígenas. Chile, CELADE e FNUAP.
- Chernela, Janet M. – 1981 – “*Estrutura social no Uaupés*” in Anuário Antropológico. Ed. Tempo Brasileiro.
- ———— – 1994 – “*What is a population? Spouse import in the northwest amazon*” in Adams, K. and Price D. The Demography of Small-Scale societies: Cases studies from Lowland South America. South American Indian Studies – Bennington College.
- Coale, Ansley J. and Watkins, S. (eds.) – 1986 – The decline of fertility in Europe. Princenton University Press.
- Coimbra Jr. et al – 2002 – The Xavante in Transition. Health, Ecology and Bioanthropology in Central Brazil. Ann Arbor, The University of Michigan Press.
- Das Gupta, Monica – 1997 – “*Kinship systems and demographic regimes*” in Kertzer, D. Anthropological Demography: toward a new synthesis. The University of Chicago Press.
- Diemberger, Hildegard – 1996 – “*Blood, sperm, soul and the mountain. Gender relations, kinship and cosmovision among the Khumbu (N. E. Nepal)*” Valle, Teresa del, (ed.), Gendered Anthropology. Ed. Routledge, London e N.York.
- Dyson, T. and Moore, M. – 1983 – “*On kinship structure, female autonomy and demography behavior in India*” in Population and Development Review, vol. 9 n. 1.
- Early, John D. and Peters, John F. – 1990 – The Population Dynamics of the Mucaiai Yanomama. Academic Press.
- Flowers, Nancy – 1994 – “Demographic crisis and recovery: a case study of the Xavante of Pimentel Barbosa” in The Demography of Small-Scale societies: Cases studies from Lowland South America. South American Indian Studies, number 4 – Bennington College.
- FOIRN – 1994 – “*Censo*” in Wayuri, n. 23, São Gabriel da Cachoeira, AM.
- FOIRN – ISA – 2000 – Povos Indígenas do Alto e Médio Rio Negro. Uma introdução à diversidade cultural e ambiental do noroeste da Amazônia brasileira. SEF, Ministério da Educação, Brasília, DF.

- Gertz, Clifford – 1978 – A Interpretação das Culturas. Editora Zahar.
- Goldman, Irving – 1963 – The Cubeo: indians of the Northwest Amazon. University of Illinois Press.
- Greenhalgh, Susan – 1990 – “*Toward a political economy of fertility: na anthropological contribution*” in Population Development Review, vol. 16, n. 1.
- Greenhalgh, Susan (ed.) – 1995 – Situating Fertility: Anthropology and Demographic inquiry. Cambridge University Press.
- Hammel, E. – 1976 – “*The matrilateral implications of structural cross-cousin marriage*” in Zubrow, E. Demographic Anthropology. University of New Mexico Press.
- ————— – 1990 – “*A theory of culture for demography*” in Population Development Review, vol. 16, n. 3.
- Herdt, Gilbert – 1987 – Guardians of the Flutes. The University of Chicago Press.
- Hugh-Jones, Christine – 1979 – From the Milk River: statial and temporal processes in northwest amazonia. Cambridge University Press.
- Hugh-Jones, Stephen – 1979 – The Palm and the Pleiades. Initiation and cosmology in northwest amazonia. Cambridge University Press.
- IBGE/SIDRA – 2002 – Censos Demográficos de 1970, 1980, 1991 e 2000, e contagem geral da população de 1996.
- Instituto Socioambiental (ISA) – 1996 – Povos Indígenas no Brasil – 1991 – 1995. Instituto Socioambiental, São Paulo, SP.
- Instituto Socioambiental (ISA) – 2001 – Povos Indígenas no Brasil – 1996 – 2000. Instituto Socioambiental, São Paulo, SP.
- Jackson, Jean – 1984 – “*Vaupés Marriage Practices*” in Kensinger, Kenneth M. (ed.), Marriage Practices in Lowland South America. University of Illinois Press.
- Journet, N. – 1988 – Les jardins de paix. Etude des structures sociaux chez les Curripaco du haut Rio Negro (Colômbia). Thèse de IIIème cycle, Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales.
- Kertzer, David – 1997 – Anthropological Demography: toward a new synthesis . The University of Chicago Press.

- Koch-Grünberg, Theodor – 1995 (1909) – *Dos años entre los índios. Viajes por el noroeste brasileño, 1903/1905.* Editorial Universidad Nacional, Colombia.
- Komanink, A. – 1981 – *"Increase in natural fertility during the early stages of modernization: Canadian Indians case study"* in *Demography*, vol. 18.
- Lana, Firmiano Arantes e Lana, Luiz Gomes – 1995 – Antes o Mundo não existia. UNIRT/FOIRN, São Gabriel da Cachoeira, AM.
- Laraia, Roque – 1963 – *"Arranjos poliândricos' na sociedade suruí"* in *Revista do Museu Paulista, Nova Série*, vol. XIV, São Paulo.
- Lasmar, Cristiane – 1996 – Antropologia feminista e etnologia amazônica: a questão do gênero nas décadas de 70 e 80. Dissertação de mestrado; não publicada, Museu Nacional, Rio de Janeiro.
- Leal, Ondina Fachel – 1996 – *"Sangue, fertilidade e práticas contraceptivas"* in Leal, Ondina Fachel, (org.), Corpo e Significado: Ensaio de Antropologia Social, editora da Universidade Federal do RS.
- Lerner, Susana e Quesnel, A. – 1985 – *"La Estructura familiar como expresión de condiciones de reproducción social y demográfica: el caso de la zona Henequenera en Yucatán"* in Reproducción de la Población y Desarrollo. Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Informe de investigación, vol. 5.
- Lesthaeghe, R. – 1980 – *"On the social control of the human reproduction"* in *Population Development Review*, v. 6, n. 4.
- Lorimer, F. – 1958 – Culture and Human Fertility – Greenwood Press.
- Mburano, R. – 1997 – Changement social, structures familiales et fecondité en Afrique subsaharienne: le cas du Cameroun. These de Doctorat du Demographie, Paris – não publicada.
- McNicoll, Geoffrey – 1980 – *"Institutional determinants of fertility change"* in *Population and Development Review*, vol. 6.
- Meira, Marcio – 1994 – *"Introdução"* in Meira, Marcio (org.) Livro das Canoas: documentos para a história indígena da Amazônia. Núcleo de História Indígena e do Indigenismo/FAPESP.
- Monteiro, John Manuel – 1994 – *"A dança dos números: a população indígena do Brasil desde 1500"* in *Tempo de Presença*, ano 16, n. 273.
- Moran, Emilio – 1990 – A ecologia humana das populações da Amazônia. Editora Vozes.

- Nag, M. – 1980 – “*How modernization can also increase fertility*” in *Current Anthropology*, vol. 21.
- Oliveira, M. Coleta F. A. – 1982 – “*Reprodução: união dos sexos e família*” in Reproducción de la Población y Desarrollo. Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Informe de Investigación, série Población, vol. 2.
- Oliveira, M. Coleta F. A. – 1985 – “*Notas acerca da família nos estudos demográficos*” in Reproducción de la Población y Desarrollo. Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Informe de Investigación, série Población, vol. 5.
- Ortner, Sherry B. and Whitehead, H. – 1981 – Sexual Meanings: The cultural construction of gender and sexuality. Cambridge University Press.
- Page, H. J. and Lesthaeghe, R. – 1981 – Child-spacing in tropical Africa: traditions and change. Academic Press, London.
- Pagliaro, Heloísa – 2002 – A Revolução Demográfica dos Povos Indígenas do Brasil: a experiência dos Kaiabi do Parque Indígena do Xingu – Mato Grosso – 1970 – 1999. Tese de Doutorado apresentada na Faculdade de Saúde Pública da USP.
- Patarra, N. L. e Oliveira, M. Coleta F. A. – 1974 – “*Anotaciones críticas sobre los estudios de fecundidad*” in Reproducción de la Población y Desarrollo. Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Informe de Investigación, série Población, v. 1.
- Penna, T. – 1984 – “*Por quê uma demografia indígena brasileira?*” In *Anais do IV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP*, vol. 3.
- Picchi, Debra – 1994 – “*Observations about a central brazilian indigenous population: the Bakairi*” in The Demography of Small-Scale societies: Cases studies from Lowland South America. South American Indian Studies, number 4 – Bennington College.
- Pozzobon, J. A. H. – 1991 – Parenté et demographie chez les indiens Maku. These de Doctorat, Université de Paris VII, Paris.
- Pozzobon, Jorge – 1994 – “*O mínimo demográfico de um sistema de metades exogâmicas (uma simulação em computador)*” in *Revista Brasileira de Estudos de População*, vol. 11, n. 2, ABEP.

- Price, David – 1994 – “*Notes on Nambiquara demography*” in The Demography of Small-Scale societies: Cases studies from Lowland South America. South American Indian Studies, number 4 – Bennington College.
- Ramirez, H. – 1997 – A fala tukano dos Ye’pâ-Masa – tomos I, II e III, respectivamente: Gramática, Dicionário e Método de Aprendizado. Inspetoria Salesiana Missionária da Amazônia.
- Ribeiro, Berta G. – 1995 – Os índios das águas pretas. Cia. Das Letras/EDUSP.
- Silva, Marcio Ferreira da – 1992 – “*Os donos dos números*” in TUPARI, Cuiabá, MT.
- – 1994 – “*A Demografia e os Povos Indígenas no Brasil*” in ABEP, Revista Brasileira de Estudos de População, vol. 11, n. 2.
- Silverwood-Cope, Peter L. – 1990 – Os Makú: povo caçador do noroeste amazônico. Editora UnB, Brasília, DF.
- SSL – 2002 – Relatório sobre a situação de saúde dos povos do rio Tiquié, mimeo.
- Stone, L. – 1997 – Kinship & Gender: an introduction. Westview Press.
- Thorne, B. and Yalom M. – 1992 – Rethinking the family – Northeastern University Press.
- Victora, Ceres G. – 1996 – “*As Imagens do Corpo: representações do aparelho reprodutor feminino e reapropriações dos modelos médicos*” in in Leal, Ondina Fachel, (org.), Corpo e Significado: Ensaios de Antropologia Social, editora da Universidade Federal do RS.
- Wright, Robin M. – 1992 – “*História indígena do noroeste da Amazônia: hipóteses, questões e perspectivas*” in Carneiro da Cunha, M. (org.) História dos Índios no Brasil. Cia. das Letras.
- Zubrow, Ezra B. W. – 1976 – Demography Anthropology. University of New Mexico Press.

Lista das tabelas, gráficos e figuras:

Capítulo 2:

Tabela 1: População residente no município de São Gabriel da Cachoeira, por situação do domicílio, e população indígena em 1991

Tabela 2: Proporção (porcentagem) da população rural e urbana do município de São Gabriel da Cachoeira, e proporção da população indígena em 1991

Tabela 3: Taxas anuais médias de crescimento populacional do município de São Gabriel da Cachoeira, para cada período de 10 anos

Tabela 4: População residente no município de Santa Isabel, por situação do domicílio, e população indígena em 1991

Tabela 5: Proporção (porcentagem) da população rural e urbana no município de Santa Isabel, e proporção da população indígena em 1991

Tabela 6: Taxas anuais médias de crescimento populacional do município de Santa Isabel, para cada período de 10 anos

Tabela 7: População residente no município de Barcelos, por situação do domicílio, e população indígena em 1991

Tabela 8: Proporção (porcentagem) da população rural e urbana do município de Barcelos e proporção da população indígena de 1991

Tabela 9: Taxas anuais médias de crescimento populacional do município de Barcelos, para cada período de 10 anos

Tabela 10: Evolução da população total dos três municípios do rio Negro

Tabela 11: Evolução das taxas anuais de crescimento da população dos três municípios do rio Negro

Tabela 12: Evolução da população total das comunidades da região do Alto Rio Negro

Tabela 13: Evolução da situação populacional das comunidades cadastradas no banco de dados do ISA

Tabela 14: Balanço da situação das comunidades do rio Xié, 1996 – 2002

Tabela 15: População total em 1996 (inf. de 1992 a 1995) e 2002 do rio Xié:

Tabela 16: Balanço da situação das comunidades do rio Negro Acima, 1996 - 2002:

Tabela 17: População total em 1996 (inf. de 1992 a 1995) e 2002 do rio Negro Acima:

Tabela 18: Balanço da situação das comunidades do rio Negro Médio, 1996 - 2002:

Tabela 19: População total em 1996 (inf. de 1992 a 1995) e 2002 do rio Negro Médio:

Tabela 20: Balanço da situação das comunidades do rio Uaupés Acima, 1996 - 2002

Tabela 21: População total em 1996 (inf. de 1992 a 1995) e 2002 do rio Uaupés Acima

Tabela 22: Balanço da situação das comunidades do rio Uaupés Médio, 1996 - 2002

Tabela 23: População total em 1996 (inf. de 1992 a 1995) e 2002 do rio Uaupés Médio

Tabela 24: Balanço da situação das comunidades do rio Uaupés Baixo, 1996 - 2002

Tabela 25: População total em 1996 (inf. de 1992 a 1995) e 2002 do rio Uaupés Baixo

Tabela 26: Balanço da situação das comunidades *Maku*, 1996 – 2002

Tabela 27: População total em 1996 (inf. de 1992 a 1995) e 2002 das comunidades *maku*:

Tabela 28: Balanço da situação das comunidades do rio Tiquié

Tabela 29: População total em 1996 (inf. de 1992 a 1995) e 2002 das comunidades do rio Tiquié

Tabela 30: Balanço da situação das comunidades do rio Papuri

Tabela 31: População total em 1996 (inf. de 1992 a 1995) e 2002 das comunidades do rio Papuri

Tabela 32: Balanço da situação das comunidades do rio Aiari, 1996 – 2002

Tabela 33: População total em 1996 (inf. de 1992 a 1995) e 2002 das comunidades do rio Aiari

Tabela 34: Balanço da situação das comunidades do rio Içana Baixo, 1996 – 2002

Tabela 35: População total em 1996 (inf. de 1992 a 1995) e 2002 das comunidades do rio Içana Baixo

Tabela 36: Balanço da situação das comunidades do rio Içana Alto, 1996 – 2002

Tabela 37: População total em 1996 (inf. de 1992 a 1995) e 2002 das comunidades do rio Içana Alto

Gráfico 1: Evolução da população residente no município de São Gabriel da Cachoeira, por situação de domicílio e população total

Gráfico 2: Evolução da proporção da população rural e urbana do município de São Gabriel da Cachoeira

Gráfico 3: Evolução da população residente no município de Santa Isabel, por situação do domicílio e população total

Gráfico 4: Evolução da população rural e urbana do município de Santa Isabel

Gráfico 5: Evolução da população residente no município de Barcelos, por situação do domicílio e população total

Gráfico 6: Evolução da proporção da população rural e urbana do município de Barcelos

Gráfico 7: Evolução da população total dos três municípios do rio Negro

Gráfico 8: Evolução das taxas anuais de crescimento dos três municípios do rio Negro

Gráfico 9: Evolução da situação populacional das comunidades cadastradas no banco de dados do ISA

Gráfico 10: Proporção das comunidades do Xié por situação atual

Gráfico 11: Proporção das comunidades do Negro Acima por situação atual:

Gráfico 12: Proporção das comunidades do Negro Médio por situação atual:

Gráfico 13: Proporção das comunidades do Uaupés Acima por situação atual

Gráfico 14: Proporção das comunidades do Uaupés Médio por situação atual

Gráfico 15: Proporção das comunidades do Uaupés Baixo por situação atual

Gráfico 16: Proporção das comunidades *Maku* por situação atual:

Gráfico 17: Proporção das comunidades do rio Tiquié por situação atual

Gráfico 18: Proporção das comunidades do rio Papuri por situação atual

Gráfico 19: Proporção das comunidades do rio Aiari por situação atual

Gráfico 20: Proporção das comunidades do rio Içana Baixo por situação atual

Gráfico 21: Proporção das comunidades do rio Içana Alto por situação atual

Capítulo 3:

Tabela 1: População total do Alto Rio Negro por sexo e etnia

Tabela 2: Distribuição dos povos indígenas, no Brasil, Colômbia e Venezuela

Tabela 3a: Perfil etário, por etnia, da população da sub-região de Iauareté

Tabela 3b: Perfil etário, por etnia, da população da sub-região de Iauareté

Tabela 3c: Perfil etário, por etnia, da população da sub-região de Iauareté

Tabela 4a: Perfil etário, por etnia, da população da sub-região do Tiquié/Uaupés

Tabela 4b: Perfil etário, por etnia, da população da sub-região do Tiquié/Uaupés

Tabela 4c: Perfil etário, por etnia, da população da sub-região do Tiquié/Uaupés

Tabela 5a: Perfil etário, por etnia, da população da sub-região do Içana

Tabela 5b: Perfil etário, por etnia, da população da sub-região do Içana

Tabela 5c: Perfil etário, por etnia, da população da sub-região do Içana

Tabela 6a: Perfil etário, por etnia, da população da sub-região do Negro Acima

Tabela 6b: Perfil etário, por etnia, da população da sub-região do Negro Acima

Tabela 7a: Perfil etário, por etnia, da população da sub-região do Negro Abaixo

Tabela 7b: Perfil etário, por etnia, da população da sub-região do Negro Abaixo

Tabela 7c: Perfil etário, por etnia, da população da sub-região do Negro Abaixo

Tabela 8: População por sexo e faixa etária, e razão de sexo da sub-região de Iauareté

Tabela 9: População por sexo e faixa etária, e razão de sexo da sub-região do Tiquié/Uaupés

Tabela 10: População por sexo e faixa etária, e razão de sexo da sub-região do Içana

Tabela 11: População por sexo e faixa etária, e razão de sexo da sub-região do Negro Acima

Tabela 12: População por sexo e faixa etária, e razão de sexo da sub-região do Negro Abaixo

Gráficos 1 a 14: Perfil etário por etnia dos povos pertencentes à família lingüística *tukano*

Gráficos 15 a 19: Perfil etário por etnia dos povos pertencentes à família lingüística *aruak* e *maku*

Gráficos 20 a 24: Perfil etário das 5 sub-regiões estudadas

Gráfico 25: População por sexo e faixa etária, e razão de sexo da sub-região de Iauareté

Gráfico 26: População por sexo e faixa etária, e razão de sexo da sub-região do Tiquié/Uaupés

Gráfico 27: População por sexo e faixa etária, e razão de sexo da sub-região do Içana

Gráfico 28: População por sexo e faixa etária, e razão de sexo da sub-região do Negro Acima

Gráfico 29: População por sexo e faixa etária, e razão de sexo da sub-região do Negro Abaixo

Capítulo 4:

Figura 1: Trocas matrimoniais entre etnias na sub-região de Iauareté

Figura 2: Trocas matrimoniais entre etnias na sub-região do Tiquié/Uaupés

Tabela 1: Casamentos por etnia, dos residentes na sub-região de Iauareté

Tabela 2: Casamentos por etnia, dos residentes na sub-região do Tiquié/Uaupés

Tabela 3: Casamentos por etnia, dos residentes na sub-região do Içana

Tabela 4: Casamentos por etnia, dos residentes na sub-região do Negro Acima

- Tabela 5: Casamentos por etnia, dos residentes na sub-região do Negro Abaixo
- Tabela 6: Sub-região de Iauareté - Casamentos de residentes por origem geográfica dos cônjuges
- Tabela 7: Sub-região de Iauareté - Casamentos dos residentes no trecho de rio Uaupés por origem geográfica dos cônjuges
- Tabela 8: Sub-região de Iauareté - Casamentos dos residentes no trecho de rio Uaupés Acima por origem geográfica dos cônjuges
- Tabela 9: Sub-região de Iauareté - Casamentos dos residentes no trecho de rio Papuri por origem geográfica dos cônjuges
- Tabela 10: Sub-região de Iauareté - Casamentos dos residentes em Iauareté Centro por origem geográfica dos cônjuges
- Tabela 11: Sub-região do Tiquié/UAupés - Casamentos de residentes por origem geográfica dos cônjuges
- Tabela 12: Sub-região do Tiquié/UAupés - Casamentos dos residentes no trecho de rio Uaupés por origem geográfica dos cônjuges
- Tabela 13: Sub-região do Tiquié/UAupés - Casamentos dos residentes por origem geográfica dos cônjuges
- Tabela 14: Sub-região do Tiquié/UAupés - Casamentos dos residentes por origem geográfica dos cônjuges
- Tabela 15: Sub-região do Tiquié/UAupés - Casamentos dos residentes por origem geográfica dos cônjuges
- Tabela 16: Sub-região do Tiquié/UAupés - Casamentos dos residentes por origem geográfica dos cônjuges
- Tabela 17: Sub-região do Içana - Casamentos dos residentes por origem geográfica dos cônjuges
- Tabela 18: Sub-região do Içana - Casamentos dos residentes no trecho de rio Baixo Içana por origem geográfica dos cônjuges
- Tabela 19: Sub-região do Içana - Casamentos dos residentes no trecho de rio Alto Içana por origem geográfica dos cônjuges
- Tabela 20: Sub-região do Içana - Casamentos dos residentes no rio Aiari por origem geográfica dos cônjuges

Tabela 21: Sub-região do Içana - Casamentos dos residentes em Assunção Centro por origem geográfica dos cônjuges

Tabela 22: Sub-região do Negro Acima - Casamentos dos residentes por origem geográfica dos cônjuges

Tabela 23: Sub-região do Negro Acima - Casamentos dos residentes no Negro por origem geográfica dos cônjuges

Tabela 24: Sub-região do Negro Acima - Casamentos dos residentes no rio Xié por origem geográfica dos cônjuges

Tabela 25: Sub-região do Negro Acima - Casamentos dos residentes em Cucuí por origem geográfica dos cônjuges

Tabela 26: Sub-região do Negro Abaixo - Casamentos dos residentes por origem geográfica dos cônjuges

Tabela 27: Sub-região do Negro Abaixo - Casamentos dos residentes no Negro por origem geográfica dos cônjuges

Tabela 28: Sub-região do Negro Abaixo - Casamentos dos residentes em São Gabriel da Cachoeira por origem geográfica dos cônjuges

Capítulo 5:

Tabela 1: Baré – Taxas específicas de fecundidade por idade e taxa de fecundidade total, nos anos 1990, 1991 e 1992

Tabela 2: Baniwa – Taxas específicas de fecundidade por idade e taxa de fecundidade total, nos anos 1990, 1991 e 1992

Tabela 3: *Tukano* – Taxas específicas de fecundidade por idade e taxa de fecundidade total, nos anos 1990, 1991 e 1992

Tabela 4: *Maku* – Taxas específicas de fecundidade por idade e taxa de fecundidade total, nos anos 1990, 1991 e 1992

Tabela 5: Baré, Baniwa, *Tukano* e *Maku* – Taxas específicas de fecundidade por idade e taxa de fecundidade total, no período de 1990 a 1992

Tabela 6: Baré, Baniwa, *Tukano* e *Maku*, idade média ao ter o primeiro filho

Tabela 7: Baré, Baniwa, *Tukano* e *Maku*, intervalo intergenésico médio

Tabela 8: Proporção de mulheres por número de filhos tidos nascidos vivos

Tabela 9: Baré, Baniwa, *Tukano* e *Maku*, número médio de filhos tidos nascidos vivos por faixa etária da mãe e número médio total de filhos por mulher

Tabela 10: Baré, Baniwa, *Tukano* e *Maku*, distribuição relativa da população por grandes grupos etários

Tabela 11: Baré, Baniwa, *Tukano* e *Maku*, distribuição relativa da população das mulheres em idade reprodutiva por faixa etária

Tabela 12: Resumo das medidas de fecundidade das mulheres baré, baniwa, *tukano* e *maku*

Gráfico 1: Baré, Baniwa, *Tukano* e *Maku*, distribuição relativa das taxas específicas de fecundidade no período de 1990 – 92

Apêndice 3:

Tabelas e gráficos complementares do capítulo 3:

Tabela 1a: Estrutura etária, por etnia, de toda a região do Alto Rio Negro (excluídos os não índios e as pessoas de etnia desconhecida):

Tabela 1b: Estrutura etária, por etnia, de toda a região do Alto Rio Negro (excluídos os não índios e as pessoas de etnia desconhecida):

Tabela 1c: Estrutura etária, por etnia, de toda a região do Alto Rio Negro (excluídos os não índios e as pessoas de etnia desconhecida):

Tabelas e gráficos complementares do capítulo 4:

Tabela 1a: Homens e Mulheres casados, residentes na sub-região de Iauareté, segundo a etnia e a faixa etária

Tabela 1b: Homens e Mulheres casados, residentes na sub-região de Iauareté, segundo a etnia e a faixa etária

Tabela 2a: Homens e Mulheres casados residentes na sub-região do Tiquié/Uaupés, segundo a etnia e faixa etária

Tabela 2b: Homens e Mulheres casados residentes na sub-região do Tiquié/Uaupés, segundo a etnia e faixa etária

Tabela 2c: Homens e Mulheres casados residentes na sub-região do Tiquié/Uaupés, segundo a etnia e faixa etária

Tabela 3a: Homens e Mulheres casados residentes na sub-região do Içana, segundo a etnia e faixa etária

Tabela 3b: Homens e Mulheres casados residentes na sub-região do Içana, segundo a etnia e faixa etária

Tabela 4a: Homens e Mulheres casados residentes na sub-região do Negro Acima, segundo a etnia e faixa etária

Tabela 4b: Homens e Mulheres casados residentes na sub-região do Negro Acima, segundo a etnia e faixa etária

Tabela 5a: Homens e Mulheres casados residentes na sub-região do Negro Abaixo, segundo a etnia e faixa etária

Tabela 5b: Homens e Mulheres casados residentes na sub-região do Negro Abaixo, segundo a etnia e faixa etária

Tabela 5c: Homens e Mulheres casados residentes na sub-região do Negro Abaixo, segundo a etnia e faixa etária

Tabela 6: Diferença de idade entre os cônjuges dos casais residentes na sub-região de Iauareté, por trecho de rio

Tabela 7: Diferença de idade entre os cônjuges dos casais residentes na sub-região do Tiquié/Uaupés, por trecho de rio

Tabela 8: Diferença de idade entre os cônjuges dos casais residentes na sub-região do Içana, por trecho de rio

Tabela 9: Diferença de idade entre os cônjuges dos casais residentes na sub-região do Negro Acima, por trecho de rio

Tabela 10: Diferença de idade entre os cônjuges dos casais residentes na sub-região do Negro Abaixo, por trecho de rio

Gráfico 1: Homens e Mulheres casados (em %), residentes na sub-região de Iauareté, segundo a etnia e a faixa etária

Gráfico 2: Homens e Mulheres casados (em %), residentes na sub-região do Tiquié/Uaupés, segundo a etnia e a faixa etária

Gráfico 3: Homens e Mulheres casados (em %), residentes na sub-região do Içana, segundo a etnia e a faixa etária

Gráfico 4: Homens e Mulheres casados (em %), residentes na sub-região do Negro Acima, segundo a etnia e a faixa etária

Gráfico 5: Homens e Mulheres casados (em %), residentes na sub-região do Negro Abaixo, segundo a etnia e a faixa etária

Gráfico 6: Diferença de idade (proporcional) entre os cônjuges dos casais residentes na sub-região de Iauareté, por trecho de rio

Gráfico 7: Diferença de idade entre os cônjuges dos casais residentes na sub-região do Tiquié/Uaupés, por trecho de rio

Gráfico 8: Diferença de idade entre os cônjuges dos casais residentes na sub-região do Içana, por trecho de rio

Gráfico 9: Diferença de idade entre os cônjuges dos casais residentes na sub-região do Negro Acima, por trecho de rio

Gráfico 10: Diferença de idade entre os cônjuges dos casais residentes na sub-região do Negro Abaixo, por trecho de rio

Tabela complementar do capítulo 5:

Tabela 1: Baré, Baniwa, *Tukano* e *Maku*, distribuição relativa das taxas específicas de fecundidade no período de 1990 – 92

Apêndice 1 – Códigos utilizados para as etnias:

Povos de línguas *tukano*:

AR – Arapaso
BA – Bará
BS – Barasana
CA – Karapanã
DE – Desana
JU – Yurutí
KO - Kubeo
MK – Makuna
MI – Miriti-tapuya
PI – Pira-tapuya
TU – Tukano
TY – Tuyuka
UA – Wanana

Povos de línguas *aruak*:

BN – Baniwa
BR – Baré
CO – Coripaco
UE – Werekena
TA – Tariana¹

Povos de línguas *maku*:

MA – Maku²

Outros:

d – desconhecida
N – Não índio

¹ Os Tariana falam uma língua *aruak*, porém hoje em dia a maioria fala somente o *tukano*.

² Os *Maku* foram todos identificados pela família lingüística, pois assim os classificaram os recenseadores do CIARN.

**Apêndice 2 – Comunidades recenseadas por sub-região:
Comunidades recenseadas da sub-região de Iauareté:**

Comunidade	igarapé	rio
ABACATE	abacate	papuri
APARECIDA		uaupes
ARACAPA		papuri
ARACU		uaupes acima
ARARA		uaupes acima
AÇAÍ		uaupes acima
BOCA DE TRAIRA	japu	uaupes
CABARI STA. CRUZ	cabari	uaupes
CARURU		uaupes acima
CRUZEIRO		uaupes
CUIUBI		uaupes acima
D.BOSCO		uaupes
D.PEDRO MASSA		uaupes
DOMINGOS SAVIO		uaupes
ESTEIO ALDEIA MACU	turi	papuri
GEBARI		uaupes
GI PONTA		uaupes acima
IAUARETE PONTA		uaupes acima
ILHA DE INAMBU		uaupes acima
ILHA DE JAPU		uaupes acima
ILHA DE TAMACUARE		uaupes acima
TAIAÇU		uaupes acima
JACARE		uaupes acima
JACARE BRANCO	japu	uaupes
JANDIA		papuri
JAPIM		papuri
JAPURA		papuri
JUQUIRA		uaupes
JUTICA		uaupes acima
LOIRO		uaupes
MARABITANA		uaupes
MATAPI		uaupes acima
MELO FRANCO		papuri
MIRITI		uaupes acima
NOVA ESPERANCA		uaupes
PARANA JUCA		uaupes
PARI PONTA		papuri
PATO		papuri
PERIQUITO		uaupes acima
PONTA FRIA		papuri
QUERARI		uaupes acima
S.BRAS		uaupes
S.FRANCISCO		uaupes
S.GABRIEL		papuri
S.JOSE		uaupes
S.JOSE DE ANCHIETA		papuri

Comunidade	igarapé	rio
S.LUIZ		uaupes
S.MIGUEL		uaupes acima
S.MIGUEL		uaupes
S.MIGUEL		papuri
S.PAULO		papuri
S.PEDRO	turi	papuri
S.PEDRO		uaupes
S.SEBASTIAO	turi	papuri
SABIA PONTA		papuri
STA.CRUZ	turi	papuri
STA.CRUZ INABU		papuri
STA.LUZIA		papuri
STA.MARIA		uaupes
STA.MARTA	urucu	papuri
STA.ROSA		uaupes acima
STO. ANTONIO		uaupes acima
STO.ATANASIO	sarabatana	uaupes
TAINA		uaupes acima
TARACUA		uaupes acima
TARACUA		papuri
TUCUNARE ALTO		papuri
TUCUNARE BAIXO		papuri
TUIUCA-QUARA		papuri
UARACU PORTO		uaupes
UIRAPIXUNA		papuri
UMARI		uaupes acima
URUBUQUARA		uaupes
VILA DE FATIMA		uaupes
VILA NOVA	japu	uaupes
VILA VICENCIO		uaupes

Comunidades recenseadas da sub-região do Tiquié/Uaupés:

Comunidade	igarapé	rio
AÇAÍ		uaupes
ACARA		baixo tiquie
ACARA POCO		alto tiquie
ANANAS		uaupes
BARREIRA ALTA		alto tiquie
BELA VISTA		alto tiquie
BELA VISTA		uaupes
BOCA DE ESTRADA		alto tiquie
CARAVATANA		uaupes
COLINA		baixo tiquie
TARAC.CENTRO		uaupes
CRUZEIRO MACUCU	macucu	alto tiquie
CRUZEIRO T.CENTRO		uaupes
CUCURA	cucura	alto tiquie
CUNURI		baixo tiquie
CUNURI		uaupes
D.BOSCO		uaupes
DUHTURA	castanha	alto tiquie
FLORESTA		alto tiquie
IPANORE		uaupes
IRAITI		alto tiquie
JABUTI CACHOEIRA		alto tiquie
JANDU CACHOEIRA	umari	alto tiquie
MARACAJA		alto tiquie
MARTINHO		alto tiquie
MATAPI		baixo tiquie
MERCES		alto tiquie
MESSIAS	umari	alto tiquie
MICURA		baixo tiquie
MONTE ALEGRE (MATAPI)		uaupes
MONTE CRISTO		uaupes
MUCURA LAGO		baixo tiquie
N.SRA.AUXILIADORA		alto tiquie
N.SRA.DE FATIMA	castanha	alto tiquie
NOVA ESPERANCA	traira	alto tiquie
NOVA FUNDACAO	cucura	alto tiquie
PARI CACHOEIRA		tiquie
PIRACEMA	umari	alto tiquie
RA CACHOEIRA	ira	baixo tiquie
S.DOMINGOS SAVIO		alto tiquie
S.FRANCISCO		alto tiquie
S.GABRIEL RIO TIQUIE		baixo tiquie
S.JOAO BATISTA		alto tiquie
S.JOAOQUIM	castanha	alto tiquie
S.JOSE	cunuri	baixo tiquie

Comunidade	igarapé	rio
S.JOSE II		alto tiquie
S.JOSE DE BARREIRA		alto tiquie
S.LOURENCO	castanha	alto tiquie
S.LUIZ		alto tiquie
S.MIGUEL OU PIRARA		baixo tiquie
S.PAULO		alto tiquie
S.PEDRO		uaupes
S.PEDRO		alto tiquie
S.SEBASTIAO	umari	alto tiquie
S.TOME	samauma	baixo tiquie
S.TOME		uaupes
S.TOME		alto tiquie
S.TOME		alto tiquie
SAG.CORACAO DE JESUS		uaupes
SITIO DO BENE	castanha	alto tiquie
STA.CRUZ	pahsa	alto tiquie
STA.LUZIA		alto tiquie
STA.MARIA GEMEOS	castanha	alto tiquie
STA.TEREZINHA		alto tiquie
STO.ANTONIO		alto tiquie
SUASU		uaupes
SUSUACA		uaupes
TAPIRA	tapira	baixo tiquie
TAPIRA PONTA		baixo tiquie
TARACUA	taracua	alto tiquie
TEMPLO DO DIABO	veneno	alto tiquie
TOCANDIRA	umari	alto tiquie
TRINDADE	cabari	alto tiquie
TROVAO	castanha	alto tiquie
TROVAO		uaupes
URIRI		uaupes
URUBU LAGO	umari	alto tiquie
VILA NOVA		baixo tiquie
ASSUNÇÃO	onça	alto tiquié
CORAÇÃO DE MARIA	cabari	alto tiquié

Comunidades recenseadas da sub-região do Içana:

Comunidade	igarapé	rio
AMBAUBA		içana
AMERICA	quiari	aiari
ARACU CACHOEIRA		alto içana
ARAPASO		alto içana
ARARIPIRA		aiari
ARARIPIRA		
CACHOEIRA		aiari
ASSUNCAO		içana
AUXILIADORA		içana
BELEM		içana
BOA VISTA		içana
BUIA	buia	içana
CABECUDO		içana
CAMARAO		içana
CANADA		aiari
CARA GARAPE		aiari
CARANAIM PONTA		içana
CASTELO BRANCO		içana
CIOCI CACHOEIRA		alto içana
CORACI	barcelos	alto içana
D.BOSCO		içana
FOZ DO MIRITI	miriti	aiari
GAVIAO PONTA		içana
INAMBU		aiari
IRA PONTA		içana
ITUIN		içana
JACARE POCO		alto içana
JANDU CACHOEIRA		alto içana
JAPU		alto içana
JAQUIRANA		içana
JAUACANA		içana
JUIVITERA		alto içana
JUPARI CACHOEIRA		aiari
LOIRO POCO		aiari
MADRE MAZARELLO		içana
MANGUEIRA		cubate
MARACA		alto içana
MARACAJA		içana
MATAPI CACHOEIRA		alto içana
MATO GROSSO		alto içana
MAUA		içana
MAUA CACHOEIRA		alto içana
MIRAPIREIRA		alto içana
NAZARE		cubate
NAZARE		içana

Comunidade	igarapé	rio
NAZARE		alto içana
PANA PANA		aiari
PANAPANA		alto içana
PANAPANA		alto içana
PIRAIAUARA		içana
PUPUNHA		alto içana
RORAIMA		alto içana
S.JOAQUIM		aiari
S.JOSE		alto içana
S.PEDRO		aiari
S.TOME		içana
SANTANA	quiari	aiari
STA.CRUZ		içana
STA.ELENA		içana
STA.IZABEL		aiari
STA.MARTA		cubate
STA.MARTA		alto içana
STA.ROSA		alto içana
SUACU PONTA		cubate
TAIACU		
CACHOEIRA		içana
TAMANDUA		alto içana
TAPECUA		cubate
TAPIRA PONTA		alto içana
TARACUA		aiari
TRINDADE		alto içana
TUCUMA		alto içana
TUNUI CACHOEIRA		alto içana
UARIRAMBA		alto içana
UCUQUI		
CACHOEIRA	uarana	aiari
UIRARI PONTA		içana
URUMITU LAGO		aiari
VAPUI CACHOEIRA		aiari
VILA NOVA		aiari
XIBARU		aiari

Comunidades recenseadas da sub-região do Negro Acima:

Comunidade	igarapé	rio
ILHA DO ACAI		negro
ACUTIUAIA		negro
AMIUM		negro acima
ANAMOIN		xie
ARARA		negro
AUXILIADORA		negro
BAURI		negro
BUCUCURI		negro
BURITA		negro
BURITA		negro
BURITA		negro
BUSTAMANTE	eni	negro
CABIDI		negro
CAIBANI		negro
CAMISSA		negro
CAMPINAS		xie
CAMUTA		negro
CARAPANA		negro
CLAUDIO	eni	negro
CUCUI		negro
CUE CUE		negro
CUMATI CACHOEIRA		xie
DATE		negro
FLORESTA		negro
FOZ DO ENI		negro
GUARIBA		negro
IABI		negro
ILHA DA APARECIDA		negro
ILHA GRANDE		negro
IOCO		xie
ITAPORANGA		negro
LIVRAMENTO		negro
MABE		negro
MADAHACO		negro
MADARABI		negro
MADIA		negro
MARIBENO	eni	negro
MARITUBA		negro
NAZARE		xie
NOVA JERUSALEM		negro
PIRAPUCO		negro
PREGUICA		negro
S.FELIPE		negro

Comunidade	igarapé	rio
S.FRANCISCO		negro
S.JOSE		negro
S.JOSE		negro
S.JOSE		negro
S.LUIZ		negro
S.LUIZ		negro
S.MARCELINO		negro
S.PEDRO		negro
S.SEBASTIAO		negro
SITIO NOVO		negro
STA.FE		negro
STO.ANTONIO		negro
TABOCAL		negro
TACIRA PONTA		negro
TIPIO		negro
TONO		xie
TUCANO		xie
TUJUCA		negro
UANADONO		negro
UARACU		negro
UMARITUBA		xie
VILA NOVA		xie
VISTA ALEGRE		negro
JURUTI		negro
ILHEUS		negro
AÇAITUBA		negro

Comunidades recenseadas da sub-região do Negro Abaixo:

Comunidade	igarapé	rio
ACARA		negro
ANTONIO KM 83		(estrada)
ARUA		negro
ARURA		negro
ARUTI		negro
BACABAL		negro
BAGU		negro
BALAIO		(estrada)
BAUARI		negro
BUCU		negro
CAJURI		negro
CAMANAUS		negro
CAMUNDE MIRIM		negro
CARIXINA		negro
CARTUCHO		negro
CASTANHEIRO		negro
CURICURIARI		negro
DUFO		negro
IG.TUCANO		(estrada)
ILHA DAS FLORES		negro
ILHA DO CAJU		negro
ILHA DO PINTO		negro
ILHA DO TAIACO		negro
INEBO		negro
JOAO BOSCO		(estrada)
JUPATI		negro
LIVRAMENTO		negro
MACARABI		negro
MANACAPURO		negro
MERCES		negro
MIRACANGA		curicuriari
MITU		negro
MURITUBA		negro
N.SRA.DAS GRACAS		negro
NAZARE		negro
PALMIRA		negro
PANACU		negro
PAQUETA MIRIM		negro
RODRIGO CIBELE		(estrada)
S.BENTO		negro
S.GABRIEL CACHOEIRA (área urbana)		negro
S.JORGE		curicuriari
S.PEDRO		negro

Comunidade	igarapé	rio
STA.LUZIA		negro
STA.RITA		negro
TAIACU		negro
TANCREDO NEVES		negro
TAPEREIRA		negro
TAPURUCUARA		negro
TUMBIRA		curicuriari
UABADA II		negro
UACARA		negro
UARUA		negro
VILA NOVA		negro

Apêndice 3 – Tabelas e Gráficos complementares dos capítulos 3, 4 e 5

Tabelas complementares do capítulo 3:

Tabela 1a: Estrutura etária, por etnia, de toda a região do Alto Rio Negro (excluídos os não índios e as pessoas de etnia desconhecida):

faixa etária	Etnia														sub-total	
	AR		BA		BN		BR		BS		CA					
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M		
0 a 4	17	18	4	1	288	223	184	162	-	1	3	3	496	408		
5 a 9	22	25	5	2	231	231	202	184	-	-	3	3	463	445		
10 a 14	23	13	3	2	186	196	175	192	-	1	2	1	389	405		
15 a 19	15	17	2	1	209	200	168	168	1	1	1	2	396	389		
20 a 24	16	16	1	-	139	140	130	102	-	1	-	1	286	260		
25 a 29	13	14	1	-	122	159	105	95	1	2	1	4	243	274		
30 a 34	9	13	1	-	93	76	89	74	-	-	3	1	195	164		
35 a 39	5	11	1	-	85	77	79	72	-	-	2	-	172	160		
40 a 44	9	7	1	1	66	48	81	68	-	2	-	1	157	127		
45 a 49	4	7	1	-	53	40	57	34	-	1	-	-	115	82		
50 a 54	4	5	-	-	23	40	37	29	-	-	-	-	64	74		
55 a 59	5	7	-	-	17	40	32	27	-	1	-	2	54	77		
60 a 64	5	1	-	-	50	43	27	27	-	1	1	2	83	74		
65 a 69	4	3	-	-	42	35	24	15	-	-	-	-	70	53		
70 e+	9	3	-	-	49	31	38	22	-	-	5	7	101	63		
total	160	160	20	7	1653	1579	1428	1271	2	11	21	27	3284	3055		
TOTAL	320		27		3232		2699		13		48		6339			

CIARN/1992

Tabela 1b: Estrutura etária, por etnia, de toda a região do Alto Rio Negro (excluídos os não índios e as pessoas de etnia desconhecida):

faixa etária	Etnia												sub-total	
	CO		DE		JU		KO		MA		MI			
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
0 a 4	26	30	111	95	-	-	17	11	108	90	12	5	274	231
5 a 9	25	39	110	95	-	1	16	12	104	83	4	7	259	237
10 a 14	22	22	97	82	-	1	7	5	79	52	5	8	210	170
15 a 19	14	22	78	65	2	-	7	9	55	78	9	8	165	182
20 a 24	21	19	59	71	1	1	11	7	56	39	4	7	152	144
25 a 29	8	20	70	42	-	1	8	10	55	53	5	8	146	134
30 a 34	11	8	47	33	-	1	4	3	40	26	6	-	108	71
35 a 39	10	13	39	35	-	-	8	14	35	36	4	1	96	99
40 a 44	5	10	34	33	-	-	10	4	30	18	3	4	82	69
45 a 49	11	7	35	30	-	1	2	3	21	18	2	3	71	62
50 a 54	2	3	31	23	-	-	1	1	7	18	2	4	43	49
55 a 59	-	1	15	15	1	2	4	8	15	10	1	1	36	37
60 a 64	5	3	27	19	-	-	3	3	17	11	1	2	53	38
65 a 69	4	3	12	16	-	-	1	4	11	10	-	-	28	33
70 e+	9	10	18	12	-	-	2	4	17	11	2	2	48	39
total	173	210	783	666	4	8	101	98	650	553	60	60	1771	1595
TOTAL	383		1449		12		199		1203		120		3366	

CIARN/1992

Tabela 1c: Estrutura etária, por etnia, de toda a região do Alto Rio Negro (excluídos os não índios e as pessoas de etnia desconhecida):

faixa etária	Etnia																TOTAL	
	MK		PI		TA		TU		TY		UA		UE					
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M		
0 a 4	1	2	58	58	115	108	228	198	49	42	32	31	30	40	1283	1118		
5 a 9	3	2	71	55	114	95	175	199	24	31	26	33	35	30	1170	1127		
10 a 14	4	2	55	56	97	109	178	152	19	27	28	20	32	27	1012	968		
15 a 19	2	1	48	50	86	96	150	144	25	22	33	25	19	24	924	933		
20 a 24	1	2	37	31	77	63	156	125	18	18	21	29	20	19	768	691		
25 a 29	4	-	21	29	66	57	116	98	17	27	23	25	23	17	659	661		
30 a 34	-	1	25	28	51	44	99	86	17	18	15	17	14	18	524	447		
35 a 39	3	1	22	20	38	47	84	58	17	11	26	15	13	17	471	428		
40 a 44	-	-	29	20	52	52	66	66	9	13	18	12	14	10	427	369		
45 a 49	1	-	19	20	33	21	56	69	8	11	11	5	4	6	318	276		
50 a 54	-	1	14	21	32	18	56	42	9	8	10	8	4	2	232	223		
55 a 59	-	2	13	14	21	17	39	33	6	10	4	8	2	3	175	201		
60 a 64	-	-	10	15	23	25	44	42	6	5	4	-	4	4	227	203		
65 a 69	-	-	3	16	17	15	25	19	4	1	7	1	6	5	160	143		
70 e+	-	-	23	20	24	15	44	29	8	6	14	4	8	4	270	180		
total	19	14	448	453	846	782	1516	1360	236	250	272	233	228	226	8620	7968		
TOTAL	33		901		1628		2876		486		505		454		16588			

CIARN/1992

Tabelas e gráficos complementares do capítulo 4:

Tabela 1a: Homens e Mulheres casados, residentes na sub-região de Iauareté, segundo a etnia e a faixa etária

faixa etária	Etnia																sub-total	
	AR		BS		BN		BR		CA		CO		DE		JU			
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
15 a 19	-	1	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2
20 a 24	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	10	-	-	-	1	12
25 a 29	2	1	-	1	-	2	-	-	-	3	-	-	4	6	-	1	6	14
30 a 34	3	5	-	-	1	-	1	2	-	-	-	-	6	6	-	1	11	14
35 a 39	2	4	-	-	-	1	1	-	1	-	-	-	8	9	-	-	12	14
40 a 44	3	2	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-	8	11	-	1	11	16
45 a 49	3	2	-	1	-	1	-	2	-	-	-	1	3	5	-	-	6	12
50 a 54	2	3	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	4	5	-	-	6	9
55 a 59	3	2	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-	2	3	-	1	5	8
60 a 64	2	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	2	5	-	-	5	5
65 a 69	1	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1	4	-	-	2	5
70 e +	4	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	4	3	-	-	8	4
total	25	20	-	3	2	9	2	6	1	4	-	2	43	67	-	4	73	115
TOTAL	45		3		11		8		5		2		110		4		192	

CIARN/1992

Tabela 1b: Homens e Mulheres casados, residentes na sub-região de Iauareté, segundo a etnia e a faixa etária

faixa etária	Etnia																		TOTAL	
	KO		MA		MI		N		PI		TA		TU		TY		UA			
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
15 a 19	-	1	6	22	-	-	-	1	-	2	-	10	2	1	-	-	-	-	8	39
20 a 24	4	3	16	11	-	-	1	-	1	8	8	12	13	8	1	4	1	5	46	63
25 a 29	2	3	21	10	-	-	1	2	5	7	17	14	19	21	3	5	5	6	79	82
30 a 34	1	2	6	8	-	-	1	-	6	11	22	20	14	27	3	2	2	9	66	93
35 a 39	5	6	6	5	-	-	1	1	11	8	25	23	22	19	-	1	9	3	91	80
40 a 44	6	4	4	4	-	-	2	-	15	9	38	28	15	21	-	2	13	5	104	89
45 a 49	2	1	5	4	-	-	1	-	10	10	22	10	14	17	-	1	4	4	64	59
50 a 54	-	1	1	4	-	1	-	-	7	8	23	8	11	11	2	2	7	4	57	48
55 a 59	3	3	3	5	-	-	-	-	6	8	11	9	9	6	-	1	3	2	40	42
60 a 64	1	1	4	4	-	-	-	-	4	5	12	5	12	12	-	-	3	1	41	33
65 a 69	1	-	2	4	-	-	1	-	3	3	5	3	2	7	2	-	6	1	24	23
70 e +	1	2	7	2	-	-	-	-	4	4	13	3	7	5	1	1	12	1	53	22
total	26	27	81	83	-	1	8	4	72	83	196	145	140	155	12	19	65	41	673	673
TOTAL	53		164		1		12		155		341		295		31		106		1350	

CIARN/1992

Tabela 2a: Homens e Mulheres casados residentes na sub-região do Tiquié/Uaupés, segundo a etnia e faixa etária

faixa etária	Etnia														sub-total	
	AR		BA		BN		BR		BS		CA		CO			
	H	M	H	M			H	M	H	M	H	M			H	M
15 a 19	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
20 a 24	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
25 a 29	-	1	-	-	-	2	-	-	1	1	-	1	-	-	1	5
30 a 34	-	1	1	-	-	-	1	-	-	-	2	-	-	-	4	1
35 a 39	1	1	1	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	3	2
40 a 44	-	1	-	-	-	-	1	-	-	2	-	-	-	1	1	4
45 a 49	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-
50 a 54	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
55 a 59	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
60 a 64	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
65 a 69	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
70 e +	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
total	2	7	3	-	-	3	3	1	1	6	2	1	-	1	11	19
TOTAL	9		3		3		4		7		3		1		30	

CIARN/1992

Tabela 2b: Homens e Mulheres casados residentes na sub-região do Tiquié/Uaupés, segundo a etnia e faixa etária

faixa etária	Etnia														sub-total	
	DE		KO		MA		MK		MI		N		PI			
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
15 a 19	-	4	-	-	1	13	-	-	-	1	-	-	-	-	1	18
20 a 24	4	16	-	-	14	15	-	2	-	2	-	-	2	1	20	36
25 a 29	11	18	-	-	14	24	2	-	3	3	-	-	-	6	30	51
30 a 34	19	14	-	-	19	11	-	1	5	-	2	-	7	4	52	30
35 a 39	12	13	-	1	17	19	3	1	3	-	-	-	2	3	37	37
40 a 44	15	13	-	-	15	12	-	-	3	4	-	-	4	2	37	31
45 a 49	17	10	-	-	9	7	-	-	2	2	-	1	2	5	30	25
50 a 54	13	5	-	-	4	5	-	-	2	2	-	-	-	4	19	16
55 a 59	8	5	-	-	8	4	-	-	1	1	-	-	3	-	20	10
60 a 64	6	2	-	-	4	5	-	-	-	1	-	-	2	1	12	9
65 a 69	2	2	-	-	5	3	-	-	-	-	1	-	-	1	8	6
70 e +	1	-	-	-	4	3	-	-	-	-	-	-	2	-	7	3
total	108	102	-	1	114	121	5	4	19	16	3	1	24	27	273	272
TOTAL	210		1		235		9		35		4		51		545	

CIARN/1992

Tabela 2c: Homens e Mulheres casados residentes na sub-região do Tiquié/Uaupés, segundo a etnia e faixa etária

faixa etária	Etnia									
	TA		TU		TY		UA		TOTAL	
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
15 a 19	-	-	1	4	-	-	-	-	2	23
20 a 24	1	3	6	18	1	8	-	-	28	66
25 a 29	3	6	25	24	8	20	-	1	67	107
30 a 34	4	3	41	24	6	9	-	1	107	68
35 a 39	3	1	27	19	14	8	-	-	84	67
40 a 44	3	8	27	21	7	9	-	-	75	73
45 a 49	2	2	23	20	5	8	-	-	61	55
50 a 54	1	2	25	14	5	5	-	1	50	39
55 a 59	2	3	10	9	5	6	-	-	37	29
60 a 64	-	-	11	6	2	3	-	-	25	19
65 a 69	1	1	4	-	1	2	-	-	14	10
70 e +	1	-	5	3	1	1	-	1	15	9
total	21	29	205	162	55	79	-	4	565	565
TOTAL	50		367		135		4		1136	

CIARN/1992

Tabela 3a: Homens e Mulheres casados residentes na sub-região do Içana, segundo a etnia e faixa etária

Etnia																
faixa etária	AR		BN		BR		CA		CO		DE		KO		sub-total	
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
15 a 19	-	-	5	35	1	4	-	-	1	6	-	-	-	1	7	46
20 a 24	-	1	49	72	-	3	-	-	6	6	-	1	-	1	55	84
25 a 29	-	-	65	90	3	2	-	-	5	14	1	1	1	2	75	109
30 a 34	-	-	71	55	3	2	1	-	8	7	-	-	1	1	84	65
35 a 39	-	-	56	54	4	5	-	-	8	7	-	-	1	2	69	68
40 a 44	-	-	46	30	1	-	-	-	4	5	1	-	-	1	52	36
45 a 49	-	-	35	23	2	1	-	-	10	6	-	-	-	-	47	30
50 a 54	-	-	18	22	-	-	-	-	2	3	4	-	1	-	25	25
55 a 59	-	-	12	18	3	-	-	-	-	1	-	-	-	2	15	21
60 a 64	-	-	39	20	1	-	-	-	4	1	1	-	1	1	46	22
65 a 69	-	-	34	14	-	-	-	-	4	3	-	-	-	-	38	17
70 e +	-	-	26	11	-	-	-	-	8	3	-	-	-	2	34	16
total	-	1	456	444	18	17	1	-	60	62	7	2	5	13	547	539
TOTAL	1		900		35		1		122		9		18		1086	

CIARN/1992

Tabela 3b: Homens e Mulheres casados residentes na sub-região do Içana, segundo a etnia e faixa etária

faixa etária	Etnia														TOTAL	
	MI		N		TA		TU		TY		UA		UE			
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
15 a 19	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	7	48
20 a 24	-	-	-	-	1	1	1	2	-	-	-	1	3	1	60	89
25 a 29	-	2	1	-	-	-	2	1	1	-	2	2	3	5	84	119
30 a 34	-	-	-	-	1	1	1	-	-	-	1	-	5	2	92	68
35 a 39	-	-	1	-	-	3	-	-	1	-	-	2	-	4	71	77
40 a 44	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-	-	4	3	2	57	42
45 a 49	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1	1	48	32
50 a 54	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1	-	26	26
55 a 59	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	1	1	16	24
60 a 64	-	-	-	-	3	2	-	-	-	-	1	-	1	2	51	26
65 a 69	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	2	1	40	20
70 e +	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	35	16
total	-	2	2	1	7	10	5	4	2	-	4	11	20	20	587	587
TOTAL	2		3		17		9		2		15		40		1174	

CIARN/1992

Tabela 4a: Homens e Mulheres casados residentes na sub-região do Negro Acima, segundo a etnia e faixa etária

faixa etária	Etnia														sub-total	
	AR		BN		BR		CO		DE		N		PI			
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
15 a 19	-	-	4	4	-	12	-	1	-	-	-	-	-	-	4	17
20 a 24	-	-	4	5	14	22	-	2	-	-	-	-	1	-	19	29
25 a 29	1	1	7	12	24	35	2	-	-	-	1	-	-	-	35	48
30 a 34	-	2	1	2	28	31	-	-	2	-	1	-	-	2	32	37
35 a 39	1	-	4	2	34	33	-	1	1	-	2	-	-	1	42	37
40 a 44	2	-	4	10	34	35	1	-	-	1	2	-	2	-	45	46
45 a 49	1	1	4	1	30	12	1	-	-	-	4	-	-	-	40	14
50 a 54	1	-	3	1	17	9	-	-	-	-	-	-	-	-	21	10
55 a 59	-	-	-	4	11	10	-	-	-	-	-	-	-	-	11	14
60 a 64	1	-	4	4	13	11	-	1	-	3	-	-	1	-	19	19
65 a 69	2	1	2	3	11	6	-	-	1	-	1	-	-	1	17	11
70 e +	-	-	4	-	14	5	-	-	1	-	1	-	-	-	20	5
total	9	5	41	48	230	221	4	5	5	4	12	-	4	4	305	287
TOTAL	14		89		451		9		9		12		8		16	

CIARN/1992

Tabela 4b: Homens e Mulheres casados residentes na sub-região do Negro Acima, segundo a etnia e faixa etária

faixa etária	Etnia										TOTAL	
	TA		TU		TY		UA		UE			
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
15 a 19	-	-	-	-	-	-	-	1	-	4	4	22
20 a 24	2	1	-	2	-	-	-	-	5	8	26	40
25 a 29	1	1	1	4	-	-	-	-	9	11	46	64
30 a 34	-	1	2	4	1	1	-	-	7	12	42	55
35 a 39	1	2	1	1	-	-	-	-	9	7	53	47
40 a 44	-	1	4	3	-	-	-	-	8	4	57	54
45 a 49	2	1	1	-	-	-	-	-	2	3	45	18
50 a 54	-	-	1	3	-	-	-	-	1	1	23	14
55 a 59	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	11	15
60 a 64	-	1	1	2	-	-	-	-	1	2	21	24
65 a 69	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	19	11
70 e +	2	-	1	2	-	-	-	-	5	4	28	11
total	8	8	12	21	1	1	-	1	49	57	375	375
TOTAL	16		33		2		1		106		750	

CIARN/1992

Tabela 5a: Homens e Mulheres casados residentes na sub-região do Negro Abaixo, segundo a etnia e faixa etária

faixa etária	Etnia														sub-total	
	AR		BN		BR		CA		CO		DE		JU			
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
15 a 19	-	1		4	1	8	-	-	-	-		1	-	-	1	14
20 a 24	-	1		8 11	11	10	-	1	-	1	4	6	-	-	23	30
25 a 29	1	3		10 15	19	16	-	-	-	-	11	6	-	-	41	40
30 a 34	-	1		6 8	23	12	-	1	-	-	10	8	-	-	39	30
35 a 39	-	4		1 9	14	16	1	-	-	1	6	8	-	-	22	38
40 a 44	3	3		9 7	35	20	-	-	-	-	5	8	-	-	52	38
45 a 49	-	2		7 4	20	11	-	-	-	-	10	9	-	-	37	26
50 a 54	1	1		2 4	14	12	-	-	-	-	7	6	-	-	24	23
55 a 59	1	3		3 5	10	11	-	1	-	-	3	3	1	-	18	23
60 a 64	1	-		1 3	10	9	-	1	-	-	13	5	-	-	25	18
65 a 69	-	1		3 3	9	1	-	-	-	-	2	-	-	-	14	5
70 e +	-	-		4 -	12	1	-	-	-	-	4	1	-	-	20	2
total	7	20		54 73	178	127	1	4	0	2	75	61	1	-	316	287
TOTAL	27			127	305		5		2		136		1		605	

CIARN/1992

Tabela 5b: Homens e Mulheres casados residentes na sub-região do Negro
Abaixo, segundo a etnia e faixa etária

faixa etária	Etnia														sub-total	
	KO		MA		MI		N		PI		TA		TU			
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
15 a 19	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	-	1	-	3	-	6
20 a 24	-	-	2	2	-	-	1	-	3	4	2	3	7	19	15	28
25 a 29	-	-	1	2	-	-	2	-	4	3	6	8	7	19	20	32
30 a 34	-	-	3	3	-	-	1	1	3	3	3	6	17	17	27	30
35 a 39	-	1	4	6	-	1	1	2	2	4	2	11	15	9	24	34
40 a 44	-	-	3	-	-	-	2	2	5	5	2	9	9	13	21	29
45 a 49	-	-	-	2	-	1	3	-	6	4	5	2	11	15	25	24
50 a 54	-	-	-	2	-	-	1	-	4	5	6	3	13	7	24	17
55 a 59	-	1	1	-	-	-	-	-	2	3	-	2	9	6	12	12
60 a 64	-	-	-	-	-	-	1	2	2	4	6	4	10	8	19	18
65 a 69	-	1	-	-	-	-	-	-	1	4	4	1	11	5	16	11
70 e +	1	-	1	-	-	-	-	-	3	3	1	-	4	-	10	3
total	1	3	15	18	-	2	12	7	35	43	37	50	113	121	213	244
TOTAL	4		33		2		19		78		87		234		457	

CIARN/1992

Tabela 5c: Homens e Mulheres casados residentes na sub-região do Negro
Abaixo, segundo a etnia e faixa etária

faixa etária	Etnia							
	TY		UA		UE		TOTAL	
	H	M	H	M	H	M	H	M
15 a 19	-	-	-	-	-	-	1	20
20 a 24	-	1	2	1	-	-	40	60
25 a 29	-	-	1	-	-	-	62	72
30 a 34	2	3	1	-	-	-	69	63
35 a 39	1	1	1	-	-	-	48	73
40 a 44	1	1	-	-	-	-	74	68
45 a 49	2	1	1	-	-	1	65	52
50 a 54	-	-	1	1	-	-	49	41
55 a 59	-	-	-	-	-	-	30	35
60 a 64	-	-	-	-	-	-	44	36
65 a 69	-	1	-	-	-	-	30	17
70 e +	-	-	-	-	-	-	30	5
total	6	8	7	2	-	1	542	542
TOTAL	14		9		1		1084	

CIARN/1992

Gráfico 1: Homens e Mulheres casados (em %), residentes na sub-região de Iauareté, segundo a etnia e a faixa etária

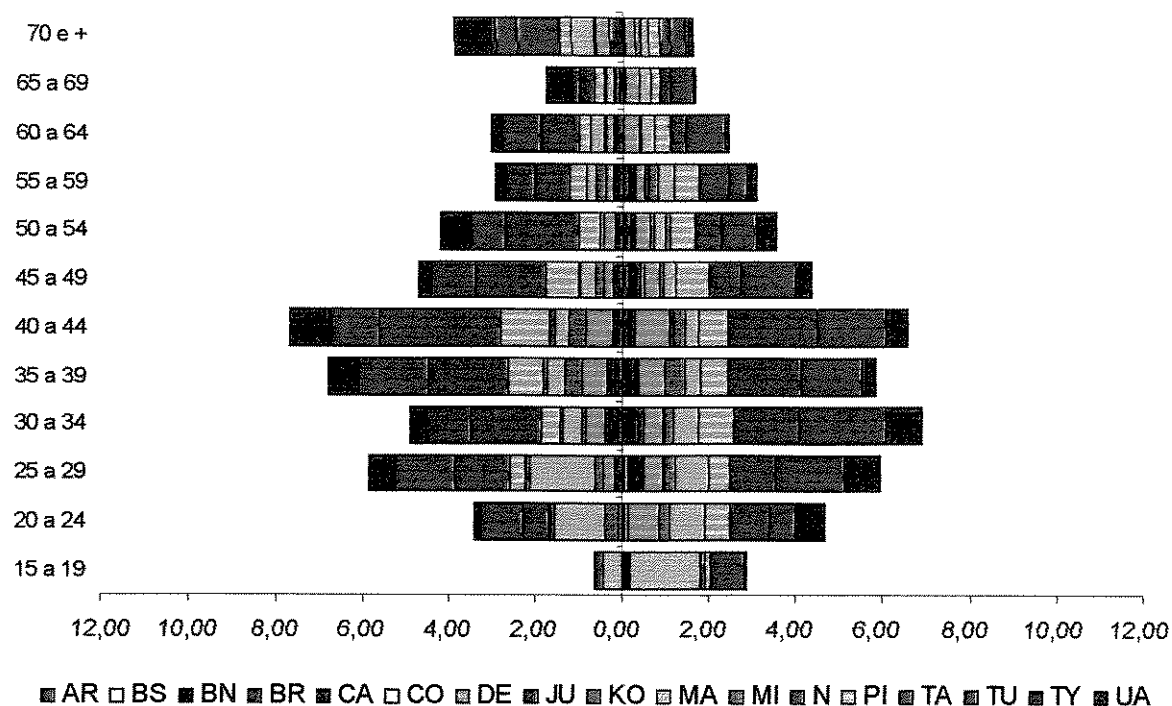


Gráfico 2: Homens e Mulheres casados (em %), residentes na sub-região do Tiquié/Uaupés, segundo a etnia e a faixa etária

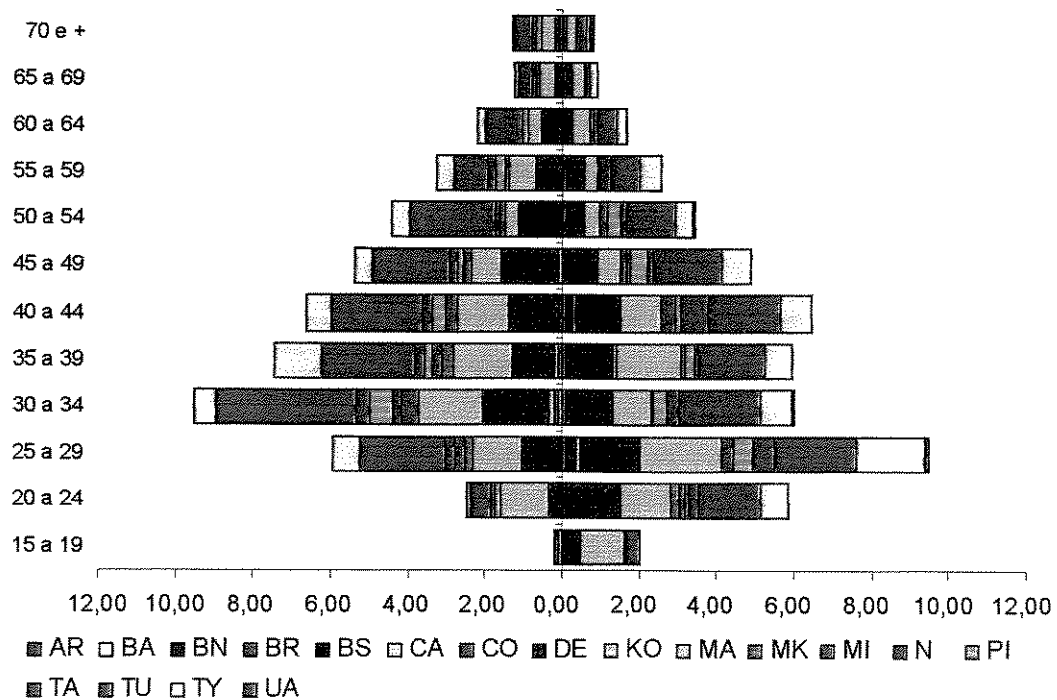


Gráfico 3: Homens e Mulheres casados (em %), residentes na sub-região do Içana, segundo a etnia e a faixa etária

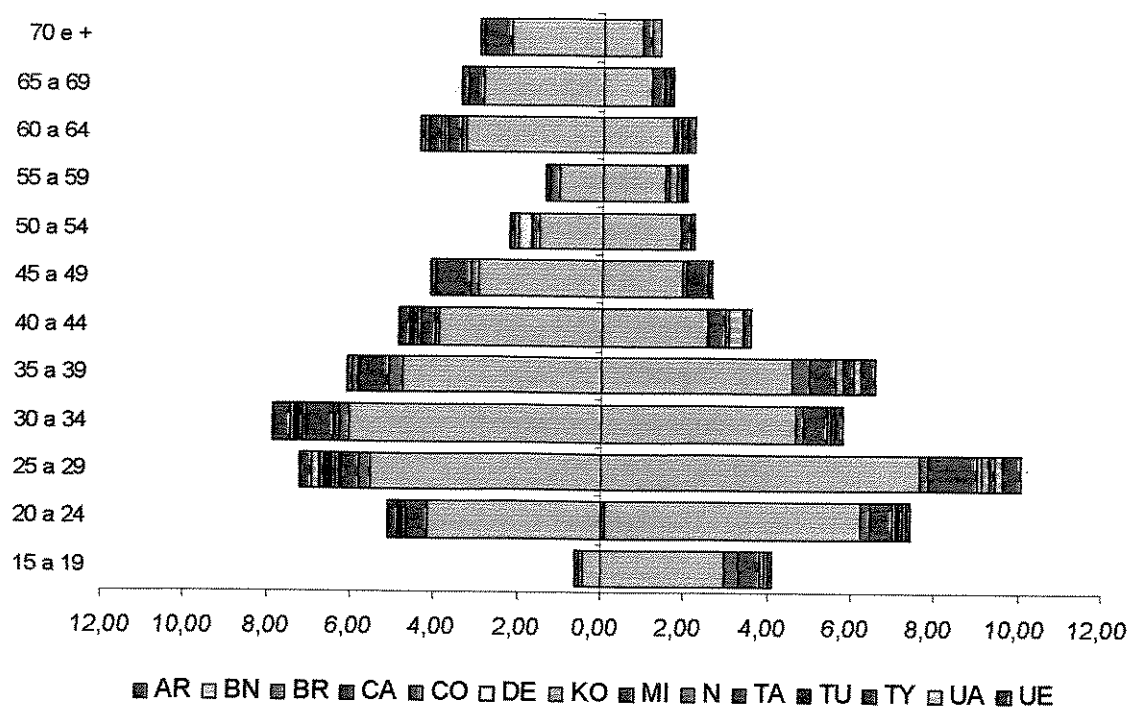


Gráfico 4: Homens e Mulheres casados (em %), residentes na sub-região do Negro Acima, segundo a etnia e a faixa etária

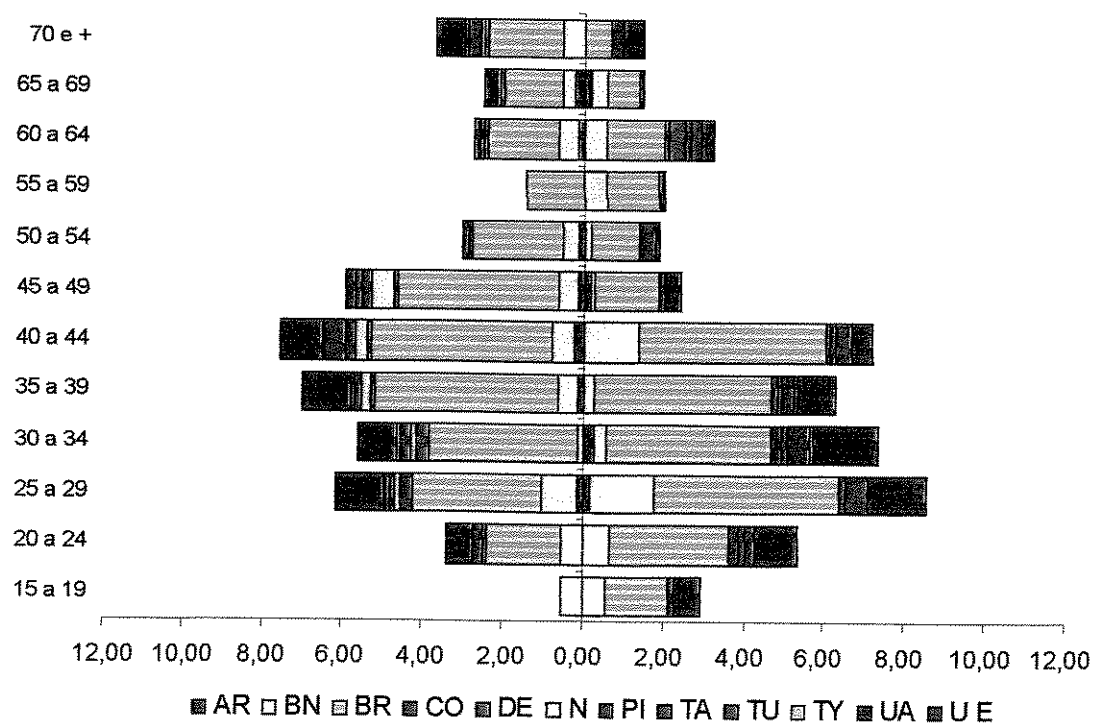


Gráfico 5: Homens e Mulheres casados (em %), residentes na sub-região do Negro Abaixo, segundo a etnia e a faixa etária

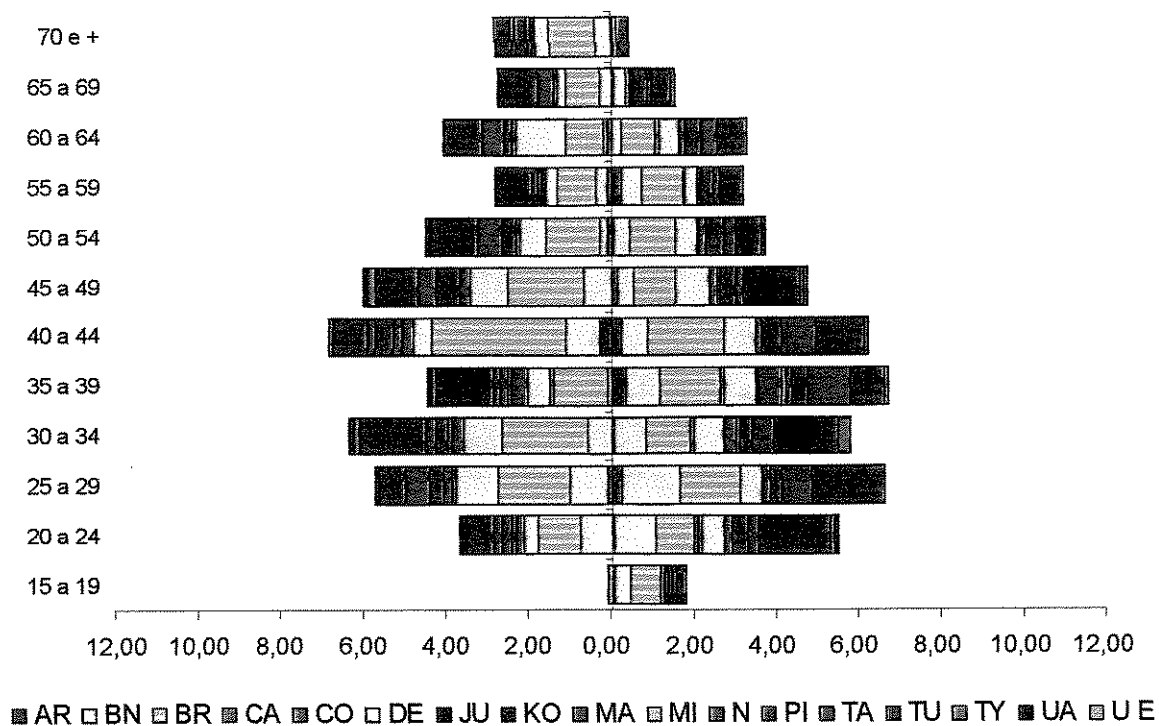


Tabela 6: Diferença de idade entre os cônjuges dos casais residentes na sub-região de Iauareté, por trecho de rio

	h + velhos	m + velhas	total
Iauareté Centro	157	43	200
Uaupés	134	31	165
Uaupés Acima	136	28	164
Papuri	115	29	144
total	542	131	673

CIARN/1992

Gráfico 6: Diferença de idade (proporcional) entre os cônjuges dos casais residentes na sub-região de Iauareté, por trecho de rio

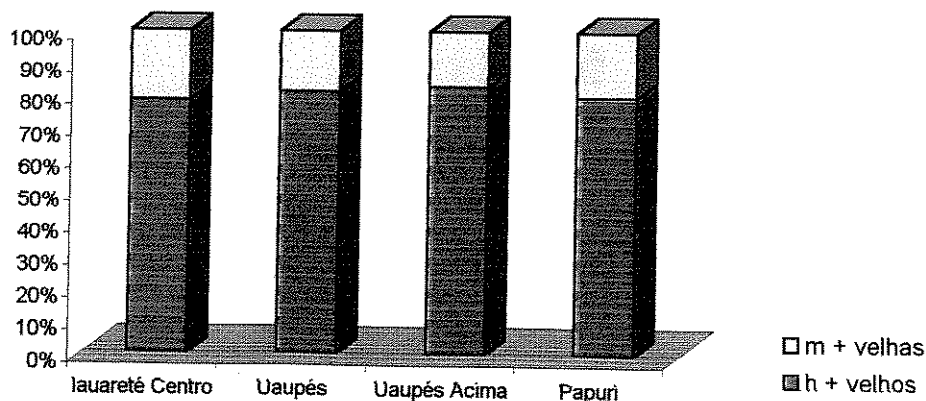


Tabela 7: Diferença de idade entre os cônjuges dos casais residentes na sub-região do Tiquié/UAupés, por trecho de rio

	h + velhos	m + velhas	total
Uaupés	59	16	75
Baixo Tiquié	57	14	71
Alto Tiquié	251	63	314
Taracua Centro	42	11	53
Pari Cachoeira Centro	42	10	52
total	451	114	565

CIARN/1992

Gráfico 7: Diferença de idade entre os cônjuges dos casais residentes na sub-região do Tiquié/UAupés, por trecho de rio

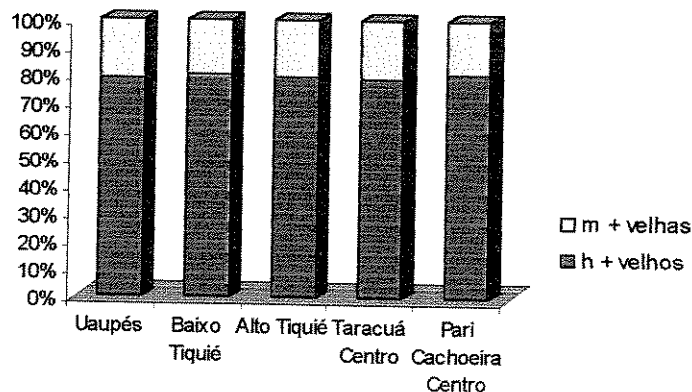


Tabela 8: Diferença de idade entre os cônjuges dos casais residentes na sub-região do Içana, por trecho de rio

	h + velhos	m + velhas	total
Assunção Centro	35	10	45
Baixo Içana	158	27	185
Aiari	120	24	144
Alto Içana	178	35	213
total	491	96	587

CIARN/1992

Gráfico 8: Diferença de idade entre os cônjuges dos casais residentes na sub-região do Içana, por trecho de rio

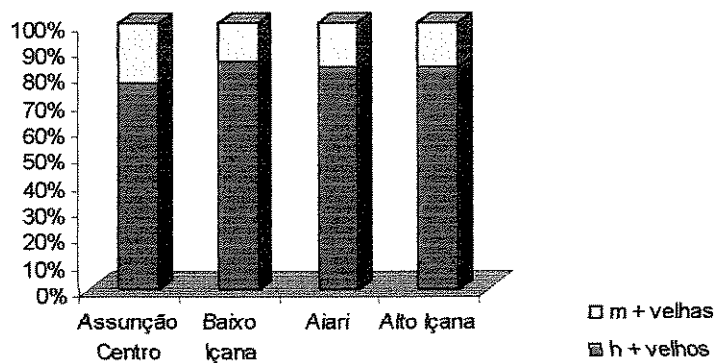


Tabela 9: Diferença de idade entre os cônjuges dos casais residentes na sub-região do Negro Acima, por trecho de rio

	h + velhos	m + velhas	total
Cucuí	58	12	70
Xié	78	12	90
Negro	170	45	215
total	306	69	375

CIARN/1992

Gráfico 9: Diferença de idade entre os cônjuges dos casais residentes na sub-região do Negro Acima, por trecho de rio

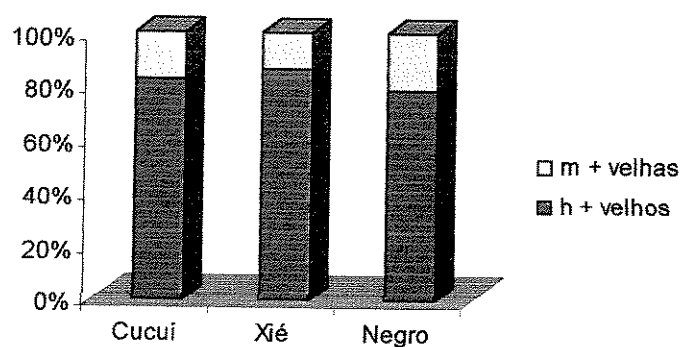


Tabela 10: Diferença de idade entre os cônjuges dos casais residentes na sub-região do Negro Abaixo, por trecho de rio

	h + velhos	m + velhas	total
São Gabriel da Cachoeira	188	55	243
Negro	238	61	299
total	426	116	542

CIARN/1992

Gráfico 10: Diferença de idade entre os cônjuges dos casais residentes na sub-região do Negro Abaixo, por trecho de rio

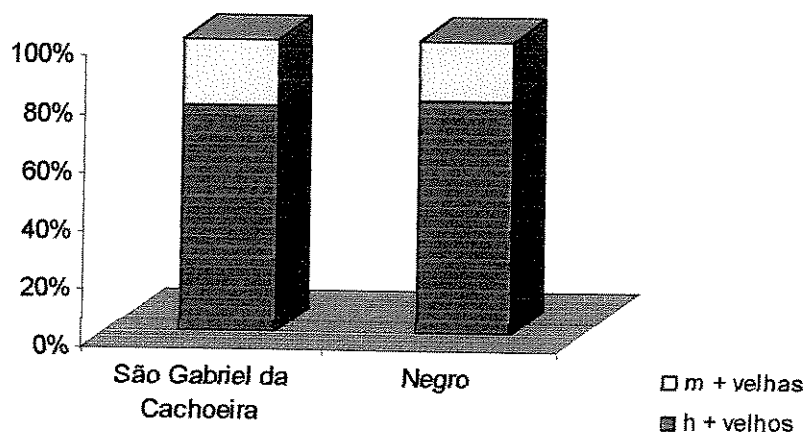


Tabela complementar do capítulo 5:

Tabela 1: Baré, Baniwa, *Tukano* e *Maku*, distribuição relativa das taxas específicas de fecundidade no período de 1990 – 92

idade	Baré % f/x	Baniwa % f/x	<i>Tukano</i> % f/x	<i>Maku</i> % f/x
15 a 19	3,13	12,87	5,31	13,39
20 a 24	21,88	18,81	18,58	19,69
25 a 29	25,00	19,80	23,01	20,47
30 a 34	18,75	20,79	23,01	25,20
35 a 39	16,67	13,86	18,58	5,51
40 a 44	10,42	10,89	7,96	13,39
45 a 49	4,17	2,97	3,54	2,36
total	100,00	100,00	100,00	100,00

CIARN/1992

Apêndice 4 – Organizações indígenas participantes e recenseadores:

Organizações indígenas:

FOIRN – Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro

Associações filiadas em 1992 (todas participaram do censo):

ACIBRN – Associação das Comunidades Indígenas do Baixo Rio Negro

UCIRN – União das Comunidades Indígenas do Rio Negro

AINBAL – Associação Indígena do Balaio

ACIRNE – Associação das Comunidades Indígenas do Alto Rio Negro

ACIRU – Associação das Comunidades Indígenas do Rio Umari

UNIRT – União das Nações Indígenas do Rio Tiquié

ACIRI – Associação das Comunidades Indígenas do Rio Içana

ACIRX – Associação das Comunidades Indígenas do Rio Xié

ACITRUT – Associação das Comunidades Indígenas de Taracua, rios Tiquié e Uaupés

UNIDI – União das Nações Indígenas do Distrito de Iauareté

Comissão Provisória do Alto Içana e Aiari.

Recenseadores:

Afonso Fontes

Alberto Padilha Garcia

Aloísio Pena Manuel

Alva Rosa

André Fernando

Anekeila F. Alves

Antonio Barbosa de Menezes

Antonio José Lopes Almeida

Arthur Gilberto Pereira

Bonifácio José

Braz de Oliveira França

Carmem Matos de Araújo

Edemir Antonio Baltazar

Edimar Silvano Almeida Cruz

Elias Coelho de Assis

Eloísa A. Paiva

Emílio Almeida Pinheiro

Eugenio Vasconcelos Marinho

Francisco Velásquez de Albuquerque

Gersen Luciano dos Santos

Gerson Fonseca

Gilberto Francisco Sampaio Vaz

Gilberto Mateus

Gilberto Narciso Antonio

Gilda da Silva Barreto

Higino Pimentel Tenório

Isaias Pereira Fontes

Ismael Rodrigues
Ismael Tenorio Campos
João Alberto Pereira da Silva
João Batista Barbosa
José Maria Gomes Lana
Justina da Silva Barreto
Márcio Meira
Mário Nogueira Ferreira
Miguel Melgueiro de Oliveira
Moisés Dias Castilho
Roberval Miranda da Silva
Rodolfo Henrique Batista
Rosely Sarmento
Rozendo Melgueiro
Ruste Fernando
Sávio Melgueiro de Oliveira

Apêndice 5: Questionários utilizados na realização do CIARN

CENSO - RIO NEGRO

FICHA POR POVOADO / COMUNIDADE OU SÍTIO

1. Nome do povoado/comunidade, distrito ou sítio:

2. Localização:

2.1. Igarapé: _____

2.2. Rio: _____

2.3. Distrito: _____

3. Nome do capitão: _____

4. Tem escola? ☐ sim ☐ não

4.1. Caso tenha escola, até que série? _____

4.2. Depois desta série, onde as crianças vão continuar a estudar? _____

4.3. Nome do professor: _____

4.4. Local de nascimento do professor: _____

4.5. Povo (tribo) a que pertence o professor: _____

4.6. Caso não tenha escola no povoado, onde as crianças vão estudar? _____

5. Tem enfermaria ou posto de saúde? ☐ sim ☐ não

5.1. Tem agente de saúde? ☐ sim ☐ não

6. Tem caixa de remédios? ☐ sim ☐ não

6.1. Quem cuida da caixa de remédios? _____

7. Nome do recenseador (quem preencheu a ficha)

7.1. nome: _____

7.2. data: _____

8. Observações: _____

CENSO - RIO NEGRO

FICHA POR CASA / MORADIA

1. Nome do povoado/comunidade, ou sítio e distrito :

2. Nome do chefe da casa (da família)

2.1. nome: _____

2.2. idade: _____

2.3. sexo: ☐ masculino ☐ feminino

2.4. tribo : _____

2.5. local de nascimento

a) povoado/ comunidade: _____

b) igarapé: _____

c) rio: _____

d) distrito: _____

2.6. até que série estudou: _____

2.7. é eleitor? ☐ sim ☐ não

3. Nome da mulher do chefe da casa (da família)

3.1. nome: _____

3.2. idade: _____

3.3. tribo: _____

3.4. local de nascimento

a) povoado/comunidade: _____

b) igarapé: _____

c) rio: _____

d) distrito: _____

3.5. Está grávida? ☐ sim ☐ não

3.6. Se está, quando vai ter a criança? _____

3.7. Até que série estudou: _____

3.8. É eleitora? ☐ sim ☐ não

4. Nome dos filhos

- 4.1. a) nome: _____
b) idade: _____
c) sexo: ☐ masculino ☐ feminino
d) estuda? ☐ sim ☐ não
e) se sim, nome da escola: _____
f) local da escola: _____
g) em que série está: _____
h) é eleitor? ☐ sim ☐ não

- 4.2. a) nome: _____
b) idade: _____
c) sexo: ☐ masculino ☐ feminino
d) estuda? ☐ sim ☐ não
e) se sim, nome da escola: _____
f) local da escola: _____
g) em que série está: _____
h) é eleitor? ☐ sim ☐ não

- 4.3. a) nome: _____
b) idade: _____
c) sexo: ☐ masculino ☐ feminino
d) estuda? ☐ sim ☐ não
e) se sim, nome da escola: _____
f) local da escola: _____
g) em que série está: _____
h) é eleitor? ☐ sim ☐ não

4.4. a) nome: _____

b) idade: _____

c) sexo: ☐ masculino ☐ feminino

d) estuda? ☐ sim ☐ não

e) se sim, nome da escola: _____

f) local da escola: _____

g) em que série está: _____

h) é eleitor? ☐ sim ☐ não

4.5. a) nome: _____

b) idade: _____

c) sexo: ☐ masculino ☐ feminino

d) estuda? ☐ sim ☐ não

e) se sim, nome da escola: _____

f) local da escola: _____

g) em que série está: _____

h) é eleitor? ☐ sim ☐ não

4.6. a) nome: _____

b) idade: _____

c) sexo: ☐ masculino ☐ feminino

d) estuda? ☐ sim ☐ não

e) se sim, nome da escola: _____

f) local da escola: _____

g) em que série está: _____

h) é eleitor? ☐ sim ☐ não

4.7. a) nome: _____

b) idade: _____

c) sexo: ☐ masculino ☐ feminino

d) estuda? ☐ sim ☐ não

e) se sim, nome da escola: _____

f) local da escola: _____

g) em que série está: _____

h) é eleitor? ☐ sim ☐ não

b) idade: _____

c) sexo: ☐ masculino ☐ feminino

d) estuda? ☐ sim ☐ não

e) se sim, nome da escola: _____

f) local da escola: _____

g) em que série está: _____

h) é eleitor? ☐ sim ☐ não

4.9. a) nome: _____

b) idade: _____

c) sexo: ☐ masculino ☐ feminino

d) estuda? ☐ sim ☐ não

e) se sim, nome da escola: _____

f) local da escola: _____

g) em que série está: _____

h) é eleitor? ☐ sim ☐ não

4.10. a) nome: _____

b) idade: _____

c) sexo: ☐ masculino ☐ feminino

d) estuda? ☐ sim ☐ não

e) se sim, nome da escola: _____

f) local da escola: _____

g) em que série está: _____

h) é eleitor? ☐ sim ☐ não

4.11. a) nome: _____

b) idade: _____

c) sexo: ☐ masculino ☐ feminino

d) estuda? ☐ sim ☐ não

e) se sim, nome da escola: _____

f) local da escola: _____

g) em que série está: _____

h) é eleitor? ☐ sim ☐ não

4.12. a) nome: _____

b) idade: _____

c) sexo: ☐ masculino ☐ feminino

d) estuda? ☐ sim ☐ não

e) se sim, nome da escola: _____

f) local da escola: _____

g) em que série está: _____

h) é eleitor? ☐ sim ☐ não

4.13. a) nome: _____

b) idade: _____

c) sexo: ☐ masculino ☐ feminino

d) estuda? ☐ sim ☐ não

e) se sim, nome da escola: _____

f) local da escola: _____

g) em que série está: _____

h) é eleitor? ☐ sim ☐ não

4.14. a) nome: _____

b) idade: _____

c) sexo: ☐ masculino ☐ feminino

d) estuda? ☐ sim ☐ não

e) se sim, nome da escola: _____

f) local da escola: _____

g) em que série está: _____

h) é eleitor? ☐ sim ☐ não

4.15. a) nome: _____

b) idade: _____

c) sexo: ☐ masculino ☐ feminino

d) estuda? ☐ sim ☐ não

e) se sim, nome da escola: _____

f) local da escola: _____

g) em que série está: _____

h) é eleitor? ☐ sim ☐ não

5.1. a) nome: _____

b) sexo: ☐ masculino ☐ feminino

c) quando morreu: _____

d) de que morreu: _____

e) idade com que morreu: _____

5.2. a) nome: _____

b) sexo: ☐ masculino ☐ feminino

c) quando morreu: _____

d) de que morreu: _____

e) idade com que morreu: _____

5.3. a) nome: _____

b) sexo: ☐ masculino ☐ feminino

c) quando morreu: _____

d) de que morreu: _____

e) idade com que morreu: _____

5.4. a) nome: _____

b) sexo: ☐ masculino ☐ feminino

c) quando morreu: _____

d) de que morreu: _____

e) idade com que morreu: _____

5.5. a) nome: _____

b) sexo: ☐ masculino ☐ feminino

c) quando morreu: _____

d) de que morreu: _____

e) idade com que morreu: _____

6. Nomes das outras pessoas que moram na casa (não contabilizar os visitantes, fazer fichas separadas para eles)

6.1. a) nome: _____

b) idade: _____

c) sexo: ☐ masculino ☐ feminino

d) tribo: _____

f) local de nascimento:

f.1. povoado/comunidade: _____

f.2. igarapé: _____ f.3. rio: _____

f.4. distrito: _____

g) até que série estudou: _____

h) parentesco com o chefe da casa (família): ☐ avô(ó) ☐ pai(mãe) ☐ filho(a) ☐ cunhado(a)
☐ neto(a) ☐ primo(a) ☐ tio(a) ☐ sobrinho(a)

i) é eleitor? ☐ sim ☐ não ☐ outros

6.2. a) nome: _____

b) idade: _____

c) sexo: ☐ masculino ☐ feminino

d) tribo: _____

f) local de nascimento:

f.1. povoado/comunidade: _____

f.2. igarapé: _____ f.3. rio: _____

f.4. distrito: _____

g) até que série estudou: _____

h) parentesco com o chefe da casa (família): ☐ avô(ó) ☐ pai(mãe) ☐ filho(a) ☐ cunhado(a)
☐ neto(a) ☐ primo(a) ☐ tio(a) ☐ sobrinho(a)

i) é eleitor? ☐ sim ☐ não ☐ outros

6.3. a) nome: _____

b) idade: _____

c) sexo: ☐ masculino ☐ feminino

d) tribo: _____

f) local de nascimento:

f.1. povoado/comunidade: _____

f.2. igarapé: _____ f.3. rio: _____

f.4. distrito: _____

g) até que série estudou: _____

h) parentesco com o chefe da casa (família): ☐ avô(ó) ☐ pai(mãe) ☐ filho(a) ☐ cunhado(a)
☐ neto(a) ☐ primo(a) ☐ tio(a) ☐ sobrinho(a)

i) é eleitor? ☐ sim ☐ não ☐ outros

6.4. a) nome: _____

b) idade: _____

c) sexo: ☐ masculino ☐ feminino

d) tribo: _____

f) local de nascimento:

f.1. povoado/comunidade: _____

f.2. igarapé: _____ f.3. rio: _____

f.4. distrito: _____

g) até que série estudou: _____

h) parentesco com o chefe da casa (família): ☐ avô(ó) ☐ pai(mãe) ☐ filho(a) ☐ cunhado(a)

☐ neto(a) ☐ primo(a) ☐ tio(a) ☐ sobrinho(a)

i) é eleitor? ☐ sim ☐ não

☐ outros

7. Nomes das pessoas da casa que saíram da comunidade :

7.1. a) nome: _____

b) sexo: ☐ masculino ☐ feminino

c) parentesco: ☐ irmão(ã) ☐ pai(mãe) ☐ filho(a) ☐ outros _____

d) quando saiu: _____

e) razão da saída: _____

f) onde está atualmente: _____

7.2. a) nome: _____

b) sexo: ☐ masculino ☐ feminino

c) parentesco: ☐ irmão(ã) ☐ pai(mãe) ☐ filho(a) ☐ outros _____

d) quando saiu: _____

e) razão da saída: _____

f) onde está atualmente: _____

7.3. a) nome: _____

b) sexo: ☐ masculino ☐ feminino

c) parentesco: ☐ irmão(ã) ☐ pai(mãe) ☐ filho(a) ☐ outros _____

d) quando saiu: _____

e) razão da saída: _____

f) onde está atualmente: _____

7.4. a) nome: _____

b) sexo: ☐ masculino ☐ feminino

c) parentesco: ☐ irmão(ã) ☐ pai(mãe) ☐ filho(a) ☐ outros _____

d) quando saiu: _____

e) razão da saída: _____

f) onde está atualmente: _____

8. Nome do recenseador (quem preencheu a ficha)

a) nome: _____

b) data: _____

Apêndice 6 – Questionário qualitativo aplicado em 1997

1. Nome:
2. Ano de nascimento:
3. Povo/tribo:
4. Local de nascimento:
5. Local de residência atual:
6. É casada? Sim ____ Não ____ Separada? Sim ____ Não ____ Viúva? Sim ____ Não ____ Solteira? Sim ____ Não ____
7. Onde morou até aqui, e há quanto tempo vive aqui?
8. Frequentou a escola? Até que série? Porque parou de estudar?
9. Escuta sempre rádio? Assiste televisão? Lê revistas?
10. Frequenta os cultos da igreja? Vai à cursos da igreja?
11. Quantos filhos nascidos vivos você teve? Qual o ano de nascimento dos filhos nascidos vivos?
12. Desses, quantos morreram (sexo e idade), quando morreram e do que?
13. Quantos filhos vivem com você (sexo e idade)?
14. Quantos filhos não vivem com você (sexo e idade)? Porque? Onde estão?
15. Os filhos vivos tiveram registro? Os que morreram tiveram? Quem fez?
16. Os seus filhos foram batizados? Com que idade?
17. Os filhos são só de um casamento? Senão, quantos são de outra união?
18. Está grávida? Sim ____ de quantos meses? ____ Não ____
19. Você estava querendo engravidar? Sim ____ Não ____
20. Seu marido estava querendo engravidar? Sim ____ Não ____
21. Teve algum aborto (perda)? É comum aqui as mulheres perderem? Pode ser proposital? Tomam algo para isso?
22. Na sua opinião, como o nenê é concebido?
23. Existe algum período entre uma menstruação e outra, quando a mulher tem mais chances de engravidar?
24. E para o homem, existe algum período onde ele tem mais chances de engravidar a mulher?
25. Você teve assistência média durante a gravidez: E durante o parto? E depois do parto?
26. Você usa algum preventivo para evitar filhos? Toma pílula? Se sim, como você se sente fisicamente e o que acha de prevenir filhos?
27. Se você toma a pílula, já deixou de tomar algum dia? O que acontece quando não toma todos os dias?
28. Você já fez exame ginecológico preventivo contra o câncer? Quando? Quantas vezes?
29. Já ouviu falar de outros métodos contraceptivos? (para evitar de ficar grávida) Quais os outros métodos que conhece e o que acha deles? É fácil conseguir esses métodos?
30. Você operou para não ter mais filhos? Se sim, quem decidiu? Seu marido concordou? Está satisfeita com a operação?
31. Fez a operação junto com uma cesárea?
32. Antigamente existiam outros métodos para não ter filhos? Quais eram? Porque deixaram de ser usados?

33. Na sua região tem muitas mulheres esterelizadas (operadas)?
34. Se você não quer ficar grávida, mas seu marido quer, quem vai decidir? Ou se você quiser ficar grávida, mas seu marido não quer, quem decide?
35. Na sua região, quem decide quantos filhos o casal vai ter?
36. Você e seu marido usam algum método para evitar filhos?
37. Você já ouviu falar em outros métodos além da pílula? Onde se consegue?
38. Você amamentou seus filhos? Por quanto tempo?
39. Quando a mulher amamenta, ela engravida?
40. Por quanto tempo a mulher e o homem devem fazer dieta?
41. Onde você teve seus filhos?
42. Você teve ajuda de sua sogra? Ou de algum outro parente?
43. Você teve partos fáceis?
44. Alguma mulher de sua família teve problema de parto? Alguma delas morreu no parto ou logo após?
45. Seus filhos foram vacinados? Quem fez a vacinação?
46. Quantos filhos sua mãe teve?
47. Quantos filhos a mulher deve ter? Para seu povo quem decide quantos filhos se deve ter?
48. Quantos filhos você acha bom sua filha ter hoje em dia? Você acha que hoje em dia é mais fácil ter filhos?
49. As sogras dão opinião sobre o número de filhos que a nora deve ter?
50. As cunhadas ajudam durante a gravidez e o parto? E suas irmãs?
51. Você prefere ter filhos homens ou mulheres?
52. Se seu primeiro filho for mulher, o segundo deve ser homem?
53. Se nascerem 2 mulheres em seguida, o seu marido acharia ruim?
54. O que se faz para escolher o sexo dos filhos?
55. Os maridos em geral preferem ter o primeiro filho homem ou mulher?
56. Com que idade você se casou? E sua mãe?
57. Com que idade você acha que sua filha deve se casar?
58. No seu povo com que idade em geral a mulher se casa?
59. Com que idade seu marido se casou?
60. A mulher pode ser mais velha do que o homem?
61. Você acha bom ser mulher? A vida da mulher é mais fácil ou mais difícil do que a dos homens?
62. Como conheceu seu marido?
63. Seus pais conheceram os pais dele? Ou seu irmão conheceu os irmãos ou pais dele?
64. Seu marido é de que região? De que povo?
65. Existe a possibilidade de se separar na sua comunidade?
66. Na sua família tem algum caso de mulher separada? Descreva o porque e com quem ficaram os filhos depois da separação.
67. Como se faz o casamento? Como foi seu casamento? Teve festa?
68. Quanto tempo depois de casada você teve seu primeiro filho?
69. A mulher deve esperar um tempo para se acostumar com a nova família para ter filhos? Nesse tempo ela evita engravidar?
70. Como deve ser um marido ideal?
71. Que tipo de marido você deseja para sua filha?

72. Porque uma mulher se separa?
73. Como deve ser uma esposa ideal?
74. Porque um homem se separa?
75. De quem é a decisão de se separar?
76. O que os padres ou freiras acham da separação?
77. Com quem os filhos ficam depois da separação?
78. Depois de separada a mulher volta para sua comunidade? Volta a viver com seus pais?
79. Ou ela tem que trabalhar na cidade?
80. Como era antigamente o casamento? E a separação?
81. Quem arrumava o casamento antigamente? A mulher podia escolher o marido?
82. Com que idade a mulher deve ter seu primeiro filho?
83. A mulher deve estudar? Até que idade?
84. É bom para a mulher estudar? E trabalhar fora?
85. Você acha que a vida da mulher trabalhando fora é melhor?
86. Você acha que a vida das mulheres que vão para Manaus é melhor? Porque?
87. Tem muitas mulheres sozinhas com filhos aqui?
88. É difícil para uma mulher separada casar novamente? Se ela estiver com os filhos fica mais fácil ou mais difícil?
89. Como ela deve fazer para casar novamente?
90. Os pais dela ficam bravos se ela volta para casa depois de casada?
91. Os seus pais têm contato com seus filhos?
92. Como você acha que deve se comportar uma mulher recém casada?
93. Quem manda na casa?
94. Quando uma mulher perde o marido, enviúva, ela pode morar sozinha?
95. Quem vai morar com ela?
96. Você trabalhou fora alguma vez? Achou bom?
97. Seu marido já trabalhou fora alguma vez?
98. Hoje em dia é difícil viver na comunidade? Porque?
99. Como era antigamente?
100. Você acha que as mulheres de sua comunidade são felizes?
101. Você acha que os casais em geral de sua comunidade se dão bem?
102. Você acha que as mulheres deveriam estudar mais? Para que?
103. Quantos irmãos e irmãs você tem?

Apêndice 7: Mapas

Mapa 1: A região do Alto Rio Negro e sua localização no Brasil

Mapa 2: As cinco sub-regiões estudadas

Mapa 3: Sub-região de Iauareté

Mapa 4: Sub-região do Tiquié/Uaupés

Mapa 5: Sub-região do Içana

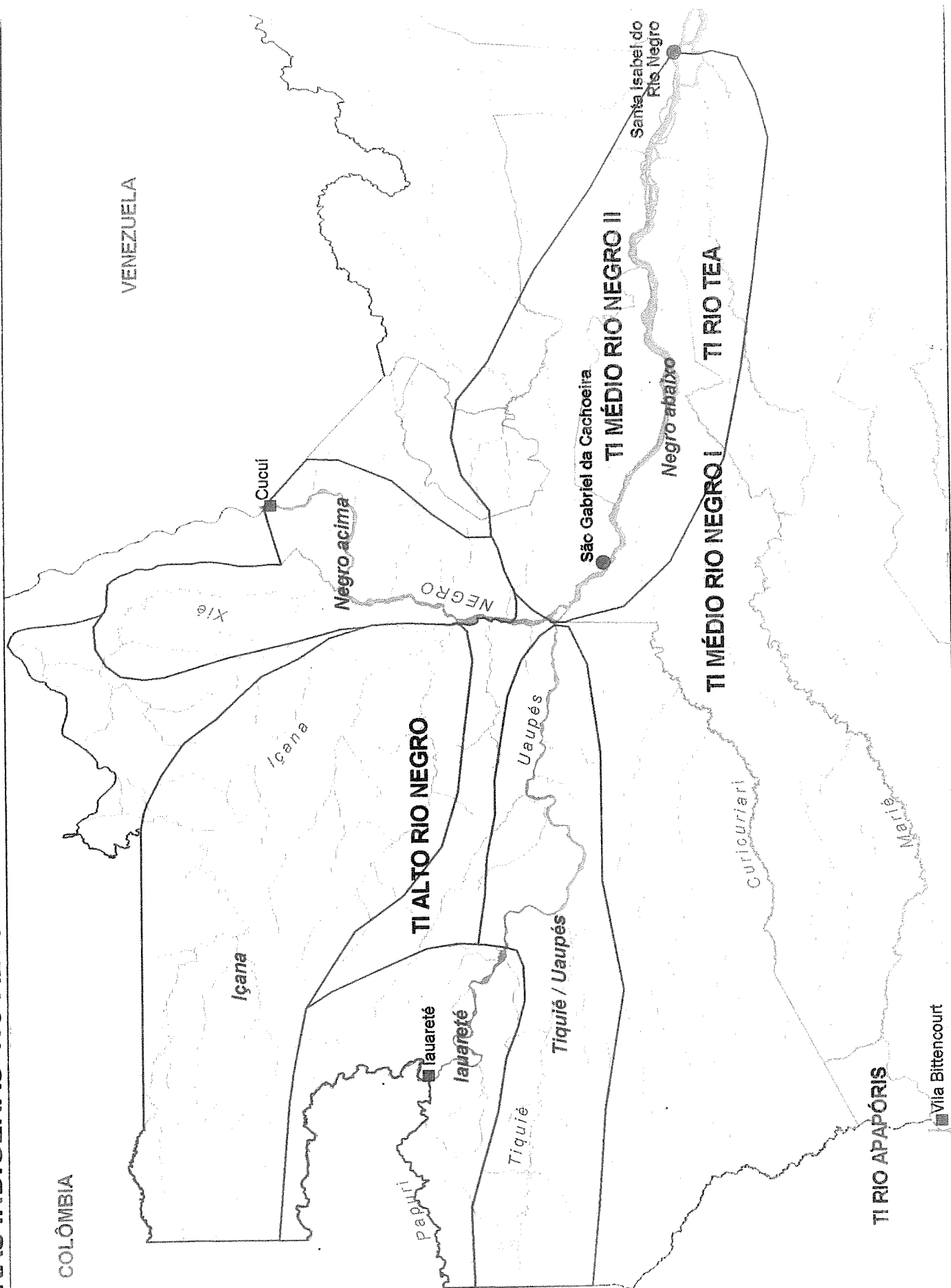
Mapa 6: Sub-região do Negro Acima

Mapa 7: Sub-região do Negro Abaixo

Map of the Rio Negro region in Brazil, showing indigenous communities and their territories. The map includes labels for neighboring countries (Colômbia, Venezuela), rivers (Rio Negro, Rio Teá, Rio Apaporis), and various indigenous groups (Aikari, Içana, Xikê, Papuri, Tiquié, Uaupés, Cubate, Ti Yanomami, Ti Balaio, São Gabriel da Cachoeira, Santa Isabel do R. Negro, Curicuriari, Marie). A legend indicates 'Comunidade' (Community) with a dot and 'Terra Indígena' (Indigenous Land) with a shaded area. An inset map shows the location of the study area within Brazil.

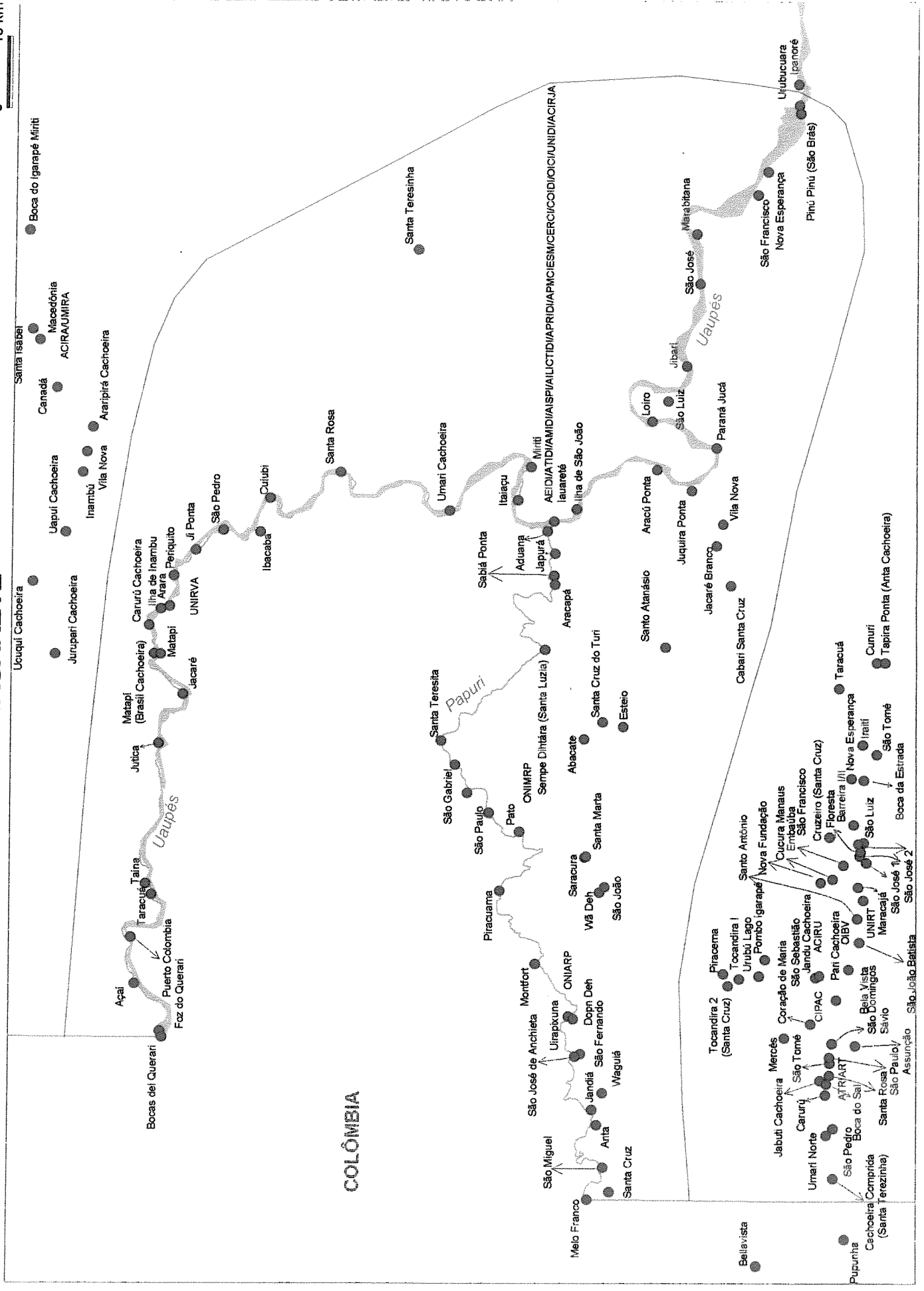
TERRAS INDÍGENAS NO ALTO E MÉDIO RIO NEGRO

0 20 km

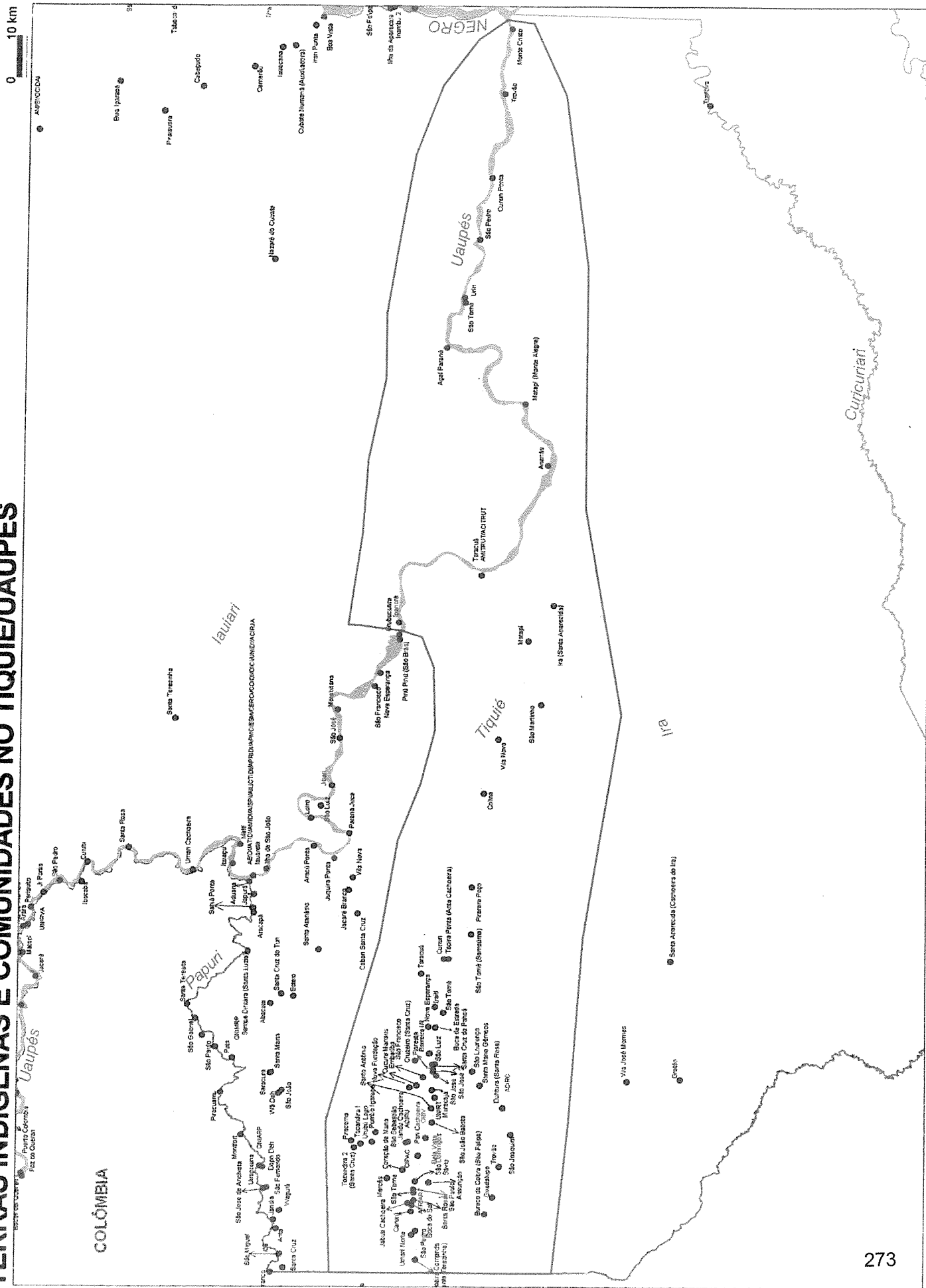


TERRAS INDÍGENAS E COMUNIDADES EM IAUARETÉ

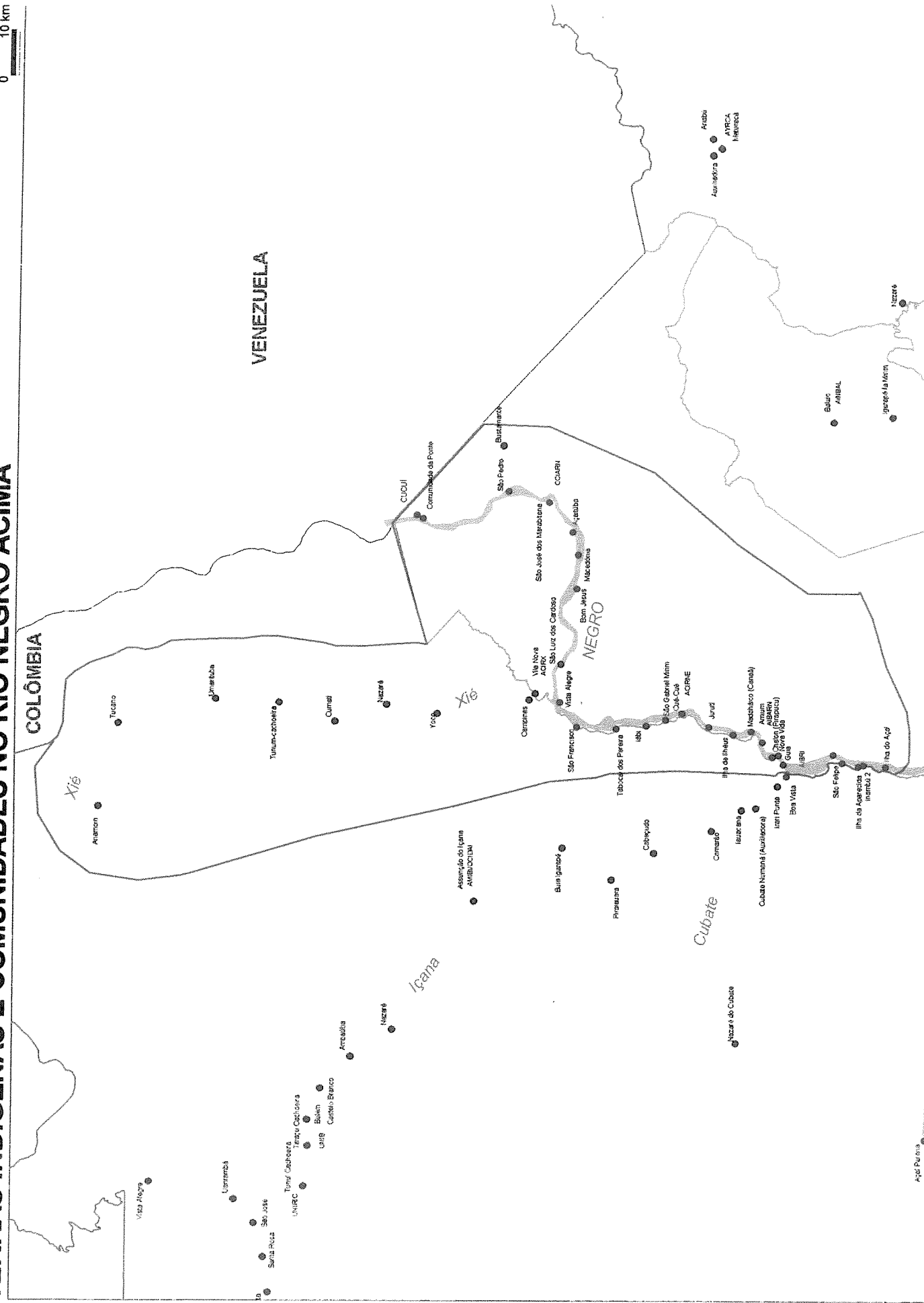
0 10 km



TERRAS INDÍGENAS E COMUNIDADES NO TIQUIÉ/UAUPÉS



0 10 km



0 10 km



Apêndice 8 – sub-regiões estudadas:

1. **sub-região de lauareté**, que compreende as comunidades do lado brasileiro do rio Uaupés, desde a comunidade de Urubucuará¹ até Querari, e do rio Papuri, é a habitada majoritariamente por povos de línguas *tukano* e *makú*, e pelos Tariana, que, apesar de falarem originalmente uma língua *aruak*, hoje em dia falam quase que somente o *tukano* (língua da etnia *tukano*), casando-se com povos *tukano*. Esta região foi sub-dividida em 3 trechos de rios e um centro urbano/missionário, denominados neste trabalho de:
 - 1.1.1. **Papuri**, comunidades situadas na margem direita desse rio ou nos igarapés dessa margem direita;
 - 1.1.2. **Uaupés Acima**, comunidades situadas na margem esquerda do Uaupés acima do povoado de lauareté;
 - 1.1.3. **Uaupés**, comunidades situadas nas duas margens desse rio, abaixo do povoado de lauareté e até a comunidade de Urubuquara, logo acima da cachoeira de Ipanoré, e
 - 1.1.4. **lauareté Centro**, que é um grande povoado originado de uma missão salesiana do início do século XX, que hoje em dia conta com 2.800 pessoas.
2. **sub-região do Tiquié/Uaupés**, que compreende as comunidades do rio Tiquié no Brasil, e as comunidades do Uaupés desde Ipanoré (abaixo da cachoeira do mesmo nome) até sua confluência com o rio Negro; habitada majoritariamente pelos povos de línguas *tukano* e *makú*. Foi sub-dividida em 3 trechos de rio e dois centros missionários, denominados nesse trabalho de:
 - 2.1.1. **Alto Tiquié**, onde se localizam as comunidades desde a fronteira com a Colômbia até as comunidades de São Tomé e Taracuá;
 - 2.1.2. **Baixo Tiquié**, que vai desde as comunidades de Cunuri e Tapira Ponta até a foz do Tiquié no Uaupés;
 - 2.1.3. **Uaupés**, onde se localizam as comunidades desde Ipanoré, no médio curso desse rio, logo abaixo da cachoeira do mesmo nome, até a sua foz no rio Negro;
 - 2.1.4. **Taracuá Centro**, que é um centro missionário salesiano, (como lauareté, Assunção do Içana e Pari Cachoeira) formando um povoado em torno de um hospital e uma escola de ensino fundamental e
 - 2.1.5. **Pari Cachoeira Centro**, originária também de uma missão salesiana, hoje em dia um povoado que também conta com uma escola de ensino fundamental completo. Hoje em dia é o segundo maior povoado da região do alto rio Negro, depois de lauareté Centro.
3. **sub-região do Içana**, que compreende as comunidades do rio Içana, Aiari e Cuiari do lado brasileiro; habitada majoritariamente pelos Baniwa e Coripaco, no Baixo Içana existem ainda algumas comunidades baré. Foi sub-dividida em 3 trechos de rio e um centro missionário, denominados nesse trabalho de:

¹ O rio Uaupés é dividido por uma grande cachoeira na região dessa comunidade de Urubucuará, definindo o Distrito de lauareté.

- 3.1.1. **Alto Içana**, onde estão localizadas as comunidades desde a fronteira com a Colômbia até Tunuí Cachoeira (inclusive);
 - 3.1.2. **Baixo Içana**, que vai desde a comunidade de Tunuí Cachoeira (exclusive) até a foz deste rio no Negro, incluindo aí as comunidades do rio Cubate, que é afluente do Içana e tem sua foz no baixo curso deste rio;
 - 3.1.3. **Aiari**, afluente do Içana, onde estão as comunidades desde sua foz até as cabeceiras, região próxima do trecho de rio Uaupés Acima, localizado na sub-região de Iauareté, e
 - 3.1.4. **Assunção Centro**, centro missionário que tem mais ou menos o mesmo tamanho de Taracua, sendo menor do que Pari Cachoeira e Iauareté Centro.
4. **sub-região do Negro Acima**, que compreende as comunidades do rio Negro desde a Ilha das Flores (exclusive) até Cucuí, na fronteira com a Venezuela e Colômbia, e o rio Xié; habitada majoritariamente pelos Baré e Werekena, no trecho abaixo da foz do Içana existem ainda algumas comunidades baniwa. Foi sub-dividida em 2 trechos de rio e um povoado ou centro urbano:
 - 4.1.1. **Negro**, onde se localizam as comunidades desde a fronteira com a Colômbia e Venezuela (exclusive o povoado de Cucuí) até a comunidade de Bauari (exclusive) na região da Ilha das Flores;
 - 4.1.2. **Xié**, incluindo todas as comunidades situadas nas margens desse rio, afluente do Negro e
 - 4.1.3. **Cucuí**, centro urbano que se situa na margem do rio Negro e faz fronteira com a Colômbia e Venezuela.
5. **sub-região do Negro Abaixo**, que compreende as comunidades do rio Negro, desde a Ilha das Flores (inclusive) até a comunidade de Uabada, já no município vizinho de Santa Isabel do Rio Negro; habitada majoritariamente pelos Baré, porém muitos outros povos *tukano* e *aruak* migraram e continuam migrando em direção a esta sub-região. Foi sub-dividida em um trecho de rio e um centro urbano:
 - 5.1.1. **Negro**, onde se localizam as comunidades desde Bauari, limite da sub-região anterior, até a comunidade de Uábada, já no município vizinho de Santa Isabel e
 - 5.1.2. **São Gabriel da Cachoeira**, centro urbano sede do município, onde foram recenseadas as famílias indígenas.

Apêndice 9: Lista das mulheres participantes dos Encontros sobre Saúde da Mulher (capítulo 5)

Nome	Etnia
Adelina Figueiredo Pereira	Wanana
Amélia Ferraz	Wanana
Amélia Lacerda	Pira-tapuya
Amélia Maia	Tukano
Angélica Almeida	Tukano
Angelina Rondon Moreira	Tukano
Anita Vasconcelos Aguiar	Tariana
Beatriz dos Santos	Tariana
Benedita Gonçalves Maia	Tukano
Bernadete de Lima Garcia	Tariana
Bernadete Sodré Freitas	Tukano
Carmelinda de Lima Rodrigues	Arapaso
Carmen Figueiredo Alves	Wanana
Cecília Alves	Tukano
Cecília Barbosa	Tariana
Cecília da Silva	Kubeo
Cecília Vieira de Lima	Tukano
Clara M. Carrasquilha	Desana
Cleonice do Carmo Lima de Jesus	Tariana
Cleusa Vieira Moreira	Tariana
Clotilde Amaral de Lima	Tukano
Cristina Montalvo	Desana
Darcimar Freitas Penha	Tariana
Deolinda Alcântara	Tariana
Deolinda Marques	Tariana
Edna Maria Araújo Cordeiro	Arapaso
Elaine Eudes de Lima Rodrigues	Tariana
Elizabeth Trindade Pinheiro	Wanana
Elza Brazão Queiroz	Tukano
Elza Vieira Cordeiro	Tariana
Emília Teles Matos	Tukano
Ercília Dias de Lima	Tukano
Ernestina Marques Alves	Desana
Gabriela Pinheiro	Tariana
Gertrudes Ferraz Penteado	Tukano
Glória Gomes	Wanana
Glória Gonçalves	Tariana
Graciela Figueiredo	Wanana
Hermínia Maia	Tukano
Inês Camargo Moreira	Tariana
Isabel Ramirez	Kubeo
Isaura Almeida Teixeira	Wanana

Nome	Etnia
<i>Ivone Gomes Alcântara</i>	<i>Tariana</i>
<i>Jacinta Araújo Alves</i>	<i>Desana</i>
<i>Joana Tereza Almeida</i>	<i>Tariana</i>
<i>Judite Araújo Alves</i>	<i>Desana</i>
<i>Judite Teixeira Almeida</i>	<i>Wanana</i>
<i>Júlia Melo</i>	<i>Tariana</i>
<i>Laura Maia</i>	<i>Tukano</i>
<i>Laura Trindade</i>	<i>Wanana</i>
<i>Laurita Cruz Pena</i>	<i>Tariana</i>
<i>Leopoldina Ferreira</i>	<i>Tukano</i>
<i>Lourdes Soudres Dias</i>	<i>Tukano</i>
<i>Lucinéia Soares Almeida</i>	<i>Tariana</i>
<i>Madalena Pedrosa</i>	<i>Pira-tapuya</i>
<i>Marcela de Lima Ferreira</i>	<i>Tariana</i>
<i>Marcia Muniz</i>	<i>Tariana</i>
<i>Margarida Penteado Brito</i>	<i>Tukano</i>
<i>Maria Auxiliadora Pedrosa Maia</i>	<i>Tukano</i>
<i>Maria Bernadete de Jesus Ferraz</i>	<i>Wanana</i>
<i>Maria Cecília Barbosa Ferreira</i>	<i>Tukano</i>
<i>Maria Clarinda Maia</i>	<i>Tukano</i>
<i>Maria da Glória Maranhão da Silva</i>	<i>Pira-tapuya</i>
<i>Maria das Dores T. Almeida</i>	<i>Tariana</i>
<i>Maria das Graças Maia Castilho</i>	<i>Desana</i>
<i>Maria de Lourdes Gonçalves Pedrosa</i>	<i>Pira-tapuya</i>
<i>Maria dos Anjos Gonçalves</i>	<i>Tariana</i>
<i>Maria Enilda Marinho Vasconcelos</i>	<i>Tariana</i>
<i>Maria Ferraz</i>	<i>Wanana</i>
<i>Maria Francisca Barbosa Ferreira</i>	<i>Tukano</i>
<i>Maria Ivaldineides L. Cordeiro</i>	<i>Desana</i>
<i>Maria Joselita dos Santos</i>	<i>Tariana</i>
<i>Maria Lucélia Araújo Alves</i>	<i>Desana</i>
<i>Maria Marques</i>	<i>Tukano</i>
<i>Maria Marta L. Sampaio</i>	<i>Tukano</i>
<i>Maria Pedrina Costa</i>	<i>Pira-tapuya</i>
<i>Maria Regina C. Pinheiro</i>	<i>Tariana</i>
<i>Maria Tavares Nogueira</i>	<i>Pira-tapuya</i>
<i>Maria Teresa Dias de Lima</i>	<i>Tukano</i>
<i>Maria Teresa Fernandes</i>	<i>Tukano</i>

Nome	Etnia
Maria Teresa Fonseca	Tukano
Maria Tereza Oliveira	Tariana
Maristela Almeida do Carmo	Tukano
Maristela Araújo Cordeiro	Arapaso
Mazarelo Cruz Lenas	Tuyuka
Mazária Dias Carreira	Tukano
Miquelina Pádua Almeida	Tariana
Nazária Dias	Tukano
Neide de Lima Maia	Tukano
Olga Góis	Tukano
Otaviana Almeida	Tariana
Paula Bolívar de Freitas	Tukano
Paulina Barbosa	Tariana
Regina Lelis	Arapaso
Regina Soares de Lima	Tariana
Rosa Hernandez Contrera	Kubeo
Rosete Borges Brazão	Pira-tapuya
Rosilene Fonseca	Pira-tapuya
Sandra Maria Araújo	Tariana
Sebastiana Sodré	Tariana
Sofia Uribe Freitas	Desana
Susana Gonçalves Marinho	Tukano
Susana Lopes	Tukano
Teresinha de Jesus Cardoso	Tariana
Verônica Alves	Pira-tapuya
Vitória Gonçalves	Kubeo
Yolanda Sodré	Kubeo
Zilda Pascoalina Cordeiro Corrêa	Pira-tapuya
Vera Lúcia de Oliveira Pena	Baré
Maricota Ramos	Hupdê
Maria Ramos	Hupdê
Maria Martins	Hupdê
Florência Gomes Melgueiro	Baniwa
Maria de Lourdes G. Melgueiro	Baniwa
Rosa Velez	Baniwa